

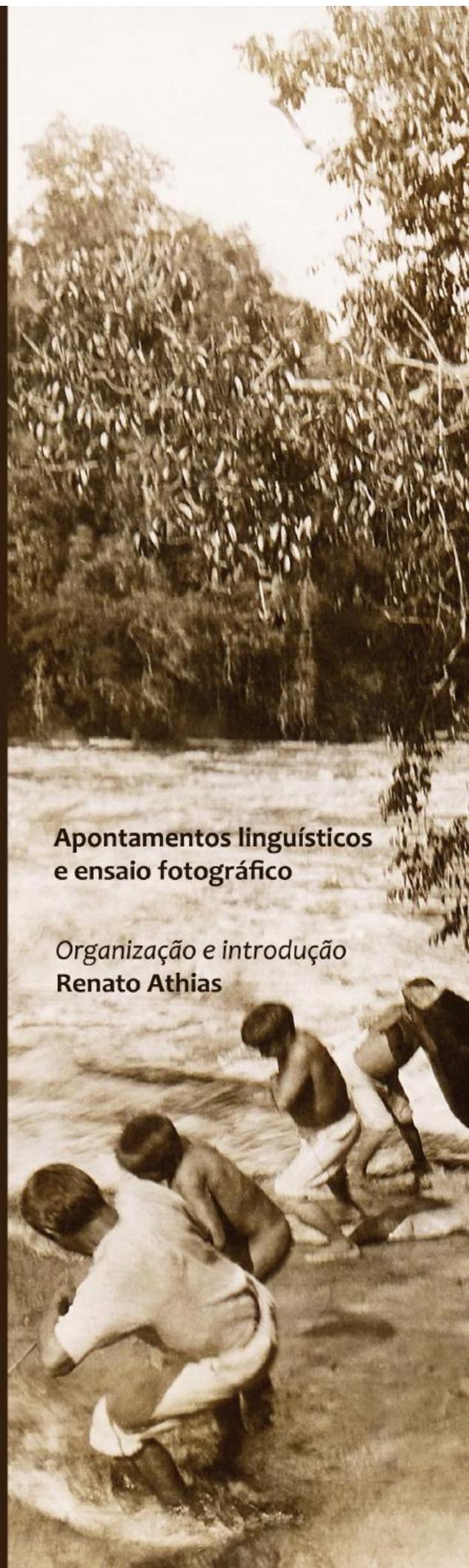
# RECONHECIMENTO DOS RIOS IÇANA, AYARI E UAUPÊS

Curt Nimuendajú



Apontamentos linguísticos  
e ensaio fotográfico

Organização e introdução  
Renato Athias



# **RECONHECIMENTO DOS RIOS IÇANA, AYARI E UAUPIÉS**



Renato Athias  
Organização

# RECONHECIMENTO DOS RIOS IÇANA, AYARI E UAUPE'S

Apontamentos  
linguísticos e  
fotografias  
de **Curt Nimuendajú**

Rio de Janeiro, 2015  
Museu do Índio – FUNAI

© Direitos Autorais Museu do Índio

Presidência da República  
Presidente **Dilma Vana Rousseff**

Ministério da Justiça  
Ministro **José Eduardo Cardozo**

Fundação Nacional do Índio - FUNAI  
Presidente **João Pedro Gonçalves da Costa**

Museu do Índio  
Diretor **José Carlos Levinho**

Editor da Série & Coordenação da Edição  
**Carlos Augusto da Rocha Freire**

Organização  
**Renato Athias**

Organização das Fotografias no Acervo MEPE  
**Nilvânia de Amorim**  
**Renato Athias**

Organização dos Textos

*Revista de Etnología de Tucumán*  
**Martín Gonzalo Sirombra**

*Journal de la Société des Americanistes*  
**Gilvanice Silva**  
**Mariane Cândido de Souza**

Revisão  
**Mariane Cândido de Souza**  
**Elizabeth Dobbin**

Diagramação  
**Aaron Bailey Athias**

Foto de Capa  
**Curt Nimuendajú**

---

R311 Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés : apontamentos linguísticos e fotografias de Curt Nimuendajú / organizador : Renato Athias. – Rio de Janeiro : Museu do Índio ; Recife : Editora UFPE, 2015.  
208 p. : il. – (Publicação avulsa do Museu do Índio, 7).

Inclui anexo.  
ISBN 978-85-415-0598

1. Etnología – Brasil. 2. Índios da América do Sul – Brasil. 3. Indigenistas. I. Athias, Renato (Org.). II. Nimuendajú, Curt. III. Título. IV. Título da Série.

980.41 CDD (23.ed.)

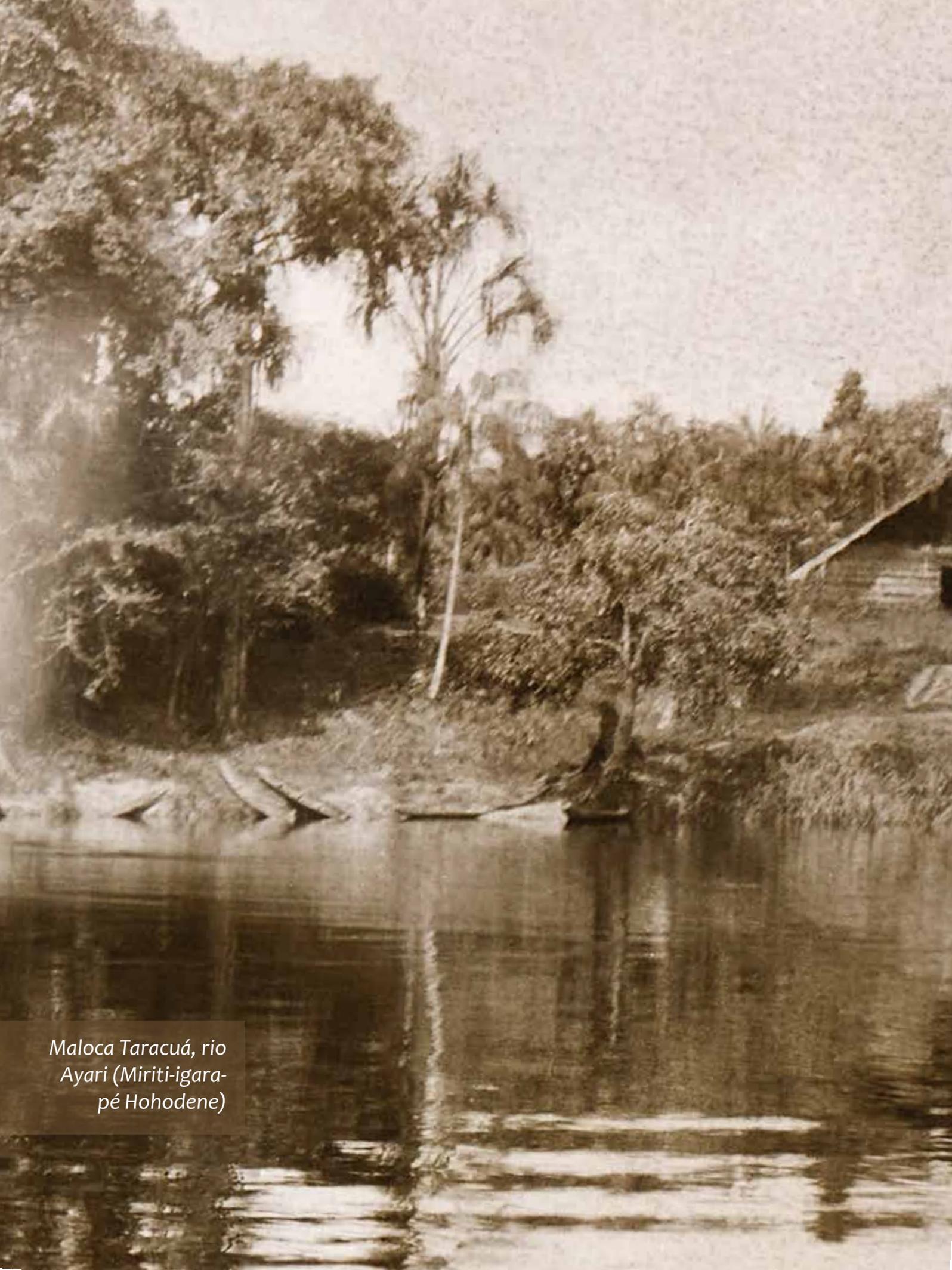
UFPE (BC2014-150)

Catálogo na fonte: Joselly de Barros Gonçalves CRB-4 / 1748

---



Mulheres Tariana,  
maloca Yauareté,  
rio Uaupés (no  
centro uma moça  
Uanano)



*Maloca Taracuá, rio  
Ayari (Miriti-igara-  
pé Hohodene)*





# Sumário

## **Agradecimentos**

*Renato Athias*.....11

## **Carta do Presidente da FUNAI**

*João Pedro Gonçalves da Costa*.....13

## **Apresentação**

*José Carlos Levinho*.....15

## **Prólogo**

*Carlos Augusto da Rocha Freire*.....17

## **Introdução**

*Renato Athias*.....19

## **Capítulo 1**

### **Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés**

*Curt Nimuendajú*.....33

## **Capítulo 2**

### **Apontamentos Linguísticos**

*Curt Nimuendajú*.....89

## **Capítulo 3**

### **Apontamentos Linguísticos**

*Curt Nimuendajú*.....119

## **Capítulo 4**

### **As Fotografias de Curt Nimuendajú dos Índios do Rio Negro**

*Renato Athias*.....149

**Referências Bibliográficas**.....203



# Agradecimentos

**Renato Athias**

*Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Etnicidade (NEPE)  
da Universidade Federal de Pernambuco*

Gostaria inicialmente de agradecer a todos os alunos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFAM, quando estivemos juntos em Tunuí, em julho de 2011, que me permitiram discutir esses textos de Nimuendajú, e onde tivemos a oportunidade de mostrar pela primeira vez essas fotografias digitalizadas e entender algumas das questões fundamentais colocadas no texto do “Reconhecimento...”, através dos olhares próprios dos Baniwa e Kuripako dessa região.

Agradeço profundamente a Carlos Augusto Freire e José Levinho que foram os grandes incentivadores para a publicação e nos permitiram ir em frente com o projeto com uma paciência exemplar, abrindo sempre as portas do Museu do Índio para nós. Ao colega Martin G. Sirombra, que nos possibilitou a ter acesso aos arquivos da Universidade Nacional de Tucumán, pelo trabalho de digitalização, bem como ao colega Philippe Erickson, então editor do Journal de la Société des Americanistes, que nos apoiou integralmente nessa atividade editorial.

Agradecimentos especiais a Alfredo Feliciano Brazão, atual diretor da Organização Indígena do Baixo Içana (OIBI) que inicialmente ‘quebrou a cabeça’ para entender o itinerário de Curt Nimuendajú, colocando-o em papel um possível mapa com os lugares que foram visitados no rio Içana e Ayari, juntamente como Mônica Apolinário, que ajudou a entender a localização desses lugares no rio Içana. Ao amigos Raimundo Galvão e Anacleto Castro Alves, ex-funcionário da SUCAM, em São Gabriel que nos ajudaram a encontrar no mapa os lugares mencionados pelo Nimuendajú, no Rio Uaupés e Rio Negro. Aproveito para dizer, que todos os nomes desses lugares foram conservados em sua escrita original, tal como Nimuendajú os escreveu. Mudamos, para essa edição, apenas o nome do Rio Içana, por ele ter sido escrito originalmente de duas maneiras (Isána e Issana), preferimos escrevê-lo com a ortografia atual para não deixar confuso o leitor. Gostaria também de agradecer a Mariane Cândido e Eivaldo de Souza que juntamente comigo organizaram a cronologia e um mapa tal como está publicado. A Aaron Bailey Athias pela sua sensibilidade ao realizar a programação visual desta publicação.

Gostaria de agradecer a Margot Monteiro, Diretora do Museu do Estado de Pernambuco, e todo o seu pessoal técnico, por apoiar integralmente esse projeto, e à Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco (FACEPE) que nos garantiu os recursos para a produção gráfica e a digitalização e o tratamento das fotografias.

Ao professor João Pacheco de Oliveira Filho e a professora Marília Facó Soares do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, pelo apoio na busca dos negativos das fotografias sobre essa viagem, que fazem parte do acervo do Museu Nacional. Ao professor Antonio Carlos de Souza Lima, presidente da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), pelo seu apoio para que

o livro pudesse fazer parte das publicações da ABA e ganhar um excelente canal de distribuição.

Este livro interessa a todos os povos indígenas do Alto rio Negro, e aos estudantes e pesquisadores de etnologia e indigenismo. Ao associar trabalho de campo e ação indigenista, Nimuendajú foi precursor de inúmeros antropólogos e indigenistas envolvidos em disputas para possibilitar uma vida digna aos índios do Brasil. O exemplo de sua vida junto a inúmeros povos é difícil de ser seguido, mas deve ser sempre lembrado às novas gerações.

# Carta do Presidente da FUNAI

**João Pedro Gonçalves da Costa**  
Presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI)

É com satisfação que apresento ao público mais uma publicação do Museu do Índio, da série Publicações Avulsas, que discute a relação dos povos indígenas com a sociedade nacional, especificamente a ação do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). Este volume traz informações qualificadas produzidas por Curt Nimuendajú que completa as ações descritas no livro *Memória do SPI*.

Os textos de Curt Nimuendajú dão uma enorme contribuição sobre as línguas faladas no Noroeste Amazônico nos capítulos dois e três, e descrevem as violentas relações de contato desses povos em situações de fronteira com a Colômbia e a Venezuela, e sobretudo as suas relações com agentes, missionários e funcionários do governo nas terras indígenas, tal como se encontra detalhado no primeiro capítulo numa descrição brilhante, expressando a defesa dos povos indígenas com o seu característico “olhar” indigenista. Este relatório fez o SPI atuar em proteção às populações indígenas da imensa região do Rio Negro. Junte-se a isto as fotografias de Curt Nimuendajú, produzidas nessa mesma ocasião, e temos então uma imensa visualidade para as suas palavras. É uma obra preciosa, de grande valor atual, em defesa das culturas indígenas da Amazônia.

Na realidade, a publicação coloca em evidência as possibilidades de pesquisas entre museus que possuem importantes coleções etnográficas e documentação sobre os povos indígenas. Essa atividade conjunta do Museu do Estado de Pernambuco e do Museu do Índio dá esse exemplo colaborativo em proporcionar que suas documentações possam ser socializadas com os povos indígenas e a sociedade nacional. É um exemplo a ser seguido.

Com esta publicação, o Museu do Índio cumpre com um papel importante de sua missão que é fazer com que os conhecimentos produzidos sobre os povos indígenas sejam devolvidos aos povos indígenas. Por isso, toda a equipe envolvida na produção deste livro merece nosso mais sincero reconhecimento.



# Apresentação

**José Carlos Levinho**  
*Diretor do Museu do Índio*

**N**as diversas séries de livros que o Museu do Índio edita desde 2007, iniciamos a publicação de textos clássicos de etnografia indígena que ainda não haviam sido editados em Português, no Brasil, como a obra do missionário viajante Constant Tastevin. Agora, com a publicação da versão completa do relatório de viagem de Curt Nimuendajú aos rios Içana, Ayari e Uaupés, afluentes do Alto rio Negro, pretendemos iniciar a edição de seus trabalhos inéditos em português, produzidos pelo etnólogo ao longo de quatro décadas de trabalho de campo, além de reeditar para os povos indígenas textos significativos esgotados há muito tempo.

Para os iniciados em etnologia, Nimuendajú dispensa apresentação. Entretanto, estudantes indígenas e pesquisadores em geral ainda têm muito trabalho para ter acesso aos principais textos produzidos pelo etnólogo, pois todos estão esgotados e só podem ser lidos nas poucas bibliotecas especializadas em etnologia indígena no Brasil. O Museu do Índio pretende, em breve, superar essa lacuna e publicar regularmente os trabalhos de Nimuendajú.

Este livro interessa a todos os povos indígenas do Alto rio Negro, e aos estudantes e pesquisadores de etnologia e indigenismo. Ao associar trabalho de campo e ação indigenista, Nimuendajú foi precursor de inúmeros antropólogos e indigenistas envolvidos em disputas para possibilitar uma vida digna aos índios do Brasil. O exemplo de sua vida junto a inúmeros povos é difícil de ser seguido, mas deve ser sempre lembrado às novas gerações.



# Prólogo

**Carlos Augusto da Rocha Freire**  
*Doutor em Antropologia Social*  
*Coordenador de Divulgação Científica do Museu do Índio*

## Uma Vida com os Índios no Brasil

Em 1967, um incêndio “suspeito” como criminoso destruiu em Brasília inúmeros arquivos administrativos e históricos do Serviço de Proteção aos Índios (SPI). A partir de 1975, ao estagiar na sede do Museu do Índio, no Maracanã, pude participar do projeto de salvaguarda da documentação indigenista do SPI que restara dispersa pelo país, boa parte dela cópia dos documentos queimados em Brasília. Era um acervo que envolvia todas as antigas inspetorias do SPI, além de sua diretoria, e que foi organizado sob orientação de Alúcio Magalhães, do Centro Nacional de Referência Cultural, com o trabalho dos estagiários em etnologia do museu, oriundos do curso de Ciências Sociais da UFRJ.

Nesse trabalho, ao manusear, em 1977, o material da Inspeção do SPI relativo aos Estados do Amazonas e Acre, pude identificar significativos relatórios elaborados por indigenistas como João de Araújo Amora, Bento Martins Pereira de Lemos e Alberto Pizarro Jacobina, e descobrir, no meio da papelada administrativa, o relato de viagem do etnólogo Curt Nimuendajú aos índios Ticuna (1929). Era um relatório inédito, não citado por Herbert Baldus nos volumes da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*. Entregue ao antropólogo Carlos Moreira Neto, coordenador das atividades do Centro de Documentação do museu, o relatório foi publicado no *Boletim do Museu do Índio* n° 7 (dezembro de 1977). Ao mesmo tempo, outros textos, mapas e correspondências de Nimuendajú foram encontrados no acervo. Lembro de documentos sobre a “atração e pacificação” dos índios Parintintin e mapas relativos a terras dos índios Ticuna e Pirahã.

No meio desse material estavam valiosos relatórios anuais dessa inspeção, elaborados entre os anos 1920 e 1940 e repletos de fotos de época. Entre eles, se destacavam os relatórios produzidos pelo engenheiro Bento de Lemos, durante sua gestão na chefia da inspeção (1916-1932). Lemos convidou Nimuendajú a participar de várias iniciativas da inspeção, como a “pacificação” dos Parintintin em 1921-22, e também financiou a viagem do etnólogo ao Alto rio Negro, numa viagem de reconhecimento dos índios dos rios Içana, Ayari e Uaupés (1927).

O relato dessa viagem de Nimuendajú foi publicado no relatório anual de 1928 da Inspeção do Amazonas e Acre. O texto descrevia a viagem pelos três rios e alguns afluentes, onde se deparou com contrabandistas, assassinos de índios, fazendeiros e comerciantes inescrupulosos a pressionar tanto os índios citadinos quanto os aldeados. Apesar dos contratemplos, Nimuendajú produziu dados estatísticos, culturais e linguísticos dos inúmeros povos indígenas daquela região. Além disso, o que me interessa enfatizar aqui, avaliou a ação indigenista do SPI, as intervenções do órgão junto a índios e “civilizados”. Nimuendajú também dedicou algumas páginas a descrever a ingerência da missão salesiana nas cultu-

ras indígenas, pois aquela proibia a realização de atividades e rituais ancestrais dos índios.

Esse Nimuendajú “indigenista” aparecerá em muitos textos – livros, artigos, correspondências etc – a denunciar o extermínio de índios, a ação anti-indígena de governos estaduais e municipais, as limitações e equívocos das políticas do SPI e as epidemias de sarampo e varíola que atingiam inúmeras aldeias na Amazônia. Suas intervenções para garantir terras para os índios em determinadas regiões, principalmente no Maranhão, o fizeram sofrer inúmeras ameaças de agressão e morte, mas nunca desistiu de seus propósitos.

Em mais de 30 anos de trabalho no Museu do Índio, manuseei milhares de documentos que retratam o cotidiano sofrido dessas populações. Nesse material, vi que, entre todos os que intervieram na política indigenista na primeira metade do século XX, a lucidez e a ética de Nimuendajú em defesa de direitos indígenas era singular, expressão única de uma vida partilhada com esses povos. As novas edições de sua obra podem, dessa forma, não só contribuir para a formação de etnólogos e historiadores do indigenismo, mas também para forjar o caráter de novos profissionais solidários à luta dos índios por uma vida digna.

## Curt Nimuendajú e os Povos Indígenas do Rio Negro

*Nimuendajú foi um cientista escrupuloso e um lutador incorruptível por seus altos ideais de justiça e de caridade. Durante toda a sua vida ele lutou pelos índios contra os representantes da nossa civilização que invadiram seu território, com armamentos superiores. Por causa disso, foi amado pelo perseguidos, tornando-se um deles, e com eles, sofreu o ódio do colonizador para quem “os índios não são pessoas”.*

Herbert Baldus (1946:240)

A epígrafe acima escrita por Herbert Baldus representa, de fato, o que muitos pesquisadores pensam a respeito de Curt Nimuendajú, após ter conhecimento de sua impressionante e respeitável obra etnográfica, etnológica e arqueológica sobre os povos indígenas do Brasil. E, a partir dela, pode-se também perceber um pouco de sua personalidade e, sobretudo, a sua enorme capacidade de trabalho, o seu compromisso e a sua dedicação para com os povos indígenas. Essas impressões parecem ser as mesmas encontradas entre aqueles que escreveram sobre a sua produção etnográfica, entre eles Baldus (1945, 1946), Nunes Pereira (1946), Métraux (1950), Câmara Jr. (1959), Schaden (1967), Arnaud (1984), Melatti (1985), Laraia (1988), Chaudon (1991), Amoroso (2001), Welper (2002), Hemming (2003), Zarur (2009) para citar alguns.

James Cliford (2002) assinala o fato que os antropólogos sociais modernos construíram a sua identidade profissional como “etnógrafos”. Para esse autor, a etnografia é percebida como uma coleção de impressões subjetivas e objetivas que formam uma escrita etnográfica. A narrativa de Curt Nimuendajú é tudo isso. Seus textos descrevem a cultura indígena sem deixar de lado o contexto histórico e social, como uma autoridade etnográfica daquele que esteve presente no local. E, em geral, nos parece uma narrativa que articula muito bem as tensões, as ambiguidades, e as situações conjunturais das relações políticas em que ele mesmo também fez parte. Muito além do esforço de descrição etnográfica, Nimuendajú se coloca como um observador que realiza uma “tradução cultural” nos moldes definidos e analisados por Faulhaber (2008).

A produção etnológica de Curt Nimuendajú é extremamente instigante, sobretudo, pelo seu lugar institucional, em diferentes situações políticas, uma vez que ele se relacionou como representante da política indigenista oficial brasileira. No entanto, pode-se perceber nos seus registros, observações e documentação, e nas diversas situações interétnicas em que teve oportunidade de presenciar, e em que manteve contato direto com os índios, que ele sempre se coloca em defesa dos povos indígenas. Pode-se visualizar através de seus escritos, o seu

profundo conhecimento da situação, uma narrativa que dá ênfase a uma intersubjetividade e a uma relação emocional, bastante presente em suas narrativas etnográficas. Em seus relatos, se percebe o lamento de Nimuendajú em relatar a situação em que os índios se encontram. Ele lastima profundamente, após se descobrir doente, o fato de sua enfermidade o impedir de realizar suas expedições e isso o deixa muito triste, como manifestou em cartas a vários correspondentes. Em 40 anos ele produziu documentação etnológica sobre 45 povos indígenas, deu base para um estudo sobre a ocupação indígena no Brasil e uma classificação linguística desses povos. Ele também foi responsável por inúmeras coleções etnográficas enviadas para os museus no Brasil e do exterior, a partir de várias expedições que realizou com financiamento específicos de museus (Grupioni, 1998). E, sobre detalhes dessa relação com os museus alemães, por exemplo, é interessante ler o relatório de Peter Schröder (2011) que enumera a quantidade de material coletado e produzido por Nimuendajú depositados nesses museus.

O principal objetivo desse livro é reunir o conjunto da obra de Nimuendajú sobre os povos indígenas do Rio Negro. Os textos agrupados aqui foram escritos na segunda metade do ano de 1927, porém foram publicados separadamente em três ocasiões distintas. O texto que faz parte do segundo capítulo foi o primeiro a ser publicado com o título de “Reconhecimento dos rios Içana, Ayari, e Uaupés - Apontamentos linguísticos” em 1932 na Revista de Etnografia da Universidade de Tucumán (Argentina), no Tomo II, pp. 590-618, aqui reproduzidos em fac-símile. O texto “Reconhecimento dos rios Içana, Ayari, e Uaupés” foi publicado em 1950, no Journal de la Société des Americanistes, no Tomo 39, 1950, pp. 125-182. A continuação dos “Apontamentos Linguísticos - II Parte”, teve a sua publicação em 1955, no Tomo 44 do Journal de la Société des Americanistes, pp. 149-178. Todos esses textos foram editados e publicados por iniciativa de Alfred Métraux. O primeiro capítulo, “Reconhecimento dos rios Içana, Ayari, e Uaupés”, teve uma segunda publicação, em 1982, em “Curt Nimuendajú - Textos Indigenistas”, editados por Carlos Moreira Neto e Paulo Suess, através das Edições Loyola.

No acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão, do Museu do Estado de Pernambuco, encontra-se uma cópia, em papel carbono, de todos esses textos de Nimuendajú, que certamente ele deve ter dado ao próprio Carlos Estevão, pois ambos viviam em Belém. Se os três textos sempre estiveram juntos, tal como se encontram no Museu do Estado de Pernambuco, por que será que Métraux, esperou a morte de Nimuendajú para publicar o relatório de viagem? Ou seja, por que esse relatório levou 23 anos para ser publicado? Será por que as reflexões que Nimuendajú escreve sobre os missionários impediram de Métraux publicar ou teria sido o próprio Nimuendajú que pediu para Métraux não publicar?

Para o primeiro capítulo, sobre a narrativa da viagem ao Rio Negro, foi utilizada a versão editada por Métraux e publicada em 1950 no Journal de la Société des Americanistes, e foi realizada uma comparação com a versão que se encontra no Museu do Estado de Pernambuco. Publica-se aqui algumas páginas em fac-símile da cópia que se encontra em Pernambuco. As citações nessa introdução foram retiradas da versão desse acervo.

Esses trabalhos sobre os povos indígenas do Rio Negro fazem parte de um mesmo relatório, resultado de uma única expedição que Curt Nimuendajú realizou nos Rios Negro, Içana, Ayari e Uaupés, a convite de Bento Lemos, então ad-

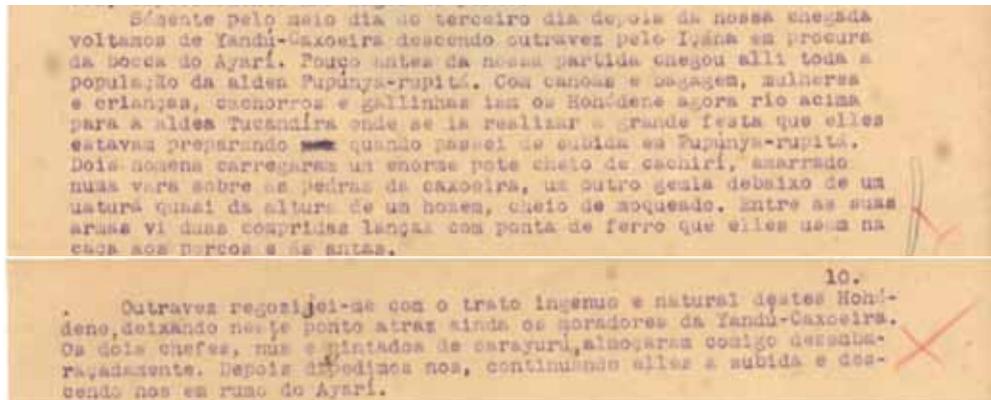
ministrador da Inspeção do Serviço de Proteção dos Índios (SPI) no Amazonas e Território do Acre. Bento de Lemos já tinha uma relação muito amistosa com Nimuendajú, desde 1921, ano em que este coordenou o processo de contato com os Paritintim. Essa expedição ao Rio Negro foi realizada no período de março a julho de 1927, o que é considerado uma boa época para se viajar e, para quem tiver interesse, observar as pedras nos rios e o inúmeros petróglifos que existem nessa região. Através das cartas que Nimuendajú escreve a Erland Nordeskiöld, diretor do Museu de Gotemburgo, e também a Carlos Estevão, informando sobre suas preocupações com os recursos para tal viagem, dá a entender que sua intenção era de permanecer mais tempo na região, com possibilidades, inclusive, de realizar escavações arqueológicas, mas os recursos prometidos por Nordeskiöld não chegaram e sua viagem encerrou-se antes do previsto.

Ele percorre essa região com um olhar extremamente crítico, procurando descrever claramente as relações de dominação entre os povos indígenas e não-indígenas. Certamente, o administrador do SPI em Manaus, Bento Lemos, já devia ter recebido essas denúncias de maus-tratos e da exploração dos índios pelos comerciantes extrativistas. E, que escuta-se ainda hoje, nas diversas narrativas orais dos povos do Uaupés e Içana a respeito dessa exploração e dominação. Estas relações deram origem ao termo, na língua Tukano, “pehkasa” (gente do fogo, referindo-se ao barulho do tiro de uma espingarda), como são chamados até hoje as pessoas de fora que não são “filhos da região”. Em um momento da viagem, Curt Nimuendajú deixou o seguinte registro sobre a relação dos índios com comerciantes e missionários: “O tempo moderno chegou que transforma o selvagem livre num escravo, espezinhando os seus sentimentos elevados e com eles o seu prazer de vida. Do alto Uaupés desce a tirania aniquiladora dos balateiros colombianos, enquanto do Rio Negro vem subindo a influência da missão católica, sufocando todas estas manifestações da arte primitiva”.

Essa viagem de “reconhecimento” tinha o objetivo de verificar a situação em que viviam os índios, e como se percebe na sua narrativa, havia intenção de recomendar locais adequados para instalar postos de vigilância do SPI. As informações detalhadas e assertivas sobre os índios levarão o inspetor Bento Lemos a tomar rápidas decisões no tocante à proteção dos índios dessa região, pois, nesse mesmo ano, ele manda instalar o Posto do SPI na região de Yauareté (na confluência do Rio Uaupés com o Rio Papuri). E, nos anos seguintes, instalará os postos de vigilância do Rio Papuri (Melo Franco), Rio Japu e o do Rio Querari (Lemos, 1927:24-25) como medidas de conter a presença de comerciantes “balateiros” extrativistas, que entravam constantemente em território brasileiro para explorar os povos indígenas. Na sua maneira direta de escrever as suas próprias reações, o relatório está permeado de precisas informações contextuais, sentimentos e observações etnográficas sobre tudo que se passa entre os índios. Não lhe escapa nada. Ele estava saindo de São Felipe, no Rio Negro, bem no início da viagem, quando pensou: “... tive de reconhecer que o tempo de que dispunha não era suficiente para conquistar a confiança destes índios ao ponto deles permitirem um estudo regular da sua cultura intelectual”.

A maneira de Nimuendajú de relatar as diversas situações é de uma plasticidade ímpar, fazendo com que o leitor visualize o cenário que o autor está descrevendo. A temática da narrativa antropológica está presente nas discussões teóricas na atualidade, e Walter Benjamin (1992), talvez, tenha sido um dos primeiros

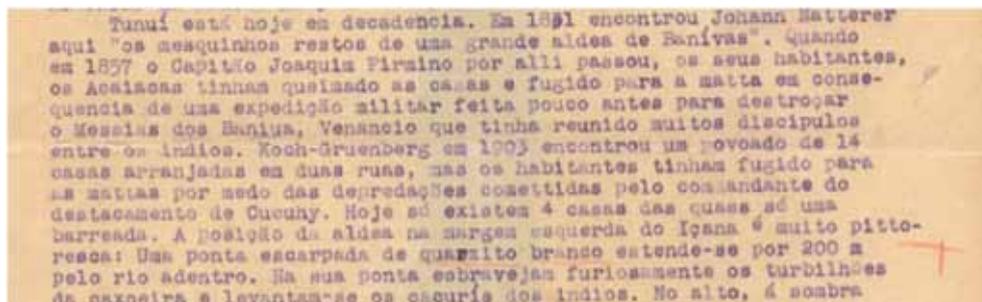
a apontar elementos para esse debate, quando assinala, que a narrativa etnográfica tradicional está em processo de desaparecimento, sobretudo o que se relaciona entre a experiência e a narrativa em seu sentido histórico/sociológico. Para Benjamim, as melhores narrativas escritas são as que mais se aproximam das histórias orais contadas por narradores desconhecidos. O texto de Nimuendajú se parece com esse tipo de narrativa, e percebe-se muito claramente as emoções e o aguçado olhar interpretativo, por exemplo, em passagens como essa:



No trajeto do Rio Negro ao Içana e depois ao Ayari, Nimuendajú permanece pouco mais de um mês. Ele passa para o Rio Uaupés no dia 9 de maio, através de uma trilha que une os dois rios. Em Yutica, no rio Uaupés, entre os Uanano, ele participa de uma festa de Jurupari organizada pelo tuxaua Felício. A descrição é rica, com vários pormenores das “danças de máscaras”, que seguramente ele apreende de um diálogo que estabelece com os índios em Nheengatu (Língua Geral). Ele, desde o início de sua viagem podia distinguir as diversas línguas faladas nessa região. Quando ele descreve a pessoa do tuxaua Felício, diz que ele fala diversas línguas, e com o qual estabeleceu um diálogo cordial e amigável em Nheengatu. Com todo o cuidado de um observador treinado, vai colocando em sua descrição o que é importante para a compreensão do contexto da festa, e os movimentos das pessoas ao seu redor. Quando se refere a alguém, ele cita os nomes, especificando o termo em língua geral do grupo linguístico da pessoa, nome do clã e o seu interesse em compreender a organização social, e o sistema de parentesco desses povos, que o levou a procurar um entendimento maior das relações interétnicas entre os diversos grupos étnicos dessa região e propor uma teoria sobre a ocupação para toda a região.

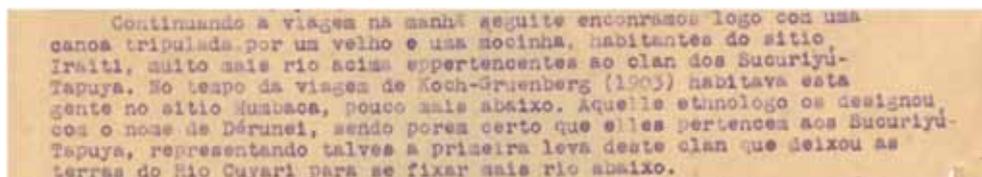
Nimuendajú, ao empreender essa expedição, já possuía o conhecimento da literatura disponível, na época, sobre os povos dessa região, principalmente aquela escrita em língua alemã. Em um outro momento de sua viagem, quando ele chega em Tunuí, por exemplo, ele faz as comparações com outras informações demográficas que ele havia tomado conhecimento. Além de Koch-Grünberg, que ele conhecia muito bem, ele cita o relato do famoso Capitão Joaquim Firmino, que esteve nessa região em 1857 para conter o “preocupante” movimento messiânico, e certamente Nimuendajú teve conhecimento desses detalhes do informe do Capitão Firmino, porque o mesmo foi transcrito no diário de viagem do médico alemão Robert Avé-Lallemant (1859). Nimuendajú também mostra conhecimento de outros importantes textos sobre a região, como o do natura-

lista Johannes von Natterer, que passou cerca de 18 anos em viagens no Brasil, estando em Tunuí em 1831. Natterer ficou conhecido por ter descoberto quatro espécies de primatas na Amazônia, bem como foi um importante colecionador de objetos etnográficos, muitos dos quais que se encontram hoje no Museu de Etnologia de Viena.



Tunuí está hoje em decadência. Em 1831 encontrou Johann Natterer aqui "os mesquinhos restos de uma grande aldeia de Banivas". Quando em 1857 o Capitão Joaquim Firmino por ali passou, os seus habitantes, os Acaissas tinham queimado as casas e fugido para a mata em consequência de uma expedição militar feita pouco antes para destruir o Messias dos Banivas, Venancio que tinha reunido muitos discípulos entre os índios. Koch-Grünenberg em 1903 encontrou um povoado de 14 casas arranjadas em duas ruas, mas os habitantes tinham fugido para as matas por medo das depredações cometidas pelo comandante do destacamento de Cucunhy. Hoje só existem 4 casas das quais só uma barrada. A posição da aldeia na margem esquerda do Içana é muito pittoresca: Uma ponta escarpada de quartzito branco estende-se por 200 m pelo rio adentro. Na sua ponta esbravejam furiosamente os turbilhões da caxoeira e levanta-se a escuria dos índios. No alto, á sombra

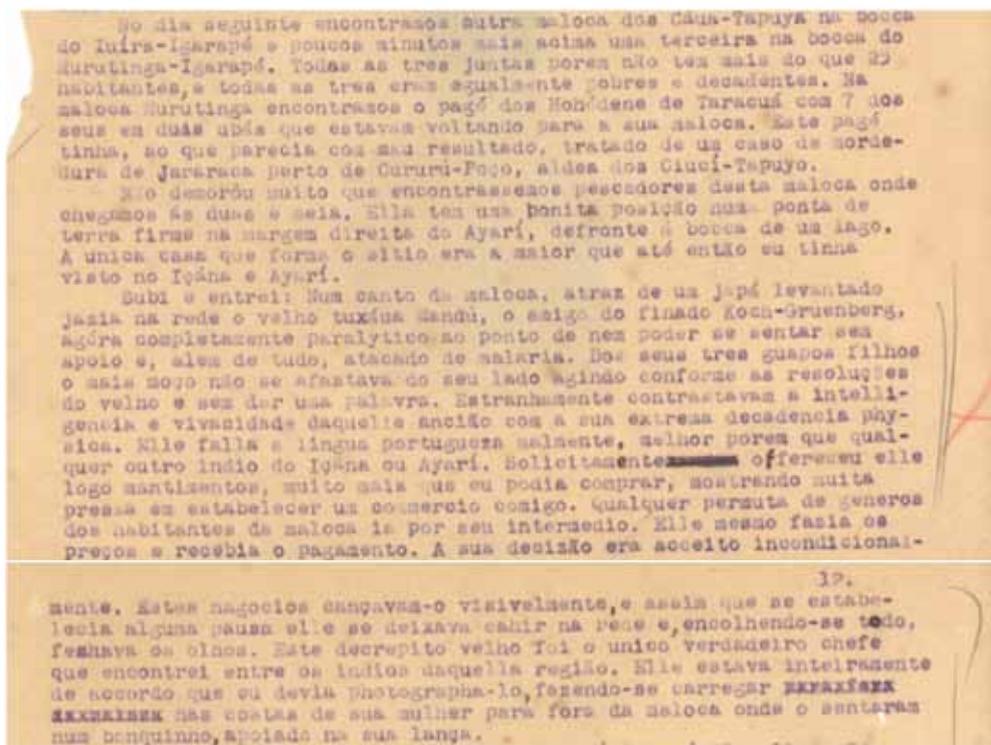
Em vários momentos de sua narrativa, ele se refere a Koch-Grünenberg com o qual manteve uma correspondência regular e que, de acordo com as suas cartas a Carlos Estevão (Hartmann, 2000:103-113), ele utiliza a mesma logística e faz praticamente o mesmo percurso que Koch-Grünenberg havia realizado. Percebe-se muito bem através da sua escrita um diálogo entre dois amigos, com Nimuendajú respondendo às interrogações e dúvidas deixadas por Koch-Grünenberg em seu livro quando passou dois anos, nessa mesma região, entre 1903 a 1905. A impressão que passa é que, talvez, Curt Nimuendajú levava em notas, as principais referências do livro de Koch-Grünenberg que lhe interessavam, ou até mesmo o próprio livro, pois faz questão de citá-lo, como, por exemplo nesta passagem:



Continuando a viagem na manhã seguinte encontramos logo com uma canoa tripulada por um velho e uma moçinha, habitantes do sítio Iraití, muito mais rio acima e pertencentes ao clan dos Sucuriyú-Tapuya. No tempo da viagem de Koch-Grünenberg (1903) habitava esta gente no sítio Humbaca, pouco mais abaixo. Aquelle ethnólogo os designou com o nome de Dérunei, sendo porém certo que elles pertencem aos Sucuriyú-Tapuya, representando talvez a primeira leva deste clan que deixou as terras do Rio Cuyari para se fixar mais rio abaixo.

Em outra passagem, na página seguinte (24), ele faz um relato do estado físico do tuxaua Mandu, cuja fotografia encontra-se no último capítulo dessa coletânea. Aqui também Nimuendajú faz menção a Koch-Grünenberg.

Esse relatório tornou-se leitura obrigatória para todos que trabalham com populações indígenas do Alto Rio Negro. O seu impacto nos estudos etnológicos foi significativo, em vários aspectos, primordialmente pela maneira como são descritas as relações entre os índios e não índios fazendo com que o relatório tenha um tom de denúncia. Até então, foi talvez o primeiro relatório que expôs, para uma agência oficial do Estado, a precária situação dos índios. E pelo fato de não ter sido escrito em alemão, para depois ser traduzido para o português, Nimuendajú queria dar um alcance maior ao problemático estado dos índios. No âmbito dos estudos das línguas indígenas, provocou um grande debate tanto nas classificações das línguas, modo de escrevê-las, bem como corrigiu as interpretações de outros, que estiveram antes dele nessa região. As suas observações sobre a organização social dos Arawak e Tukano, na disposição preferencial de clãs e sibs patrilineares, e uma residência patrilocal, enfatizando o caráter



patrilinear, e a inter-relação com o território onde as malocas estavam posicionadas, são bastante interessantes.

Este trabalho coloca as bases para um debate importante com relação à ocupação territorial e as questões vinculadas a uma geopolítica indígena, sobretudo com as suas proposições e hipóteses sobre a dispersão e ocupação em toda região, algumas delas retomadas por Eduardo Galvão (1958). Ele se apoia em Koch-Grünberg, quando distingue “três extratos culturais” que foram ocupando sucessivamente toda essa região do Alto Rio Negro. Esta hipótese é bastante conhecida na literatura etnológica e aceita com reservas (Wright, 1982), até hoje, pelos antropólogos que trabalham com essas populações. A proposição de Nimuendajú carece de uma análise mais profunda. Na medida em que se desenvolvem mais estudos arqueológicos na região, pode-se ter maior comprovação, e será possível chegar a um resultado mais permanente. Essa hipótese explica, de fato, a mobilidade dos povos na bacia do Uaupés e podemos encontrar na mitologia e narrativas orais dos povos do Rio Uaupés algumas evidências que poderiam dar sustentação a essa teoria sobre a ocupação e a geopolítica indígena.

Henri Coudreau (1887) já achava que deveria ter existido uma época remota onde a bacia amazônica era ocupada por uma multidão primitiva, com uma tecnologia rudimentar. Posteriormente, a região teria sido invadida por outros povos tecnicamente superiores, mais “evoluídos”, cujos representantes hoje seriam os pertencentes aos grupos Tupi, Caribe e Arawak. Koch-Grünberg (1906: 878-882) afirma que os grupos Maku seriam remanescentes de um extrato de um povoamento originário, composto de tribos falantes de línguas diferentes, reunidas e fissionadas após a chegada dos povos Arawak. Nimuendajú, com base nas argumentações de Coudreau, assinala que os grupos Maku fazem parte de um primeiro extrato de migrantes e formam uma cultura rudimentar, não possuindo a lavoura, a cerâmica, a tecelagem, bem como a arte de navegar.

O segundo extrato, para Nimuendajú, seria representado por grupos vindos do norte em sucessivas ondas migratórias, ocupando parte da região. Esses grupos de cultura Arawak, sedentários, agricultores, viviam às margens dos grandes rios e igarapés navegáveis, morando em grandes casas (malocas) e usando redes, possuindo uma importante tecnologia de pesca, com uma organização social diferente, em grupos exógamos patrilineares e com ritos funerais. Esses grupos, através de um processo de “aculturação”, conseguiram impor, de certo modo, a sua cultura material aos outros grupos, fazendo com que esta região passasse por um processo intenso de interação, que poderia ser chamado de “arawakização”, ainda para ser melhor analisado, carecendo de maiores investigações para entender o conjunto das relações interétnicas. Esses grupos Arawak teriam chegado ao Rio Negro através do canal de Cassiquiare e se estabeleceram praticamente até a sua foz. O médio Rio Negro foi habitado pelos Baré e os Manna. Os Warekena dominavam grande parte do Rio Negro e hoje se encontram no Rio Xié, afluente da margem esquerda do Rio Negro, falando a Língua Geral, o Nheengatu. Os grupos Baniwa se estenderam até a bacia do Uaupés e hoje vivem no Rio Içana e no Rio Ayari. No Rio Uaupés encontram-se os Tariano, que também fazem parte da família linguística Arawak, porém falando principalmente a língua Tukano. Eles possivelmente passaram para o Rio Uaupés vindos do Rio Ayari, afluente da margem esquerda do Rio Içana. Nimuendajú em seu relatório, relata seu encontro com tuxaua Leopoldino, um dos principais tuxauas Tariano, de Yauareté, e faz uma fotografia de toda a sua família. Um bonito registro, de uma pessoa que é lembrada ainda hoje, pois Leopoldino será depois o principal interlocutor dos Salesianos para a construção da Missão de Yauareté em 1929, em seguida acontece uma grande briga na região e Leopoldino migra com seu grupo para Tapurucuara.

As incursões dos Arawak sobre o Rio Uaupés fizeram alguns grupos conhecidos que faziam parte da família linguística Maku se “arawakizarem”. Ainda segundo a hipótese de Nimuendajú, os sibs Hohodene e Kadapolithana, que antes teriam sido Maku, podem ser encontrados no Rio Ayari. Koch-Grünberg também se refere a um sib Kubeo, Bahúkiwa, que teria também sido anteriormente um clã Maku. Segundo Robin Wright (1982:12), são dados controversos. Esses sibs não foram “arawakizados” e pode ter havido um mal-entendido sobre o termo Maku, que se presta para outros tantos equívocos, pois a palavra Maku, corrente hoje, e como pode-se observar, refere-se também a uma condição de vida, onde não se tem acesso às tecnologias provenientes da sociedade ocidental, seria quase um sinônimo de “selvagem” ou “aquele que vive no mato”, para muitos índios que passaram pelos internatos da missão.

Nimuendajú assinala ainda uma outra onda migratória de povos vindos do oeste que penetraram nesta região. Esses grupos, pertencentes à família linguística Tukano, se estabeleceram na bacia do Rio Uaupés e nos seus afluentes, bloqueando a entrada de grupos Arawak. Aí se travaram as grandes guerras, como a legendária batalha de Buopé, que leva o nome do tuxaua Tariano que guerreou contra os Arára-tapuia nas proximidades de Yauareté. Essa narrativa é continuamente lembrada pelos Tariano. Nas redondezas da cachoeira de Yauareté, encontra-se uma serra que os Tariano chamam de serra de Yurupari e, ali, existiria um grande fosso onde Buopé usava como fortaleza (Amorim, 1928:14). Nimuendajú assinala os intercâmbios culturais entre esses três grupos de famí-

lias linguísticas distintas. Pois, todos estes possuem objetos e tecnologias dos Arawak, os venenos dos Tukano, inclusive todo o “código” de Jurupari. Os Arawak permaneceram em seus territórios, anteriormente conquistados, sem poder mais avançar. O terceiro extrato cultural, ainda assinalado por Nimuendajú, é representado pelos caboclos, que são os mestiços, fruto do contato dos povos indígenas dessa região com a sociedade nacional nos últimos quatro séculos. A cultura “cabocla” se expressa com uma língua própria, o Nheengatu (ou Língua Geral), que está em processo de desaparecimento com a incorporação na região de um português veiculado através da TV e Rádio.

Se aceitarmos essa hipótese de Nimuendajú, os Maku já estavam nesta área antes mesmo que os grupos Arawak chegassem à região do Rio Negro-Orinoco. Estima-se que os Arawak chegaram à região Amazônica quinhentos anos antes dos grupos Tupi (Megliazza, 1982). A ocupação dos povos indígenas e seus processos de territorialização é um tema atual de debate entre as lideranças das organizações indígenas e sempre surge uma acalorada discussão em torno de ‘quando’ e ‘quem’ foram os primeiros a chegarem na região.

## **Cronologia da Viagem de Curt Nimuendajú**

### ***Rio Negro e Rio Içana***

**31 de março de 1927** – Curt Nimuendajú deixa São Felipe com seis índios de Sant’Ana e entra no Rio Içana. Alcança Grilo Luitéra (sítio pertencente ao clã Yauareté-Tapuya, dos Baníua do Içana). Passa à boca do Cubate e alcança Yauacaná (habitado por Yauareté-Tapuya).

**1 de abril** – Chega em Teyú, onde encontra pessoas do clã Yauareté-Tapuya e Siucí-Tapuya do Auaré. Passa pelo sítio Traití (Sucuriyú-Tapuya) e depois pelas casas da aldeia Pirayauára (Yauareté-Tapuya).

**2 de abril** – Passa por sítios dos Yauareté-Tapuya. Aporta em Sant’Ana, onde fica hospedado na casa do tuxaua Fernandes.

**6 de abril** – Continua a viagem passando por Luíra-Ponta (duas casas das quais uma pertence a um Yauareté, e um Sucuriyú-Tapuya), Hecoarí (família de Yuruparí-Tapuya) e pela ilha Tapira-Capuana onde fica a aldeia São Joaquim Miri (Siucí-Tapuya).

**7 de abril** – Chega em Nazareth (aldeia dos Sucuriyú-Tapuya).

**8 de abril** – Passa pela Ambaiua-Cachoeira e Tapira-Ponta, habitada por Siucí-Tapuya e Baníua da Venezuela.

**9 de abril** – Passa pela Tayaçú canguéra-cachoeira e chega a Tunuí (maioria Sucuriyú-Tapuya) onde se demora alguns dias.

**13 de abril** – Aporta em Seringa-rupitá, (Sucuriyú-Tapuya).

**14 de abril** – Passa pela boca do Cuyarí (casas dos Sucuriyú-Tapuya), chegando no sítio Yapú-Ponta, (Sucuryú-Tapuya) e depois ao sítio Parauarí, habitado por índios Cadaupurítana. Instala-se em Yacaré-Ponta, uma grande casa desabitada, para passar a Sexta-feira Santa escrevendo.

**16 de abril** – Encontra os habitantes de Yacaré-Ponta (clã Sucuriyú-Tapuya). Entra no Acutí-Igarapé, onde encontra os últimos sobreviventes do clã Payoalienne (Pacú-Tapuya).

**17 de abril** – Recebe o único convite, de toda a viagem, de um índio (dos últimos sobreviventes dos Cadaupurítana), para ir a sua casa, na margem do Maxiua-Igarapé.

**18 de abril** – Pernoita à boca do lago Uétan.

**19 de abril** – Passa por Yuí-luitéra (antiga habitação dos Cadaupurítana).

**20 de abril** – Passa à boca do Ayari e aporta na maloca Pupunya-rupitá (clã Hohódene).

**21 de abril** – Passa à boca do Paumarí-Igarapé e pelos lagos da Yandú-Cachoeira, fica na aldeia Ehi-pana (Ira-Tapuya).

### **Rio Ayari**

**24 de abril** – Entra no Rio Ayari, parando em Tapiíra-Paraná-mirí, braço lateral deste rio.

**25 de abril** – Passa à boca do Querari, (grande afluente da margem esquerda do Ayari) e entra no Cará-Igarapé (afluente à esquerda). Retorna ao Ayari por encontrar a passagem obstruída.

**26 de abril** – Chega ao Miriti-Igarapé, (afluente à direita). É recebido na maloca Taracué (Hohódene) e visita a maloca Paxííua.

**28 de abril** – Entra no Uirá-uaçu-Igarapé (afluente à esquerda) encontrando índios pertencentes ao clã do Cáua-Tapuya.

**29 de abril** – Encontra outra maloca dos Cáua-Tapuya, na boca do Luíra-Igarapé e no Murutinga-Igarapé e em Cururú-Poço (Siucí-Tapuya) encontra o tuxaua Mandu.

**30 de abril** – Passa pelo Mitú-Igarapé e Araripirá-Igarapé.

**1 de maio** – Encontra o sítio Inambú-Ponta (Siucí-Tapuya) e a aldeia Cápi-Ponta (Cauá-Tapuya).

**2 de maio** – Chega à Uapuí-Cachoeira (tido como lugar da origem dos clãs dos Baníua) e à maloca dos Hohódene. Faz parte do trajeto que liga a Uapuí-Cachoeira à Cururú-Cachoeira, aldeia dos Uanana na margem do Rio Uaupés.

**3 de maio** – Entra no Uaraná-Igarapé (afluente) onde encontra sítio dos Siucí-Tapuya, passando pela Ucuquí-Cachoeira, a Uacaricuára-Cachoeira e a Carayurú-Cachoeira junto à maloca dos Hohódene.

**4 de maio** – Retorna ao Ayari e chega à maloca Muçu-Itapéua (Yibóia-Tapua), já pertencente ao domínio da língua Cobeua.

**5 de maio** – Chega em Macú-Itapéua.

**6 de maio** – Passa pela Yuruparí-Cachoeira e chega ao lugar onde desemboca o caminho que liga por terra a aldeia de Yutica ao Ayari; Segue com dois Yibóia-Tapua para visitar as malocas do alto Ayari enquanto sua bagagem era transportada para Yutica.

**7 de maio** – Continua a subida pelo Ayari. Passa pela Yacaré-Cachoeira, Castanha-Cachoeira, Curua-Cachoeira e Yauti-Cachoeira, encontrando sítios Yibóia-Tapua.

**8 de maio** – Alcança o acampamento no porto do caminho para Yutica.

**9 de maio** – Segue só no caminho de Yutica por trajeto que liga o Ayari ao Uaupés.

### **Rio Uaupés**

**9 de maio** – Chega na aldeia Yutica (Uanana), na margem esquerda do Uaupés.

**18 de maio** – Deixa a aldeia Yutica. Faz o levantamento do varadouro de Yutica ao Ayari e uma excursão pelo Uaupés acima até à Yaburú-Cachoeira, do rio Querarí. Encontra as malocas Tainha e Taracué (Uanana).

**19 de maio** – Segue até a Pacú-Cachoeira pouco abaixo da boca do Querarí.

**20 de maio** – Entra no rio Querari e passa pela Yaburú-Cachoeira onde encontra uma maloca Yiboya-Tapuya. Desce por este rio e pelo Uaupés chegando novamente à Yutica. Presencia os preparativos e a festa de danças de máscaras, organizada por ter, Nimuendajú, manifestado interesse em conhecer os antigos costumes dos Uanana.

**21 de maio** – Parte de Yutica. Passando a Yacaré-Cachoeira, a forte cachoeira Taiíra-yuaráu e a Matapí-Cachoeira. Chegando à aldeia de Caruru.

**23 de maio** – Deixa a aldeia do Caruru, passando pela Arára-Cachoeira, a Yapú e a Periquito-Cachoeira. Fica em Panapaná (primeira maloca dos Yuruparí-Tapuya).

**24 de maio** – Passa por Mira-piréra-Ponta, onde encontra o primeiro sítio de índios de língua Tucano (Uça-Tapuya)

**25 de maio** – Chega à Yauareté-Cachoeira e a aldeia Yauereté, abaixo da foz do Papurí, onde permanece por seis dias.

**28 e 29 de maio** – Empreende uma excursão de Yauereté, visitando índios Macú, para o lado do Yapú-Igarapé. Chega ao Yuí-Igarapé alcançando por terra uma maloca dos Pirá-Tapuya e maloca Macú.

**31 de maio** – Parte de Yauereté passando a Araripirá-Cachoeira, onde se acha o último estabelecimento dos Tariána de cima. Yacitára, Acangatara-Ponta e Uaracú-Ponta (Pirá-Tapuya). Depois dois estabelecimentos na margem direita, uma maloca dentro do Anána-Cachoeira e o de Yuquira-rapecúma (Curauá-Tapuya). Também os estabelecimentos dos Arapáço, tribo colocados diretamente sobre a margem do Uaupés: Paraná-iucá, Loiro-rapecúma, Micuí-rapecúma, Uaturá-Ponta, Uaramã-Ponta e Iutú-rapecúma. Por fim, a primeira maloca dos Tariána de baixo, na margem do Tamanduá-Igarapé.

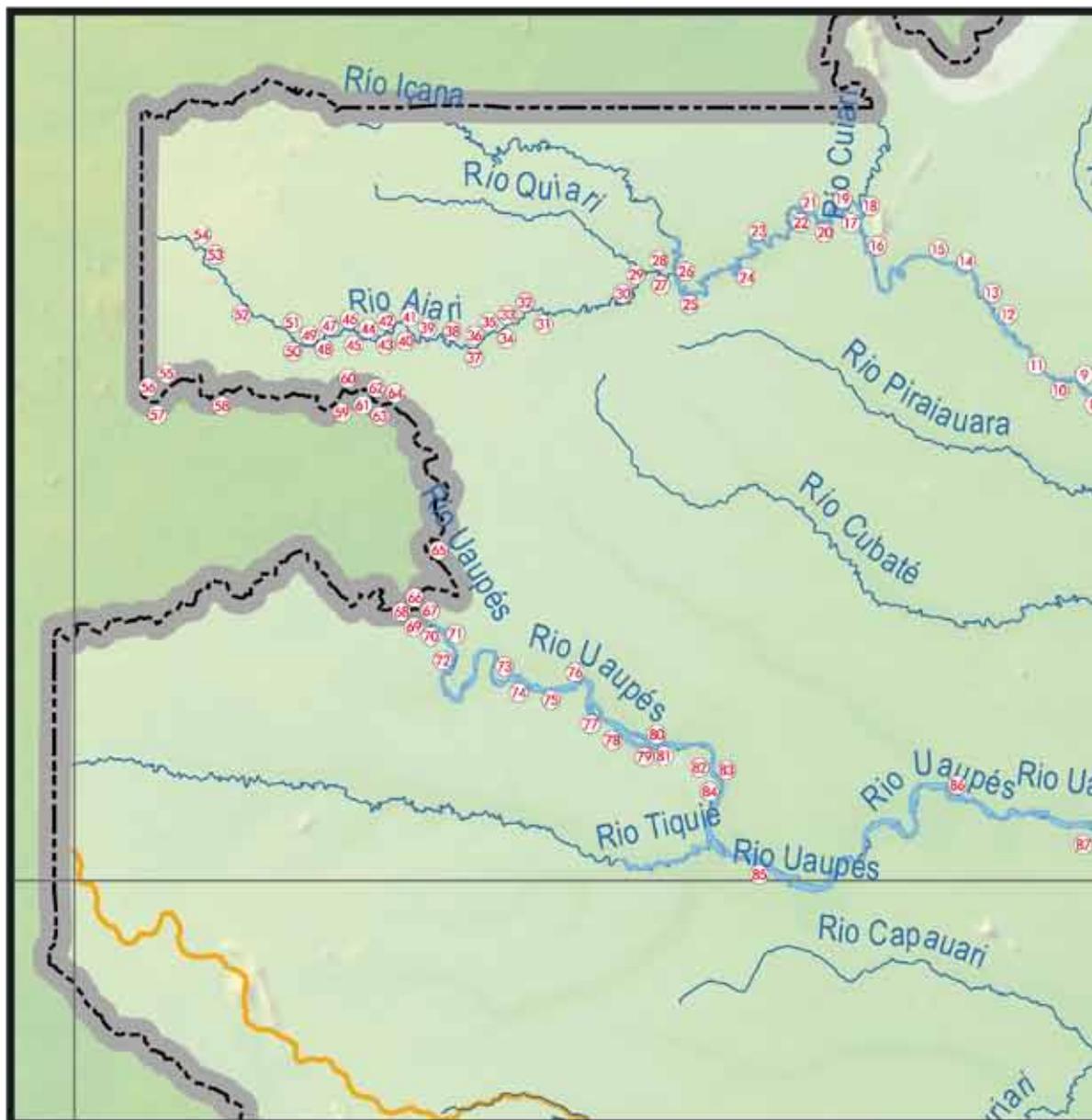
**1 de junho** – Passa por uma casa em Curupira-Capuáma (Yi-Tapuya), e encosta numa maloca Tariána à boca da Cigarra-Igarapé. Alcança uma aldeia Urubúquara, presenciando uma festa de caxiri.

**2 de junho** – Desce pelo braço esquerdo do Uaupés, passando pelas cachoeiras Paxíua e Pinipinú e Ipanoré-Cachoeira, chegando a aldeia Ipanoré.

**3 de junho** – Deixa Ipanoré e chega à missão salesiana de Taracué e depois à Naná-Repecúma.

**4 de junho** – Passa à boca do rio Yavairi (afluente) e chega à ilha Yacaré-capuáma, onde fica o sítio de Francisco Albuquerque, à Bela Vista, sítio de Hyginio Albuquerque e à maloca Yacaré-rapecúma (Pirá-Tapuya), situada na boca do Parauá-Igarapé, onde está a casa de Protogenio Albuquerque. Visita Anayá Iuitéra, colina onde encontra um cemitério de urnas, que provavelmente pertenceu a um grupo Arawak que antes ocupava a região.

**10 de junho** – Passa por São Joaquim, antiga missão dos Cocuána, pelo sítio Bauarí na margem esquerda habitada por Cocuána, pela ilha Taracué-capuáma (Tucano) e pela Tamanduá-Cachoeira alcançando o Rio Negro. Conclui o reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés com a chegada em São Gabriel nesse mesmo dia.



## LUGARES V

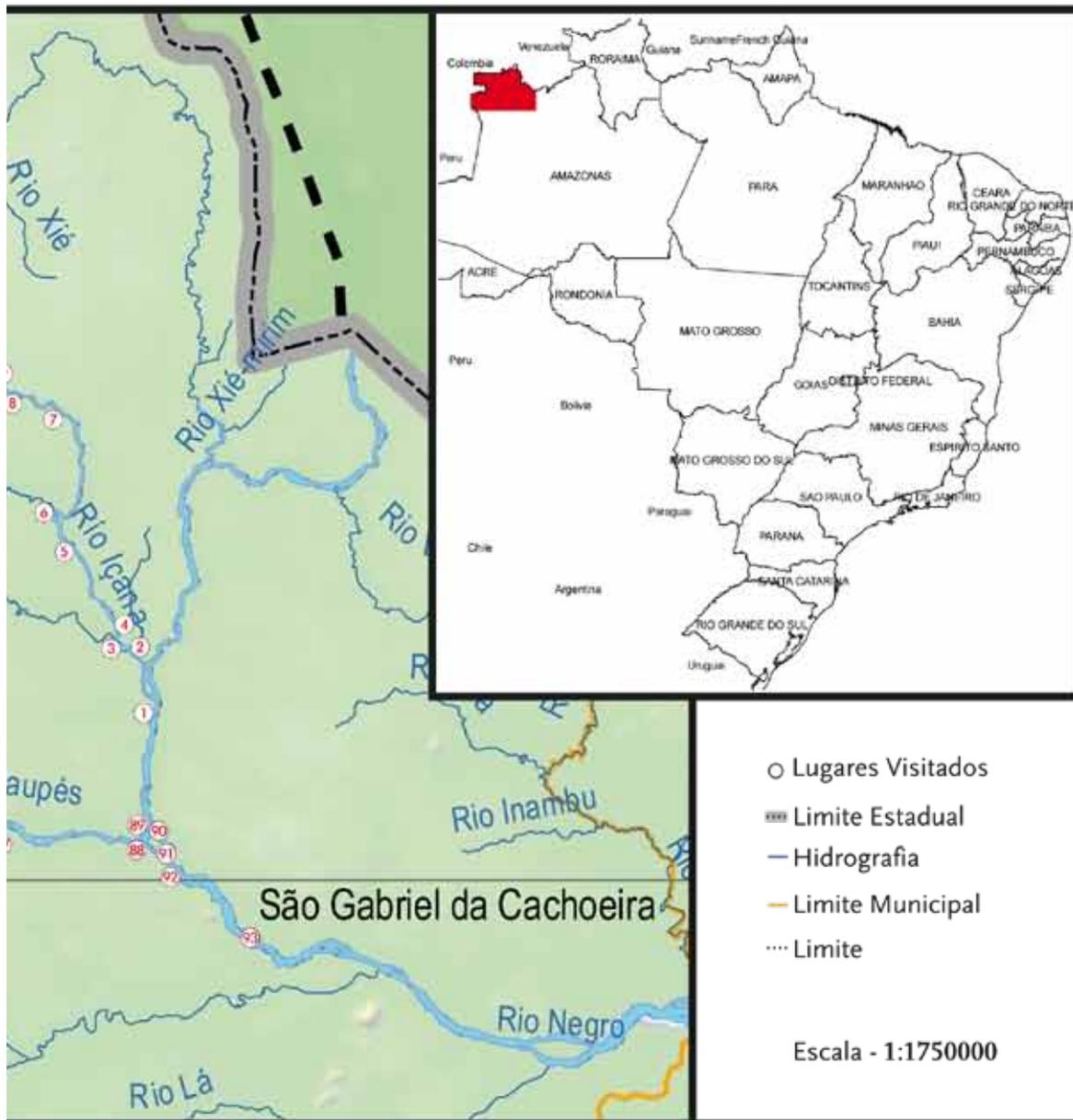
### Rio Içana

- 1 - São Felipe
- 2 - Grilo Iutéra
- 3 - Boca do Cubate
- 4 - Yauacaná
- 5 - Teyú
- 6 - Aldeia Pirayauára
- 7 - Sítios dos Yauareté-Tapuya
- 8 - Sant' Ana
- 9 - Iuíra-Ponta
- 10 - Hecoarí
- 11 - Ilha Tapica-Capuana
- 12 - Nazareth

- 13 - Ambaiua-Cachoeira
- 14 - Tapira-Ponta
- 15 - Tayacú Canguéra-Ponta
- 16 - Tunuí
- 17 - Seringa-Rupitá
- 18 - Boca do Cuyarí
- 19 - Sítio Yapú-Ponta
- 20 - Parauarí
- 21 - Yacaré-Ponta
- 22 - Acutí-Igarapé
- 23 - Maxiúá-Igarapé
- 24 - Lago Uétan
- 25 - Yuí-Iuitéra

- 26 - Boca do Ayari
  - 27 - Boca do Paumarí-Igarapé
- ### Rio Ayari
- 28 - Tapiíra-Paraná-Mirí
  - 29 - Boca do Querari
  - 30 - Cará-Igarapé
  - 31 - Miriti-Igarapé
  - 32 - Uirá-Uaçu-Igarapé
  - 33 - Boca do Iuirá-Igarapé
  - 34 - Murutinga-Igarapé
  - 35 - Cururú-Poço
  - 36 - Mitú-Igarapé

- 37 - Araripirá-Igarapé
- 38 - Inambú-Ponta
- 39 - Aldeia Capí-Ponta
- 40 - Uapuí-Cachoeira
- 41 - Cururú-Cachoeira
- 42 - Uanana
- 43 - Uaraná-Igarapé
- 44 - Siucí-Tapuya
- 45 - Ucuquí-Cachoeira
- 46 - Carayurú-Cachoeira
- 47 - Maçú-Itapéua
- 48 - Yuruparí-Cachoeira
- 49 - Aldeia de Yutica



## VISITADOS

- |                              |                          |                              |                               |
|------------------------------|--------------------------|------------------------------|-------------------------------|
| 50 - Yacaré-Cachoeira        | 61 - Arára-Cachoeira     | 74 - Anána-Cachoeira         | 87 - Colina Anayá luitéra     |
| 51 - Castanha-Cachoeira      | 62 - Yapú                | 75 - Yuquira-Rapécúma        | 88 - São Joaquim              |
| 52 - Carua-Cachoeira         | 63 - Periquito-Cachoeira | 76 - Tamanduá-Igarapé        | 89 - Sitio Bauarí             |
| 53 - Yari-Cachoeira          | 64 - Panapaná            | 77 - Curupira-Capuáma        | 90 - Ilhota Taracuí-Capuáma   |
| 54 - Yibóia-Tapuya           | 65 - Mira-Piréra-Ponta   | 78 - Boca da Cigarra-Igarapé | 91 - Tamanduá-Cachoeira       |
| <b>Rio Uaupés</b>            | 66 - Yauareté-Cachoeira  | 79 - Cachoeira Paxílua       | 92 - Rio Negro                |
| 55 - Yutica                  | 67 - Yauareté            | 80 - Cachoeira Pinipinú      | 93 - São Gabriel da Cachoeira |
| 56 - Yaburú-Cachoeira        | 68 - Yapú-Igarapé        | 81 - Ipanoré-Cachoeira       |                               |
| 57 - Pacu-Cachoeira          | 69 - Yuí-Igarapé         | 82 - Taracuí                 |                               |
| 58 - Cachoeira Taiíra-Yuaráu | 70 - Araripirá-Cachoeira | 83 - Naná-Repecúma           |                               |
| 59 - Matapi-Cachoeira        | 71 - Yacitára            | 84 - Boca do Yavairi         |                               |
| 60 - Caruru                  | 72 - Acagantara-Ponta    | 85 - Ilha Yacaré-Repecúma    |                               |
|                              | 73 - Uaracuí-Ponta       | 86 - Boca do Parauá-Igarapé  |                               |



# Capítulo 1

## Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés

Originalmente publicado em *Journal de la Société des Américanistes*.

Tomo 39, 1950. pp. 125-182, Paris<sup>1</sup>

### I DESCRIÇÃO DA VIAGEM

#### a) Rio Içana

No dia 31 de março de 1927 deixei São Felipe com uma montaria e uma ubá, tripulada por seis remadores, índios de Sant' Ana. Passando pelas ilhas antepostas à boca do Rio Içana, entramos neste rio às 11 horas.

Pela tarde, alcançamos o primeiro sítio de índios, uma choça nova, ainda aberta, numa grande roça na margem esquerda, em frente a um pequeno outeiro isolado, de cerca de 40 metros de altura, chamado Grilo luitéra. Moravam ali umas 10 pessoas, pertencentes ao clã Yauareté-Tapuya, dos Baníua do Içana. Tinham a noite passada, celebrado um *dabucuri*; grossos bastões ôcos de embaúba (embaúba) que, tocados no chão, produzem um som de tambor, com o qual marcam o compasso da dança, estavam encostados na parede, da qual pendiam diademas de penas com pendentes dorsais. Na cumeeira da casa, amarrado num grosso feixe, estavam os açoites de Yuruparí com que os homens nestas se golpeiam reciprocamente, e no porto, dentro d'água, para evitar que secassem e rachassem, jaziam as flautas do yupurutu.

Pouco depois passamos à boca do Cubate, grande igarapé que desemboca pela margem direita e cujo nome em língua Baré significa peixe.

Em sua margem esquerda, pouco acima da boca, tem os Yauareté-Tapuía 3 sítios com uns 15 habitantes, navegando-se seis dias por ele chega-se às moradas dos Hohódene que junto com alguns Yuruparí-Tapuya do Curyarí, habitam lá em três casas, em número de uns 20 talvez. Vi em São Felipe duas canoas desta gente, que tinha trazido umas tartarugas pequenas (cabeçudos). Adquiriti deles alguns objetos e tomei uma prova de seu dialeto que é quase idêntico ao dos Siucí-Tapuya do Içana e Ayari.

Estes Hohódene se mudaram há tempos, da Uapuí-Cachoeira do Ayari, de cujo curso inferior existe uma comunicação com o Alto Cubate pelo Cururú-Igarapé, afluente da margem direita do Baixo Ayari. Os Yuruparí-Tapuya, porém, que falam a língua Tariána, vieram do Alto Cubate pelo Yauiarí, grande afluente do Rio Uaupés pela margem esquerda, em cujo curso superior eles também habitam em número de uns 15.

Estes Hohódene do Alto Cubate gozam, em São Felipe, de uma má reputação. Dizem que eles tratam o branco que o visita com grosseria e arrogância. Por isso, já há muitos anos ninguém mais se atreveu de ir lá.

Ao pôr do sol alcançamos Yauacaná habitado por uns 10 Yauareté-Tapuya, que se mostraram extremamente reservados. Continuando o viagem na manhã

1. Optou-se por publicar a versão editada por Alfred Métraux em 1950, com a grafia atual com exceção dos nomes nas línguas indígenas e topografias. Páginas do relatório original estão no anexo deste livro (p. 178).

I.  
 Descrição da viagem.

No dia 31 de Março de 1927 deixei São Felipe com uma montaria e uma ubá, tripuladas por seis remadores, índios de Sant'Anna. Passando pelas ilhas antepostas á bocca do Rio Içana, entramos neste rio ás 11 horas. Pela tarde alcançamos o primeiro sitio de índios, uma choça nova, ainda aberta numa grande roça na margem esquerda, em frente a um pequeno oiteiro isolado de cerca de 40 m. de altura, chamado Grillo-Iuitãra. Moravam alli umas 10 pessoas pertencentes ao clan Yauareté-Tapuya dos Banús do Içana. Tinham, a noite passada, celebrado um "dabucuri": Grossos bastões ócos de ambaíua que, tocados no chão, produzem um som de tambor com o qual marcam o compasso da dança estavam encostados na parede da qual pendiam diademas de pennas com pendentes dorsaes. Na cumieira da casa, amarrado num grosso feixe estavam os apóites de Yurupari com que os homens nestas festas se golpeiam reciprocamente, e no porto, dentro d'água para evitar que seccassem e rachassem, jaziam as flautas de yapurutá.

Pouco depois passamos a bocca do Cubate, grande igarapé que desemboca pela margem direita e cujo nome em lingua Baré significa "peixa". Em sua margem esquerda, pouco acima da bocca tem os Yauareté-Tapuya 3 sitios com uns 15 habitantes, e navegando se 6 dias por elle acima chega-se ás moradas dos Honódeno que junto com alguns Yurupari-Tapuya do Cayari habitam lá em tres cascas em numero de uns 20, talvez. Vi em São Felipe duas canoas desta gente que tinham trazido umas 50 tartarugas pequenas ("cabegudos"). Adquerei delles alguns objectos e tomei uma prova de seu dialecto que é quasi identico ao dos Ciuci-Tapuya do Içana e Ayari. Estes Honódeno se mudaram na tempo da Uaupé-Caxoeira do Ayari de cujo curso inferior existe uma communicação com o Alto Cubate pelo Cururú-Igarapé, affluente da margem direita do Baixo Ayari. Os Yurupari-Tapuya, porem, que fallam a lingua Tariána, vieram ao Alto Cubate pelo Yaurari, grande affluente do Rio Uaupés pela margem esquerda em cujo curso superior elles tambem habitam em numero de uns 15.

Estes Honódeno do Alto Cubate gozam em São Felipe de uma má reputação. Dizem que elles tratam o branco que os visita com grosseira arrogancia. Porisso já ha muitos annos ninguem mais se atreveu de ir lá.

Ao pôrdo sol alcançamos o sitio Yauacanã habitado tambem por uns 10 Yauareté-Tapuya que se mostraram extremamente reservados.

Continuando a viagem na manhã seguinte encontramos logo com uma canoa tripulada por um velho e uma mocinha, habitantes do sitio Iraití, muito mais rio acima e pertencentes ao clan dos Sucuriyú-Tapuya. No tempo da viagem de Koch-Gruenberg (1903) habitava esta gente no sitio Mumbaca, pouco mais abaixo. Aquelle ethnologo os designou com o nome de Dérunei, sendo porem certo que elles pertencem aos Sucuriyú-Tapuya, representando talvez a primeira leva deste clan que deixou as terras do Rio Cayari para se fixar mais rio abaixo.

Passando pelas casas abandonadas da Aldea Maracayá chegamos de tardinha em Teyú, uma casa na margem direita, de 30 m de comprimento, bem construida e com paredes barreadas e interiormente dividida em seis compartimentos. Encontrei alli umas 15-20 pessoas do clan dos Yauareté-Tapuya e mais um bando de Ciuci-Tapuya do Ayari que estavam em caminho para São Felipe para vender por lá uma carga de farinha.

As 4 horas achamos uma roça na margem direita, na bocca do Ambaíua-Igarapé. Uma meninazinha nua foi chamar o dono de nome Mariano, irmão do Tuxaua de Pirayaurá. Infelizmente elle não me quiz ceder a sua canoa que teria sido sufficiente para nella transportar toda a

seguinte encontramos logo com uma canoa tripulada por um velho e uma moinha, habitantes do sítio Traití, acima pertencentes ao clã dos Sucuriyú-Tapuya.

No tempo da viagem de Koch-Grünberg (1903) habitava esta gente no sítio Munbaca, pouco mais abaixo. Aquele etnólogo os designou com o nome de Dérunei, sendo, porém certo que eles pertencem aos Sucuriyú-Tapuya, representando talvez a primeira leva deste clã que deixou as terras do Rio Cuyarí para se fixar mais abaixo.

Passando pelas casas abandonadas da Aldeia Maracayá, chegamos de tardinha em Teyú, uma casa na margem direita, de 30 metros de comprimento, bem construída e com paredes barreadas, e interiormente dividida em seis compartimentos. Encontrei ali umas 15-20 pessoas do clã Yauareté-Tapuya e mais um bando de Siucí-Tapuya do Auaré que estavam em caminho para São Felipe para vender por lá uma carga de farinha. Às 4 horas, achamos uma roça na margem direita, na boca do Ambaíua-Igarapé. Uma menininha nua foi chamar o dono de nome Mariano, irmão do tuxaua de Pirayauára, infelizmente ele não me quis ceder a sua canoa que teria sido suficiente para nela transportar toda a minha bagagem. Vi no rancho dele um número de pratos fundos de barro com ornamentos pintados com muito gosto e esmero.

Continuando a viagem vimos na margem esquerda o sítio Iraití já mencionado velho, e depois, numa volta rápida do rio, as casas da aldeia Pirayauára, colocadas num barranco da margem direita, junto da foz do grande igarapé do mesmo. Pirayauára, o antigo Amanapena, conta hoje 4 casas habitadas, com paredes barreadas, uma casa de forno e um grande rancho aberto, em mal estado, para as festas.

Os habitantes, umas 25 cabeças, são Yauareté-Tapuya, formando Pirayauára o antigo centro deste clã de onde ele se espalhou pela vizinhança, especialmente pelo Içana abaixo. O tuxaua Vitorino, fala um pouco de português; os outros habitantes se mostraram muito retraídos. O Pirayauára-Igarapé está desabitado.

No dia 2 de abril, viajamos quase o dia todo sem encontrar moradores: só vimos as cinco casas da aldeia abandonada de Mituca Ponta na margem esquerda. Só de tarde, passamos por um sítio dos Yauareté-Tapuya na boca do Castanha-Igarapé. Pouco acima desemboca pela margem esquerda o igarapé Catidyuni. Ali, numa cachoeira criou, segundo a lenda Inyaperículi, os clãs Yauareté, Yuruparí, Urubú e Arára-Tapuya, as 4 divisões dos Baníua *Carutana* do Baixo Içana.

Seguiu-se Anati, outros sítios dos Yauareté-Tapuya, e às 4 horas aportamos em Sant'Ana. O tuxaua Fernandes, que fala muito pouco o português, me hospedou num quarto da sua casa. Causou-me uma impressão desagradável que não só mulheres e crianças como também os moços fugiam por sua parte à aproximação do branco. Para fazê-los correr bastava eu olhar para eles. Os próprios pais incitavam os seus filhos tal comportamento. Era uma verdadeira ostentação que eles faziam da sua desconfiança e do seu retraimento. Só mais tarde soube que esta atitude ao menos em parte, era devido ao negociante Antônio Maia, de Yutica no Rio Uaupés, o qual, subindo pelo Içana e Ayari alguns dias antes de mim, pôs todos os índios de sobreaviso que atrás dele viria um branco, ia tomar nota de todas as casas e os seus habitantes para estes depois serem aprisionados, tendo os moços e homens de servir no exército, e as mulheres e meninas de trabalhar para os brancos. Mais adiante terei de me referir novamente a este indivíduo perniciosíssimo, hoje constituído em autoridade policial; fiz uma tenta-

tiva desesperada para dissipar estes preconceitos dos índios. Convidei o tuxaua para o café e o almoço; distribuí presentes e ostentei a maior despreocupação, mas só muito lentamente as condições melhoraram, e depois de três dias de viagem tive de reconhecer que o tempo de que dispunha não era suficiente para conquistar a confiança destes índios ao ponto deles permitirem um estudo regular da sua cultura intelectual. A eterna resposta deles - a única que sabiam dar em português - era: *aqui não tem nada*, pronunciando com tal ênfase que dava para desanimar o mais tenaz investigador. Segundo Koch-Grünberg, estes índios são chamados *Carutana* pelos seus vizinhos *porque pronunciam constantemente as palavras Karú = não, Karupakapa = não tem*.

No terceiro dia fiz uma excursão a uma colina de uns 50 metros de altura há meia hora acima de Sant'Ana e há 2 km. da margem esquerda do rio. Uma trilha conduz da margem até o cume, passando por diversas roças novas e antigas. Pouco abaixo do cume penhascoso encontra-se na fralda oriental uma gigantesca laje de pedra de 10 metros de comprimento, pousando com uma extremidade no declive do morro e com a outra sobre um enorme rochedo, ficando por baixo dela uma sala bastante grande de 3 metros de altura, completamente ao abrigo da chuva. Alguns ninhos velhos do galo-da-serra estavam grudados no teto e no chão, se achava uma antiga urna funerária com ornamentos pintados na parte superior, dispersos ao redor na caverna. Ela continha um fêmur e mais alguns outros pedaços de ossos humanos sem vestígios de cremação e cobertos inteiramente de galerias de cupim. Os ornamentos do vaso, se bem que diferentes dos da atual cerâmica dos Baníua, não o são ao ponto de sugerir dúvidas sobre a veracidade da informação do tuxaua que declarou pertencerem estas relíquias aos antepassados da sua própria nação. Sant'Ana que contava 8 casas em 1903 possui hoje 11 e uma pequena capela em bom estado de conservação. Em compensação desapareceu por completo a aldeia do Carmo, pouco mais acima, que então se compunha de 5 casas. O número dos habitantes não me pareceu proporcional ao das casas: calculo-o em 40, mais ou menos. Uma determinação mais exata não permitiu a atitude desafiável dos habitantes que me fez desistir de uma visita das diversas habitações. A população principal formam os Yuruparí-Tapuya que tem o seu centro antigo nesta. A eles se uniram depois da última epidemia de sarampo os da aldeia do Carmo e dos Arára-Tapuya, poucos sobreviventes dos Urubú-Tapuya, antigos habitantes do Alto Pirayauára-Igarapé. A 6 de abril deixei Sant'Ana, bastante desenganado, continuando a viagem rio acima numa só ubá grande, que tinha conseguido por lá. Com 4 horas de viagem passei por Luíra-Ponta, duas casas na margem direita das quais uma pertence a um Yauareté, uma a um Sucuriyú-Tapuya. De tarde passei em Hecoarí, sítio habitado por uma família de Yuruparí-Tapuya. Depois de entrar num Paranámiri, onde tive de vencer uma pequena cachoeira, encostei na ponta superior da ilha Tapira-Capuana onde se levantam as três casas da aldeia São Joaquim Miri. Os habitantes em número de 22 pertencem ao clã dos Siucí-Tapuya e são oriundos do Rio Ayari. Era um índio velho com quatro filhos e duas filhas notáveis pela sua semelhança familiar, caracterizado pelo nariz saliente e arcado, aliás, frequente entre os membros deste clã, se distinguiam também favoravelmente dos Carutana pelo seu trato singelo e amável.

Não se ouvia ali o rabugento “aqui não tem nada” daqueles: prontamente eles ofereceram mantimentos: galinhas, peixes, canas e jurumú.

Com todo gosto passei com eles o resto do dia. Uma das moças nora do velho era uma Tatú-Tapuya. Estes índios habitam o Alto Cuyarí e os seus contravententes, afluentes do Guainia, mas não pude determinar se os seus sítios se acham aquém ou além da fronteira brasileira. O seu dialeto diverge muito pouco da língua dos Baníua do Içana.

No dia seguinte navegamos das 6 da manhã até as 4 da tarde sem encontrar um só morador. Enfim chegamos em Nazareth, aldeia com 4 casas dos Sucuriyú-Tapuya, na margem esquerda e que conta uns 30 habitantes. Quando me dirigi para as casas, tive de ver por toda parte mulheres apavoradas e crianças chorando e fugindo pelos fundos. Voltei para a minha ubá e mandei dizer ao tuxaua Vitoriano por um dos meus remadores que eu não ia a terra porque a gente era medrosa mais do que índios Macú (uma tribo selvagem e desprezada). Isto produziu efeito. O tuxaua veio em pessoa para me buscar e quando subimos juntos, mulheres e crianças, visivelmente por ordem especial dele, ficavam paradas à nossa passagem, se bem que o terror se achava escrito nas suas feições.

O tuxaua fingiu o despreocupado e trouxe uma tartaruga para vender-me.

No dia seguinte tivemos de vencer duas cachoeiras. Passamos ainda sofrivelmente pela Ambaiua-Cachoeira, porém tivemos de descarregar a embarcação por completo. Seguimos viagem debaixo da chuva e trovoadas. Na nossa frente, através do véu de chuva, apareceu uma montanha maciça de uns 500 m. de altura: a Serra de Tunuí. Pernoitamos em Tapira-Ponta, três casas na margem esquerda habitadas por Siucí-Tapuya e Baníua da Venezuela, em número de 12. De prevenção mandei primeiro um dos meus remadores para terra, mas precisamente aqui se mostrou supérflua esta medida: homens, mulheres e mesmo crianças se aproximaram sem receio, estendiam-me as mãos e me deram prontamente agasalho. No dia 9 de abril, chegamos com 3 horas de viagem à Tayaçú canguéra-cachoeira, que nos deu bastante trabalho. Uma estreita língua de pedra estende-se ali da margem direita pelo rio adentro: a correnteza precipita-se com estrondo ao lado dela. Ao dobrarmos a ubá por esta ponta perigosa, a correnteza apertou-a contra as pedras. Todos os esforços para levá-la para diante foram debalde, e tivemos de salvar a embarcação, fazendo-a recuar para o remanso abaixo da ponta. Botamos a espia para uma pedra acima da ponta e reunimo-nos todos para puxar, com exceção de um curumim que ficou dentro da ubá.

No momento decisivo, porém a espia rebentou e a ubá recuou, descendo outra vez pela cachoeira abaixo com grande velocidade. Por um triz estava tudo perdido, mas o indiozinho, fazendo esforço sobrehumano, conseguiu ainda a tempo dirigir a pesada ubá para um remanso. Fizemos uma terceira tentativa com uma nova espia, desta vez melhor sucesso.

Acima desta cachoeira, fora o Içana duas voltas apertadas, aproximando-se da Serra do Tunuí. Um degrau de espuma branca aparece a grande distância acima do espelho da água: a grande cachoeira do Tunuí. Por cima, sobre um esporão de rochedo de 30 metros de altura mostram-se as casas da aldeia. Às cinco horas e 45 minutos encostamos ao porto. Tunuí está hoje em decadência. Em 1831, encontrou Johann Natterer, aqui “os mesquinhos rastos de uma grande aldeia de Banívas”. Quando em 1857, o Capitão Joaquim Firmino por ali passou, os seus habitantes, os Acaiacas tinham queimado as casas e fugido para a mata em consequência de uma expedição militar feita pouco antes para destroçar o Messias dos Baníua, o Venâncio, que tinha reunido muitos discípulos entre os

índios. Koch-Grünberg, em 1903, encontrou um povoado de 14 casas arranjadas em duas ruas, mas os habitantes tinham fugido para as matas por medo das depredações cometidas pelo comandante do destacamento de Cucuhy. Hoje só existem 4 casas, as quais só uma barreada. A posição da aldeia na margem esquerda do Içana, é muito pitoresca: uma ponta escarpada de quartzito branco estende-se por 200 m. pelo rio a dentro. Na sua ponta esbravejam furiosamente os turbilhões da cachoeira e levantam-se os cacurís dos índios. No alto, à sombra de grandes mangueiras, estão as casas e no fundo se eleva uma colina cônica coberta de mato, de cerca de 100 m. de altura, ao pé da qual se acha a pedra que fornece o material para ralos de mandioca dos índios. Do alto desta colina goza-se de uma magnífica vista: ao NE levanta-se um morro de igual altura com um despenhadeiro vertical; para o NW se estende o grande maciço da Serra do Tunuí, coberto de mato, e mais longe ainda se levantam os penhascos da pedra de Cucuhy, na fronteira de Venezuela. Ao Oeste e ao Sul, estende-se uma infinita planície de mato, interrompido por algumas colinas escarpadas que parecem ilhas num mar.

Todas as embarcações que pretendem passar a cachoeira tem de descarregar. Para levar a carga não existe nenhum caminho pela beira, sendo preciso transportá-la através de ponte. Especialmente a subida do porto de baixo para a aldeia, pelo paredão de pedras acima é um verdadeiro trilho de cabras, e eu não cansei de admirar a força e destreza dos meus tripulantes, quando trepavam por estes rochedos com volumes de 70 kilos nas costas.

A tribo dos Cadaupurítana, que tinha seu centro em Tunuí e que em 1903, foi calculada em 200 almas, está hoje quase extinta. Dos seus 30 habitantes é a maioria, inclusive o tuxaua Candido, do clã Sucuriyú-Tapuya imigrado do Cuyarí. Dos Cadaupurítana restam hoje aqui e em dois outros sítios, apenas 19 pessoas.

A recepção foi desesperadora: “Nada. Aqui não tem nada.” apressou-se o tuxaua Candido a declarar peremptoriamente, e para não me deixar uma ilusão qualquer repetiu estas palavras umas 4 vezes. Se bem que duas filhas dele estivessem torrando farinha à minha vista, ele se negou de me vender a menor quantia deste gênero indispensável e do qual a minha canoa estava completamente desfalcada na ocasião. A vista de tanta incivilidade dormi no porto entre os rochedos, e na manhã seguinte mandei passar cedo, carga e embarcação para alcançar quanto antes Seringa-rupitá, a vista de nos faltar o alimento mais necessário. Já estávamos carregando a ubá no porto de cima quando se aproximou uma das filhas do tuxaua e procurando uma conversaçãocomigo, perguntou porque íamos com tanta pressa. Expliquei a necessidade, censurando o tratamento recebido pelo chefe da aldeia. Sem dizer palavra alguma a cunhamucú se virou e foi-se embora: não demorou muito porém que ela voltasse em companhia do tuxaua e alguns outros que trouxeram um balaio com farinha, beijús, jurumús e umas galinhas. Chegamos a um *modus vivendi*, e em consequência disto pude demorar-me uns dias em Tunuí.

Se eu porém julgava de poder criar um ambiente ali, para os estudos que em Sant’Ana não pude fazer, muito me enganei: a desconfiança e o medo, nunca se perderam. Bastava que tomasse o rumo da casa do tuxaua, onde a família deste estava reunida para a refeição, era o bastante para todos saltassem apavorados, fugindo com as tigelas pelos fundos.

Grato pela sua intervenção, eu tinha presenteado largamente aquela filha do tuxaua, e no dia da nossa partida recebi dela de presente duas pequenas cuias muito bem ornamentadas, o único presente que recebi durante toda esta viagem de 4 meses, em retribuição das centenas de presentes que em toda parte espalhei.

Nem o tratamento mais liberal, pôde demover estes índios da mais mesquinha desconfiança, constantemente receavam de ser logrados em cada transação que fazia. Depois de terem assistido mais de 20 casos de eu pagar com largueza, tudo que recebia, ainda exigiam com receio e inquietação, pagamento imediato se eu por qualquer motivo os deixava esperar alguns minutos. Entre si, eles eram bem diversos no tratamento, parecendo-me reinar um quase comunismo quanto aos mantimentos.

O irmão do tuxaua, que me acompanhou para Seringa-rupitá, para visitar os seus parentes, levou para estes, peneiros de peixes frescos e um grosso molho de peixe seco; destes últimos ele deu uma parte do presente aos seus remadores escondendo, porém tudo cuidadosamente para que nada visse. Em Sant' Ana, os parentes dos meus remadores, por comiseração, deram-lhe em segredo, uma boa quantia de beijús para que não padecessem fome em viagem, pois que eu os fazia passar fome eles tinham como natural. Contra este argumento revoltou-se, porém a experiência do mais novo dos meus remadores o qual, quase ofendido, retorquiu: se eles pensassem talvez que era como os outros brancos. De fato no Rio Negro, tratei de me informar como era o costume de tratar os remadores índios em ponto de alimentação, instruíram-me que eu tratasse de arrumar o necessário para mim e deixasse os índios se arrumarem com os seus parentes como pudessem.

A 13 de abril, aportamos depois de uma viagem de 3 horas em Seringa-rupitá, aldeia dos Sucuriyú-Tapuya, na margem direita, composta de 3 casas, com uns 20 habitantes.

Dois índios velhos, o tuxaua Alexandre, notável pelo seu nariz adunco, e seu irmão Marcelino, receberam-me com relativa amabilidade. Especialmente o Marcelino, tratou logo de oferecer mantimentos e mostrou-se muito loquaz: infelizmente o seu conhecimento do português era demasiadamente limitado. Tanto aqui como também já em Tunuí, achava-se uma parte dos índios atacada de tracoma. Para aliviar as dores, outros expremiam o suco do cipó uambé-quitanga (*Philodendron*) fazendo-o pingar nos olhos doentes.

Achei dificuldade em obter um vocabulário do dialeto dos Sucuriyú-Tapuya, Marcelino tinha ido para roça; Alexandre tinha boa vontade, mas pouco adiantava e uma mulher que consultamos sobre o mesmo assunto mostrou tamanho embaraço que não pôde articular uma única palavra. Koch-Grünberg supôs que os Sucuriyú-Tapuya fossem uma subdivisão dos Siucí-Tapuya do Rio Cuyarí e que falassem mesmo idioma destes. A mim afirmaram tanto uns como outros que se trata de dois clãs distintos, e uma pequena diferença no dialeto sem dúvida existe. Segundo eles mesmos me informaram, era a sede primitiva dos Sucuriyú-Tapuya no Baixo Cuyarí, de onde emigraram nos últimos decênios especialmente rio abaixo.

O dia seguinte foi objeto de insucessos. Viajamos pelo Içana acima. Morros íngremes, cobertos de mato, numa altura de 500-700 m. acompanhavam a margem esquerda deste afluente adentro. O Içana, crescido pelas chuvas dos

últimos dias corria impetuosamente. Às 10 horas estivemos na boca do Cuyarí, onde existem 3 casas dos Sucuriyú-Tapuya. A recepção foi péssima, quando a ubá nossa encostou desapareceram todos os habitantes da aldeia, que tinham nos observado do terreiro. Mandei primeiro subir dois índios para informar os moradores sobre a minha pessoa, mas quando eu mesmo depois me apresentei vi que isto nada tinha aproveitado: o dono da casa, com uma cara incrivelmente carrancuda e desconfiada, duplamente feia porque estava coberta de purupurú, desviou-se ostensivamente de mim e nem sequer me mandou sentar. Num canto, algumas mulheres estavam ocupadas em despejar suco de uambé-quitanga, nos seus olhos atacados de tracoma. Ninguém quis me responder. Nada pude fazer, senão retirar-me. Tencionava eu subir o rio Cuyarí, ao menos até Yauára-Poço, sítio habitado por uns índios Baníua venezuelanos, do Rio Guainia, mas o pequeno rio tão correntoso, que desisti da empresa depois de temos perdido uma meia hora folgadoamente, num trecho de 200m.

Acima de Yauára-Poço, encontra-se ainda no rio Cuyarí a aldeia Yacú-Poço habitada por uns 15 índios Siucí-Tapuya, e depois no curso superior diversos sítios dos Tatú-Tapuya, que ocupam também alguns lugares nos afluentes da margem direita do Guainia. Voltamos e continuamos a subida pelo Rio Içana, chegando logo no sítio Yapú-Ponta.

Se bem que o número dos Sucuryú-Tapuya que ali habitam não passe de meia dúzia, encontramos por ocasião da nossa chegada umas 20 pessoas, que se tinham reunido para o enterro de um dos moradores, na véspera. A sepultura, dentro da casa à esquerda da porta, era apenas perceptível. Não notei entre os presentes nenhuma pintura de luto. Timoratamente eles se apertavam nos cantos da casa cujo dono se sentou ao meu lado, mas com os olhos cheios de terror e visivelmente embaraçados. Perguntei se ele não me queria vender um beiju, e ele correu precipitadamente para trazer o que eu tinha pedido. Também ali nada mais pude fazer.

Hora e meia pelo rio acima chegamos ao sítio Parauarí, habitado por índios Cadaupurítana, em número de 10. Ao aproximarmos do porto do sítio vimos desprender-se da margem uma canoa com alguns índios que remavam desesperadamente para alcançar o sítio antes de nós. Momentos depois de eles chegado, lá vem à mesma embarcação, cheia de gente, atravessar o rio na nossa frente, procurando refúgio na margem oposta. Desembarcamos à grande casa de morada que estava queimada e em lugar havia construído 3 pequenos ranchos. Tudo parecia abandonado, mas quando um dos meus remadores abriu uma porta fechada, vimos dentro do rancho, tremendo de medo, uma mulher velha. Para não apavorá-la mais ainda chamei a minha gente e fui-me embora.

Ao pôr do sol, chegamos ao sítio Yacaré-Ponta, uma grande casa desabitada, em mal estado, na margem esquerda. Diademas de palhas meio apodrecidos e uma dúzia de açoites de Yuruparí, espalhados no chão, indicavam que por último se tinha celebrado ainda um dabucurí ali.

Instalei-me na casa onde passei a Sexta-feira Santa, escrevendo. Pelas informações recebidas eu não esperava mais de encontrar habitações até acima da boca do Ayari. Continuando a viagem na manhã seguinte encontramos logo com os habitantes de Yacaré-Ponta: em 5 canoas e uma jangada carregadas de folhas de caranã para cobrir a casa, vinham eles descendo lentamente. Eram 10 pessoas pertencentes ao clã Sucuriyú-Tapuya. O chefe da casa aproximou-se da nos-

sa ubá oferecendo uns peixes moqueados para vender. Algumas horas depois avistamos dois cacuris na margem: logo devia ter algum sítio na vizinhança, mas nenhum porto aparecia na margem e nem tampouco um igarapé que próximo desembocava. Já desenganados de encontrar os donos dos cacuris íamos continuar a viagem quando, virando-me casualmente, avistei uma ubá atravessando o rio, atrás de nós. Visivelmente tínhamos passado por ela sem vê-la, conservando-se os seus tripulantes propositalmente escondidos entre as moitas da beira. Esperei debalde durante algum tempo que a embarcação se aproximasse e, como parecia querer esconder-se novamente, mandei finalmente remar ao seu encontro, vi então que vinham nela, um homem, uma mulher, uma criancinha e uma moça. A mulher respondeu prontamente às nossas perguntas, os outros se encolhiam timidamente. Eram os Pacú-Tapuya, que tinham a sua maloca dentro do Acuti-Igarapé, que desemboca mais acima, à margem direita do Içana, vinham da roça e queriam revistar ainda os seus cacuris para depois voltar para casa. Mandei-lhes explicar em língua Banúia as minhas intenções pacíficas, prometendo visitá-los na sua maloca, depois de presenteá-los com alguns cigarros, deixei-os ainda atrás e mandei entrar no Acuti-Igarapé.

Passamos por uma rocinha, e depois de meia hora avistamos uma casa na margem direita do Igarapé. Atrás dela estava armada uma grande casa nova que estavam começando a cobrir. O dono da casa, o velho José, recebeu-nos sem receio. Os tripulantes da canoa que tínhamos deixado atrás já haviam chegado antes de nós sem termos visto eles passarem. Estes índios são os últimos sobreviventes do clã Payoaliene (Pacú-Tapuya), os Payoarine de H. Schedt segundo o qual habitavam pelo ano de 1908 em 3 malocas no Arára-Paraná, no Alto Içana. Ultimamente estiveram na Bóia-Cachoeira, onde ficaram reduzidos a este resto. Eram 5 homens, 5 mulheres e 3 crianças. As três mulheres casadas, eram do clã Ipoca-Tapuya, ao qual também um moço pertencia. Uma das moças menstruada pela primeira vez há poucos dias, achava-se reclusa num quartinho triangular de 3,50 m. base, formado por uma parede de palha num canto de casa, uma abertura de mais de meio metro de altura na parede da casa formava a porta deste quartinho que ela fechava com uma esteira pelo lado de dentro à boca da noite. Ela não aparecia, mas ria-se gostosamente quando tomei meus apontamentos linguísticos e se intrometia na nossa conversação. José ofereceu chibé a nós todos e mandou imediatamente fazer uns beijús; também ofereceu peixe para vender. Quando, porém quis adquirir dois bonitos maracás enfeitados de penas, ele se negou decididamente e quase indignado, e um dos meus remadores depois me disse que ele achava bom eu não ter insistido em querer levar os maracás “por causa do trovão”.

À tarde do dia seguinte da minha viagem ouvi com muita surpresa minha, um chamado da margem esquerda. Um índio velho, um daqueles pouco sobreviventes dos Cadaupurítana estava em pé numa roça, convidando-me a vir para a sua casa, dali há meia hora para o centro, na margem do Maxiua-Igarapé. Foi a única vez em toda esta viagem que recebi semelhante convite. Cheguei lá molhado até os ossos pela chuva torrencial que começava a desabar, continuando pela noite toda, de maneira, que ninguém pôde dormir naquela casinha esburacada, Só três pessoas habitavam ali: o velho Joaquim, sua mulher, uma Hohódene, e sua filha. Ele tinha um bom número de ralos fabricados para a venda e contrário à maioria dos outros índios, mostrou muito empenho em fazer negócios comigo,

esquadrinhando toda a casa para encontrar o que oferecer a mim. E quando eu enfim comprei alguma farinha ele me logrou a valer na medida, aproveitando-se da minha distração. Nos dois dias seguintes da viagem não encontramos nenhuma habitação. Já desde a boca do Cuyarí o Içana entra, debaixo de voltas fantásticas, numa zona de vastos igapós onde muitas vezes se torna difícil encontrar nas suas margens alagadas lugarzinho para fazer uma fogueira. No dia 18, pernoitamos na boca do lago Uétan, onde ainda às 8 da noite tivemos de suportar uma violenta trovoadas, procurando depois repouso abaixo das árvores gotejantes. No dia seguinte, pelo meio-dia passamos Yuí-luitéra, uma ladeira íngreme e arenosa de uns 15 m. de altura, que em dois lugares, acima e abaixo de um volta, encostava-se à beira do rio. Lá em cima era a antiga habitação dos Cadaupurítana, antes de eles se aldearem em Tunuí. Disseram-me os índios que, correndo-se a toda pressa pela ladeira, acima até à beira do mato e trazendo de lá uma vara, ficando-se esta no chão na beira do rio ouve-se o canto do grilo e outros ruídos como se ainda estivesse lá uma povoação. No nosso acampamento um dos remadores matou um gavião grande (*Spizset us Tyrannus Wied*) que tinha nas garras outro gavião menor (*Micrastus gilvicoll is Viell*) do qual ele já tinha devorado a cabeça. Fraternalmente unidos foram ambos para a nossa panela. No dia seguinte a paisagem era ainda a mesma: voltas incríveis, margens alagadiças com caranazais e jauarrizais e bocas de lagos. Às 9 horas passamos a boca do Ayari, que pouco menor que o Içana, e com pouca correnteza, vem do Sudoeste.

Às 2 horas apareceu finalmente outra vez terra alta na margem esquerda: a barreira branca dos Uacúrupitá, e depois de uma enorme volta, aportamos, a 1 hora, na malóca Pupunya-rupitá, uma única casa grande, com 40 habitantes, do clã Hohódene. Esta maloca era inteiramente diferente das casas para uma família dos índios do Baixo Içana. Era um quadrado de 13,50 m. virando o seu oitão de 8 metros de altura para o rio. As paredes, com exceção do triângulo do oitão, estavam barreadas. Como as paredes laterais só tivessem a altura de 1 m., a beira da coberta de palha quase dava até no chão. Três pares de carreiras de esteios, diminuindo em grossura do meio para os lados carregavam os caibros, unida em cima por uma cumeeira fina sem nenhum suporte. O espaço entre as duas carreiras interiores estava livre. Entre as carreiras interiores e as medianas estavam as coisas de uso comum: banco de varas, coxos para caxiri, o forno, a armação para os tipitís. Entre as carreiras medianas e as exteriores estavam as fogueiras com trempes de barro, as redes e acima destas em geral um jirau para objetos de uso particular de cada família. O comportamento relativamente desembaraçado dos habitantes contrastava agradavelmente com o modo ostensivo dos índios do Baixo Içana. Ninguém fugiu ou se desviou: os homens, indivíduos fortes, carnudos, com feições mansas e afáveis, vestidos só com calças ou tanguinhas de pano, me cumprimentaram: as crianças se riam alegremente e as mulheres não interromperam os seus afazeres. Logo os homens também continuaram nos trabalhos só os interrompendo para responder-nos com calma e amabilidade ou para propor-nos algum negócio de troca. Estavam ocupados com os preparativos para uma grande festa que devia se realizar nestes dias, mas não estava ainda bem determinado, quando nem onde. Fabricavam umas enormes “buzinas de surubi” enquanto uma mulher, em uma panela grande cozinhava a tinta de carayurú, para a pintura do corpo. Outra faz beijús, uma terceira preparava a comida. Somente os meninos brincavam pelo meio dos outros ou andavam pela

capoeira, ao redor da maloca, para caçar passarinhos com a carauatána. Alguns traziam na cara, ornamentos de tinta de carayurú, cuidadosamente executados. Sem dificuldade eles se agruparam diante da maloca para eu fotografá-los.

Caiu a noite, e os homens resolveram uns ensaios com os seus novos instrumentos de música, dançando no terreiro dois pares deles com as suas flautas de surubí e de yapurutú. Mulheres e crianças se aproximaram do espetáculo ficando todos muito alegres, rindo-se e falando em vozes altas sem distinção. Ninguém ligava importância à nossa presença. Depois das minhas experiências no Baixo Içana este quadro me confortou deveras. No dia seguinte, fomos embora de madrugada. A paisagem tinha perdido o seu caráter de igapó, sendo as margens muitas vezes formadas pela terra firme.

Rochedos apareciam no leito do rio, cujo curso, em vez das voltas fantásticas, só descreveria curvas de raios grandes, suavemente onduladas. Passamos à boca do Paumarí-Igarapé, na margem esquerda. Neste afluente, a pouca distância do Içana, acha-se o sítio do mesmo clã com 15 pessoas. Antes do meio dia encostamos, nas lajes da Yandú-Cachoeira. Na margem esquerda levantam-se 4 casas, 3 barreadas e uma com paredes de palha: a aldeia Ehi-pana dos Ira-Tapuya. Contei uns 15 habitantes. Outra aldeia do mesmo clã acha-se há dois dias de viagem pelo Içana acima, na Aracú-Cachoeira, e entre uma e outra existe a aldeia Tucandira dos Acutí-Tapuya. Dali para cima começa os sítios dos Ipaca-Tapuya. Acima destes habitavam dantes os Pacú-Tapuya, cujos últimos restos eu encontrara no Acutí-Igarapé: depois seguem-se os Tapiíra-Tapuya, e, finalmente já nas cabeceiras do Içana, e dantes também no seu contravertente, os Papanáuaos Cuatí-Tapuya. Todo o curso do Içana, acima da Yandú-Cachoeira, é considerado como pertencente à Colômbia. Ao chegar só encontramos uma família em casa; o tuxaua Casemiro e os outros chegaram mais tarde na roça. Sem eu pedir, mandou ele imediatamente desocupar uma das casas para mim e mostrou-se quanto não muito afável ao menos atencioso. Achei também estes Ira-Tapuya nem de longe tão retraídos e medrosos como os moradores do Baixo Içana, e quando à noite tomei um vocabulário do seu dialeto, mulheres e crianças se agruparam sem receio ao redor da mesa improvisada para comentar a minha pessoa, a bagagem e o meu trabalho. Uma moça trazia os cabelos cortados rente, em sinal de que tinha há pouco alcançado a puberdade. Ela trabalhava sempre mais do que as outras, fazendo farinha até alta noite, carregando água, peneirando o caxiri, etc.

Nas lajes de pedra, imediatamente abaixo das casas, existem numerosos petroglyphos, em parte já muito depostos pelo tempo, os índios põem em relação com o culto do Yuruparí. Na parte superior da laje vi 5 compridas figuras humanas alinhadas, as mãos levantadas e ornadas com 1-3 colares. Mais abaixo existem espirais, um peixe, uma pequena figura humana e, em parte já lavada pelas águas da cachoeira, as figuras pequenas de dois homens e de um pássaro (garça). O porto de baixo da Yandú-Cachoeira é mau por ser por demais exposto ao embate das ondas da cachoeira. A nossa ubá dançava de contínuo sobre as ondas, e, de noite, cortando a corda com que estava amarrada, soltou-se descendo o rio abaixo, felizmente sem bater em pedra alguma. O índio que nela dormia de guarda salvou-a a tempo, dirigindo-a para o remanso. A praga dos piuns era quase insuportável, especialmente nas lajes do porto. Somente pelo meio dia do terceiro dia, depois da nossa chegada, voltamos de Yandú-Cachoeira descendo

outra vez pelo Içana em procura de boca do Ayari. Pouco antes da nossa partida, chegou ali toda a população da aldeia Pupúnha-rupitá. Com canoas e bagagens, mulheres e crianças, cachorros e galinhas, iam os Hohódene agora rio acima para a aldeia Tucandira, onde se ia realizar a grande festa que eles estavam preparando, quando passei de subida em Pupúnha-rupitá. Dois homens carregavam um enorme pote de caxiri, amarrado numa vara sobre as pedras da cachoeira, outro gemia debaixo de um uaturá quase da altura de um homem, cheio do moqueado. Entre as suas armas vi duas compridas lanças com ponta de ferro que eles usam na caça aos porcos e as antas.

Outra vez regozijei-me com o trato ingênuo e natural destes Hohódene, deixando neste ponto atrás ainda os moradores da Yandú-Cachoeira. Os dois chefes, nus e pintados de carayurú, almoçaram comigo desembaraçadamente. Depois despedimo-nos, continuando eles a subida e descendo nós em rumo do Ayari.

## **b) Rio Ayari**

Uma viagem desagradável: a chuva descia torrencialmente, açoitada pela tempestade. O meu remador mais moço, ardendo em febre, se agasalhou como pôde debaixo da tolda, já abarrotada de bagagem e coleções etnográficas, enquanto eu, fora, defendia desesperadamente a bússola, o relógio e a caderneta, contra a chuva. Às 4 horas entramos no rio Ayari e às cinco e meia encostamos a uma casa velha e abandonada no Tapiíra-Paraná-mirí, braço lateral do Ayari.

Na manhã seguinte passamos cedo à boca do Querari, afluente grande do Ayari pela margem esquerda e que corre paralelo ao Içana. No tempo da visita de Koch Grünberg (1903) estava ele inabitado. Hoje se retirou para lá grande parte dos Siucí-Tapuya, que nele possuem 4 sítios com uns 50 habitantes, achando-se o primeiro a quase um dia de viagem da boca, e o último na confrontação da Aracú-Cachoeira do Rio Içana a qual está ligada por um caminho terrestre. Pouco acima se avista na mesma margem esquerda a tapera Loiro-Poço, e às 5 horas da tarde entramos num afluente da margem esquerda, o Cará-Igarapé, onde pensávamos de passar a noite numa maloca dos Hohódene que ali existe, há pouca distância do Ayari. Infelizmente encontramos a passagem obstruída por uma grande árvore cuja remoção nos teria custado horas de trabalho. Voltamos, pois ao Ayari para passarmos a noite debaixo de chuva na boca de um igarapé pouco acima. O estranho é que já Koch Grünberg encontrou ali a passagem propositalmente obstruída. Pela manhã seguinte, chegamos ao Miriti-Igarapé, afluente da margem direita do Ayari. Perto da sua boca havia em 1903 uma maloca dos Hohódene, hoje tapera. As informações dos meus remadores sobre os habitantes deste igarapé se contradiziam: de fato, nenhum deles ainda tinha estado com eles. Subimos pelo igarapé, e já depois de 3 horas de viagem avistamos a maloca Taracú habitada por 15 pessoas, do clã Hohódene. Receberam-nos bem e sem receio algum. Umas cunhamucús, nédias e vivas, a cara vermelha de carajuru (carayurú), sobretudo, se alegravam com a nossa chegada. O dono da maloca, um índio ainda moço, me disse então que eu era o primeiro branco que entrou neste afluente do Ayari. A construção da maloca era em tudo igual aquela de Pupúnha-rupitá; a casa só era menor e as paredes, em vez de barreadas, estavam tapadas por um tecido de folhas de palmeira.

A nossa farinha e o beijú tinham se acabado, até a última migalha, mas prontamente, as cunhamucús, risonhas, se puseram a fazer para nós o que faltava, e o dono da casa tirou uns peixes do jirau e foi buscar cana na roça. A estadia entre esta gente tornou-se bastante amena e agradável. O dono da casa contou como, quando era curumim, Koch-Grünberg esteve entre os Siucí-Tapuya e Hohódene, tomando parte nas suas festas e bebendo caxiri com eles. Farinha e beijús não ficaram prontos até a manhã seguinte, e como chovesse até meio dia, resolvi adiar a viagem por um dia, aproveitando a demora para visitar a maloca Paxíua, a duas horas de viagem acima da Taracuá. Em meio caminho para lá encontramos com uma família de índios Uanana do Rio Uaupés, que tinham feito uma viagem em visita aos Hohódene, voltando agora para a sua aldeia de Caruru, pelo Ayari. Em Paxíua achei só duas pessoas em casa, uma moça de 17 anos e uma menina de 10, que naturalmente se assustaram um pouco quando nós aparecemos de repente. Um pequeno presente, porém conquistou a sua confiança e eles me venderam um balaio bonito e um prato pintado. Os homens tinham ido à pesca. Quando deixei a maloca o mais novo e mais confiante dos meus remadores, o curumim João, não pôde se conter dizendo-me que estranhava muito que eu não tivesse carregado nem o grande peneiro cheio de farinha que estava em cima do jirau da maloca e nem tão pouco a cunhamucú, como qualquer outro branco em meu lugar teria feito sem dúvida. Mal tínhamos chegado a Taracuá, de volta, quando veio atrás de nós, a toda pressa a moça de Paxíua com seu irmão, que já tinha voltado da pesca e que queria conhecer-me, trazendo alguns peixes que eles desejavam trocar por sal. Graças a tantas visitas, a tarde em Taracuá esteve bastante animada, e o terreiro ecoava das gargalhadas alegres das cunhamucús. Desisti de uma visita à terceira maloca de Mirití-Igarapé, de nome Carará, habitada por 8 pessoas também Hohódene. A cachoeira deste igarapé aproxima-se muito aquele do Rio Cubate. A comunicação entre estes e o Ayari, não se faz, porém pelo Miriti-Cachoeira, mas pelo Cururú-Igarapé, que desemboca pouco abaixo daquele, por um caminho por terra que dá nas margens do Cubate, muito acima dos sítios que os Hohódene e Yuruparí-Tapuya lá possuem. Nesta noite parece que se passaram coisas estranhas no acampamento dos meus remadores, e quem estes, juntos com as guapas cunhamucús da maloca souberam aproveitar mais razoavelmente o tempo do que eu que, instalado na casa do forno, escrevi e desenhei até meia noite. Pelo menos quando às três e meia da madrugada partimos desta maloca hospitaleira, compareceu a moçarada toda no porto, agarrando-se e correndo com os meus rapazes e atirando com barro molhado atrás de nós, que íamos saindo do porto debaixo de gritos e gargalhadas.

Custamos a encontrar um sítio neste dia. De tarde chovia torrencialmente como de costume. No meio do mais forte temporal passou por nós descendo pela outra margem do rio, uma canoa com 8 índios do Uaupés, que iam visitar os seus conhecidos no Ayari. Ninguém estava disposto de lhes dar fala nestas condições. Entramos no Uirá-uaçu-Igarapé, grande afluente da margem esquerda do Ayari, onde logo demos com dois índios que estavam pescando e que nos conduziram até a última habitação hoje ali existente, uma casa velha rodeada de igapó por 3 lados. Passando por cima de troncos de árvore deitados na lama, fomos até lá onde, felizmente, deram agasalho a nós todos, pois o porto era um horrendo buraco de lama. Os moradores pertencem ao clã do Cáua-Tapuya. No dia seguinte encontramos outra maloca dos Cáua-Tapuya, na boca do Luíra-Igara-

pé e poucos minutos mais acima uma terceira na boca do Murutinga-Igarapé. Todas as três juntas, porém não tem mais do que 25 habitantes e todas as três eram igualmente pobres e decadentes. Na maloca Murutinga, encontramos o pajé dos Hohódene de Taracué, com 7 dos seus, em duas ubás que estavam voltando para a sua maloca. Este pajé tinha, ao que parecia, com mal resultado, tratado de um caso de mordedura de jararaca, perto de Cururú-Poço, aldeia dos Siucí-Tapuya. Não demorou muito que encontrássemos pescadores desta maloca, aonde chegamos às duas e meia. Ela tem uma bonita posição, numa ponta de terra firme na margem direita do Ayari, defronte à boca de um lago. A única casa que forma o sítio era a maior que até então eu tinha visto no Içana e Ayari.

Subi e entrei; num canto da maloca, atrás de um japá levantado, jazia na rede, o velho tuxaua Mandú, o amigo do finado Koch-Grünberg agora completamente paralítico, ao ponto de nem poder se sentar sem apoio e, além disto, atacado de malária. Dos seus três guapos filhos o mais moço não se afastava do seu lado, agindo conforme as resoluções do velho e sem dar uma palavra.

Estranhamente contrastado a inteligência e a vivacidade daquele ancião com a sua extrema decadência física. Ele fala a língua portuguesa muito mal, melhor porém que qualquer índio do Içana ou Ayari. Solicitamente ofereceu ele logo mantimentos, muito mais que eu podia comprar, mostrando muita pressa em estabelecer um comércio comigo. Qualquer permuta de gêneros dos habitantes da maloca ia por seu intermédio. Ele mesmo fazia os preços e recebia o pagamento. A sua decisão era aceitar condicionalmente. Estes negócios o cansavam visivelmente, e assim que se estabeleciam alguma pausa ele se deixava cair na rede e, encolhendo-se todo, fechava os olhos. Este decrépito velho foi o único verdadeiro chefe que encontrei entre os índios daquela região. Ele estava inteiramente de acordo que eu devia fotografá-lo fazendo-se carregar nas costas de sua mulher para fora da maloca onde o sentara num banquinho apoiado na sua lança.

O número dos habitantes da maloca Cururú-Poço é 25; eles são Siucí-Tapuya. Outro sítio do mesmo clã, encontramos logo no dia seguinte, pouco acima da margem esquerda, acima do Mitú-Igarapé, onde contei 7 habitantes e pelo meio dia, depois de passar as correntezas de Araripirá-Cachoeira, chegamos pouco acima dela a uma outra maloca grande com 12 habitantes, que se achavam quase todos ausentes numa roça na margem do Araripirá-Igarapé. Encontrei ali uma boa panelada de içás (tanajuras) torradas com sal. Sobre um enorme formigueiro perto da maloca estava construído numa altura de meio metro acima do chão, um jirau de varas. Assim que as içás começaram a voar, os índios, sentados em cima do jirau a salvo das mandíbulas das formigas que enxameavam no solo, cataram-as, juntando a presa em panelas. Tais jiraus vi depois muitas vezes ainda sobre os ninhos de saúva perto das aldeias destes índios.

O 1º de maio trouxe-nos primeiro, mais um sítio dos Siucí-Tapuya com dez habitantes: Inambú-Ponta, na margem esquerda. Chuva forte e correnteza violenta do rio, que cresceu subitamente, dificultaram-nos bastante a viagem, e dávamos graças quando já pelas 6 horas chegamos à 2 casas meio arruinadas, aldeia Cápi-Ponta, dos Cáua-Tapuya, que ali habitavam em número de uns 20. Eles se mostraram pouco amáveis para conosco, e as suas moradas eram tão pequenas e más que tivemos de pernoitar ao relento apesar da ameaça de chuva.

Recomeçamos na manhã seguinte a luta contra a chuva e a correnteza, chegando ainda cedo à grande Uapuí-Cachoeira. A maloca dos Hohódene, medindo 19 metros de frente estava quase sem moradores. Só uma família estava presente das 15 pessoas que regularmente ali habitam. O dono da casa tinha ido “passar” para a Venezuela, pelo rio Cuyarí. Tanto como soube motivou este passeio o medo que ele tinha dos brancos em Yutica, do negociante Antônio Maia e seus sequazes. Em seu lugar recebeu-me o Capitão Felício, chefe dos Uanana do Yutica, no Rio Uaupés, um índio inteligente que me tratou com solícita amabilidade, ajudando-me prontamente em todos os meus negócios com a gente do lugar.

A Uapuí-Cachoeira obrigou-nos a descarregar completamente a ubá. A carga passou por terra, a embarcação puxou-se sem incidente na espia pela cachoeira. No porto de cima encontram-se diversos petroglyphos, cobertos agora pela água, na sua maioria. Esta cachoeira é tida como lugar da origem dos clãs dos Baníua que, segundo a lenda, saíram de uma caverna numa pedra no meio do rio. De tarde andei um pedaço no caminho que liga Uapuí-Cachoeira à Cururú-Cachoeira, aldeia dos Uanana na margem do Rio Uaupés aonde se chega em cinco horas e meia de marcha forçada. Há 3 km da Uapuí encontrei, na margem do Uirá-uaçú-Igarapé as plantações dos índios; depois a escuridão que obrigou a voltar. Subitamente, como ele tinha crescido abaixo o Ayari outra vez, de maneira que no dia seguinte fizemos uma viagem melhor. Às 9 horas mandei entrar no Uaraná-Igarapé, afluente quase do mesmo tamanho do Ayari em cuja margem esquerda ele desemboca. Nos tempos de Koch-Grünberg estava ele habitado pelos Cáua-Tapuya. Eu encontrei primeiro ainda um sítio dos Siucí-Tapuya, habitado por aquela fração deste clã, que nos tempos do citado viajante estava localizado na boca do Pamari-Igarapé, afluente do Içana, acima do Ayari. Vimos primeiro 4 casinhas na margem onde encontramos uma mulher que parecia muda e uma menina de 12 anos, esperta e faladeira, que nos ensinou que os outros índios estavam mais acima construindo a sua nova maloca, junto da Ucuquí-Cachoeira, onde nós lhe fizemos uma curta visita.

Continuando a viagem pelo Uaraná-Igarapé acima, vimo-nos de repente diante de uma cachoeira tão forte e perigosa como nunca teria presumido num riozinho daquele tamanho. Teria sido preciso descarregar completamente a ubá para passá-la por este obstáculo que tem o nome de Uacariçuá-Cachoeira. Felizmente encontramos uma abandonada acima da cachoeira, deixando guardas na minha ubá, fui com o resto de minha gente, nela, igarapé acima. Pouco acima, junto da pequena Carayurú-Cachoeira está a maloca dos Hohódene com 15 habitantes. Outra maloca maior do mesmo clã está colocada mais acima ainda, e conta 20 pessoas. Completamente molhado pela forte chuva, entramos. Receberam-nos como índios. Uma mulher serviu-nos imediatamente de beijús e quinhapira; no meio da refeição ofereceram duas vezes cuias com chibé. Nesse intervalo chegaram também os Siucí-Tapuya, de baixo, que trocaram com o dono da casa longos discursos de saudações à moda de ladainhas. Começaram depois as libações de caxiri. A bebida estava dentro de um grande coxo, mas era pouca como nos avisaram com pesar. O dono da casa um velho gordo, pintado de carayurú, mostrou-se incansável, andando com cuia cheia de um para outro lado, servindo mesmo os curumins, e começando imediatamente outra vez no primeiro quando tinha servido o último. A maioria dos homens estavam pintados no rosto com carayurú, duas cunhamucús, porém estavam dos cabelos aos

pés enegrecidos de tinta de jenipapo. Um moço gordo e metido a janota, filho do chefe da maloca Seringa-Cachoeira, andava acima e abaixo vaidosamente, ostentando o seu enorme enfeite peitoral, composto de triângulos de prata reluzentes, e cuidadosa pintura no seu rosto e o feixe de folhas aromáticas, metido no cordão da cintura. Ao cair da noite dois moços afinaram as suas flautas de yapurutú e começaram a tocar. Depois lançaram mão de duas ocarinas feitas de crânios de veado e, segurando-se pelos ombros saltavam para frente, levantando alternativamente uma e outra perna e soprando a cada salto: Haáu, Haáu. Depois pulavam para traz com rapidez, soprando hu! - hu! - Hu! - hu!

Este jogo de pulos eles repetiam diversas vezes. Em seguida, outros moços começaram a dança com o caniço (flauta de Pan), divertimento da mocidade de ambos os sexos, tanto aqui como no Uaupés. Pondo uma mão no ombro do parceiro e levando a flauta na outra começaram eles a marchar em compasso de 2/2, batendo fortemente o pé direito pelo espaço central da maloca, avançando contra o grupo das mulheres e moças que lá estavam sentadas, e recuando. De repente mudaram o compasso de sua dança para 4/4; imediatamente as duas moças pintadas de preto se levantaram tomando cada um dos tocadores pelo braço começaram a correr junto com eles conservando-se sempre um pouco atrás do tocador. O compasso da dança aumentava cada vez mais em rapidez.

Continuamente era o caxiri servido a todos os presentes. Quando o índio velho finalmente ficou cansado ele entregou o cargo a um dos seus genros, fazendo-se servir também abundantemente. Ao lado outros se ocupavam de assuntos muito diversos; um recitou monotonamente palavras mágicas sobre um companheiro que estava atacado de malária. Dois outros se sentaram, tristes e cabisbaixos um em frente do outro, gemendo lamentações fúnebres pela morte de uma mulher que tinha sido de um e a esposa do outro. Apesar de ser caxiri “pouco”, estavam tanto os índios como as índias, até a meia noite, regularmente bêbados o que se manifestava pelo enfraquecimento dos dançadores e o aumento das cantigas até que finalmente, lá pelas 3 horas da madrugada, o último cantor tinha adormecido na sua rede. Pontualmente às 5 horas todas já foram outra vez ao rio tomar banho. Desisti de uma visita a Seringa-Cachoeira, última maloca dos Hohódene no Uaraná-Igarapé, e voltando à nossa ubá que tinha ficado na Uacaricuará-Cachoeira, embarcamos todos e voltamos ao Ayari. Passamos pouco depois a divisa entre a língua Baníua que se estende por todo o Içana e o Ayari até este ponto, pois a primeira maloca dali para cima, Muçu-Itapéua, já pertence ao domínio da língua Cobeua. Nesta maloca que se levanta à margem esquerda e conta uns 12 habitantes do clã Yiboia-Tapuya, fomos regularmente mal recebidos, à maneira de certos Baníua do baixo Içana. Apesar de eles terem no jirau dois grossos panacús cheios de peixes moqueados, nada queriam vender. O dono da casa nem se quer me cumprimentou fazendo que não me visse. Resolvi trata-lo da mesma forma. Finalmente ele me mandou oferecer alguns moqueados, beijús e farinha. À boca da noite aproximaram-se dois bonitos moços timidamente ao nosso acampamento. Conduzi-os pela mão para o meio de nós, ofereci-lhes um cigarro e combinei com eles uma viagem às malocas dos Yiboya-Tapuya, situadas no Alto Ayari, acima da Yacaré-Cachoeira.

Demoramo-nos o dia seguinte em Macú-Itapéua, Capitão Felício chegou também, cumprimentou-me e seguiu para Yutica depois de pouca demora. Parece-me que ele deu aos índios da maloca alguns esclarecimentos sobre minha

peessoa, pois deste momento em diante trataram-me sensivelmente melhor. De tarde chegaram três índios Uanana, pintados de carayuru, que tinham vindo por terra do Rio Uaupés por um caminho que entra defronte a Mucú-Itapéua, e vem sair na Tapira-Yuráu-Cachoeira, pouco acima de Caruru, Joaquim e Chico, os dois índios moços Yiboya-Tapuya, logo nos alcançaram em sua ubá, quando seguimos viagem pela manhã seguinte. A Yuruparí-Cachoeira onde é necessário descarregar a canoa causou-nos uma demora de uma hora. Nas pedras da margem direita existem ali alguns petroglyphos. Pouco acima encontramos com uma família de índios, cinco pessoas em duas ubás. Chamei-os e pedi ao chefe informações sobre a sua morada e o clã a que pertencia. Respondendo-me ele porém com manifestas mentiras e risadas descaradas, reprendi-os e fui-me embora.

Outros mais tarde me informaram que ele mora num afluente da margem esquerda. Pinima-Igarapé e que era um “Yauára-Tapuya”. Logo adiante topamos com um pescador solitário em sua ubá: era um índio Uanana de Yutica, no rio Uaupés, que se tinha mudado para o Ayari. Tremia de medo quando lhe dirigi a palavra; falei a ele, alentando, dei-lhe um pequeno presente e pedi que me mostrasse o seu sítio, no que ele consentiu imediatamente, entramos primeiro numa pequena enseada, o Cubíulago e caminhamos depois meio quilômetro pelo mato para chegar na casa do Uanana, habitada só por ele, sua mulher, seu irmão e quatro filhos. Ele se tinha mudado para o Ayari, para que sua mulher que era Yiboya-Tapuya estivesse mais perto dos parentes dela. Pouco mais acima está na margem direita outro sítio do mesmo clã habitado por uma velha, com seus filhos, dois bonitos moços.

Às quatro e meia chegamos ao lugar onde desemboca o caminho que liga por terra a aldeia de Yutica ao Ayari; o sítio está desabitado. Deste ponto os meus remadores deviam transportar a minha bagagem para Yutica, voltando depois a São Felipe pelo Ayari e Içana abaixo. Enquanto eles faziam este transporte por terra eu ia com dois Tapuya visitar as malocas do Alto Ayari para depois atravessar também para Yutica. Mandeí, portanto, desembarcar imediatamente toda a carga e passei a noite escrevendo cartas e tomando um vocabulário do dialeto dos Yiboya-Tapuya.

Cedo pela manhã seguinte continuei a subida pelo Ayari com os dois Yiboya-Tapuya e meu curumim João. Com pouco chegamos à Yacaré-Cachoeira, cujo bramido, tínhamos ouvido já durante a noite toda. Foi ali que Koch-Grünberg voltou em 1903, pois naquela época não havia moradores deste ponto para cima. Esta cachoeira é a pior de todas que no Içana e Ayari tive de passar. É preciso levar por terra numa distância de 200 metros não toda a carga como também a embarcação, sendo a subida do porto de baixo formada por um rochedo íngreme de 20 metros de altura. Na margem direita existem também ali alguns petroglyphos.

Um pouco abaixo da Castanha-Cachoeira vimos o sítio do mesmo nome, habitado por dois índios Yiboya-Tapuya. Passando esta e logo acima a Curua-Cachoeira, encontramos outro sítio do mesmo clã um pouco para dentro do Yacundá-Igarapé, afluente pela margem direita. Dos seus 7 habitantes, só estava em casa uma mulher, não querendo esperar até que os outros voltassem da roça, prometemos fazer outra visita na volta e seguimos. Outra maloca junto à Yauti-Cachoeira estava abandonada, tendo os seus habitantes em número de cinco feito uma viagem de passeio a Cururú-Poço.

Pouco depois de meio dia chegamos a outra maloca situada também um pouco distante da margem num afluyente da banda direita, o Tapurú-Igarapé. Era um comprido rancho com cumeeira. Quando me aproximei vi uma mocinha fugir para o mato e não havia pedido e promessa que a fizesse reaparecer. Uma horrível trovoada desabou. Duas crianças vieram debaixo da chuva correndo para casa, mais assim que perceberam a presença de estranhos, fugiram para traz aos gritos. Mandeí um dos meus Yiboya-Tapuya atrás delas, e logo ele voltou trazendo todos os habitantes do sítio em número de 6. Como não havia meio de fazer fogo no porto pedimos licença para fazer a nossa refeição dentro da casa, e assim que o tempo melhorou descemos outra vez pelo Ayari abaixo, deixando de visitar outra maloca dos Yibóya com 8 habitantes, situada na boca de Sacú-Igarapé, ainda um bom pedaço mais acima. Mal tínhamos embarcado quando caiu novo temporal, refugio na maloca do Tapurú-Igarapé cujos habitantes encontramos agora em casa. O dono da maloca ofereceu aos seus hóspedes que entraram molhados e tiritando de frio, cuias com tacacá quente e panela com quinhapira, e depois mandou fazer beiju para a continuação da nossa viagem. No dia seguinte alcançamos antes do meio dia o nosso acampamento no porto do caminho para Yutica. Paguei e despachei os dois Yiboya-Tapuya e fiquei esperando com o curumim João que voltassem os meus remadores que já tinham levado uma parte da carga para Uaupés. Como, porém até a manhã seguinte ninguém aparecesse deixei o curumim com o resto da bagagem e segui só no rumo de Yutica. Este caminho que liga o Ayari ao Uaupés é vereda bastante deficiente de 12 quilômetros de comprimento. Depois de atravessar alguns igarapezinhos afluentes do Ayari, ele segue serpenteando pelo divisor das águas, em parte coberto de cerrados, atingindo com 4 km uma campina onde se acha um pequeno em mau estado. Imediatamente depois começam os afluentes do Uaupés, tornando-se o caminho, ao menos durante o inverno, em parte extremamente lodoso; raízes entrelaçadas em grande quantidade dificultam ali ainda mais a marcha. O que não é igarapé está coberto de cerrado, especialmente um grande trecho pouco antes de se chegar a Yutica. Em meio caminho encontrei-me com a minha gente; eles foram caindo ao Ayari para buscar o resto da bagagem, e depois os despedi.

Durante 40 dias estivemos juntos de dia e de noite; sempre os encontrei com benevolências de liberalidades e como seres iguais a mim; no íntimo eles também reconheceram isto tudo, pois manifestaram neste sentido por diversas vezes quando perguntados a meu respeito por outros índios: contudo a sua atitude para comigo foi até último momento só comparável à de força contra o seu carcereiro!

### **c) Rio Uaupés**

A aldeia Yutica, onde cheguei no dia 9 de maio, está situada na margem esquerda do Rio Uaupés que ali, desde a boca do Querarí até a do Parurí forma a divisa entre o Brasil e a Colômbia. Junto da aldeia uma ilhota divide o rio em dois braços fortemente encachoeirados, a Yutica-Cachoeira. A aldeia, que conta 58 habitantes pertencente a tribo Uanana compõe-se de uma maloca grande em estilo antigo e 8 casas para uma família cada, das quais só 5 estão acabadas e habitadas. Fora essas habitações de índios existem ali, infelizmente a casa do famigerado peruano Júlio Cesar Barreto, bastante conhecido na Inspeção pelos

seus numerosos crimes. Não podendo por isso mais permanecer ali, entregou os seus negócios a um brasileiro, Antônio Maia, que lá mantém uma taberna e cujos empregados estão constantemente em caminho para extorquir nas malocas dos índios o pagamento das “dívidas” do Barreto e para arrumar novas contas nas costas destes infelizes, a fim de obrigá-los ao serviço do seu patrão. Enquanto assim, os seus empregados afligem as malocas vizinhas. Maia pessoalmente emprega o mesmo sistema em Yutica, auxiliado por certo João Lima, que os índios me indicaram como dos piores estupradores de meninas que afligem as suas malocas. Felizmente este Antônio Maia desceu para o rio Negro no segundo dia depois da minha chegada em Yutica, de onde ele mais tarde voltou com a nomeação de subprefeito de polícia de todo o Uaupés desde Yauareté até a boca do Querarí. Enquanto estive em Yutica andou ele constantemente renhindo pelas casas dos índios e especialmente na do tuxaua, reclamando que estivessem-lhes devendo isto e aquilo, exigindo serviços e ameaçando-os com violência, constrangendo o tuxaua para fornecerem remadores, etc. Tive com ele uma pequena explicação a respeito do tratamento dos índios quando ele e o seu ilustre companheiro tiveram a petulância de arvorar-se perante mim, a si e os seus amigos, os balateiros colombianos, em representantes do progresso e civilizadores dos selvagens. Infelizmente para ele, porém, encostou-se ao segundo dia da minha estadia, um grupo destes colombianos de passagem em Yutica, um batelão encostou e três “caballeros” com caras patibulares, ostentando um arsenal de bandidos, desembarcaram. Um deles que, aliás, me dirigiu a palavra em castelhano, era um cearense que serve de testa de ferro a estes colombianos quando se trata de “sacar índios” em território brasileiro. Foram juntos para a taberna de Maia onde beberam cachaça durante a noite toda, obrigando-me a passar horas e horas com uma mão no cano e outra no fecho do meu rifle, pois quando ficaram bêbados combinaram-se para pegar à força as índias da aldeia, o que não fizeram devido aos conselhos do Maia, que lhes lembrava a minha presença, alegando que não se sabia o que papel eu aí estava desempenhando. Pela manhã estavam todos completamente bêbados. O chefe do grupo, o famigerado Luís Reyes, perseguido pela sua própria má consciência que lhe sugeriu a quimera, que os índios estivessem planejando de assassiná-lo, armou-se até os dentes, e como não lhe aparecesse nenhum índio na frente, deu um golpe de terçado na cabeça de seu sócio. O cearense me apresentou o ferido que estava coberto de sangue, eu, porém neguei peremptoriamente a intervir *enquanto não se tratasse dos índios*. Depois sossegaram, e quando perguntei por eles mais tarde para tirar um instantâneo deles que servisse de enfeite ao presente relatório, eles já tinham partido, caladinhos ou quase cladestinamente. Sem a minha presença em Yutica esta visita dos Colombianos teria tomado, com certeza, um aspecto ainda muito pior.

A tribo dos Uanana, compõe-se de duas divisões separadas. A primeira conta 50 cabeças e habita 5 sítios no Uaupés, acima da boca do Querarí, portanto inteiramente em território colombiano. A segunda, composta de 168 cabeças habita em 12 estabelecimentos desde o Carapaná-Igarapé, abaixo do Querarí, até Periquito-Cachoeira. Suas malocas com 17 pessoas habitam do lado da Colômbia e os outros do lado do Brasil. Ali as suas aldeias principais são Yutica com 58 e Caruru com 34 habitantes. No tempo da missão franciscana (1860) a primeira contava 84, a segunda 168 cabeças. Para o ano de 1904 Koch-Grünberg

dá como número total dos Uanana 500-600 em trinta estabelecimentos. Esta tribo ficou, portanto, no decorrer dos últimos 24 anos, reduzida a dois quintos dos seus membros. Capitão Felício, chefe dos Uanana de Yutica, tem duas más qualidades: mente e bebe cachaça, mas é vivo e inteligente e esforçou-se por me ser agradável tão bem como ele compreendia. Em todo era ele o índio que mais compreensão mostrou quanto as minhas intenções. Ele fala pessimamente o português, mas conhece bem, afora a língua materna, a língua geral, o Deçána, o Cobeua e o Tucano. Quando eu o cheguei só falou-me na construção de uma capela e que ele tinha abolido as cerimônias de Yuruparí; mais compreendendo logo o meu gosto e respeito às instituições antigas da sua tribo, tratou de vir ao encontro dos meus desejos, preparando logo uma dança de máscaras em estilo velho.

Com zelo e dedicação começaram os Uanana os preparativos; nas lajes da cachoeira batia-se alegremente a entrecasca de tururi para os vestidos de máscara, e num rancho aberto furava-se a fogo os canudos de ambaúa que servem de bastões de dança. Entrementes fiz o levantamento do varadouro de Yutica ao Ayari e uma excursão pelo Uaupés acima até a Yaburú-Cachoeira, do Rio. Querarí, tida, ao que parece, sem razão como limite entre o Brasil e a Colômbia.

Fiz esta última viagem em uma ubá pequena tripulada somente com um homem e dois curumins. Mal tínhamos no dia 18 de Maio, partido de Yutica; quando a chuva começou a cair. A ubá não tinha panacarina, mais só uma esteira que cobria a bagagem, de maneira que num instante fiquei completamente molhado, tornando-se o levantamento do rio cada vez mais difícil. Pelas 4 horas da tarde, encontramos as duas malocas Uanana: Tainha e Taracué, a pouca distância uma da outra, na margem brasileira, e resolvemos pernoitar na última. Igual conosco chegou no porto um grande bando de índios Cobeua, do clã Hohónaua, do rio Cuduyari. Estes índios ostentavam roupas civilizadas que lhes diziam horrivelmente mal, especialmente os lenços enrolados nos seus pescoços entroncados abaixo das caras pintadas de carayurú. Estavam em viagem para visitar os parentes das mulheres no Cumá-Igarapé. Um moço, amável que falava um pouco de castelhano, prestou-se com facilidade para a organização de um pequeno vocabulário de seu dialeto. O dia seguinte amanheceu chovendo. Assim que a chuva cedeu um pouco continuamos a viagem, mas logo nova chuva começou a desabar, continuando sem interrupção. Fui forçado a uma verdadeira ginástica para poder fazer a leitura da bússola, mas abrir a caderneta era coisa impossível. No meu desespero lancei mão da tampa da panela e escrevi sobre ela. Até uma da tarde a chuva desceu sem fazer a mínima pausa. Tiritando de frio e umidade, me lembrava com saudade da maloca confortável que tínhamos deixado. Finalmente vimos na margem dois ranchinhos feitos por viajantes índios, onde nos abrigamos do mau tempo, refazendo-nos ao calor de uma fogueira e com uma panelada de mingau quente. Seguimos depois ainda até a Pacú-Cachoeira, pouco abaixo da boca do Querarí onde passamos a noite, naturalmente debaixo de chuva. O rio Querarí, onde entramos pela manhã seguinte, corria fortemente. De tarde chegamos à Yaburú-Cachoeira, umas das mais violentas, de todas estas zonas. Encontramos uma maloca dos Yiboya-Tapuya, a única que não se mudou ainda para o Alto Ayari, numa ilha. Os habitantes, 10 pessoas, estavam ausentes, mas conseguimos descobri-los numa outra casinha deles na margem colombiana. Logo depois chegou ali vindo do Uaupés, o tuxaua Leopoldino, dos Tariána,

de Yauareté; ao todo duas pessoas numa ubá grande e duas canoinhas; vieram de uma visita que ele tinha feito ao cunhado do tuxaua, na boca do Cuduyarí.

Na madrugada seguinte começamos a descida pelo Querarí e Uaupés debaixo de chuva, e como os meus remadores para se aquecer trabalhavam como possessos. Chegamos pouco depois das duas horas em Yutica. Encontrei ali os Uanana trabalhando com estranha dedicação na ornamentação das suas máscaras de dança e das ambaíuas. O meu apelo ao seu talento artístico não tinha sido de balde; era agora uma verdadeira orgia de ornamentos. Com infinito cuidado e paciência eles traçavam linha por linha, assentavam ponto por ponto, para encher os planos. Nos seus rostos estava estampada a satisfação que sentiam no seu trabalho. Jamais enfrentei de uma maneira tão palpável aquele primitivo gesto de arte, cuja manifestação é o encanto do etnólogo, como aqui, num dos seus últimos baluartes, no Rio Uaupés. O tempo moderno chegou que transforme o selvagem livre num escravo, espezinhando os seus sentimentos elevados e com eles o seu prazer de vida. Do alto Uaupés desce a tirania aniquiladora dos balateiros colombianos, enquanto do Rio Negro vem subindo a influência da missão católica, sufocando todas estas manifestações da arte primitiva, ligada inseparavelmente às cerimônias pagãs destes índios. Os Uanana e os Cobeua, seus vizinhos pelo lado de cima, são hoje os únicos índios que ainda conservam as danças de máscaras.

As ambaíuas, fulgentes na sua ornamentação fresca, já formavam uma carreira comprida: os meus recursos decerto não davam mais para adquirir tudo isto depois da festa, como eu queria.

De noite foi o Capitão Felício comigo à maloca grande construída um pouco atrás das outras casas: seis moços estavam em pé ao longo do enorme coxo de caxiri, passando ambas as mãos vagarosamente pelo líquido e esmagando entre os dedos qualquer caroço que encontravam. Depois de repente começaram a esfregar o caxiri entre as palmas das mãos num certo compasso, o que produzia um cheiro característico. Finalmente os moços se afastaram e um número igual de moças continuou o mesmo trabalho, pouco a pouco se ajuntou em Yutica um bom número de índios vindos de outra parte: Uanana dos sítios vizinhos que traziam máscaras e ambaíuas, o tuxaua Leopoldino com os seus Tariána, os Hohonaua-Cobeua e alguns Yiboya-Tapuya do Rio Ayari. Pela manhã do dia seguinte trabalhavam ainda com afinco no acabamento das máscaras, utilizadas no fim do período de luto. Como, porém, aquela festa que eu assisti em Yutica, não fosse organizada por este motivo, mas sim porque eu tinha mostrado interesse em conhecer os costumes antigos dos Uanana, tendo motivo para supor que as cerimônias, ao menos quanto as danças de máscara, não tivessem sido executadas com o todo o rigor necessário. Também não consegui penetrar nas ideias e mitos que formam a base de tais cerimônias, no curto espaço de tempo que me demorei entre os Uanana.

O Capitão Felício falhou neste ponto por completo, e os outros também ali não se saíam jamais do seu retraimento desconfiado. Os dançadores de máscara, em número de dois saíam da casa onde tinham se preparado, marchando uma coluna de dois em dois para o terreiro da maloca, guiados por uma máscara de borboleta. As outras máscaras representavam, 2 aracús, 2 papagaios, 2 demônios Tenernené, 2 peixes araurí e 2 andorinhas. Os papagaios traziam bastões com chocalhos de caroços de piquiá amarrados abaixo da ponta, os Aracús, com-

pridas varas duplas e os Tenemené, simples cacetes. A borboleta, soltando um prolongado “oh!” e batendo com uns chocalhos numa cuia enfeitada com penugens de gavião, corria com passinhos curtos e ligeiros pelo terreiro, descruvendo voltas, enquanto os outros pares dançavam para diante e para traz. Depois avançavam contra a porta da frente da maloca, batendo furiosamente com os seus paus nos batentes. Depois de fazer a mesma cena na porta de traz, eles entraram na maloca onde continuaram a dança - os papagaios com os passinhos curtos e o corpo inclinado para diante, os outros marchando com passos regulares: a borboleta, de quando em quando, dava o seu vôo característico. Agora chegaram, guiados por uma máscara de Arauirí, os dois Tenemené, na porta da frente, onde cruzaram os seus bastões. Os de dentro chefiados pela borboleta pareciam querer impedir-lhes a entrada, ameaçando-os com as suas varas e batendo com elas na ombreira da porta. Depois dançaram os dois grupos, tanto o de dentro da maloca como o de fora. Finalmente aqueles tiravam as suas vestimentas de máscaras, pendurando-as em varas fincadas numa linha para este fim. Os três de fora entraram, dançando um pouco dentro da maloca e se despiram também. Depois de descansar vestiam novamente as máscaras, e os Aracús representaram a “dança das jacinas”: O-Ipipi kamáni kararári. Karararí! Karararí! Karararí! wake! pulando um atrás do outro. Depois dançaram os dois papagaios, cara com cara, e segurando nas mãos um pequeno bastão. Entretanto os outros homens, sentados ao lado do enorme coxo de caxiri, perto da porta de traz, começaram os preparativos para a dança com o acangatara. Um sentou-se no seu banquinho, fincou a lança diante de si no chão e começou a tirar de uma grande caixa de palha os seus enfeites para a dança, para escolher as peças convenientes. 8 acangataras ele amarrou na haste da lança e 7 penachos de plumas de garça ele fincou no chão, e depois ficou estalado sem saber que ele devia escolher, precisamente um janota diante de sua coleção de gravatas: outro em pé, enfeitava-se com miçangas, enquanto sua mulher lhe enfeitava as coxas e a barriga com ornamentos de carayurú, empregando para isto um instrumento de três dentes. Dois outros se sentaram juntos num banco e começaram a tocar as suas flautas de Pan.

Outra vez os Papagaios dançaram cantando pela maloca; “Kenariwa yakakawé; - Kariwa yakawa! - Kariwa yakawa! - Malitéka-téca o-o”. Depois dançaram também os Aracús e os Tenemené : “Kamaka Dyali kamamaká-dyali!” Enfim apareceram novamente os papagaios pulando com os pés juntos, um ao lado do outro; “Ti-ti-ti!” Depois dançaram, cada um separado, cantando.

Neste meio tempo os dançadores de acangatara acabaram de enfeitar-se. As seis horas da tarde formaram, em número de 18, no terreiro, e, com um grito prolongado ; “E-e” marcharam para dentro da maloca.

A mão esquerda sobre o ombro direito do vizinho, a ambaíua na mão direita, formaram um semicírculo. O chefe da dança, no centro, armado de escudo e lança maracá, fez tinir esta, batendo a sua haste fortemente contra o ombro direito. Os dançadores fizeram alguns passos para direita e para esquerda e romperam com assobios estridentes e prolongados; depois começaram a cantar e a dançar em roda: dois passos para um lado dois no mesmo lugar e sempre batendo fortemente com o pé direito.

No fim desta dança ouviu-se outra vez aqueles assobios estridentes; depois ofereceram caxiri aos dançadores. Então as moças, das quais algumas estavam

ornadas de tanguinhas de miçangas e ligas abaixo dos joelhos, começaram também a tomar parte na dança; abraçavam-no pela cintura.

Quando, no fim desta dança, eles se retiraram, bateram os homens duas vezes fortemente e gritando com o pé para frente, e, correndo para traz, debandaram.

Dois dançadores de máscaras apareceram agora enquanto nos fundos da maloca, dois tocadores de flauta de Pan correram para lá e para cá. No meio da casa sentou-se um homem com um escudo no braço atrás de um pote de cápi do qual ele serviu os homens que sucessivamente se chegaram a ele. Os tocadores de flauta de Pan mudaram o compasso para um trote ligeiro batendo com entusiasmo como pé direito, e imediatamente duas mocinhas agarraram-se nos seus braços correndo com eles de maneira que ficavam sempre meio atrás dos seus cavalheiros.

Os dançadores de acangatara começaram a sua segunda dança; como sempre, iam primeiro todos a convidar os presentes, um por um, para tomar parte. Primeiro dançavam ao redor do grupo das mulheres e moças sentadas, diante do qual ardia uma fogueira; mas logo estas se levantaram para fazer parte. Dois pares de dançadores se moviam no centro para lá e para cá. Os outros formaram um semicírculo, cantando em voz baixa. As mulheres dançavam, dando-se as mãos atrás das costas dos homens, a dança começou a andar em roda e progressivamente o compasso tornou-se tão rápido que as mulheres não mais puderam acompanhá-los, e tiveram de sair da roda. Estas danças de acangatara são sérias e graves, quase tristes.

No meio da roda, em pé, imóvel, uma mulher solta de tempo em tempo um grito alto e prolongado por 15-20 segundos (verificado com relógio) mantendo a mesma nota com a mesma força até o fim do grito.

Às nove horas e meia, três pares de dançadores de flauta de Pan representaram uma dança fogosa, correndo em círculo com extrema rapidez e trocando as suas damas, arrojando-as de si para o outro cavalheiro no qual elas se agarravam com notável destreza, aguentando até o fim com visível entusiasmo.

Umas caras de Tenemené apareceram só no meio da maloca. Atirou com uma bola de envira representando uma fruta silvestre, para o ar, correu aos pulos atrás dela para apanhá-la, bateu-a contra o joelho e o esteio e fingiu comê-la e depois do que saiu da maloca dançando e cantando.

Logo apareceram no terreiro 7 máscaras com tochas de páu candêa acesas. Cantando uma moda animada e batendo com estrondo com o pé direito eles entraram e saíram dançando. Segundo compreendi representavam demônios que com as suas tochas matavam de noite as saúvas que perseguem as plantações. Pela madrugada começaram outra vez as danças de acangataras; os homens, em pé, parados, formavam um semicírculo, cantando em voz baixa como se fosse oração. Apareceram depois três homens: um trazia o acangatara na cabeça, escudo e lança nas mãos, outros traziam cacetes e lenços na cabeça. Dançaram diante do semicírculo dos outros, saíram depois pela porta da frente e apareceram na de trás, espiando para dentro da maloca enquanto dançavam de um lado para o outro em posição de quem espreita alguma coisa. De repente correram para dentro e, passando pelo semicírculo dos dançadores saíram outra vez pela porta da frente. Quando repetiram esta pantomima pela segunda e terceira vez, o que estava armado de escudo e lança agarrou uma mulher pela cintura e levou-

a consigo para fora. Se compreendi bem, representavam a chegada de índios de uma outra nação, vinda do mato.

O termo final da festa foi às 9 horas da manhã uma dança de phallos. Os dançadores de máscaras, encostando no ventre enormes phallos torcidos grosseiramente de envira, começaram a pular pelo terreiro, um atrás do outro e acompanhando cada pulo com um forte “Hum”, com grande gaudío das mulheres e moças que estavam presentes. Eles entraram na maloca onde sopravam e abanavam os seus phallos, avançando depois debaixo de um Hé! ameaçador e movimentos de coito contra as espectadoras que fugiam para o terreiro aos gritos. Os dançadores, porém contemplavam e acariciavam agora os seus phallos, mostrando-os uns aos outros debaixo de comentários obscenos e fazendo-os cheirar.

Por fim avançaram também contra os homens presentes, pelo modo acima descrito; estes, porém, riam-se e não faziam conta. Pelas 9 horas e meia da manhã tudo estava acabado; a maloca e o terreiro ficaram silêncio: os participantes da festa foram para casa onde passaram o resto do dia dormindo. No dia 21 de maio parti de Yutica, descendo pelo Uaupés. Apesar de uma demora de 12 dias nesta maloca e a despeito da disposição relativamente favorável do Capitão Felício não consegui entrar em relações satisfatórias com a maioria dos moradores. Ainda no último dia antes de minha partida, entrando eu na maloca grande, tive de ver uma moça, que cheia de susto devido a minha chegada, subiu por um esteio para se esconder debaixo da coberta da casa; o tuxaua Felício, se me tratou com tanta atenção, não o fez seguramente por mera simpatia; queria predispor-me para o seu fim, o qual era de atizar-me contra os civilizados, seus inimigos. Todos os meios, especialmente também as mentiras mais palpáveis ele empregava para isso, mas se eu porventura me tivesse saído mal de qualquer conflito provocado desta maneira, estou convencido de que ele e os seus Uanana teriam se regozijado com um tal resultado, tanto como no caso contrário, porque enfim eu era para eles um civilizado e um inimigo também. O tuxaua Felício me forneceu uma ubá grande e cinco tripulantes para continuação de minha viagem até Yauareté; mas seus homens deram prova de um medo das cachoeiras e uma falta de prática em vencê-las que eu muito estranhei em índios moradores de um rio encachoeirado. Passamos cedo a Yacaré-Cachoeira chegando logo depois à cachoeira mais forte que vi em toda minha viagem: Taiíra-yuaráu. Gastamos para vencê-la 6 horas. A ubá tem de ser arrastada por terra com muito trabalho.

O tuxaua Leopoldino, dos Tariána, alcançou-nos, fazendo admirar a presteza e naturalidade com que os seus rapazes deram conta da cachoeira.

Muito antes de nós ele seguiu rio abaixo. Às 4 horas passamos ainda a Matapí-Cachoeira onde se arrasta a embarcação, apenas alguns metros por cima das lajes, e meia hora depois encostamos a ubá no porto da aldeia de, Koch-Grünberg, que por duas vezes visitara esta aldeia, deu-se ali muito bem enquanto que ele se queixava da falta de honestidade dos Uanana de Yutica. E neste ponto não tenho queixa de nenhuma nação das que visitei nesta viagem. O Gomes, o tuxaua de Caruru que não fala uma única palavra de português, recebeu-me bem, e toda a sua gente chegou-se para cumprimentar-me. Quando, porém, mais tarde quis fotografá-los eles se esquivaram com poucas exceções e nem o tuxaua era capaz de reuni-los diante do aparelho o que o aborrece visivelmente. Recebi ali a visita de uma índia Uanana com suas filhas ambas bastante civilizadas, pois ti-

nham passado alguns anos em S. Gabriel. Num português sofrível desembainhou a língua sobre os civilizados, procedimento este que precisamente da parte dela me parecia pouco justificável. Índias civilizadas como estas, são vantagens duvidosas para uma maloca: primeiro julgam-se infinitamente além dos seus parentes brutos, e bastante ladinos para tirar por sua conta o maior proveito possível das suas relações com os civilizados. Logo, porém, que os seus negócios vão mal - o que mais cedo ou mais tarde sempre acontece - elas gritam pelo tuxaua ou pelo Serviço de Proteção aos Índios, para que estes lhes desembrulhem as suas questões particulares as mais das vezes pouco asseadas, respectivamente para jogar estas autoridades contra os seus ex-amantes, etc. Infinitamente mais merecedora de simpatia me parecia a filha do tuxaua Gomes, Dyá-wano, bonita moça, de um porte sereno e meigo; segundo o pai dela me contou, ela foi vítima de um colombiano Luís Reyes, que a estuprou na idade de 10 anos. Tanto aqui como já em Yutica achei os moradores profundamente amedrontados com as ameaças daquele colombiano que, de descida, havia dito que na subida ele apanharia as meninas e moças para carregá-las para a Colômbia. Os índios pediram-me com insistência que ficasse na aldeia até que os colombianos tivessem passado. Como eu não tinha certeza quando estes tencionavam subir, não pude satisfazer este pedido. Deixar nas mãos dos tuxauas cartas minhas exigindo dos colombianos respeito às pessoas e propriedades dos índios, como estes me sugeriram, teria sido inútil; resolvi, pois tentar intimidá-los repreendendo e ameaçando-os desassombadamente assim que com eles me encontrasse em viagem. Pela manhã do dia 23 deixei a aldeia do Caruru. O Uaupés forma dali para baixo uma única cachoeira, formidável e perigosíssima. Atravessamos para um porto na margem oposta, um pouco acima da aldeia e carregamos toda a carga por terra por caminho de mais de um quilômetro de comprimento, até outro porto abaixo da Yandú-Cachoeira. A nossa ubá também tivemos de arrastar por outro caminho numa distância de uns 600 metros. O tuxaua Gomes com seu filho Mandú Alexandre, bonito moço de compleição atlética e mais dois outros Uanana de Caruru, vieram voluntariamente ao nosso auxílio.

Na Arára-Cachoeira que se segue imediatamente, junto da pedra onde se acham gravadas as figuras dos aráras, faltou muito pouco que naufragássemos. Gomes na sua ubá desceu numa carreira vertiginosa na nossa frente para mostrar-nos o caminho, pilotando a sua embarcação com destreza e clama de maneira que entrasse num remanso imediatamente acima do tomo da cachoeira. Os meus remadores seguiram, timidamente e irresolutos. Desgovernada, a nossa ubá foi arrastada pela correnteza por debaixo de uma das árvores que se debruçavam da margem, e que lhes arrancou a panacarica. A embarcação se atravessou e desceu sem remédio para o tomo da cachoeira. Já no último momento, porém consegui o nosso piloto pegar a mão de Mandú Alexandre que este lhe estendia da proa da sua ubá, imprensada por ele propositalmente atrás de um tronco de árvore. Com esforço sobrehumano os dois se aguentaram agarrados com ambas as mãos e segurando as embarcações com os joelhos até que os remadores, trabalhando desesperadamente conseguissem que a canoa entrasse no remanso, já prestes a se alagar. Uma trovoadá terrível desabava. A bagagem sem abrigo da panacarica ficou completamente molhada, sem se falar nós que já estávamos pela luta com a cachoeira. Quando ela terminou troquei dois dos remadores de Yutica por gente de Caruru, e logo tudo correu sem difi-

culdades. Sem mais incidentes passamos a Yapú e a Periquito-Cachoeira. Junto desta última acha-se na margem colombiana a última maloca dos Uanana. Passamos a noite em Panapaná, primeira maloca dos Yuruparí-Tapuya, com 12 habitantes, situada na margem brasileira onde mandei fazer nova panacarica para nossa ubá.

Na manhã seguinte, pouco depois da minha partida do Panapaná avistei de repente grandes batelões colombianos subindo pela margem direita; no último reconheci o Luís Reyes. Atravessei para o lado deles, e fazendo parar o batelão exigi-lhe satisfação pelo seu procedimento contra os índios de Yutica e Caruru, ele, porém me respondeu que não aceitava reclamações e que as fizesse eu junto ao meu governo.

Respondi-lhe que já sabia que ele contava com isso, e que naturalmente havia de dar conta dos seus desatinos às autoridades competentes, mas que enquanto estas não agissem eu consideraria qualquer ofensa ao índio como feitas a mim pessoalmente, e como tal a vingaria. Isto fez com que ele mudasse de conversa. Assegurando-me que nunca tinha cometido nenhum desatino contra os índios e chamando para testemunhas disto “um cidadão brasileiro”: o tal cearense, que, como sempre vinha em sua companhia.

Virei à proa e continuei a viagem: os colombianos porém se vingaram da repreensão, obrigando debaixo de tiros, dois curumins do tuxaua Leopoldino de Yauareté que vinham atrás numa ubá, a caírem n’agua para se salvarem a nado.

Passamos mais outra maloca dos Yuruparí-Tapuya junto de luacá-Cachoeira onde residem 12 pessoas; uma terceira com 3 habitantes somente, acha-se um pouco afastada da margem do rio, no Yapécú-Igarapé.

Talvez que pertencem a esta tribo também os habitantes de uma maloca na margem do Uariua-Igarapé em território colombiano em número de 10 e que me foram dados como Tariána. Mas uns 15 Yuruparí-Tapuya, habitam em 3 sítios no Alto Yauirí e indivíduos avulsos desta tribo entre os Hohódene do Alto Cubate. Em todo o caso esta tribo hoje não conta mais que quando muito 60 cabeças; segundo Koch-Grünberg eles eram em número de 150 em 1904. Eles não são idênticos com a tribo do mesmo nome que habita na região de Sant’ Ana, no Rio Içana, e que na sua própria língua se chama “Mapátse-dákenai” enquanto a autodenominação dos Yuruparí-Tapuya do Uaupés é “Lyeine”.

Em Mira-piréra-Ponta encontramos o primeiro sítio de índios de língua Tucano, pertencentes aos Uça-Tapuya, em cuja aldeia principal junta da Umarí-Cachoeira é composta de 5 casas com 40 habitantes, nós passamos a noite. Um sítio com 8 pessoas acha-se no lado colombiano no Paranapána-Igarapé. Toda a tribo dos Uça-Tapuya conta hoje 82 almas, pelo que parece que não diminuíram muito, pois Koch-Grünberg os cita em 1904 com menos de 100, dando-lhe, porém erroneamente o nome de Uína-Tapuya.

Quase todos os homens de Umarí-Cachoeira tinham ido com os colombianos, se voluntariamente ou obrigados eu não pude saber bem, pois os moradores restantes se mostraram naturalmente retraídos e desconfiados.

Na volta grande que o Rio Uaupés descreve abaixo da Umarí-Cachoeira começa o território da tribo Tariána, a zona mais povoada de todo o Uaupés. São 14 estabelecimentos desta tribo (inclusive um no baixo Papurí) com 279 habitantes encontra-se num trecho do rio, que em linha reta não tem mais que 2 quilômetros. Somente um sítio, Anayá-rúa com 12 pessoas está situado em território colombiano.

Depois de vencermos algumas cachoeiras pouco importantes, mas que deram bastante que fazer à inexperiência dos meus remadores de Yutica, chegamos às 8 e meia na grande Yauareté-Cachoeira. Na margem direita, sobre a ponta de terra alta formada pela confluência do Papurí com o Uaupés aparecem umas baracas em alinhamento: o posto fiscal colombiano; deste ponto para baixo ambas as margens do Uaupés pertencem ao Brasil, seguida a fronteira da Colômbia em rumo Oeste pelo curso do Papurí. Todas as embarcações têm de ser descarregadas ali, passando-se a carga pela margem colombiana para o porto de baixo. O chefe do posto, Dr. Aurélio me recebeu cortesmente enquanto eu esperava que uma canoa da vizinha aldeia viesse buscar a mim e a minha bagagem, pois como os meus remadores tinham de voltar dali, não quis passar a ubá deles pela cachoeira. Neste ponto há um destacamento policial de 5 praças. Do terreiro goza-se de uma bonita vista do rio e das malocas do lado brasileiro, do lado da Colômbia não se vê uma única sequer.

Devido a esta falta de índios produtores, estão os habitantes do posto em completa dependência do Brasil, vendo-se forçosamente a comprar dos índios brasileiros a farinha, banana e outros alimentos. Apesar disto eles às vezes não conseguem dominar por completo a sua perversidade habitual, atirando sem motivo sobre os índios brasileiros, que sobem ou descem pela margem direita do Papurí, sob o pretexto de se tratar de índios colombianos, obrigados a encostar no posto.

A aldeia Yauareté está situada na margem direita, um pouco abaixo da foz do Papurí, e compõe-se de 8 casinhas imitando a construção dos civilizados, das quais algumas ainda não estão acabadas. Conta 51 habitantes debaixo do tuxaua Leopoldino, homem obsequioso e tratável, que fala sofrivelmente o português. Poucas centenas de metros pelo rio abaixo e separado da de Yauareté por um igarapezinho, está a maloca Arapáço-Ponta, uma casa grande em estilo antigo com 48 habitantes, debaixo do tuxaua Nicolau, que reuniu em torno de si a parte mais conservadora da tribo. Finalmente acha-se em frente a Yauareté na margem esquerda do Uaupés a maloca Mandii-Ponta com 9, e um pouco acima da mesma margem as três casas de Uirá-uaçu-Ponta com 15 pessoas.

Na ponta de terra oposta ao posto colombiano vê-se um sobrado barreado, cercado de varanda, o “Posto do S. P. I.”, levantado ali pelo ex-delegado José Brandão; a sua construção é um tanto deficiente. Demorei-me 6 dias em Yauareté. Nesta aldeia e dali para baixo, achei os índios menos retraídos que do Alto-Uaupés, sem dúvida por não se acharem mais tão expostos aos maus tratos dos colombianos. O tuxaua Leopoldino frequentemente me convidava para o caxiri e a quinhapira, e o quarto que seu irmão me cedera para moradia estava sempre cheio de visitantes, especialmente rapazes, mas que nunca se comportavam mal. Entre todos os índios do Uaupés com que tratei nesta viagem o tuxaua Leopoldino e a sua mulher foram as pessoas mais agradáveis, o que aliás não significa tanta coisa.

Nos dias 28 e 29 de maio empreendi um excursão de Yauareté, visitando uns índios Macú moradores a 16 quilômetros do Sul, no centro das terras, para o lado do Yapú-Igarapé. Descendo primeiro o Uaupés em canoa até a boca do Yuí-Igarapé, alcancei por terra a um quilômetro e meio da margem do rio uma maloca dos Pirá-Tapuya com 20 habitantes, onde arranjei um guia. Passando o Yuí-Igarapé três vezes, marchamos pela mata, chegando depois de 4 horas a

um rancho numa roça, onde encontramos um Macú velho e uma mulher doente com uma criancinha. Pouco adiante estava uma maloca maior com paredes de entrecasca de pau, igual às malocas mais desleixadas dos Tariána. Também os habitantes, uns 20 talvez não tivessem, afora de sua língua, nada mais da civilização primitiva dos Macú, nem sequer a fabricação de cestos de cipó em técnica espiral, tão característica para esta tribo. Não vi uma única peça que valesse a pena da aquisição: os seus trastes não se distinguem dos Tariána ou Pirá-Tapuya mais pobres. O tuxaua Leopoldino qualificou estes Macú, como também aliás os Yuruparí-Tapuya, como seus “escravos”. O seu maior contato, porém nem é com Yauareté, mas com a aldeia Yuquira-rapecúma dos Curauá-Tapuya, da qual eles ficam mais perto.

Vi-me obrigado a renunciar a uma investigação mais minuciosa dos índios abaixo de Yauareté bem como à visita dos rios Papurí e Tiquié porque com exceção de alguns machados e terçados, as minhas mercadorias de troca, e especialmente as miudezas para o pagamento das numerosas pequenas necessidades, estavam esgotadas. Por felicidade consegui que o tuxaua Leopoldino me arranjasse uma canoa com 5 remadores Tariána para me deixar em São Gabriel no Rio Negro, nas condições de eu lhes fazer o pagamento lá, onde a existência de uma casa de comércio me permitia.

No dia 31 de maio partimos pela manhã de Yauareté, passando logo abaixo a Araripirá-Cachoeira, onde se acha o último estabelecimento dos Tariána de cima, com 20 habitantes. A pequena maloca Yacitára, pouco mais abaixo, já pertence, com os seus 5 habitantes, à tribo dos Pirá-Tapuya, assim como Acangatara-Ponta e Uaracú-Ponta, mais abaixo ainda, e duas outras malocas um pouco afastadas da margem direita nos Igarapés Sumaúma e Yuruparí. Abaixo desta fração dos Pirá-Tapuya, habitam os Curauá-Tapuya que falam a língua Tucano, em dois estabelecimentos apenas, na margem direita; uma pequena maloca dentro do Anána-Cachoeira e o povoado relativamente importante de Yuquira-rapecúma que consiste de 7 casas em estilo civilizado, alinhadas. O tuxaua da aldeia já há meses havia se mudado para junto do seu genro na margem do Rio Negro. O seu tenente, que fala regularmente o português recebeu-me bem quando me refugiei de um forte temporal para a sua casa.

Abaixo dos Curauá-Tapuya, começam os estabelecimentos dos Arapáço, tribo que igualmente fala o Tucano, em número de 8, todos colocados diretamente sobre a margem do Uaupés: Paraná-iucá, Loiro-rapecúma, Micuí-rapecúma, Uaturá-Ponta, Uaramã-Ponta (o único de importância), composta de 4 casas, e Lutú-rapecúma. Pelas 5 da tarde chegamos à primeira maloca dos Tariána de baixo, situada a um quilômetro do Uaupés, na margem do Tamandua-Igarapé.

Pela manhã seguinte passamos por uma casinha em frente à ponta inferior da Curupira-Capuáma, habitada por dois irmãos da tribo dos Yi-Tapuya, que também falam a língua Tucano, e encostamo-nos a uma possante maloca Tariána junto da boca da Cigarra-Igarapé. Esta casa media exatamente 20 metros de frente por 30 de fundos, sendo a sua altura não inferior a 10 metros, formando assim um soberbo exemplo de arquitetura indígena.

Ainda antes do meio dia alcançamos a aldeia Urubúquara na margem esquerda pouco acima da cachoeira do mesmo nome. Ela se compõe de 2 casas em estilo civilizado, uma maloca, uma capelazinha e uma pequena casa para hospedagem do padre que às vezes visita esta aldeia. Surpreendi os índios ali precisa-

mente no começo de uma festa de caxiri. Na porta da maloca está se dando a recepção dos índios vindos de fora, enquanto as mulheres, estas ainda se pintavam no porto. Os recém-chegados formavam uma fileira, um atrás do outro na entrada da maloca, cada um com o seu arco ou com um bastão na mão, o chefe com o escudo e a lança.

Os habitantes masculinos da maloca em formatura idêntica vinham devagar ao encontro dos visitantes passando rente ao lado direito deles de maneira que cada um de uma fileira pudesse cumprimentar cada um de outra fileira e trocar com ele algumas frases convencionais em língua que hoje está praticamente morta, ainda se conserva sendo em todos os demais casos, substituídos pelo Tucano.

Ficando parado na porta, pedi aos índios que não interrompessem a cerimônia. Timidamente, e submissos aproximaram-se de mim os tuxauas para pedir-me desculpa: era a última vez que eles festejavam uma festa de caxiri pelo estilo antigo; era a despedida dos costumes dos seus pais. Assim que ela estivesse acabada iam destruir os seus enfeites de dança e tratar de construir em lugar da maloca, casinhas arrumadas, conforme o governo lhes tinha ordenado pela boca de “João Padre”.

Em resposta não pude deixar de lhes explicar que o governo não proíbe as festas dos índios tão pouco como as dos padres e outros civilizados, contanto que não haja desordens; que eu pessoalmente achava lindíssimos os seus enfeites de dança, muito mais lindos que os trapos da civilização e que a sua soberba maloca era muito melhor que as gaiolas dos civilizados. Então o tuxaua Baratinha amarrou a sua própria rede para mim num canto da maloca de onde eu pudesse observar tudo bem, mandou-me sentar e descansar da viagem cuidou que eu fosse servido de caxiri convidando-me até para o cápi. De vez em quando ele se sentava um pouco ao meu lado para ouvir a minha opinião sobre o correr da festa. Muito menos simpático mostrou-se tal Manduca Silva, chefe da maloca de Cigarra-Igarapé, indivíduo já idoso, com uma cara de gatuno, metido numa camisa nova e paletó preto, balançando um chapeuzinho de palha sobre uma orelha. Falador insuportável, ele se atravessava adiante de qualquer índio que comigo quisesse conversar, ridicularizando-os como selvagens desprezíveis e enchendo-me os ouvidos com uma miscelânea de ordens do governo, ordens da Missão e decisões do seu próprio bestunto. É um conversador presumido e intrigante, sem nenhum valor, contra o qual devo prevenir a Inspetoria, para que esta não lhe conceda prestígio com prejuízo da autoridade dos chefes Tariána.

Na maloca Urubúquara o caxiri era servido por 6 moços festivamente enfeitados. Com uma cuia cheia em cada mão, eles se aproximavam, como coxeando, batendo fortemente com o pé direito e descrevendo voltas, e formavam frente diante dos que estavam sentados, e cada um servia um deles. Neste meio tempo o dono da casa com um escudo no braço, acocorou-se no meio da maloca atrás da panela de cápi coberta de folhas de bananeira. Os homens aproximaram-se de dois em dois, recebendo cada um duas pequeninas cuias de cápi e depois uma cuia de caxiri para tirar da boca o gosto extremamente amargo de cápi. Depois de terem bebido costumavam avançar alguns passos com a lança ou uma vara em riste como se estivessem espreitando alguma coisa.

Batendo de repente fortemente com o pé, parecia eles alvejar um objeto no chão adiante de si, brandindo a arma, voltavam-se para trás. Segundo me explicaram o cápi evita que os homens briguem quando ficam quentes do caxiri.

Pelas 4 horas da tarde começou a dança. Os homens dançavam de acangatará, mocinhos e mocinhas dedicaram-se com ardor à sua dança predileta ao som da flauta de Pan. O aspecto destes índios, livres dos vestidos ridículos da civilização, soberbos na sua nudez, realçando pelos enfeites de penas e a pintura, era extremamente belo e pitoresco, e eu não pude deixar de me indagar com a idéia que esta festa podia ser de fato a última deste gênero, porque eu ia-me embora no dia seguinte, mas “João Padre” ficava.

Junto à aldeia, o Rio Uaupés divide-se em dois braços. O direito está entupido pela intransitável Urubúquara-Cachoeira, o esquerdo por onde descemos, estreita-se muito, formando as cachoeiras Paxiúva e Pinipinú, junto das quais existem três casas dos índios. Logo abaixo da ilha formada por dois braços começa a grande Ipanoré-Cachoeira.

Já no Pinipinú-Cachoeira foi preciso descarregar e conduzir toda a bagagem nas costas por um varadouro de uns 300 metros. Acima da Ipanoré-Cachoeira tivemos de descarregar novamente. O varadouro tem 200 metros de comprimento e dá num braço estreito e correntoso de rio, junto da boca de um igarapé. Carregando ali a ubá descemos um pouco por este braço, mas logo outras cachoeiras o obstruíram e tivemos de levar a carga novamente por terra num percurso de 300 metros, até a margem de outro igarapé pelo qual descemos ao rio, saindo nele já a vista da aldeia Ipanoré. Com isto está vencida a última cachoeira do Rio Uaupés. Ipanoré, situada na margem esquerda do rio, conta 6 casinhas modernas e uma maloca. Em frente, na margem direita, acha-se o sítio Piquiá-Ponta. Os habitantes de todos estes estabelecimentos são Tariána cujo território ali se finda. Os de Ipanoré me receberam bem, mas estavam por demais sonolentos em consequência do caxiri em Urubúquara para me prestar muita atenção.

Deixamos Ipanoré pela manhã do dia 3 de junho, entrando, depois de passar por um sítio dos Pirá-Tapuya no Pirá-miri-Igarapé, no território da tribo Tucana, que se estende dali ao Uaçai-Paraná-miri. Acima da boca do Yauairí, no fim de um enorme estirão de 6 quilômetros de comprimento, apareceu na margem direita a missão salesiana de Taracúá.

A fundação dessa missão data de 1923. A primeira vista se reconhece que se trata de uma empresa que dispõe de recursos suficientes para se estabelecer definitivamente: A igreja é seguramente a melhor de todo o Alto Rio Negro. Ao lado dela levanta-se o sólido e espaçoso edifício da missão, com diversas dependências. Num alto, atrás, vê-se o posto meteorológico. Em certo contraste com estas construções moderníssimas estão as choças dos índios, em número de 7, colocadas pela beira do rio e que me pareciam muito inferiores às suas malocas primitivas.

Se, porém o meu juízo a respeito da missão de Taracúá tem de ser demasiadamente superficial, a culpa cabe unicamente ao então diretor da missão o Pe. Francisco, que me tratou de maneira como não estou acostumado a ser tratado por outros missionários.

Quando o procurei, achei-o sentado sobre uma banca, de carpinteiro, conversando com dois artífices. Levantou-se, cumprimentou-me, sentou-se de novo e deixou-me ficar em pé, diante dele. Esperei debalde que ele se lembrasse das regras elementares da civilidade, despedindo-me, enfim, pois já estava acostumado a outro trato pelos índios.

O tuxaua Baratinha de Urubúquara, por ex., faria uma boa obra se empreendesse uma viagem de missão civil da sua maloca a Taracuí, para ensinar a este religioso as idéias fundamentais do trato entre índios.

Eu mandara os meus remadores preparar o nosso almoço no porto de Taracuí, depois desta refeição seguimos viagem. Pouco abaixo da missão desemboca, pela mesma margem, o rio Tiquié; dos estabelecimentos dos Tucano neste trecho do rio, afora de Taracuí, só Naná-Repecúma, onde pernoitamos, tem alguma importância. A aldeia situada na margem esquerda compõe-se de 8 mesquinhas choças, em estilo moderno e um rancho de palha, que serve de capela.

Pouco depois das duas horas passamos na margem esquerda a boca do Rio Yauairí, o maior afluente do baixo Uaupés, daquela banda. Longe, no curso superior deste rio estão três sítios dos Yuruparí-Tapuya ligados aos sítios dos Hohódene, no Alto Cubate, por um caminho por terra. As três e meia aportamos no sítio de Francisco Albuquerque na ilha Yacaré-capuáma. Na margem direita desemboca ali o Cumá-Igarapé, em cujas margens há uma grande maloca dos Pirá-Tapuya. Como o dono não estivesse em casa, atravessei para o sítio Bela Vista, defronte, na margem esquerda, propriedade de Hyginio Albuquerque, irmão do precedente. Ao lado vê-se um sobrado de tijolos começados pelo pai dos irmãos Albuquerque, cuja morte impediu a conclusão da obra. Um terceiro irmão, Protogenio Albuquerque, habita um pouco abaixo de Bela Vista, na mesma margem, junto da aldeia Yacaré-Rapecúma. Estranha gente, estes Albuquerque! Eles são os filhos de um dos mais antigos moradores civilizados do Uaupés e de uma índia Pirá-Tapuya. O pai deles deu-lhes algumas instruções, moralmente, porém, parecem estar bastante descuidados.

Sem se envergonhar, como muitos outros em condições iguais, da sua descendência, consideram-se, pelo contrário, como pertencentes ao partido dos índios e como seus legítimos representantes, arrogando-se isso fato o monopólio de explorá-los, quando o seu gênio brutal para isso os impele, mas sem conceder igual “direito” aos outros civilizados. Hyginio recebeu-me hospitaleiramente em sua casa, e devo-lhe muitas gentilezas, mas notei que ele se constrangia na minha presença e que ele respirou de novo quando fui embora. Sem eu fazer a menor alusão, julgou-se ele na emergência de me dar uma satisfação a respeito do péssimo renome de que ele goza como algoz dos índios. O mais inofensivo dos irmãos Albuquerque pareceu-me o Protogenio.

A maloca Yacaré-rapecúma, dos Pirá-Tapuya, situada na boca do Parauá-Igarapé conta, além da casa de morada de Protogenio, 3 casas de índios. Um pouco mais acima, na margem oposta, está o sítio do Arsenio, cunhado dos Albuquerque.

A dois quilômetros e meio ao Nordeste de Ygarapé-rapecúma existe uma colina rochosa de nome Anayá luitéra. Numa caverna ao pé dela acha-se um cemitério de urnas. Os vasos enterrados superficialmente serviram para o enterro secundário. Dois dos quatro, que eu vi, estavam cobertos com finos ornamentos pintados, lembrando um os ornamentos de Marajó. Este cemitério não pertenceu aos antepassados das tribos que atualmente por ali habitam, mas muito provavelmente a uma tribo Aruak que antes delas ocupava estas regiões.

Dali para baixo até São Joaquim, não existe mais nenhuma aldeia de índios mas somente sítios de uma ou duas casas. A maioria destes estabelecimentos, que estão em número de 13, pertence à tribo Deçána, cujos membros, provin-

dos do Rio Tiquié, habitam 8 sítios. Três são habitados por Tucano, um por Pirá-Tapuya e um, o último, na ilha Pacuá-sororóca-capuáma pelos Cocuána, que hoje só falam a língua geral.

Alguns civilizados já se estabeleceram no meio desta população indígena, ao lado da maloca Cunurí, dos Deçana, habita um colombiano; em Pituna-rapecúma levanta-se a casa comercial de João Tombada e em frente de Pacuá sororóca-capuáma mora, na margem direita, um português.

Pela manhã no dia 10 de junho passamos por São Joaquim, antiga missão dos Cocuána, cujos descendentes ainda habitam espalhados na zona, em número total de umas 30 cabeças. Uma capela e oito casinhas de palha levantam-se numa terra alta da margem direita. Não encontramos nenhum morador. Estes só habitam as duas casas durante os dias de festas que se celebram na capela e no terreiro da povoação. Junto de São Joaquim, divide-se o Rio Uaupés em braços que desembocam separadamente no Rio Negro, ficando entre eles e este último a grande ilha Cuia-capuáma. Numa das numerosas cavernas da pequena colina Yacundá luitéra, na parte oriental da ilha, existe um cemitério de urnas que eu mesmo de balde procurei e mandei procurar. Escolhendo o braço direito do Uaupés passei pelo sítio Bauarí na margem esquerda habitada por Cocuána e pela ilhota Taracuá-capuáma, onde habita uma família da tribo Tucano, e depois de vencer sem a maior dificuldade a Tamanduá-Cachoeira, alcancei o Rio Negro às nove e meia da manhã. Na margem direita deste rio, da boca do Uaupés para baixo até a Caranguejo-Cachoeira existe, afora dos sítios dos caboclos filhos desta região que falam a língua geral, nove sítios de índios emigrados do Uaupés: os habitantes de Yandú são descendentes dos Cocuána; os de Caíma, Tucunaré e Trovão são Tucano. Em frente a Trovão, na ilha do mesmo nome, há um sítio Uanana. Nas duas casas em Paca-rapecúma e no sítio da ilha Sarapé-capuáma, defronte habitam Arapáço. Junto à Caranguejo-Cachoeira, existem mais dois sítios de índios Tucano. Pouco acima de Paca-rapecúma desemboca pela margem direita o Ducupixi-Igarapé. No seu afluente da banda direita, o Siribáya-Igarapé, habita uma maloca, debaixo do tuxaua Cristovam, um bando de Macú. Uma segunda maloca desta tribo, a do tuxaua Lourenço, fica a duas horas da margem do Rio Negro, nos fundos de Paca-rapecúma. Estes Macú mantêm algum comércio com os mencionados emigrantes do Uaupés e com os civilizados vizinhos, e parecem ter perdido em grande parte as suas particularidades características. Por causa de uma festa que estava se preparando em São Joaquim não achei ninguém que me quisesse acompanhar até às suas malocas.

No dia 10 de junho, às duas horas da tarde, concluí o meu reconhecimento com a minha chegada em São Gabriel.

Belem do Pará, 13 de setembro de 1927.

## II AS TRIBOS DE ÍNDIOS

### a) Estatística

Se nas regiões civilizadas do Brasil os trabalhos estatísticos esbarram com a oposição da classe menos culta, dando assim muitas vezes resultados de va-

lor duvidoso, quanto mais entre aqueles índios que visitei, desconfiados devido a gerações de maus-tratos infligidos pelos brancos, e acima disto tudo, postos de sobreaviso por gente malévola quanto aos fins do reconhecimento que doía tentar. Dou, portanto os Algarismos verificados por mim com toda a reserva, na quase certeza, porém de que, se errados estivessem, a diferença importará quando muito, em centenas, mas não em milhares. Pessoas conhecedoras da região as quais mostrara estes Algarismos acharam quase sempre demasiadamente baixas, alegando que eu não tinha visto nada, “que os índios se ocultavam” e “que nestas matas havia milhares e milhares de índios escondidos”. É, porém conhecida a tendência de pessoas que nunca se deram pessoalmente ao trabalho de tentar uma estatística, para exagerar o número de índios em toda parte onde os há.

### Rio Içana (Até Yandú-Cachoeira)

Sítio	Clã	Número
Grilo-luitéra	Yauareté-Tapuya	10
Baixo Cubate	Yauareté-Tapuya	15
Alto Cubate	Hohódene	20
Yauacaná	Yauareté-Tapuya	10
—	Yauareté-Tapuya	15
Iraití	Sucuriyú-Tapuya	10
Pirayauára	Yauareté-Tapuya	30
Castanha-rumaçaua	Yauareté-Tapuya	10
Anati	Yauareté-Tapuya	10
Sant’Ana	Yuruparí, Yauareté-Arára-Tapuya	40
Iuíra-Ponta	Yauareté-Sucuriyú-Tapuya	12
Hecoarí	Yuruparí-Tapuya	10
São Joaquim Miri	Siucí-Tapuya	21
Uácimini-Igarapé	Siucí-Tapuya	25
Nazareth	Sucuriyú-Tapuya	30
Tapiíra-Ponta	Yauareté-Tapuya X Baníua venezuelanos	12
Tunuí	Sucuriyú-Tapuya Cadaupurítana	12
Seringa-rupitá	Sucuriyú-Tapuya	20
Cuyarí-rumacáua	Sucuriyú-Tapuya	15
Yauára-Poco (Cuyarí)	Baníua venezuelanos	5
Yacú-Poco (Cuyarí)	Sucuriyú-Tapuya	15
Alto Cuyarí	Siucí-Tapuya	15
—	Tatú-Tapuya	20
Yapú-Ponta	Sucuriyú-Tapuya	6
Paruarí	Cadaupurítana	9
Yacaré-Ponta	Sucuriyú-Tapuya	10
Acutí-Igarapé	Pacú-Tapuya	15
Muxiua-Igarapé	Cadaupurítana	3

Pupunha-rupitá	Hohódene	40
Euauíca (Paumarí-Ig.)	Acutí-Tapuya	6
Tiripiana (Paumarí-Ig.)	Acutí-Tapuya	15
<b>Total abaixo da Yandú-Cachoeira</b>		<b>481</b>
<b>Total acima da Yandú-Cachoeira</b>		<b>100</b>

### Rio Ayari

Sítio	Clã	Número
Rio Quiari (4 sítios)	Siucí-Tapuya	50
Cara-Igarapé	Hohódene	15
Taracua (Miriti-Igarapé)	Hohódene	6
Paxíua (Miriti-Igarapé)	Hohódene	2
Carará (Miriti-Igarapé)	Hohódene	8
Uirá-uacu-Igarapé	Cáua-Tapuya	11
Iuíra-Igarapé	Cáua-Tapuya	6
Murutinga-Igarapé 8	Cáua-Tapuya	8
Cururú-Poco	Siucí-Tapuya	25
Mitú-Poco	Siucí-Tapuya	7
Araripirá-Cachoeira	Siucí-Tapuya	12
Nambú-Ponta	Siucí-Tapuya	10
Capi-Ponta	Cáua-Tapuya	20
Uapuí-Cachoeira	Hohódene	115
Ucuquí-Cachoeira	Siucí-Tapuya	13
Carayurú-Cachoeira	Hohódene	15
Seringa-Cachoeira	Hohódene	20
Mucú-Itapéua	Yiboya-Tapuya	14
Cubiu-Lago	Uanana	7
Pinima-Igarapé	Yauára-Tapuya	5
Cipó-Poco	Yiboya-Tapuya	7
Pará-miri-Igarapé 3	Yiboya-Tapuya	3
Castanha	Yiboya-Tapuya	11
Yacundá-Igarapé	Yiboya-Tapuya	7
Yautí-Cachoeira	Yiboya-Tapuya	5
Tapurú-Igarapé	Yiboya-Tapuya	6
Sacú-Igarapé	Yiboya-Tapuya	8
<b>Total</b>		<b>416</b>

Toda a bacia do Rio Içana com seus afluentes possuem, portanto uma população indígena de 1.055 almas; não existe nela um único civilizado. Em 1903, calculou Koch-Grünberg o número de índios nesta mesma área em 2-3.000; estes ficaram, por conseguinte reduzidos nos últimos 24 anos à metade, ou mesmo a um terço do seu número.

Sobre os índios do Rio Uaupés só tomei apontamentos estatísticos talhados até a região de Yauareté inclusivamente, não o podendo fazer dali para baixo por não dispor mais dos meios para a demora necessária.

#### Alto Rio Uaupés (do Querarí a Yacitára)

Sítio	Clã	Número
Yaburú-Capuáma (Querarí)	Yíboya-Tapuya	13
Carapaná-Igarapé	Uanana	10
Taracuá	Uanana	9
Tainha	Uanana	7
Seringa-Igarapé (Colômbia)	Uanana	9
Yutica	Uanana	58
Cápi-Igarapé	Uanana	10
Yacaré-Cachoeira	Uanana	10
Matapí-Cachoeira	Uanana	14
Caruru	Uanana	34
Yandú-Cachoeira	Uanana	13
Tayaçu-Poço	Uanana	10
Periquito-Cachoeira (Colômbia)	Uanana, Pirá Tapuya	10
Panapaná	Yuruparí-Tapuya	12
Acará-Capuáma	Yuruparí-Tapuya	13
Uariua-Igarapé (Colômbia)	Tariána (Yuruparí-Tapuya)	10
Yapecú-Igarapé	Yuruparí-Tapuya	3
<b>Total</b>		<b>245</b>

Sítio	Clã	Número
Mirá-pirera-Ponta	Uça-Tapuya	15
Prato-Igarapé	Uça-Tapuya	15
Parapananá-Igarapé (Colômbia)	Uça-Tapuya	8
Umari-Cachoeira	Uça-Tapuya	44
Umari-Igarapé (Colômbia)	Pirá-Tapuya	11
Tauá-Itapeua	Tariána	8
Uacuruáua-Ponta	Tariána	16
Uiripipi-Tapera	Tariána	6
Anayá-rúa (Colômbia)	Tariána	12
Uirá-Uacú	Tariána	20
Tomé-Ponta	Tariána	221
Tocador-Ponta	Tariána	17
Pinupinú	Tariána	16
Yapurá-Ponta. Rio Papurí	Tariána	20
Yauareté	Tariána	51

Mandií-Ponta	Tariána	9
Uirá-Uacú-Ponta	Tariána	15
Arapáco-Ponta	Tariána	48
Araripirá-Cachoeira	Tariána	20
Yuí-Igarapé	Pirá-Tapuya	20
Yuacáua-Igarapé	Macú	20
Yacitára	Pirá-Tapuya	617

Total	96
População de seis sítios do lado colombiano	60
Índios do Alto Uaupés em território brasileiro	575
Índios do Alto Querarí em território brasileiro	58
Índios do Rio Papurí em território brasileiro	150
Índios do Rio Tiquié	300
Índios do Baixo Uaupés	500
Índios do Uaupés estabelecidos acima de São Gabriel	150
Índios do Curicuriari, Téya e Yurubarí	300
Índios do sertão da margem esquerda do Alto Rio Negro	200
Índios do Rio Içana e afluentes	1.000
Número total dos índios da parte brasileira da bacia do Alto Rio Negro	3.226

Neste cálculo não está incluído o número dos caboclos da língua geral, já incorporados na população civilizada do município de São Gabriel e das partes adjacentes do município de Barcelos, nem tampouco aquele dos índios do Içana e Uaupés que trabalham nas propriedades dos civilizados no Rio Negro e cujo número deve montar em diversas centenas.

Seria interessante uma confrontação da minha estatística do Rio Uaupés, com a de épocas anteriores. Infelizmente os missionários só nos deixaram uma estatística dos seus estabelecimentos sem se referir ao número dos índios fora deles, e Koch-Grünberg nenhuma opinião deu a respeito da população total de Uaupés; de estatísticas parciais podemos, porém, inferir que o decréscimo da população tem sido enorme. Basta para isto lembrar o caso da tribo Uanana já citada na descrição da viagem pelo Uaupés.

## **b) Estratos de cultura**

Até a presente época distinguem-se claramente na região do Alto Rio Negro três camadas de civilização indígenas, correspondendo cada uma a princípio a determinadas famílias linguísticas e representando três fases da história desta região. No correr dos séculos de contato destas três deram-se, naturalmente, numerosos fenômenos da aculturação, apagando em parte as linhas divisórias entre as diversas camadas.

A primeira população destas terras parece ter sido formada por horda das poucas numerosas de uma cultura extremamente rudimentar, desconhecendo a princípio a cerâmica, a arte têxtil, a navegação, a lavoura e as construções permanentes, levando uma vida errante pelos centros da mata. Hoje os seus representantes, os pacíficos Macú dos centros, entre os afluentes grandes do Uaupés e dos outros tributários da margem direita do Rio Negro, e os Uaicá e Xiriána, em parte hostis nos sertões da margem esquerda do mesmo rio, já se acham profundamente influenciados pela cultura da segunda camada, da qual porém se conservam até hoje nitidamente separados.

Este segundo estrato é formado de tribos portadoras de uma das culturas mais adiantadas desenvolvidas por índios da região da mata tropical. Esta cultura caracteriza-se especialmente pelo alto desenvolvimento da arte da cerâmica, da lavoura, especialmente da mandioca, e da arquitetura das malocas, consequências estas de uma vida sedentária, pelos usos das ubás, das carauatânas, dos escudos e das redes de fibras de tucum (porquanto lhe falta a cultura do algodão). Estas tribos eram divididas em clãs exógamos com sucessão em linha paterna, professam o culto do Kóai-Yuruparí e usavam primitivamente o enterro secundário em urnas, depositadas em cavernas. Procuravam para os seus estabelecimentos, as margens dos rios grandes ou menos as dos igarapés navegáveis. Como até agora nunca achei os vestígios desta cultura a maior profundidade abaixo da superfície da terra, julgo que o seu aparecimento não data dos tempos excessivamente remotos, não remontando talvez além do começo da era cristã.

A sua invasão deu-se em ondas migratórias vindas sucessivamente em sentidos diversos. A primeira, vinda do Norte era formada pelas tribos Aruak, irradiando do antigo centro desta família na região do Alto Orenoco e Guainia. Dela fizeram parte os Baré do Alto Rio Negro até a boca do Teya, os Manáo dali para baixo até o Urarirá, os Uarequena do Rio Xié e Baixo Içana e os chamados Baníua da bacia deste último rio, divididos em dez clãs: Yauareté, Yuruparí, Arára, Sucuriyú, Siucí, Tatú, Ira, Ipeca, Tapiíra e Coati-Tapuya.

As primeiras hordas Macú desta região sofreram uma completa aculturação a estas tribos superiores, indicando a tradição ainda hoje, como descendentes deles os Cadaupurítana, quase extintos, de Tunuí e os Hohódene, ainda numerosos e atualmente em nada inferiores aos demais clãs dos “Baníua do Içana”.

Nomes geográficos em língua Aruak e a existência de cemitérios de urnas provam que tribos desta família ocuparam temporariamente também o Rio Uaupés, onde tiveram de ceder à segunda onda migratória formada pelas tribos da família Linguística Tucano, vinda do Oeste. A julgar pelos seus parentes no Içá e Napo, estas tribos possuíram uma cultura inferior a dos Aruak, aculturando-se, porém tipos mais grosseiros. Contudo ficou ainda uma diferença sensível entre duas famílias: as grandes “flautas de surubi” e o alto desenvolvimento da arte cerâmica só se encontram entre os Baníua do Içana; as danças de máscaras e a fabricação de banquinhos caracterizam a família Tucano, representada pelas tribos seguintes: os Cobeua do Alto Uaupés, divididos em 24 clãs. No Querarí, os Dyuremawa, Dyaniwa, Koaitarabewi, Biówa, Tóliawi, e Kawikuliwa. No Uaupés entre a boca do Querarí e a do Cuduyarí os Walaliwa, Crabawa, e Miaráwa. No Cuduyari os Ambomamára, Pialawa, Ilheadówa, Kalówa, Hehénawa e Bahúkiwa, Pedikwawi, Piándokawi, Heliwa e Aweea. No Uaupés acima do Cuduyarí os Ucuwaiwa, Kohakolobewa, Papiwa, Buóibowa, e Hulélaliwa. O seu número total pode mon-

tar numas 500 cabeças, das quais só umas 120 pertencem especialmente ao clã Dyurémaua (Yiboya-Tapuya), habitam em território brasileiro, ocupando o Alto Ayari, e a margem esquerda do Querarí. Abaixo dos Cobeua habitam no Uaupés os Uanana. Das suas sedes primitivas no Rio Papurí se espalharam os Pirá-Tapuya e Deçana até o baixo Uaupés. No Papurí, no Tiquié e dali para baixo habita a tribo Tucano com as suas tribos dos Uçá, Curauá, Yi-Tapuya (Baré).

Até a presente data continua a expansão das tribos desta família. A tradição designa ainda como “Baníua” os clãs do Rio Querarí que hoje só falam a língua Cobeua, e foi já linguisticamente e culturalmente tucanizado o clã Dyuremáua (Yiboya-Tapuya) estabelecido ainda em 1904 integralmente no Querarí, emigrante para o Alto Ayari, com exceção de uma maloca. A tribo Tucana, propriamente dita estendeu-se também em época recente sobre a margem do Rio Negro entre a foz do Uaupés e São Gabriel e sobre o Rio Curicuarí.

Já em tempos relativamente modernos deu-se, porém uma segunda emigração de elementos Aruak para o Rio Uaupés: a invasão dos Tariána.

Segundo a sua tradição habitavam eles dantes na Uapuí-Cachoeira do Rio Ayari de onde emigraram, descendo ao Uaupés pelo Arára-Igarapé e estabelecendo-se em Yauareté, de onde expulsaram os Tucano debaixo de lutas sangrentas. Dali nasceu mais tarde uma fração da tribo Tariána para se fixar em Ipanoré. Calculo que esta invasão se deu no decorrer do século XVIII. Os Tariána ganharam certa supremacia no Uaupés, avassalando as tribos vizinhas dos Yurupari e Pirá-Tapuya e parte dos Macú, estado este que se prolongou, ao menos teoricamente, até os nossos dias. Hoje, esta mais nobre das tribos do Uaupés está se tucanizando cada vez mais, já tendo abandonado por completo o uso da sua língua antiga, trocando-a pela Tucano.

As tribos da família Tucano e os Tariána exercem forte influência sobre a cultura dos Macú da bacia do Uaupés, ao ponto de certos bandos deste não se distinguirem mais dos seus mestres senão pela língua e pela sua inferioridade social.

Diversos clãs dos Cobeua são apartados com descendentes dos Macú, e o nome de um deles, Okódyboroa, segundo Koch-Grünberg, significa Macú (Borówa) dos Uanana (Okódyiwa).

A terceira camada de cultura é um produto híbrido, formado pelo contato da cultura do segundo estrato com a civilidade europeia desde o século XVIII para cá. De fora ela adotou especialmente as formas exteriores do catolicismo, os vestidos, as ferramentas e as armas dos civilizados e o uso da língua geral, introduzido também por estes e os seus sequazes semicivilizados. Da antiga cultura dos Baré e outras tribos parentas, ela conservou o culto Kóai-Yuruparí, as festas de dádivas (dabucuri) e numerosas pequenas indústrias caseiras das quais ele devolveu em alto grau a fabricação de redes de tucum. O foco desta cultura são as margens do Rio Negro no município de São Gabriel de onde ela irradiou pelo Içana e Uaupés adentro, influenciando a cultura precedente e fazendo-se sentir no primeiro até a boca do Ayari e no segundo até as primeiras cachoeiras, mais ou menos.

### III ESBOÇO LINGUÍSTICO

#### a) A Língua geral

Exceções feitas dos adventícios na presente geração, toda população civilizada do Município de São Gabriel, branca, mestiça, ou índia usa entre si a língua geral. A grande maioria dos homens fala também ao menos sofrivelmente o português, mas não deixa de existir um bom número que o falam bastante mal. Entre as mulheres, as que se expressam bem em português parece-me estar na maioria, mostrando uma forte porcentagem delas visível repugnância de usá-lo.

A língua geral tem por base um dialeto tupi, mutilado gramaticalmente pela ignorância e preguiça mental dos conquistadores e “enriquecido” por uma infinidade de palavras portuguesas e formas gramaticais que procuram assemelhar à língua dos conquistadores.

1. Mutilações fonéticas: a língua geral do Rio Negro perdeu todos os sons próprios da língua tupi; a sua fonética é a portuguesa. Mesmo o *i* gutural que o dialeto do Solimões ainda conserva, ao menos em determinados casos, foi mudado em *i* ou *e*, como os sons portugueses. Assim em lugar de *ibitíra-serra*, dizem *íuitéra*, o *h* aspirado foi omitido completamente.

2. Mutilações gramaticais: uma completa lista delas seria demasiadamente longa. A ignorância dos civilizados despojou o tupi de quase todas as suas formas características, muitas vezes tão elegantes e concisas, uma vez que estes não tinham formas correspondentes em português. Assim a língua geral perdeu o plural coletivo em *-cuera-*, a forma exclusiva do pronome pessoal da primeira pessoa do plural: *oré*; os pronomes de relação *oró* - “eu te”, e *opó* - “eu vos”, a prefixo reflexivo *ye-* e o recíproco *yu-* numa só forma correspondente ao “se” do português, desconhece o futuro verbal “em” - *ha*; aboliu as desinências do passado, futuro e futuro misto dos substantivos e participios, *-cuéra-ráma*, *ranguéra* e *cueráma*, dos quais só persistem alguns casos do emprego de *cuéra*; substituiu o prefixo da segunda pessoa do imperativo *e-* pelo prefixo pronominal *ere-*, e cessou de servir-se do gerúndio em *bo* do participio *temí-* (salvo casos raros sobreviventes) e *-pira*, o participio passivo em *-pira*, os prefixos verbais *ro-* e *poro-* e o permissivo em *t-*.

3. Neologismos lexicológicos: são numerosíssimos as palavras emprestadas ao português, as mais das vezes sem a menor necessidade. O dialeto do Rio Negro ultrapassa neste vício ainda o Solimões. Assim temos na língua geral; *cachoeira* por *itú* (tupí), *ponta* por *supitá*, *lago* por *ipáua*, *poço* por *cuára*, etc. Como substituíram entre outras também a palavra *apicáua* pelo português “branco” vemos no mapa acima de Yutica o “Branco-Lago” formado de duas palavras genuinamente portuguesas, mas compostas pela regra de relação do tupi, segundo a qual em tais casos o nome genérico precede ao qualificativo. A nomenclatura geográfica da bacia do Alto Rio Negro está cheia de absurdo destes que eu conservei escrupulosamente no meu croqui porque, estando em uso geral, caracterizam a época em que este foi feito.

4. Neologismos gramaticais: este é como o precedente, o capítulo mais grotesco da língua geral. Como em tupi só existe o plural coletivo que a língua geral omitiu por não ter o seu correspondente em português, criaram um plural à

moda desta última língua, empregada para tal fim o adjetivo setá-muitos (isto é, depois para cima) na forma corrompida itá. Não havendo em tupí nenhum artigo, empregam como artigo indefinido o numeral yepé-l, o que em tupí daria o sentido de “somente” acima referido, formaram itá- “eles”, usando o mesmo com prefixo possessivo junto do substantivo: aité-igara- “canoa deles”. A maneira do presente da atualidade de português criaram uma forma composta com o verbo icú, e “estar”, eu estou passeando. Em lugar do permissivo optativo em t-inventaram uma forma composta com interjeição portuguesa “tomara”: tomara xa yuca—“oh se pudesse matá-lo”.

E foi este jargão ridiculamente corrompido que o P. C. Tastevin (La langue Tapihiya, Viena, 1910) tomou como protótipo da língua tupi, corrigindo por ele os “erros” contidos nas obras de Montoya, Figueira e outros.

Como a tendência para tais mutilações e “enriquecimentos” hoje se manifesta com intensidade cada vez maior, a língua geral, aproxima-se rapidamente ao último grau de corrupção de um “jargão” que está prestes a extinguir-se. E não merece ela outra sorte, a meu ver, porque a língua geral do Rio Negro não é absolutamente, como muitos pensam, a “língua dos índios” mais sim a língua dos “brancos”. Sem a chegada dos civilizados do Rio Negro ninguém ali falaria este jargão, pois desde a sua boca até as últimas cachoeiras dos seus afluentes não há notícia de uma única tribo que estivesse sido de filiação linguística tupi: das margens do Rio Negro não possuímos nenhum vocabulário que não documentasse claramente o domínio exclusivo das línguas da família Aruak ali: o Baré (9 documentos de diversos autores), o Manáo (vocabulário de Spix), o Cariahy (vocabulário do mesmo autor) e os Bahuána (apontamentos do autor deste trabalho). Os introdutores da língua geral do Rio Negro foram os conquistadores portugueses e os índios domesticados oriundos do Pará, seus sequazes. Ainda hoje é espantosa a facilidade com que portugueses semicultos aviados da casa J. G. Araújo, a empregam no trato com os índios, “sacados” do Uaupés, mesmo numa região onde ele não corre entre os moradores do lugar, convencidos de que ela é a língua dos índios, e a naturalidade com que estes mesmos índios aprendem na honesta convicção de ser ela a língua dos “brancos”. A língua geral não deve a sua expansão a uma necessidade histórica inevitável, mas à preguiça mental da população inculta de ambas as partes. Mil vezes melhor se tivessem ensinado desde o começo os índios a língua portuguesa, mesmo imperfeitamente, porque seria capaz de um aperfeiçoamento; a língua geral, pelo contrário, só se pode corromper cada vez mais, de geração em geração. Que a inteligência do índio enfim é muito suficiente para ele aprender uma língua latina provam os índios colombianos e venezuelanos que, sem o intermédio de uma língua geral, aprenderam o castelhano.

Muito menos ainda do que no Rio Negro é a língua geral a “língua dos índios” nos seus afluentes Içana e Uaupés. Os dialetos “Baníua” deste primeiro rio assemelham-se tanto entre si que aos diversos clãs se entendem facilmente. No Uaupés, porém, os índios de línguas profundamente divergentes se entendem por meio de língua tucana. Tanto num como no outro rio, porém a maioria dos homens ao menos conhece mais ou menos bem a língua geral e se serve dela exatamente lá onde devia empregar a língua portuguesa: no trato com os civilizados.

## b) As línguas Aruak

1. “Baníua” do Içana. - Quando Koch-Grünberg em 1903 estudou os índios deste rio pertencia toda a sua bacia ao domínio desta língua; hoje, porém é preciso excetuar a Alto Ayari, invadido por índios da nação Cobeua, vindos do Querarí, afluente do Uaupés. Este Baníua do Içana diverge profundamente de Baníua verdadeiro falado pelos índios do mesmo nome nas vizinhanças de Maroa e Sam Fernando de Atabapo, na Venezuela. Nem a Koch nem a mim foi possível descobrir qual era o verdadeiro nome daquela nação e da sua língua. O seu domínio se estende também por uma parte do Alto Guainia, e só há poucos anos se retiraram os seus representantes do Papunáua, afluente do Rio Inírída. Este idioma pertence à família linguística Aruak, sendo os seus parentes mais próximos o Uarequéna, falado dantes no Rio Xié, o Piapóca e no Rio Guaviare, e outros dialetos da Venezuela e da parte adjacente da Colômbia. Todavia a diferença entre a língua “Baníua” do Içana e a língua Baré, sua vizinha para o lado do Rio Negro é bastante grande, se bem que ambas pertencem à mesma família linguística.

Como todas as línguas desta família, o Baníua do Içana é suave, não possui quase vogais guturais. Na boca dos índios reconhece-se ela facilmente pela pronúncia das consoantes combinadas ts, th e ph. Entre os característicos gramaticais das línguas Aruak é um dos melhores a distinção de 2 ou mesmo 3 gêneros que se manifestam no pronome e no adjetivo.

Na língua Palikur (região do Oyapock) parente próximo do Baré, determinei três; a língua Baníua de Içana só possui dois: Ipéca-Tapuya: ele - hría, a mão dele - ri-kápi, ele é bonito - matsiádari; ela - slúa, a mão dela - ru-kápi, ela é bonita - matsiádari. A língua Baníua do Içana dividiu-se em três dialetos ligeiramente diferenciados na pronúncia e em alguns vocábulos. O primeiro, denominado “Carutána” pelos seus vizinhos é falado pelos clãs dos Yauareté, Yuruparí, Urubú e Arára-Tapuya do Baixo Içana. O segundo dialeto é falado no médio Içana, até pouco além da suposta fronteira colombiana, no Ayari. Os seus representantes são os clãs Cadaupurítana, Sucuriyú-, Siuci-, Acuti-, Cáua-Tapuya, e Hohódene.

O terceiro e mais divergente é falado principalmente em território colombiano onde ele é designado com o nome “Coripaco”, e no Alto Içana, Alto Guainia e Alto Cuyarí pelos clãs Pacú-Tapuya, cujos restos se mudaram ultimamente para o Acutí-Igarapé, afluente do Içana em território brasileiro, os Coatí, Tapiíra-, Ipéca-, e Tatú-Tapuya, estes no Alto Cuyarí talvez em parte em território brasileiro, e os Yauareté-Tapuya no Guainia, em território venezuelano, diferentes dos índios do mesmo nome no Içana.

No Uaupés teve a língua “Baníua” do Içana um próximo parente na língua Tariána falada dantes pelos índios do mesmo nome e seus vassallos os Yuruparí-Tapuya, hoje porém praticamente extinta e substituída pela Tucana.

Não só ali como em todas as fronteiras vemos a língua “Baníua” em regresso. Ainda hoje são tidos como antigos “Baníua” os clãs dos Querarí que só falam atualmente a língua Cobeua. De 1903 para cá, estes índios invadiram o Alto Ayari estendendo assim o domínio da língua Cobeua para dentro da bacia do Içana. Daquela mesma data para cá se efetuou o abandono do Papunáua pelos Coatí-Tapuya e pelo Baixo Içana está se estendendo o uso da língua geral.

2. Uarequéna. - Esta língua está hoje quase extinta, pois os poucos sobreviventes desta tribo habitam esparsos na maioria em território venezuelano, no

Guainia (Gusman Blanco e vizinhanças) e adotaram a língua Baníua verdadeira dessa região ou a castelhanha. No rio Içana não existe nenhum representante e no rio Xié, sua pátria primitiva só habita uma família vinda já da Venezuela. Uarequena é um membro próprio da família Aruak. Ela assemelha-se mais ao Carutana, mas não é um dialeto do “Baníua” do Içana.

3. Baré. -Hoje esta língua ainda é falada em território venezuelano, em São Carlos, no Guainia, e no Cassiquiare. No Brasil onde ela antigamente se estendeu pelo Rio Negro abaixo até a ilha de Timini, na boca do Teya onde ela confinava com o Manáo, está ela hoje praticamente extinta e substituída pela língua geral. Ainda existem, porém, segundo me informaram, pouco abaixo de São Gabriel, dois pagés velhos, organizadores dos “dabucuris” daquela zona, que nestas festas usam de cantigas em língua Baré; infelizmente não pude mais verificar de perto este fato interessante.

Martius (Beiträge I, p. 624-625-581) considera o Baré como uma ramificação do Manáo, uma gíria composta dos mais diferentes elementos. Um exame do material linguístico não comprova porém esta opinião: o Baré, é um legítimo e bem caracterizado membro da família Aruak e muito diferente da língua Manáo, hoje completamente morta, mas da qual possuímos algum material colhido por Spix e outro publicado por Brinton.

Segundo uma observação de Natterer parece ter havido dois dialetos do Baré: Ihini e Arihini, tendo aquele viajante em 1831 tomado vocabulários de ambos, que infelizmente se perderam.

Aliás, estes dois nomes parecem significar nada mais que “os de lá” e “os de cá”. Outro dialeto da mesma língua é o antigo idioma da tribo Guináu, cujos poucos sobreviventes ainda hoje existem pelo meio da tribo dos Maiongóng, no Alto Caura, Ventuari e Auarí.

Nomes geográficos provam também que a língua Baré ou um dialeto muito aparentado se estendia antigamente pelo baixo Içana, mais tarde ocupado sucessivamente pelos Uarequena e Carutana Baníua.

### **c) A família linguística Tucana**

Com exceção das pequenas enclaves formadas pelas hordas Macú de línguas alophylas, toda a parte brasileira da bacia do Uaupés é domínio das línguas da família Tucana que dali se estende até muito além das fronteiras, pela Colômbia e as partes adjacentes do Perú e do Equador adentro.

Ultimamente os seus representantes se estenderam também sobre uma pequena parte da bacia do Içana, ocupando os Yiboya-Tapuya o curso superior do Rio Ayari.

Ali no Uaupés não se trata somente de dialetos pouco diferenciados, como os da língua “Baníua do Içana”, mas sim de sete línguas distintas, se bem que aparentadas.

1. A língua Cobeua que é a mais divergente, falada em território brasileiro pelos habitantes da margem esquerda do Querarí e do Alto Ayari, pertencentes aos clãs Dyurémawa (Yiboya- Tapuya), Dyániwa, Koaitarabewi, Biówa, Kawikuliwa, antigos Baníua, tucanisados há muito tempo.

O nome Cobeua vem da negação “kebeu” desta língua; eles mesmos se chamam Kaniwa na sua totalidade, e não Hehénawa, como supôs Koch-Grünberg



que tomou o nome de um dos seus clãs, estabelecidos no Rio Cuduyarí pelo nome da tribo toda. A língua Cobeua não chegou a formar dialetos conforme verifiquei tomando vocabulários dentro de seus 24 clãs (Dyuremawa, Hehénawa, e Bahukiwa).

2. A língua Uanana que é também a mesma em todas as aldeias desta tribo cuja autodenominação é Kotedia.

3. A língua Pira-tapuya que em sua própria língua se chamam Waikíno, aparentada mais estreitamente com Uanana.

4. A língua Deçana que formou diversos dialetos tomados com Deçana do baixo Uaupés, vindos há anos do Rio Tiquié. O nome próprio desta tribo é Waná.

5. A língua Tucana a mais importante da família toda pela sua extensão, e que de mais a mais está se tornando a língua geral dos índios do Uaupés, desde o domínio da língua Cobeua até o curso inferior deste rio. Ela é falada também pelas tribos dos Arapaço, Curauá, Uça, Yi e Mirití-Tapuya de origem desconhecida, e pelos Yuruparí-Tapuya e Tariána que dantes falavam um dialeto do “Baníua” do Içana. Os Tucano denominam Daxêa a sua tribo.

6. Os Tuyúca-Tapuya ou Doxkáfuara.

7. Os Poçangas-Tapuya ou Baré, duas tribos do Alto Tiquié falam línguas que mais se aproximam ao Tucano propriamente dito, segundo o material colhido por Koch-Grünberg.

Debalde tratei de alguma tradição a respeito da língua Coeuána há gerações extintas. Um vocabulário dela tomado por Natterer em 1831, perdeu-se. Em Yacaré-rapecúma informaram-me que os Coeuána a princípio formaram uma horda de Macú na margem esquerda do Baixo Uaupés, nos fundos daquela aldeia, e que mais tarde foi aldeada em São Joaquim. Os seus descendentes só falam hoje a língua geral.

As línguas da família Tucano formam contraste com o “Baníua” pelas suas numerosas vogais e consoantes guturais e pela aglomeração de consoantes.

Especialmente a língua Manáo é caracterizada por esta última circunstância, encontrando nela palavras com Pxcaká-fogo. Gramaticalmente são as línguas destas famílias notáveis pelas grandes riquezas de forma de verbo. Segundo o Dr. P. P. Koch (Ensaio de Gramática Degaeje, Wien) o verbo tucano possui ativo, passivo, interrogativo e recíproco. Cada gênero tem 5 modos: Indicativo, Condicional, Imperativo e Particípio (presente, passado e futuro) e Optativo. Cada modo tem 4 modalidades: atualidade, indicação do lugar presente, indicação do lugar ausente, e indicação de dúvida. Cada modalidade (excetuada a da atualidade) tem 3 tempos: presente, passado e futuro. Cada tempo tem 4 formas especiais: simples, indefinida, exclusiva, disjuntiva ou sucessiva e inclusiva. Cada forma especial tem finalmente 7 pessoas: singular 1, 2, 3 masculino, 3 feminino, plural 1, 2, 3. Há, porém só um esquema de conjugação.

#### **d) As línguas Macú**

O nome Macú ou Maco foi dado em nada menos que seis lugares diferentes da Colômbia, Venezuela e do Brasil e índios entre si completamente independentes. Assim temos os Macos, subtribo da extinta nação dos Cofane, nas cabeceiras do Auarico, no extremo sudoeste da Colômbia de cuja língua não temos documentos; os Macú pertencentes à família linguística Sáliba, na Venezuela na

margem direita do baixo Ventuari; os Macú, pequena tribo da língua isolada no Auarí, braço que forma com Parime o Rio Uraricuéra; os Macú brabos, nome que se dá no Brasil aos bandos de Xirianá ou Uaicá hostis que vagueiam pelo sertão dos afluentes da margem esquerda do Alto Rio Negro. Neste capítulo tratarei da língua dos chamados Macú mansos, espalhados pelos centros da mata entre os afluentes e subafluentes da margem direita do Rio Negro, desde o Uaupés até o Yurubaxi. Basta olhar uma vez para a pequena tabela anexa para reconhecer pelo aspecto dos vocábulos que ali se trata de dialetos inteiramente estranhos aos idiomas precedentes da família Tucana e Aruak. Resulta logo à vista a grande porcentagem de monossílabos e a frequência de finais consoantes (b, bm, g, gn, dn) enquanto nas línguas Tucana e Aruak o final é sempre vogal. Estes dois fenômenos dão aos dialetos Macú exteriormente um ar de parentesco com as línguas da família Gê do Oeste do Brasil, mas que não se comprova nem lexicologicamente, nem gramaticalmente. Os seus dialetos Macú, até hoje documentados (do Papurí, do Tiquié, de Yauareté, do Ducupixi-Igarapé, do Curicuriari e do Yurubaxi apresentam entre si, em parte, notáveis diferenças lexicológicas, e, ao que parece, também algumas gramaticais, provavelmente em consequência do isolamento em que vivem os diversos bandos entre si, e da influência de vizinhos de línguas diversas. Só de um dialeto (o do Papurí) existe um material suficiente para um primeiro esboço gramatical (Nouvelle contribution à l'étude de la langue Macú por P. P. Rivet, P. Koch e C. Tastevin, *International Journal of American Linguistics*. III N. York, 1935): segundo este trabalho a língua Macú possui um sufixo de plural e um desinência feminina (ex-mulher, irmã maior) subfixa ao pronome da conjugação dos verbos quando a ação se refere a um feminino. Nota-se certa abundância na formação de substantivos, adjetivos e verbos derivados uns dos outros.

Assim formam-se verbos com sentido de substantivos e adjetivos pela adição do verbo auxiliar ní. Substantivos são formados de verbos pelo sufixo -T-. Destes substantivos formam-se adjetivos juntandose-lhes uyup, particípio presente de uyui- “estar”, e por processo semelhante pela adição de utuyup- “estando com ...” formação de verbos e substantivos outros verbos e substantivos com o sentido de “lugar” ou da “origem”. Um estranho processo de incorporação do substantivo no seu adjetivo tem a língua Macú em comum com a vizinhança da Tucana:

Macú: tsi-hote-pe, passarinho (tsipe-pequeno, hote-pássaro).

Tucana : Kanwii-aka- casinha (kangaka-pequeno, wii-casa).

Já Koch-Grünberg, colhendo em 1904 o primeiro material destas línguas, notou porém a semelhança do seu hábito com o da língua Puináve do Rio Inirida. Há a mesma tendência para o monossilabismo e as mesmas características finais consoantes. P. Rivet (*Affinités du Makú et du Puináve*, par P. Rivet et C. Tastevin. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, XII, Paris, 1920) examinou esta semelhança mais detalhadamente verificado então não só um parentesco lexicológico numa série de vocábulos como também uma indubitável semelhança nos pronomes. Foi a única relação que até hoje se conseguiu estabelecer para as línguas Macú.

### III ÍNDIOS E CIVILIZADOS

O capítulo trágico da história de toda América do Norte e do Sul, - tenebroso e triste também na história do Alto Rio Negro, mais do que em qualquer outra parte do Brasil por mim conhecida, achei no Içana e Uaupés as relações entre os índios e os civilizados, os “brancos”, como ali se diz, irremediavelmente estragadas: um abismo abriu-se entre os dois elementos, à primeira vista apenas perceptível, encoberto pelo véu de um *modus vivendi* arranjado pelas duas partes, mas mostrando-se logo em toda a sua profundidade intransponível assim que se trata de conquistar a confiança do índio e de penetrar no íntimo da *psyche* dele.

Clara está que a maioria dos civilizados, não compreendendo nem precisando de nada disto, nunca chega ao conhecimento deste abismo, dando-se por muito satisfeita com o *modus vivendi*, e apresentando este muitas vezes orgulhosamente como resultado dos seus processos civilizadores.

O índio hoje vê, em qualquer civilizado com que ele depara, o seu algoz implacável e uma fera temível. É hoje trabalho perdido querer conquistar a confiança do índio por meio de um tratamento fraternal e justiceiro. Mesmo os atos mais desinteressados ele atribui a motivos sujos, convencidos de que só por uma conveniência qualquer o civilizado disfarça ocasionalmente a sua natureza de fera. Para mim pessoalmente, acostumado a convivência íntima com os índios das tribos e regiões mais diferentes, a permanência entre os do Içana e Uaupés foi muitas vezes um verdadeiro martírio, vendo-me sem mais nem menos e com a maior naturalidade tratado como criminoso, perverso e bruto.

Muitos civilizados consideram este tratamento como manifestação de brutalidade inata de raça primitiva, mas basta de observar uma vez o trato que os índios se dão entre si para reconhecer em semelhante explicação uma daquelas calúnias com que o “branco” costuma envilecer a sua vítima. Sempre notei com inveja a urbanidade e liberdade com que eram recebidos os índios meus remadores assim que eu entrava com eles numa maloca: o dono da casa os cumprimentava na entrada, oferecia-lhes assento e trocava com eles cerimoniosamente as frases de estilo. Para mim ele tinha apenas um olhar cheio de medo e desconfiança depois do qual ele me virava as costas na certeza de não encontrar da parte do “branco” devasso e brutal a menor compreensão para um tratamento cortês. E por isso mais de uma vez, enquanto mulheres e crianças fugiam pelos fundos, o dono da casa, encolhido num canto, deixava a recepção do Branco aos cachorros do terreiro.

Aos meus remadores a dona da casa trazia a panela de quinhapiras, os beijús mas salvo raras exceções e já por aviso dos meus companheiros índios, nunca me convidava, porque se fizessem com qualquer outro, este com certeza repeliaria com indignação o “desaforo” de ser assim igualado aos índios.

Entre si organizam estes índios periodicamente festas com determinado fim de representarem uns aos outros, que outra coisa não são os chamados “dabucuris”, festas inteiramente análogas aos “potlach” dos índios da Alaska e Colômbia britânica, na América do Norte.

A mim, com exceção de um único caso especial, nunca ofereceram coisa alguma sem exigir pagamento imediato, e mesmo depois de terem me visto pagar durante dias honestamente tudo quanto recebia, ostentavam eles sem o menor

recato. A preocupação ia ao ponto deles se negarem redondamente a qualquer trato e negócio comigo, repetindo em resposta de qualquer tentativa de minha parte o seu clássico “Aqui não tem nada”.

Distribuíra na minha viagem, sempre que chegava, alguns presentes, mas em caso nenhum esta liberalidade minha contribuiu para melhorar as relações, antes pelo contrário. Se eu tivesse maltratado os índios, mesmo fisicamente eles provavelmente pouco caso teriam feito na convicção de que o modo do branco tratar índios é este mesmo. Fazer o índio, porém, um presente é quase sempre o meio mais seguro de afugentá-lo. Como ele não acredita em atos desinteressados do “branco” para com ele fica logo atemorizado pela ideia, que novos planos ocultos e pérfidos aqueles não estejam tramando a respeito de sua pessoa e que despropósitos ele não vai exigir mais tarde ainda em troca de tal presente: e evita daí em diante de aparecer-lhe. Quis tirar a contraprova disto, e durante a minha visita na aldeia Cururú não dei o mínimo presente a ninguém: o desembaraço dos índios deste lugar foi notavelmente maior do que dos de Yutica, onde eu adotara ainda a praxe da liberalidade. Só uma família em Caruru mostrou-se retraída, escondendo-se de mim o mais que possível: foi aquela com que já me tinha encontrado em viagem no Ayari, tendo-lhe feito alguns pequenos presentes por esta ocasião.

A justificação daqueles que pelo seu sistema de violação são os únicos responsáveis por esta situação penosa é sempre mais ou menos a seguinte: o civilizado, porém, depende em seu trabalho do braço do índio que é “por natureza preguiçoso” e só trabalha debaixo de um sistema compulsório. Logo este sistema está justificado, pois o único praticável está no interesse do Estado.

Cobre-se assim com a bandeira do progresso uma horrenda escravidão cujas conseqüências funestas recaem em primeiro lugar sobre o índio, naturalmente, em segunda, porém, sobre os próprios escravizadores também.

Deixando de parte o absurdo que identifica o progresso do Estado com entrada dos dinheiros nos seus cofres (dos quais, aliás, nada reverte em benefícios da zona em questão), deixando mesmo de parte o doloroso moral em que ficam escravizados e escravizadores, os defensores do sistema compulsório deviam ao menos enxergar que debaixo de tal tratamento o número dos índios diminui a olhos vistos (v. o capítulo estatística), deixando prever que mais de 25 anos o número dos braços indígenas sem os quais segundo a sua própria confissão nada se faz no Alto Rio Negro, será reduzido a um mínimo.

As riquezas do Rio Negro não são para os seus balataes e seringais; a verdadeira, e única riqueza desta zona são nas atuais circunstâncias estes mesmos índios julgados apenas prestáveis para serem sacrificados até o último se preciso for, para o bom êxito da próxima safra.

São eles a única população estável desta região. A pseudo-civilização como a verdadeira, se ela um dia chegar, encontra neles o seu melhor apoio sem o qual se torna impossível a penetração. Destruída a população indígena, a zona se transformará num deserto do qual em tempos calculáveis, o civilizado nenhum proveito poderá tirar. Zelar pela conservação dos índios, permitindo-lhes uma evolução sossegada e natural, se não fosse antes de tudo um dever moral, seria no Alto Rio Negro, pelo menos um ditame do mais elementar bom senso econômico. O índio de hoje, não admitindo a amizade dos visitantes, impõe a este o papel de negociante.

Comercialmente falando, porém, os atuais são maus, salvo exceções. Entre si eles concluem negócios a crédito, ficando o pagamento muitas vezes para prazos quase indeterminados, sem que surgisse por isso desconfiança. Para o civilizado, porém o menor crédito concedido ao índio torna-se causa de uma série de inconveniências.

Com qualquer objeto insignificante pode-se tirar a prova disto: um índio me traz um beijú pedindo como pagamento um pedaço de sabão; parto uma barra ao meio, dou-lhe uma metade, e ele se declara satisfeito com o preço; depois de verificado isto dou-lhe também a metade para que ele me mande fazer mais outro beijú igual. Este, porém nunca aparece. Eu reclamo – ele se mostra aborrecido. Eu insisto – e ele traz finalmente o beijú, exigindo, porém por ele novo pagamento. Nego-o, lembrando-lhe o primeiro, já feito com antecedência: ele se cala, mas contará a todos que atrás de mim vierem que eu tomei os beijús dele e não os paguei.

Muitos índios já se tornaram dignos de seus mestres, agindo em matéria de comércio como perfeitos velhacos: um deste ofereceu-me um dia, um galo pedindo por ele mercadoria no valor de 5,00 no que eu concordei sem fazer a menor objeção. O índio naturalmente esperava que eu protestasse contra este preço e que ele teria por fim de deixar o animal por muito menos. Arrependeu-se então por não me ter pedido mais, e quando me entregou o galo tratou de convencer-me que não era este o animal que ele tencionava vender-me, e sim outro pelo qual eu teria de pagar muito mais.

Todos os que negociam com índios sabem perfeitamente que, salvo raras exceções, nenhum deles paga voluntariamente o que deve, mas só debaixo de maior ou menor pressão exercida pelo credor. Em vez, porém, de lhe negar à vista, o comerciante, pelo contrário, trata de arrumar quanto antes uma dívida nas costas do índio, já calculando de adquirir desta forma o “direito” de cativar o devedor e de obrigá-lo ao pagamento da maneira como o negociante bem entender, ficando o índio assim muitas vezes em condições piores que as do cativo legal, pois não representa para o seu senhor um objeto de valor intrínseco que faz parte da sua fortuna, senão somente o valor daquela dívida.

O maior defeito destes índios existe, a meu ver, na sua exagerada mansidão e incapacidade de reagir. Estes homens que dispõem de armas terríveis como os seus “curabis” envenenados com uirari, jamais se levantam contra os abusos cometidos por pequeno número de “brancos” no meio deles. Um dos civilizados, entrando numa maloca, pode-se considerar senhor dela, e fazer dos seus habitantes o que quiserem. Esta mísera conformidade abre do lado dos índios as portas a todos os abusos, porque o “branco” tem plena certeza de poder cometê-lo impudentemente; a meia dúzia se tanto chegar, de casos de vinganças sangrentas de que a história do Uaupés dá notícia (do Içana não conheço nenhum) nada prova contra isto a vista dos inumeráveis crimes de que os índios foram vítimas neste tempo, sem tentar a menor reação. Os Cobeua e especialmente os Carihóna do Alto Uaupés colombiano tem demonstrado um pouco mais de energia que as tribos do Baixo Uaupés e do Içana; hoje porém a sua resistência está aniquilada também.

Em geral, porém, nota-se uma certa diferença favorável da boca de Papurí para baixo. Isto em conjunto ao fato que em todo o percurso do Uaupés em que este forma a fronteira do Brasil com a Colômbia existem na margem brasileira

28 estabelecimentos de índios e só 6 na margem colombiana, é suficiente para provar que a maior soma de culpas nos crimes cometidos contra os indígenas desta região cabe aos colombianos. Com isto não quero absolutamente isentar os Brasileiros de toda culpa, mas venho constatar somente que o índio prefere os colombianos como a menor de duas calamidades. De fato se entre os brasileiros que estão em contacto com os Índios há negociantes desabusados e sem escrúpulos, a população chamada “civilizada” de além fronteira compõe-se em grande parte de indivíduos qualificáveis como a escória da nação colombiana, falhos de sentimentos de moral e justiça e que só não são piores ainda porque lhes faltam visivelmente o arrojo e a disposição dos Brasileiros. Tive de notar por diversas vezes que debaixo da sua aparência pretensiosa e brutal se escondia um carácter covarde e desconfiado. A passagem desta gente pelas malocas, mesmo na margem brasileira, toma às vezes o carácter de um verdadeiro assalto de bandidos quando eles, armados até os dentes e debaixo de tiros, invadem as moradas, para “sacar índios”. Estes, atemorizados, não oferecem a menor resistência, como já ficou dito. O abuso se apresenta então desafortadamente: não respeitam nem propriedade nem pessoa. As fêmeas desde a menina impúbere até a mulher casada lhes pertencem, e com a arma em punho sufocam qualquer protesto do pai ou do marido. Roubam o que lhes parece aproveitável e embarcam nas suas canoas debaixo de pancadas aqueles homens que lhes devem trabalho. Às vezes carregam meninas e mulheres, também enfastiados delas, abandonam-as depois, em qualquer ponto da margem.

Constantemente os índios me apontaram as vítimas destas invasões, indicando-me como o mais afamado entre os criminosos desta espécie o colombiano Luís Reyes; o cearense João Lima, caseiro de Antonio Maia em Yutica, também me foi denunciado, dizem, porém, que ele ultimamente está mais moderado. Se, porém o índio à aproximação dos seus algozes fugir, estes se vingam com a destruição de toda a sua já tão pequena propriedade e o incêndio da maloca. Assim o fez, por exemplo, o ex-prefeito Arsenio do Baixo Uaupés.

Creio que não preciso entrar em mais detalhes para evidenciar que a culpa pelo deplorável estado moral em que se encontra a presente geração dos índios, cabe exclusivamente aos civilizados.

#### IV A AÇÃO DO SERVIÇO DE PROTEÇÃO AO ÍNDIO (SPI)

Depois do acima exposto está evidente a necessidade urgente de uma ação decisiva do SPI naquela zona. A questão não é, porém o que se devia fazer mas o que se podia fazer nas atuais circunstâncias. A ação do SPI aqui como em muitas partes afastadas torna-se quase illusória devido a escassez das verbas de um, e pela falta de pessoal idôneo de outro lado, elementos indispensáveis para uma ação decisiva numa zona tão distante e de tão difícil acesso.

De maneira alguma o cargo de Delegado geral desta zona devia ser confiado a um dos moradores civilizados atualmente estabelecidos no Município de São Gabriel. Duvido que exista no meio deles um único amigo dedicado dos índios capaz de colocar os interesses destes acima dos seus lucros particulares e das suas boas relações pessoais na zona. Muitos deles fazem até grande empenho de serem nomeados delegados do SPI na convicção de que este cargo

entrega-lhe nas mãos a ambicionada posse dos índios, esforçando-os ao mesmo tempo de proceder contra qualquer outro que lhes queira disputar esta posse. Os poucos civilizados que nesta região se encontram são ou foram negociantes e balateiros e como tais, viciados no sistema compulsório acima estigmatizado. Creio que no Alto Rio Negro não existe uma única delegação em que o índio não precisasse da intervenção do SPI para protegê-lo contra o seu próprio delegado. Gente de outra profissão, porém não existe, e se para lá fosse, não se aguentaria. Desta maneira a ação do SPI há de ser sempre deficiente, e a execução do regulamento incompleta e exposta a duras críticas. Assim mesmo não resta a menor dúvida de que um delegado, por mau que ele seja, sempre constitui, ainda sob certos pontos de vista, um benefício para o índio porque lembra ao menos os perseguidores dos mesmos a existência de uma autoridade protetora dos indígenas. No mais, o delegado, monopolizando a exploração dos seus índios ao menos evita que estes estejam expostos à exploração de todo o mundo. Com tais dilemas escandalosos e absurdos o SPI é obrigado de contar no alto Rio Negro, nas suas condições atuais, de falta dos recursos e de pessoas idôneas.

Enquanto acho inteiramente supérfluos os delegados nomeados para os caboclos civilizados, moradores da margem do Rio Negro, creio que Yauareté-Cachoeira no Uaupés seja o ponto que carece com a maior urgência de um estabelecimento definitivo do SPI pelos motivos seguintes: 1. Por causa do posto aduaneiro colombiano que lhes fica defronte, pela outra margem da boca do Rio Papurí. É preciso contrabalançar com urgência este estabelecimento para evitar que a presença dos colombianos ali cause o abandono da zona pelos indígenas, ficando ela deserta como já o é a margem colombiana.

2. Porque a região de Yauareté é a mais povoada por índios de todo Uaupés. Só da nação Tariána existem ali 14 habitantes, entre os quais Yauareté, com 51, em menos de meio quilômetro abaixo. Arapaço-Ponta com 48 cabeças, montando o número total dos Tariána (não contando os da região de Ipanoré) em 279. Fora disto existe a um dia de viagem rio acima o povoado Umarí-Cachoeira dos Uçá-Tapuya com 44 habitantes, e outros menores. Se deixasse os Colombianos procederem impunemente em Yauareté como eles tem procedido em outra parte, bem depressa nada mais restaria desta população.

3. Os obstáculos formados pelas cachoeiras do Alto Uaupés, da Arára-Cachoeira para cima; tornam inconveniente a fundação de um estabelecimento de maior vulto acima de Yauareté, visto como a sua manutenção se tornaria difícil, demorada ou dispendiosa. Já bastam formidáveis cachoeiras do Ipanoré que dificultam bastante a chegada em Yauareté.

4. É preciso erigir uma barreira contra a intolerância religiosa dos missionários Salesianos oprimindo em toda parte as manifestações exteriores da cultura indígena. A regeneração do índio jamais se efetuará pelos penduricalhos da chamada “civilização cristã”, mas só pelo reerguimento da sua confiança nas instituições da sua própria cultura. Os Salesianos reconheceram imediatamente a importância de Yauareté para o problema indígena do Uaupés, e projetam a fundação de outra missão naquele lugar: é preciso tomar-lhe a dianteira.

O delegado de Ipanoré deve ser um homem inteiramente independente do meio em que ele age, e que não carece de favores nem dos negócios da zona com os quais tem de romper mais cedo ou mais tarde, e nem dos padres missionários. A presença de um homem que vive na penúria, sem poder cumprir os

seus compromissos com os índios, que anda de braço dado com aqueles contra os quais ele devia proceder porque é deles que depende, é materialmente contraproducente.

Se o SPI não dispuser dos necessários recursos para manter condignamente o seu representante em Yauareté, melhor seria desistir da tarefa e entregar o ponto aos Salesianos que preenchem magnificamente estas condições.

Outra providência que se impõe com maior urgência que a fundação de um estabelecimento de maior culto em Yauareté, seria a fiscalização do Alto Uaupés e do Ayari-Içana, especialmente da região compreendida entre os povoados de Yutica, Caruru, Uapui-Cachoeira e os sítios dos Yiboya-Tapuya do Alto Ayari. Este último rio constitui o refúgio natural dos Cobeua do Querarí quando acossados pelos colombianos. Já mudou-se para lá todo o clã dos Yibóya-Tapuya com exceção de uma única maloca, vivendo agora tranquilamente no Ayari. É preciso que eles não sejam também perseguidos pelos cobradores de contas arrumadas com os índios já caracterizados. Há nesta zona um homem altamente inconveniente e prejudicial aos índios: o negociante Antonio Maia estabelecido em Yutica, sócio do famigerado peruano Julio Cesar Barreto e encarregado por este da cobrança das dívidas que deixou atrás quando teve de abandonar o território brasileiro em consequência dos seus numerosos crimes. A venda de cachaça dentro de uma aldeia de índios já constitui por si tamanho despropósito que justifica todos os esforços da parte do SPI para livrar os Uanana de tão prejudicial intruso. Este Antonio Maia que, aliás, não me parece de bom senso, foi ultimamente nomeado autoridade policial do Alto Rio Uaupés, de Yauareté ao Querarí, e é fácil imaginar que aplicação ele dera a este poder. Ele rompeu agora por questões de dívidas com os balateiros colombianos no Alto Uaupés uma hostilidade que talvez traz algum bem para os índios porque os colombianos de medo do Maia que é conhecido com valentão limitaram talvez um pouco os seus abusos. Creio, porém que não tardará muito que as duas partes se hão de unir novamente sobre a base do interesse comum da exploração do índio.

A pessoa encarregada da fiscalização do Alto Uaupés deve contar com a eventualidade de uma situação em que outra coisa não lhe resta senão ficar desmoralizado ou defender os direitos dos índios com arma em punho.

Ninguém espera uma realização de direito naquelas alturas por intermédio das autoridades se estas são da força de Antonio Maia e seus semelhantes. Enquanto não se pegar um daqueles bandidos do Alto Uaupés em flagrante delito, aplicando-lhe um castigo exemplar, a situação do índio e o prestígio do SPI dificilmente se levantarão. Uma única represália ilegal de certo mas sobejamente justificada aproveitaria aos índios da região mais que todos os papéis gastos nestes assuntos por mim e por outros.

## **V** **A Missão Salesiana**

A atitude pouco civil do diretor da missão de Taracuí não me deixou colher as observações necessárias para apreciar as particularidades deste estabelecimento. Tanto em Taracuí como em São Gabriel notei que os missionários já se julgam senhores absolutos da situação.

Não resta porém, a menor dúvida que a missão traz um grande número de benefícios para os índios, e que das quatro calamidades que pesam sobre eles: colombianos, negociantes brasileiros, delegados egoístas e missionários intolerantes, estes últimos sejam ainda mais facilmente suportáveis: porque o índio na missão não está debaixo de tiranos, mas somente de tutores. Não me consta que os Salesianos jamais tivessem empregado violência contra os índios: basta este fato destacá-las daqueles outros três elementos. Os Salesianos, pelo contrário, tem libertado com notável arrojo índios “sacados” à força das mãos dos opressores. Os missionários pagam aos índios pelos gêneros e serviços que eles fornecem pelo menos e melhor que os outros negociantes e patrões, tanto que nunca lhes faltam braços, queixando-se os negociantes já amargamente que nas vizinhanças da missão hoje se torna difícil a cobrança pela taxa antiga, porque o índio constantemente se defende, dizendo que os gêneros eram para os padres, o que eles não alegariam se os negociantes pagassem melhor que aquele. Já é voz corrente que a missão prejudica gravemente o comércio do município pela preferência que o índio dá às transações com os religiosos e pela restrição do “direito” de sacar índios, acusação esta que só pode honrar os missionários. Junte-se a isso o ensino primário e profissional e a assistência médica que eles fornecem aos índios gratuitamente, forçoso é reconhecer que numa zona onde o índio só recebe ultrajes de todos, a Missão Salesiana representa enorme vantagem para este.

Prejudicado é o índio pelo missionário especialmente devido a comprovada incapacidade deste de compreender e fazer justiça a uma cultura qualquer que não seja a pretensa cultura cristã. A intolerância inerente ao seu ofício que os obriga a ver em cada índio um objeto de conversão religiosa, incompatibilizados com o cargo de protetor da individualidade indígena. A publicação do Monseñor Pedro Massa: “Missão Salesiana no Amazonas”, é a mais eclatante prova do pouco conhecimento que estes religiosos possuem da cultura indígena. Nos esboços históricos e etnológicos encontra-se um espantoso número de erros dos mais grosseiros. As estampas para a ilustração da cultura material dos índios, tiradas, aliás, sem indicação do autor na sua maioria da obra de Koch-Grünberg “Zwei Jahre unter den Indianern”, provocam a hilaridade do entendido pelos seus títulos: os chocalhos de caroços de pequiá, figuram como colares de dentes de macaco; um escudo como, “peneira”, etc. O índio no seu estado de cultura primitiva causa-lhes medo e nojo. Um salesiano pernoitando a primeira vez numa maloca daqueles índios tão desgraçadamente pacíficos do rio Tiquié, escreve: “...Senti algum temor de ver-me só no meio daquela gente, na escuridão da noite. Os meus companheiros de viagem dormiam bastante, mas eu velava e o menor movimento na maloca não me passava despercebido”.

De outro que num naufrágio perdeu as suas provisões diz o mesmo livro: “o heroico salesiano estava de cócoras e fazia camaradagem com os pobres indígenas, servindo-se daquela nauseante refeição servida numa vasilha comum.”

A ignorância e o desprezo do missionário pela cultura intelectual do índio é uma das causas do fracasso da conversão deste. O índio pede o batismo, isso é pura verdade, mas não porque compreendesse o alcance desse símbolo cristão, mas porque vê nele um ato mágico de grande eficiência, tanto que ele já fica satisfeito se qualquer leigo o executou, sendo numerosos os casos em que nesta viagem pediram a mim o batismo, mesmo na zona já percorrida pelos padres. A

ânsia destas pobres almas pelo batismo não é, portanto um fenômeno tão edificante como os missionários querem fazer crer.

Milhares e milhares de religiosos doutrinaram durante três séculos a população de Belém; há tempos desapareceram dos arredores da capital os últimos índios da região. Mas antes de morrer eles legaram aos mestiços, seus sucessores, o pagé, que, de maracá em punho, ainda hoje, dentro da capital, resiste com vantagem contra o padre e o agente de polícia. Mais de um século de catequese e desmoralização sistemática não tirou do coração do caboclo do alto rio Negro a devoção do seu culto ao Koai-Yuruparí. Em Taracúa o resultado será uma geração de hipócritas.

A superioridade social e a preponderância econômica da missão contribuíram mais do que a doutrina para criar um ambiente de hipocrisia. Em São Gabriel vi um negociante turco “convertido” e ateus que iam à missa! Entre as imposições de ordem material dos missionários é uma das primeiras aquela de abandonar a maloca com habitação e formar povoados de casinhas para uma família arranjada em ruas, com aspecto moderno. Infelizmente, tem sido isso o ideal de muita gente boa do SPI como provam as plantas dos núcleos indígenas, fabricadas no Rio, sem o menor conhecimento e respeito aos hábitos e condições sociais dos seus futuros habitantes. No entanto, a maloca é uma das mais importantes características das instituições da cultura indígena. Alega-se que as malocas, devido a sua construção sem janelas, sejam prejudiciais à saúde, e pela convivência íntima de diversas famílias debaixo do mesmo teto, prejudicial à moral. Nem tanto; numa maloca de estilo antigo de seus 20 x 30 metros com 8 metros de altura o número de metros cúbicos de ar que cabe a cada habitante é mais que suficiente, e apesar da falta de janelas que aliás também nas casinhas modernas são de um tamanho ridículo, a ventilação não é má devido às duas grandes portas e a altura considerável. As malocas são em geral muito bem construídas e suas cobertas oferecem inteira garantia contra o mais violento aguaceiro; o chão é enxuto e limpo, e de tarde reina em sua penumbra uma frescura agradável. As casinhas modernas, pelo contrário, são as mais das vezes quentes e mal acabadas. Quanto ao prejuízo que a convivência de diversas famílias na maloca, dizem acarretar é simplesmente falso; devido a rigorosa exogamia não existem relações amorosas entre os filhos da mesma maloca; no mais, as prostitutas das nossas cidades, p. exemplo vivem em cubículos muito bem separados, nem por isso são mais moralizadas que as índias das malocas. O principal motivo, porém, de aversão do missionário contra a habitação coletiva é outro. É que ele vê nela, e com toda a razão, o símbolo, o verdadeiro baluarte daquela organização e tradição primitiva, daquela cultura pagã, que tanto contraria os seus planos de conversão e domínio espiritual e social. A comunidade da maloca é a unidade da primitiva organização semi-comunista desta tribo. Levantadas pelos esforços conjugados de todos seus habitantes, todos estes tem parte na sua posse, sujeitos porém à direção patriarcal de um tuxaua. Devido o parentesco de sangue e a estreita convivência, o laço que une esta comunidade é muito forte. A arquitetura da maloca está inteiramente de acordo com o primitivo sistema familiar e social. Ela se divide em cinco zonas: duas (uma de cada lado) pertencem às diversas famílias que nela fazem os seus compartimentos, duas aos trabalhos comuns e o espaço grande do meio às cerimônias públicas, religiosas ou profanas. Na maloca condensa-se a cultura própria do índio; ali tudo respira tradição

e independência e é por isso que elas têm de cair. A aglomeração dos indígenas em núcleos artificiais de dimensões as maiores possíveis, facilita a fiscalização, mas é condenável porque tais núcleos não passam enfim de matadouros disfarçados. Já nas celebradas missões jesuítas da Amazônia nos séculos XVII e XVIII, a mortalidade era espantosa; constantemente tornaram-se precisos novos “descimentos” para evitar que as aldeias ficassem desertas. Mas três séculos de erros funestos não foram ainda suficientes para abrir os olhos a estes civilizadores de índios. Ainda hoje o ideal de todos eles é um grande povoado indígena de aspecto moderno, com um vasto internato para as crianças dos índios, tudo colocado num ponto que garanta um rápido desenvolvimento comercial e industrial. Passada uma geração constata-se então, diante da povoação deserta e do cemitério repleto, que a missão preencheu ao menos o seu último fim, pois morreram todos como bons católicos, confessando-se e recebendo a extrema unção. Os Índios do Uaupés possuem por si (e não pelo esforço dos antigos missionários, como por aí se quer fazer crer) uma cultura bastante desenvolvida, ao ponto de eles precisarem, afora das ferramentas, muito pouco da civilização moderna. Se não fosse a cada instante roubada, ele viveriam não só fartamente como exportariam ainda mantimentos; eles são economicamente muito diferentes de certos outros índios que a fome e a miséria obrigam a procurar um patrão civilizado que lhes dê que comer. Mas o que estes índios precisavam com a maior urgência seria uma regeneração moral pelo reerguimento da sua consciência individual e racial, sentimentos estes que foram espezinhados pelos civilizados, até se apagar a sua última centelha. A tutela das missões jamais produziu em parte alguma este efeito; antes pelo contrário.

O Índio antes de provar os benefícios da civilização moderna possuía estes sentimentos; eles caíram com os esteios de sua maloca. Para lhes restituir o que lhes foi roubado seria preciso colocá-la novamente sobre a base da sua cultura própria e deixá-lo evoluir em paz durante algumas gerações.

Belem do Pará, 27 de Setembro de 1927.

46.  
o symbolo, o verdadeiro baluarte daquella organização e tradição primitiva, daquella cultura pagã que tanto contraria os seus planos de conversão e dominio espiritual e social. A comunidade da maloca é a unidade da primitiva organização ~~kaax~~ semi-comunista destas tribus. Levantada pelos esforços conjugados de todos os seus habitantes, todos estes tes parte na sua posse, sujeitos porem á direcção patriarcal de um tuxúa. Devido ao parentesco de sangue e a estreita convivencia o laço que une esta comunidade é muito forte. A architectura da maloca está inteiramente de accordo com o primitivo systema familiar e social. Ella se divide em 5 zonas: duas (uma de cada lado) pertencem as diversas familias que nellas fazem os seus compartimentos, duas aos trabalhos communs e o espaço grande do meio ás ceremonias publicas, religiosas ou profanas. Na maloca condensa-se a cultura propria do indio: tudo alli respira tradição e independencia, e é por isso que ellas tem de cair.

A agglomeração dos indigenas em nucleos artificiaes de dimensões as maiores possíveis, facilita a fiscaliação mas é condemnavel porque taes nucleos não passam enfim de matadouros disfarçados. Já nas celebres missões jesuíticas da Amazonia, nos seculos XVII e XVIII a mortalidade era espantosa: constantemente tornaram-se preciso novos "descimentos" para evitar que as aldeas ficassem desertas. Mas tres seculos de erros funestos não foram ainda sufficientes para abrir os olhos a estes civilizadores de indios. Ainda hoje o ideal de todos elles é um grande povoado indigena de aspecto moderno, com um vasto internato para as crianças dos indios, tudo collocado num ponto que garante um rapido desenvolvimento commercial e industrial. Passada uma geração, constata-se então, deante da povoação deserta e do cemiterio repleto que a missão preencheu ao menos o seu ultimo fim, pois morreram todos como bons catholicos, confessando-se e recebendo a extrema unção.

Os indios do Uaupés possuem por si (e não pelo esforço dos antigos missionarios como por ahi se quer fazer crer) uma cultura bastante desenvolvida, ao ponto de elles prezarem, afóra das ferramentas, muito pouco da civilização moderna. Si não fosse em a cada instante roubados elles viveriam não só fartamente como exportariam ainda mantimentos. Elles são economicamente muito differentes de certos outros indios que a fome e miseria obriga a procurar um patrão civilizado que lhes dê que comer. Mas o que estes indios precisavam com a maior urgencia seria uma regeneração moral pelo resurgimento da sua consciencia individual e racial, sentimentos estes que foram espezinhados pelos civilizados até se apagar a sua ultima centelha. A tutela das missões jamais produziu em parte alguma este effeito, antes pelo contrario.

O indio antes de provar os beneficios da civilização moderna possuia estes ~~sentimentos~~ sentimentos; elles caíram com os estelios da sua maloca. Para lhe restituir o que lhe foi roubado seria preciso collocar-lo novamente sobre a base da sua cultura propria e deixa-lo evoluir em paz durante algumas gerações.

Belém do Pará, 27 de Setembro de 1927

*Luiz Nimmentaji*

Signaes diacriticas:

'	accento tenico	ɿ	entre l e r palatal
-	vogal longa	ñ	n (g)
-	vogal breve	ɸ	entre p e f, aspirado
-	nasal	ř	entre r palatal e s
˘	guttural	ř	entre r palatal e n
ç	entre a e c	š	ch portuguez
ä	muito aberto, tendendo para ö	ʒ	th ingloz em "thank"
ö	como em "olle"	w	w ingloz
ø	como em "elle"	x	ch allemão em "ach"
ø	entre e e i	ʒ	ch allemão em "ich"
ç	ô portuguez	y	y ingloz em "yes"
u	entre u e o	ž	j portuguez
ḃ	entre b e m, aspirado	ʒ	th ingloz em "the"
ç	ch castelhano	( )	letras apenas auditivas ?
ä	entre r palatal e d		

Walipóri-jákenai: ɿ muito pouco guttural.

Hchédene: e final não reduzido mas bastante aberto.

Adyánene: ř, š, t(r) produzidos na parte posterior do palatal.

Wiraféra: y inicial tendo para dy ou ds.

Obs.: Os Ōiriana (Ōirango) habitam nas cabeceiras do Páca-Igarapó, affluente da margem direita do Alto Uaupés, mas não são idénticos com os Yurutí-Tapuya (Uniana). Em Julho de 1926 mataram elles dois Colombianos que penetraram numa das suas malcoas para "sacar índios" á força para os serviços de um balateiro que elles com razão detestavam. O corrêgidoz colombiano organisou então uma expedição de 15 homens para castigar aquella malcoa que foi destruido, tendo os índios se refugiado para o Rio Tiquié em territorio brasileiro.

# Capítulo 2

## Apontamentos Linguísticos

Originalmente publicado com o título:  
Revista del Institute de Etnología de Tucumán, t. II, 1932, p. 590-618

### SIGNAES DIACRITICOS

' , accento tonico.	đ , entre <i>r</i> palatal e <i>d</i> .
¯ , vogal longa.	ř , entre <i>l</i> e <i>r</i> palatal.
˘ , vogal breve.	ñ , <i>n(g)</i> .
˜ , nasal.	þ : entre <i>p</i> e <i>f</i> aspirado.
ɣ , guttural.	ř , entre <i>r</i> palatal e <i>s</i> .
ã , entre <i>a</i> e <i>o</i> .	š , <i>ch</i> portuguez.
ä , muito aberto, tendendo para <i>ē</i> .	θ , <i>th</i> inglez em <i>thank</i> .
ë , como em <i>ella</i> .	ɰ , <i>w</i> inglez.
ę , como em <i>elle</i> .	x , <i>ch</i> allemão em <i>ach</i> .
ɛ , entre <i>e</i> e <i>i</i> .	ʎ , <i>ch</i> allemão em <i>ich</i> .
o , õ portuguez.	y , <i>y</i> inglez em <i>yes</i> .
u , entre <i>u</i> e <i>o</i> .	ž , <i>j</i> portuguez.
ǃ , entre <i>b</i> e <i>m</i> , aspirado.	z , <i>th</i> inglez em <i>the</i> .
ç , <i>ch</i> castelhano.	( ) , letras apenas audiveis.

*Walipéri-dákenai* : *ɨ* muito pouco guttural.

*Hohódene* : *e* final não reduzido mas bastante aberto.

*Adyánene* : *ř*, *ž*, *t(r)* produzidos na parte posterior do palatal.

*Wıraféra* : *y* inicial tende para *dy* ou *ds*.

*Obs.* : Os *Čiriána* (*Čiraño*) habitam nas cabeceiras do Páca-Igarapé, affluente da margem direita do Alto Uaupés, mas não são identicos com os *Yurutí-Tapuya* (*Uaiána*). Em Julho de 1926 mataram elles dois Colombianos que penetraram numa das suas malocas para « sacar indios » á força para os serviços de um balateiro que elles com razão detestavam. O corregidor colombiano organizou então uma expedição de 15 homens para castigar aquella maloca que foi destruido, tendo os indios se refugiado para o Rio Tiquié em territorio brasileiro.

### Baniwa (1)

Lingua : *nu-tale*.

Bocca : *nu-núma*.

Labio : *nu-ápi*.

Dente : *n-ási*.

Nariz : *nu-yápa*.

Olho : *nu-políhi*.

(1) Organizado com a india Maria Arana, de Moyo (Rio Orinoco acima de São Fernando) em São Felippe. Março de 1927.

Orelha : *nu-dánipara*.  
Cabeça : *nu-mbóhu*.  
Cabello : *nu-tsípana*.  
Barba : *nu-šanuma*.  
Braço : *n-anu*.  
Antebraço : *n-ápi*.  
Mão : *n-ápi*.  
Coxa : *n-ódzo*.  
Canella : *nu-tárcana*.  
Pé : *nu-tspála*.  
Peito : *nu-tótsi*.  
Pelle : *nu-māta*.  
Osso : *tsimápi*.  
Água : *wěni*.  
Fogo : *ási*.  
Cinza : *palítsi*.  
Carvão : *šeremári*.  
Lenha : *ásětsi*.  
Céu : *ěno*.  
Chuva : *wěni*.  
Vento : *wítsi*.  
Sol : *amórsi*.  
Lua : *asíta*.  
Estrella : *winimáli*.  
Estrella : *asulutáli*.  
Terra : *yatsipe*.  
Pedra : *ípa*.  
Casa : *paníši*.  
Roça : *miúli*.  
Banco : *bánko*.  
Rede : *mbitsáha*.  
Panella : *páila*.  
Machado : *tsuáha*.  
Faca : *kutšíyo*.  
Canoa : *morópa*.  
Remo : *netúpa*.  
Arco : *tsawiturése*.  
Flecha : *wěpípi*.  
Carauatána : *watápa*.  
Anzol : *potěši*.  
Gente : *niámari*.  
Homem : *ěnamí*.  
Mulher : *něyěpe*.

meu marido : *nu-mihě*.  
minha esposa : *n-oršomiáwa*.  
meu pae : *nu-roámi*.  
minha mãe : *nu-soróámi*.  
Criança : *wřloběrřpá*.  
Baniwa do Içána : *Kuripáka*.  
Macaco : *puátsi*.  
Onça : *wási*.  
Anta : *ěma*.  
Veado : *maráyu*.  
Cachorro : *tsínu*.  
Passaro : *kwěšě*.  
Mutum : *damúku*.  
Arára : *paráha*.  
Urubú : *šípi*.  
Jacaré : *dowiri*.  
Jaboty : *kurimaro*.  
Cobra : *oměně*.  
Peixe : *šiměhe*.  
Sapo : *tololó*.  
Abelha : *mápa*.  
Pulga : *otsípa*.  
Piolho : *tsowída*.  
Arvore : *atapi*.  
Folha : *tsápe*.  
Flor : *flor*.  
Matto : *tawápe*.  
Campo : *sawána*.  
Fructa : *atěbő*.  
Pau : *átapi*.  
Milho : *makánatsi*.  
Tabaco : *ěri*.  
Algodão : *minapi*.  
Mandioca : *ásihi*.  
Batata : *ěru*.  
Banana : *parátana*.  
um : *pěyaro*.  
dois : *ěnába*.  
tres : *těřětsi*.  
eu : *nuyáha*.  
tu : *piyáha*.  
elle : *epalu*.  
ella : *ayupalu*.

isso : *eyaha*.  
 nos : *wayáha*.  
 vos : *niyáha*.  
 elles : *anipálu*.  
 minha mão : *n-ápi*.  
 tua mão : *pi-ápi*.  
 a mão delle : *ápi, yápi*.  
 nossas mãos : *w-ápi*.  
 vossas mãos : *ni-ápi*.  
 grande : *irúámi*.  
 pequeno : *arētene*.  
 frio : *awinini*.  
 quente : *adēhe*.  
 bom : *anētōēhě*.  
 mau : *utsubalěhě*.  
 branco : *alíhi*.  
 preto : *šēreri*.  
 vermelho : *iralí*.

azul : *ayunéri*.  
 amarelo : *těwari*.  
 encima : *minasěhi*.  
 embaixo : *ėpináú*.  
 dentro : *iwaba*.  
 traz! : *piapihe*.  
 coma! : *pěhe*.  
 não coma! : *yapěpia*.  
 me dê! : *pitanayúēhě*.  
 dê-lhe! : *pitayúēhě*.  
 não lhe dê! : *yepitapieyúēhě*.  
 mata elle! : *pimáihi*.  
 elle está dormindo : *tsimānawi*.  
 estás dormindo? : *yumarupitsimā*  
*hă*.  
 vou dormir : *nusāpeta nutsímaha*  
 elle está bebendo : *kuruánawihí*  
 queres beber? : *yepiweyėpikuruáha*

#### Baré (1)

Lingua : *nu-néne*.  
 Bocca : *nu-núma*.  
 Labio : *nu-núma-darédi*.  
 Dente : *n-áhai*.  
 Nariz : *n-ti*.  
 Olho : *nu-íti*.  
 Orelha : *n-dáteni*.  
 Cabeça : *n-dósia*.  
 Cabello : *n-ítha*.  
 Barba : *n-sínuma*.  
 Braço : *n-dāna*.  
 Mão : *n-kábi*.  
 Coxa : *n-sōi*.  
 Canella : *n-dáwana*.  
 Pé : *n-ísi*.  
 Peito : *n-dóky*.  
 Pelle : *n-ítha*.  
 Osso : *n-ábi*.  
 Agua : *úni*.

Fogo : *kaméni*.  
 Cinza : *barádi*.  
 Carvão : *ihári*.  
 Lenha : *itėki*.  
 Céu : *siélo*.  
 Chuva : *hía*.  
 Vento : *hawisi*.  
 Sol : *kamúhū*.  
 Lua : *k(h)i*.  
 Estrella : *(h)wínade*.  
 Terra : *kádi*.  
 Pedra : *tíba*.  
 Casa : *p(h)áni*.  
 Roça : *mióri*.  
 Banco : *báňko*.  
 Canoa : *ísa*.  
 Remo : *něhěu*.  
 Rede : *mi*.  
 Panella : *yúroti*.

(1) Levantado com o indio Luiz Xavier, de Solano no Rio Caciquiáre, em São Gabriel, Junho de 1927.

Machado : <i>ěpi.</i>	Banana : <i>panára.</i>
Faca : <i>titěhě.</i>	um : <i>bakunákari.</i>
Arco : <i>sěwěpi.</i>	dois : <i>bikónama.</i>
Flecha : <i>dabídaha.</i>	tres : <i>kerikónama.</i>
Carauatána : <i>uidába.</i>	eu : <i>núņę.</i>
Anzol : <i>t(h)awári.</i>	tu : <i>bíņę.</i>
Gente : <i>kinánú.</i>	elle : <i>asáha.</i>
Homem : <i>héinali.</i>	ella : <i>áusa.</i>
Mulher : <i>hinátati.</i>	isto : <i>asáha.</i>
o marido della : <i>hu-mí-sasaha.</i>	nos : <i>wíni.</i>
a mulher delle : <i>hi-núu-sasaha.</i>	vos : <i>íni.</i>
Pae : <i>nyákari.</i>	elles : <i>ánsa.</i>
Mãe : <i>nyákau.</i>	ellas : <i>aysa.</i>
Criança : <i>hantítare.</i>	minha mão : <i>n-kábi.</i>
Macaco : <i>čáru.</i>	tua mão : <i>bi-kábi.</i>
Onça : <i>koátę.</i>	a mão delle : <i>i-kábi.</i>
Veado : <i>maráhayu.</i>	a mão della : <i>u-kábi.</i>
Anta : <i>těma.</i>	nossas mãos : <i>wa-kábi.</i>
Cachorro : <i>číny.</i>	vossas mãos : <i>iń-kábi.</i>
Passaro : <i>hawóxi.</i>	as mãos dellas : <i>u-kábi-sáusa.</i>
Mutum : <i>tibáyuri.</i>	grande : <i>kumárehe.</i>
Arára : <i>kawéi.</i>	pequeno : <i>pánčiči.</i>
Urubú : <i>samýro.</i>	frio : <i>haména.</i>
Jacaré : <i>hadúri.</i>	quente : <i>túkanę.</i>
Jaboty : <i>kyrímao.</i>	elle é bonito : <i>aríhi duári.</i>
Cobra : <i>mawáya.</i>	ella é bonita : <i>áuda duári.</i>
Sapo : <i>tibáu.</i>	ella é bonita : <i>auda mawíny.</i>
Sapo : <i>karímatu</i> (= cururú).	isto é bonito : <i>aríhi duári.</i>
Peixe : <i>kubátę.</i>	feito : <i>ikunumanhan.</i>
Abelha : <i>miári.</i>	branco : <i>bálini.</i>
Piolho : <i>tyída.</i>	preto : <i>táini.</i>
Pulga : <i>kydíba.</i>	vermelho : <i>kíyani.</i>
Arvore : <i>áda.</i>	azul : <i>kyríni.</i>
Folha : <i>dábana.</i>	amarelo : <i>uítoni.</i>
Fructa : <i>adábuku.</i>	encima : <i>itibýku.</i>
Flor : <i>flóre.</i>	embaixo : <i>idykabe.</i>
Matto : <i>damakáru.</i>	dentro : <i>iyýte.</i>
Campo : <i>savána.</i>	traz! : <i>bi-kábi.</i>
Milho : <i>makánasi.</i>	coma! : <i>bi-níke.</i>
Tabaco : <i>ári.</i>	me dê! : <i>bi-da-ní-ky.</i>
Algodão : <i>algodón.</i>	dê-lhe : <i>bi-da-í-ky.</i>
Mandioca : <i>kaníti.</i>	dê a ella! : <i>bi-da-wí-ky.</i>
Batata : <i>kaháu.</i>	não lhe dê! : <i>bá-bi-da-kakí-ky.</i>

mata elle! : *bi-mýdy-ka*.  
elle está dormindo : *a-domáka-níhi*.  
elle não está dormindo : *a-čahi-do-  
maka-waka*.  
estás dormindo? : *bi-domaká-ne*.  
elle está bebendo : *a-díañkoho*.  
queres beber? : *bi-sambidía*.  
eu sou Baré : *níni Baré*.

Guaharibo : *Waháriwa*.  
Cunipusána (na cabeceira do Paci-  
moni) : *Cunipósana*.  
Rio Guainía : *Wenía*.  
Rio Caciquiáre : *Kasikiári*.  
Rio Pacimóni : *Basimóni*.  
Rio Siápa : *Siába*.  
Rio Baría : *Baría*.

### Warekëna (1)

Lingua : *ni-néne*.  
Bocca : *ni-núma*.  
Labio : *ti-numáde*.  
Dente : *nó-ye*.  
Nariz : *no-itáky*.  
Olho : *no-b(o)hyi*.  
Orelha : *uési*.  
Cabeça : *nó-iwa*.  
Cabello : *nó-iwa-idõ*.  
Barba : *no-sínuma*.  
Braço : *n-ána*.  
Mão : *no-Kápi*.  
Coxa : *no-tíwi*.  
Canella : *no-káwa*.  
Pé : *nó-ípa*.  
Peito : *nó-kyda*.  
Pelle : *no-íya*.  
Osso : *n-ápi*.  
Água : *õñe*.  
Fogo : *iγsídě*.  
Cinza : *nimáli*.  
Carvão : *iγsiba*.  
Lenha : *iγsídě*.  
Céu : *ěñõ*.  
Chuva : *ída*.  
Vento : *kāti*.  
Sol : *kamói*.  
Lua : *kėti*.  
Estrella : *iwíti*.

Terra : *képe*.  
Pedra : *ípa*.  
Casa : *páívi*.  
Roça : *kapína*.  
Banco : *báñko*.  
Canoa : *íta*.  
Remo : *běna*.  
Rede : *toáleta*.  
Panella : *páila*.  
Machado : *dýka*.  
Faca : *kyčiya*.  
Arco : *dawítutevi*.  
Flecha : *dokýto*.  
Carauatána : *witípuna*.  
Anzol : *hatáwasi*.  
Gente : *nóye*.  
Homem : *ináuli*.  
Homen : *abínali*.  
Mulher : *ináutam*.  
teu marido : *pi-níti*.  
minha mulher : *nó-ino*.  
teu pae : *pi-ániti*.  
minha mãe : *n-ábua*.  
Menino : *kitápe*.  
Macaco : *awáne*.  
Onça : *dáwi*.  
Veado : *tíčo*.  
Anta : *éma*.  
Cachorro : *čino*.

(1) Levantado com o indios Juan Yoriyori, de Guzman Blanco no Rio Guainía, em São Gabriel, Julho de 1927.

Passaro : <i>wíba.</i>	minha mão : <i>nó-kápi.</i>
Mutum : <i>kyíthi.</i>	tua mão : <i>pi-kápi.</i>
Arára : <i>wáka.</i>	a mão delle : <i>ni-kápi.</i>
Urubú : <i>samóro.</i>	a mão della : <i>pa-kápi.</i>
Jacaré : <i>kadoëři.</i>	nossas mãos : <i>wa-kápi.</i>
Jaboty : <i>ëkúli.</i>	grande : <i>manýba.</i>
Cobra : <i>óth.</i>	pequeno : <i>dohíti.</i>
Sapo : <i>turútu.</i>	frio : <i>kawíni.</i>
Peixe : <i>kupë.</i>	quente : <i>amý.</i>
Abelha : <i>mápa.</i>	ella é bonita : <i>ínape.</i>
Piolho : <i>čyída.</i>	isto é bonito : <i>yatëiti.</i>
Pulga : <i>ibíto.</i>	feio : <i>kadhenialýno.</i>
Arvore : <i>hëko.</i>	branco : <i>átëti.</i>
Folha : <i>panápe.</i>	preto : <i>kabháti.</i>
Fructa : <i>hëkuíba.</i>	vermelho : <i>kitati.</i>
Flor : <i>flóre.</i>	azul : <i>asúl.</i>
Matto : <i>awákape.</i>	amarello : <i>uisýti.</i>
Campo : <i>sawána.</i>	encima : <i>niké.</i>
Milho : <i>makánathi.</i>	embaixo : <i>niápite.</i>
Tabaco : <i>dëma.</i>	dentro : <i>nípite.</i>
Algodão : <i>pitimíthi.</i>	traz! : <i>pi-yýne.</i>
Mandioca : <i>ká(h)ni.</i>	me dê! : <i>p(h)ua-no-hýni</i>
Batata : <i>katíli.</i>	dê-lhe! : <i>p(h)ua-ni-hlúni.</i>
Banana : <i>patátana.</i>	dê a ella! : <i>p(h)ua-pa-hlúni.</i>
Sororoca (Heliconia) : <i>mbëtipe.</i>	não lhe dê! : <i>pema-p(h)ua-ni-hlúni.</i>
um : <i>apábaða.</i>	coma! : <i>pi-ça.</i>
dois : <i>damtáða.</i>	mata elle! : <i>pi-wátan.</i>
tres : <i>nabaitalíða.</i>	elle está dormindo : <i>ni-mákanã.</i>
eu : <i>noha.</i>	estás dormindo? : <i>pi-mani.</i>
tu : <i>piça.</i>	elle não está dormindo : <i>nate-ni-</i>
elle : <i>niça.</i>	<i>maka.</i>
ella : <i>péça.</i>	elle está bebendo : <i>ni-tákani.</i>
isto : <i>niça.</i>	queres beber? : <i>pi-kuba pi-ta.</i>
nos : <i>wexenáwi.</i>	eu sou Warekéna : <i>noha Wátekéna</i>
vos : <i>piçáma.</i>	Rio Xié : <i>Wathé.</i>
elles : <i>niçanáwi.</i>	Rio Içána : <i>Ihána.</i>

## Karútana (1)

*Baniwa do Içána; Mapátse-dákenei (Yurupari-Tapuya, Wádzoli-dákenei (Urubú-Tapuya), Dzawí-mñaneí (Yauareté-Tapuya) & Adaru-mñaneí (Arára-Tapuya).*

Lingua : <i>ny-inene.</i>	Roça : <i>kenike.</i>
Bocca : <i>ny-numa.</i>	Banco : <i>éidai.</i>
Labio : <i>ny-numáya.</i>	Rede : <i>makaitépa.</i>
Dente : <i>ny-yai.</i>	Panella : <i>túru.</i>
Nariz : <i>n-itaku.</i>	Machado : <i>épití.</i>
Olho : <i>nythi.</i>	Faca : <i>mália.</i>
Orelha : <i>ny-eni.</i>	Canoa : <i>íta.</i>
Ouvido : <i>ninakuliku.</i>	Remo : <i>tíwa.</i>
Cabeça : <i>n-íwida.</i>	Arco : <i>dzepotápy.</i>
Cabello : <i>ny-čídape.</i>	Flecha : <i>kapáwi.</i>
Barba : <i>ny-činuma.</i>	Carauatána : <i>wápana.</i>
Braço : <i>ny-dzete.</i>	Anzol : <i>iča.</i>
Mão : <i>ny-kápi.</i>	Gente : <i>náwike.</i>
Dedo da mão : <i>ny-káphí-dě.</i>	Homem : <i>ačinali.</i>
Coxa : <i>ny-koči.</i>	Mulher : <i>inaru.</i>
Canella : <i>ny-táwana.</i>	meu marido : <i>ny-iniri.</i>
Pé : <i>nyipa.</i>	minha mulher : <i>ny-iny.</i>
Peito : <i>ny-kyda.</i>	meu pae : <i>ny-niri.</i>
Pelle : <i>ny-ya.</i>	minha mãe : <i>ny-dua.</i>
Osso : <i>ny-napire.</i>	Criança : <i>mápeni.</i>
Água : <i>yini.</i>	Macaco : <i>púe.</i>
Fogo : <i>tidyě.</i>	Onça : <i>dzáwi.</i>
Cinza : <i>páli.</i>	Veado : <i>něri.</i>
Carvão : <i>tidyě-ímhěni, měnthi.</i>	Anta : <i>hěma.</i>
Lenha : <i>tidyě-pe.</i>	Cachorro : <i>činu.</i>
Céu : <i>ěno.</i>	Passaro : <i>čika.</i>
Chuva : <i>ídyá.</i>	Mutum : <i>kyiči.</i>
Vento : <i>káliě.</i>	Arára : <i>ádaru.</i>
Sol : <i>kámui.</i>	Urubú : <i>wádzoli.</i>
Lua : <i>kěri.</i>	Jácaré : <i>hadyŷli.</i>
Estrella : <i>híwiri.</i>	Jabuty : <i>ičida.</i>
Terra : <i>hípai.</i>	Cobra : <i>épiči.</i>
Pedra : <i>hípa.</i>	Peixe : <i>kýphě.</i>
Casa : <i>pánti.</i>	Sapo : <i>híparu.</i>

(1) Levantado com o tuxáua Fernandes de Sant'Anna, no Rio Içána, em Sant'Anna, Abril 1927.

Abelha : <i>māpa.</i>	branco : <i>hālešeri.</i>
Pulga : <i>kawahnëru.</i>	preto : <i>kadášeri.</i>
Piolho : <i>tūida.</i>	vermelho : <i>iráiširi.</i>
Arvore : <i>hāiku.</i>	azul : <i>hipýlešeri.</i>
Folha : <i>dzakápë.</i>	amarello : <i>éwaširi.</i>
Flor : <i>líwi.</i>	encima : <i>líwikea.</i>
Fructa : <i>panéati.</i>	embaixo : <i>liapíte.</i>
Pau : <i>hāiku.</i>	dentro : <i>lirikuliký.</i>
Pauzinho : <i>háiku-pieni.</i>	traz! : <i>lídyiaka.</i>
Matto : <i>arvákade.</i>	coma! : <i>líhnaka.</i>
Campo : <i>halëpykuli.</i>	não coma! : <i>maňhakátsahnu.</i>
Milho : <i>makánači.</i>	me dê! : <i>pidélhia.</i>
Tabaco : <i>dzëma.</i>	dê-lhe! : <i>pialíhiuni.</i>
Algodão : <i>káwali.</i>	não lhe dê! : <i>maianapiaka.</i>
Batata : <i>káririri.</i>	mata elle! : <i>pitúlukai.</i>
Mandioca : <i>káini.</i>	elle está dormindo : <i>limāka.</i>
Banana : <i>pālana.</i>	estás dormindo? : <i>phia-imakáde.</i>
um : <i>aphétsa.</i>	Indio : <i>nawiki.</i>
dois : <i>dzáhme.</i>	Branco : <i>yaránawi.</i>
tres : <i>mádahli.</i>	Negro : <i>tapayína.</i>
eu : <i>núa.</i>	Baniwa do Baixo Içana : <i>Kárutana.</i>
tu : <i>phía.</i>	Kadaupurítana : <i>Kadáwapyli.</i>
elle : <i>tialíhi.</i>	Hôho : <i>Hýhýdëni.</i>
nos dois : <i>wa-dzámhepa.</i>	Siucí-Tapuya : <i>Walíperi.</i>
elles : <i>ryařúati.</i>	Cáua-Tapuya : <i>áini.</i>
minha mão : <i>ny-kápi.</i>	Ipéca-Tapuya : <i>Kúmade-mínanei.</i>
tua mão : <i>pi-kápi.</i>	Tatú-Tapuya : <i>Adzánëni.</i>
a mão delle : <i>li-kápi.</i>	Warekéna : <i>Wadzúpinë.</i>
a mão della : <i>eru-kápi.</i>	Rio Negro : <i>Iníridye.</i>
nossas mãos : <i>wak-ápi.</i>	Rio Uaupés : <i>Ukayalí.</i>
vossas mãos : <i>i-kápi.</i>	Rio Içana : <i>Íniali.</i>
as mãos delles : <i>na-kápi.</i>	Rio Cubate : <i>Hédže.</i>
as mãos dellas : <i>eru-kápi.</i>	Rio Pirayauára : <i>Amanali.</i>
grande : <i>máhneri.</i>	Uíua-Igarapé : <i>Itíduali.</i>
pequeno : <i>tíašeri.</i>	Sant'Anna : <i>Čiméakali.</i>
frio : <i>háperi.</i>	Rio Cuyarí : <i>Kuyalí.</i>
quente : <i>hámu.</i>	Rio Ayarí : <i>Ayalí.</i>
bom : <i>mačiáde.</i>	Rio Xié : <i>Wënti.</i>
mau : <i>māčidëhe.</i>	

## Kadaupuritana (1)

### Baniwa do Içána

Lingua 1 : <i>nú-enene.</i>	Céu 1, 2 : <i>ěnu.</i>
2 : <i>nu-énene.</i>	Chuva 1, 2 : <i>ídza.</i>
Bocca 1, 2 : <i>nú-numa.</i>	Vento 1 : <i>kawāle.</i>
Labio 1, 2 : <i>nu-numáya.</i>	2 : <i>kawāre.</i>
Dente 1, 2 : <i>nu-ětsa.</i>	Sol 1 : <i>kamuí.</i>
Nariz 1 : <i>ni-táky.</i>	2 : <i>kāmoi.</i>
2 : <i>n-táku.</i>	Lua 1 : <i>kězi.</i>
Olho 1, 2 : <i>nu-thí.</i>	2 : <i>kěri.</i>
Orelha 1 : <i>nú-eni.</i>	Estrella 1 : <i>híwisi.</i>
2 : <i>nhu-ěni.</i>	2 : <i>hewi(r)si.</i>
Cabeça 1 : <i>náwida.</i>	Terra 1 : <i>hípai.</i>
2 : <i>nháwida.</i>	2 : <i>hípai.</i>
Cabello 1 : <i>nu-tsikurě.</i>	Pedra 1 : <i>hípáda.</i>
2 : <i>nu-tsikulě.</i>	2 : <i>hípada.</i>
Barba 1, 2 : <i>nu-čínuma.</i>	Casa 1 : <i>pánti.</i>
Braço 1, 2 : <i>nu-ápa.</i>	2 : <i>pánti.</i>
Mão 1 : <i>nu-kápi.</i>	Roça 1 : <i>kenike.</i>
2 : <i>nu-kápi.</i>	2 : <i>kenikě.</i>
Coxa 1 : <i>nu-kútsi.</i>	Banco 1 : <i>ěděi.</i>
2 : <i>nu-kúci.</i>	2 : <i>ědai.</i>
Canella 1 : <i>nu-káwa.</i>	Rede 1 : <i>pietü.</i>
2 : <i>nú-kawa.</i>	2 : <i>piěta.</i>
Pé 1, 2 : <i>nú-ípa.</i>	Panella 1 : <i>tūry.</i>
Peito 1, 2 : <i>nu-kúda.</i>	2 : <i>tūry.</i>
Pelle 1, 2 : <i>nú-ya.</i>	Machado 1, 2 : <i>mátali.</i>
Osso 1 : <i>nu-api.</i>	Faca 1 : <i>marie.</i>
2 : <i>nú-api.</i>	2 : <i>malía.</i>
Água 1 : <i>ūni.</i>	Canoa 1 : <i>itǎ.</i>
2 : <i>ūni.</i>	2 : <i>ita.</i>
Fogo 1 : <i>tidze.</i>	Remo 1 : <i>t(z)íwe.</i>
2 : <i>tídžě.</i>	2 : <i>tóíwe.</i>
Cinza 1, 2 : <i>páli.</i>	Arco 1 : <i>dzáwičěpoti.</i>
Carvão 1 : <i>tidzčmen.</i>	2 : <i>yawitčápoti.</i>
2 : <i>tídžěmhěn.</i>	Flecha 1 : <i>tíd(y)ua.</i>
Lenha 1 : <i>tidzěše.</i>	2 : <i>kapáwi.</i>
2 : <i>tídžěke.</i>	Carauatána 1, 2 : <i>máwipi.</i>

(1) Levantado com os índios Gregório de Tunuf e Joaquim do Muxíua-Igarapé, em Tunuf e Muxíua-Igarapé respectivamente, Abril de 1927.

Anzol 1 : <i>ítsa.</i>	2 : <i>kuphë.</i>
2 : <i>ítθa.</i>	Jacundá 1 : <i>kadánumali.</i>
Gente 1 : <i>nawiki.</i>	Abelha 1, 2 : <i>māpa.</i>
2 : <i>nawiki.</i>	Pulga 1 : <i>kawánheru.</i>
Homem 1 : <i>acínali.</i>	2 : <i>káwanheru.</i>
2 : <i>atθínali.</i>	Piolho 1 : <i>túidã.</i>
Mulher 1 : <i>ínaru.</i>	2 : <i>tyida.</i>
2 : <i>ínaru.</i>	Arvore 1, 2 : <i>háiku.</i>
meu marido 1 : <i>nú-iniri.</i>	Folha 1 : <i>panápe.</i>
o marido della 1 : <i>ru-iniri.</i>	2 : <i>pánape.</i>
2 : <i>ru-iniri.</i>	Flor 1 : <i>líwi.</i>
a mulher delle 1, 2 : <i>r-ínu.</i>	2 : <i>rúwi.</i>
Pae 1 : <i>pādzu.</i>	Fructa 1 : <i>rínaka.</i>
2 : <i>padzu.</i>	2 : <i>rinaka.</i>
Mãe 1 : <i>nādzu.</i>	Pau 1, 2 : <i>háiku.</i>
2 : <i>nādzu.</i>	Matto 1 : <i>awakáde.</i>
Criança 1 : <i>níri.</i>	2 : <i>awakada.</i>
Menino 2 : <i>níri.</i>	Campo 1 : <i>arapúkuli.</i>
Menina 2 : <i>núitu.</i>	2 : <i>malíci.</i>
Macaco 1 : <i>púe.</i>	Milho 1, 2 : <i>kána.</i>
2 : <i>púe.</i>	Tabaco 1 : <i>dzêma.</i>
Onça 1 : <i>dzáwi.</i>	2 : <i>dzêma.</i>
2 : <i>dzáwi.</i>	Algodão 1 : <i>táwali.</i>
Veado 1 : <i>něri.</i>	2 : <i>tawali.</i>
2 : <i>něri.</i>	Mandioca 1, 2 : <i>káini.</i>
Anta 1 : <i>héma.</i>	Batata 1 : <i>kálizi.</i>
2 : <i>héma.</i>	2 : <i>kaliri.</i>
Cachorro 1, 2 : <i>čínu.</i>	Banana 1, 2 : <i>páлана.</i>
Passaro 1 : <i>čiká.</i>	um 1 : <i>aphái.</i>
2 : <i>čika.</i>	2 : <i>apáda.</i>
Mutum 1 : <i>kúitsi.</i>	dois 1 : <i>dzamháí.</i>
2 : <i>kuiči.</i>	2 : <i>dzámada.</i>
Arára 1, 2 : <i>ádaru.</i>	tres 1 : <i>maděłhi.</i>
Urubú 1 : <i>wádzoli.</i>	2 : <i>madaliđa.</i>
2 : <i>wádzyli.</i>	eu 1, 2 : <i>nhúa.</i>
Jacaré 1 : <i>kačiri.</i>	tu 1 : <i>phíã.</i>
2 : <i>kačiri.</i>	2 : <i>phía.</i>
Jabutý 1 : <i>čída.</i>	elle 1 : <i>łhía.</i>
2 : <i>ičída.</i>	2 : <i>hría.</i>
Cobra 1, 2 : <i>ápi.</i>	ella 1 : <i>šhúa.</i>
Sapo 1 : <i>híparu.</i>	2 : <i>šúa.</i>
2 : <i>hípalu.</i>	nos 1 : <i>fha.</i>
Peixe 1 : <i>kúpě.</i>	2 : <i>hwa.</i>

vos dois 2 : <i>phía dzamáda.</i>	embaixo 1 : <i>riápete.</i>
elles 2 : <i>hā.</i>	2 : <i>riápithe.</i>
minha mão 1 : <i>nu-kápi.</i>	dentro 1 : <i>riwáwali.</i>
2 : <i>nu-kápi.</i>	2 : <i>riwáwa.</i>
tua mão 1 : <i>pi-kápi.</i>	traz! 1 : <i>pi-dě-ni.</i>
2 : <i>pi-kápi.</i>	2 : <i>pi-dě.</i>
a mão delle 1 : <i>li-kápi.</i>	coma! 1 : <i>pi-hěn.</i>
2 : <i>ěri-kápi.</i>	2 : <i>pi-ha.</i>
a mão della 1 : <i>ru-kápi.</i>	me dê! 1 : <i>pi-anu-hlí-uni.</i>
2 : <i>ru-kápi.</i>	2 : <i>pi-anó-hli-un.</i>
nossas mãos 1 : <i>wa-kápi.</i>	dê para elle! 1 : <i>pi-ahlisi-uni.</i>
2 : <i>wa-kápi.</i>	2 : <i>pi-děliš-un.</i>
vossas mãos 1 : <i>i-kápi.</i>	dê para ella! 1 : <i>pi-deruhli-uni.</i>
2 : <i>i-kápi.</i>	2 : <i>pi-derúhli-un.</i>
as mãos delles e dellas 1 : <i>na-kápi.</i>	não dê para elle! 1 : <i>matsa-ruhli-uni.</i>
2 : <i>na-kápi.</i>	2 : <i>matsa-liš-un.</i>
grande 1 : <i>henipa.</i>	mata elle! 1 : <i>pi-nyani.</i>
2 : <i>hánipa.</i>	2 : <i>pi-ruan.</i>
pequeno 1 : <i>tsuděli.</i>	elle está dormindo 1 : <i>limāka.</i>
2 : <i>thúdali.</i>	2 : <i>ěrimaka</i>
frio 1 : <i>hapězi.</i>	elle não está dormindo 1 : <i>mě-mā-ka-dza.</i>
2 : <i>hápězi.</i>	2 : <i>ně-maká-dza.</i>
quente 1, 2 : <i>hāmu.</i>	estás dormindo? 1 : <i>pi-mākina.</i>
elle é bonito 1 : <i>mačiadāli.</i>	2 : <i>pi-makéra.</i>
2 : <i>mačiadāli.</i>	eu vou dormir 1 : <i>ni-makina.</i>
ella é bonita 1 : <i>mačiadāru.</i>	2 : <i>ni-mātua.</i>
2 : <i>mačiadaru.</i>	elle está bebendo 1 : <i>ri-raka.</i>
isto é bonito 1 : <i>mačiadāli.</i>	2 : <i>ri-raka.</i>
2 : <i>mačiapí.</i>	queres beber? 1 : <i>pa-pí-raka.</i>
feio 1 : <i>mačidāli.</i>	2 : <i>ha-pí-zaka.</i>
2 : <i>mačidě.</i>	Kadaupurítana 1 : <i>Kadaupurítana.</i>
branco 1 : <i>halídāli.</i>	2 : <i>Kadāpolítana.</i>
2 : <i>harědě.</i>	Warekéna 1 : <i>Wadzópini.</i>
preto 1 : <i>itādāli.</i>	2 : <i>Wadzúpinai.</i>
2 : <i>itādě.</i>	Tatú-Tapuya : <i>Adzaněni.</i>
vermelho 1 : <i>iráidāli.</i>	2 : <i>Adzánene.</i>
2 : <i>iráidě.</i>	Baniwa de Sant'Anna 1 : <i>Ehétana.</i>
azul 1 : <i>hipulídāli.</i>	Sucuriyú-Tapuya 1 : <i>Mýliweni.</i>
2 : <i>hipurě.</i>	2 : <i>Moríweni.</i>
amarelo 1 : <i>hěwádāli.</i>	Siucí-Tapuya 1 : <i>Walipere-dákěni.</i>
2 : <i>ěwa.</i>	
encima 1 : <i>rika.</i>	
2 : <i>kěthídě.</i>	

2 : <i>Walíperi-dakenai.</i>	Hôho 2 : <i>Hohódene.</i>
Rio Negro 1 : <i>Makapáwari.</i>	Cáua-Tapuya 2 : <i>Mawoliéni.</i>
2 : <i>Makapawán.</i>	Ipéca-Tapuya 2 : <i>Kumaadá-mnanai.</i>
Rio Içana 1 : <i>Iníali.</i>	Pacú-Tapuya 2 : <i>Padzoaliéne.</i>
2 : <i>Íniáli.</i>	Yibóya-Tapuya 2 : <i>Dzurēmēn.</i>
Rio Uaupés 1 : <i>Ukáyalí.</i>	Wanána 2 : <i>Pəžai.</i>
Guainía 2 : <i>Padzwidza.</i>	outras tribus 2 : <i>Kahitáliei.</i>
Siucí-Tapuya 2 : <i>Walipéri-dakenai.</i>	2 : <i>Wílueni.</i>

### Moriwene (1)

#### *Baniwa do Içána, Sucuriyú-Tapuya*

Língua : <i>nu-énene.</i>	Lua : <i>kéži.</i>
Bocca : <i>nu-numa.</i>	Estrella : <i>hiwisi.</i>
Labio : <i>nu-numáya.</i>	Terra : <i>hípai.</i>
Dente : <i>nu-etsá.</i>	Pedra : <i>hipáda.</i>
Nariz : <i>ni-táku.</i>	Casa : <i>pánti.</i>
Olho : <i>nu-thí.</i>	Roça : <i>keníke.</i>
Orelha : <i>nhu-éni.</i>	Banco : <i>édēi.</i>
Cabeça : <i>n-iwida.</i>	Rede : <i>piéta.</i>
Cabello : <i>nu-tsikula.</i>	Panella : <i>tyry.</i>
Barba : <i>nu-tsínuma.</i>	Machado : <i>zúka.</i>
Braço : <i>nu-nápa.</i>	Machado : <i>mátali.</i>
Mão : <i>nu-kápi.</i>	Faca : <i>malía.</i>
Coxa : <i>nu-kuči.</i>	Canoa : <i>íta.</i>
Canella : <i>nu-tawána.</i>	Remo : <i>t(z)íwe.</i>
Pé : <i>nu-ipa.</i>	Arco : <i>zaičápoti.</i>
Peito : <i>nu-kuda.</i>	Flecha : <i>kapáwi.</i>
Pelle : <i>nu-íya.</i>	Carauatána : <i>máwipi.</i>
Oso : <i>nu-ápi.</i>	Anzol : <i>ítsa.</i>
Água : <i>ŷ'ni.</i>	Gente : <i>nawiki.</i>
Fogo : <i>tidzě.</i>	Homem : <i>atsínali.</i>
Cinza : <i>páli.</i>	Mulher : <i>ínaru.</i>
Carvão : <i>tidzěmhěn.</i>	o marido della : <i>rú-iniri.</i>
Lenha : <i>tidzě.</i>	a mulher delle : <i>r-ínu.</i>
Uéu : <i>ény.</i>	Pae : <i>pádzu.</i>
Chuva : <i>ídza.</i>	Mãe : <i>nádzu.</i>
Vento : <i>kawára.</i>	Criança : <i>némbeti.</i>
Sol : <i>kamói.</i>	Filho : <i>níži.</i>

(1) Levantado com o tuxáua Alexandre de Seringa-rupitá, no Rio Içána, em Seringa-rupitá, Abril de 1927.

Macaco : <i>púš.</i>	Arvore : <i>háiku.</i>
Onça : <i>zāwi.</i>	Folha : <i>panapě.</i>
Veado : <i>něži.</i>	Flor : <i>ríwi.</i>
Anta : <i>hěma.</i>	Frueta : <i>rináka.</i>
Cachorro : <i>čínu.</i>	Matto : <i>awakáda.</i>
Passaro : <i>čika.</i>	Campo : <i>harepúkuli.</i>
Mutum : <i>kúiči.</i>	Milho : <i>kána.</i>
Arára : <i>áđalu.</i>	Tabaco : <i>zěma.</i>
Urubú : <i>wāđzoli.</i>	Algodão : <i>tāwali.</i>
Jacaré : <i>káčiri.</i>	Mandioca : <i>kāini.</i>
Jabutý : <i>čída.</i>	Batata : <i>kálizi.</i>
Cobra : <i>āpi.</i>	Banana : <i>palana.</i>
Sucuriyú : <i>hāmu.</i>	um : <i>apáda.</i>
Sapo : <i>híparu.</i>	dois : <i>zamáda.</i>
Peixe : <i>kuphě.</i>	tres : <i>madálida.</i>
Abelha : <i>māpa.</i>	eu : <i>hua.</i>
Pulga : <i>kawanhéru.</i>	tu : <i>phié.</i>
Piolho : <i>túida.</i>	

### Walipéri-Dákenäi (1)

#### *Baníwa do Içana, Siuci-Tapuya*

Lingua : <i>nu-enéne.</i>	Ossó : <i>nú-api.</i>
Bocca : <i>nu-núma.</i>	Agua : <i>ūni.</i>
Labio : <i>nu-numáya.</i>	Fogo : <i>tįdze.</i>
Dente : <i>nu-étsa.</i>	Cinza : <i>paliada.</i>
Nariz : <i>ni-tā'kū.</i>	Carvão : <i>tįdzémhen.</i>
Olho : <i>nú-thi.</i>	Lenha : <i>tįdzéke.</i>
Orelha : <i>nhu-ěni.</i>	Céu : <i>ěnu.</i>
Cabeça : <i>ni-wídä.</i>	Chuva : <i>įdza.</i>
Cabello : <i>nu-čikuli.</i>	Vento : <i>káwaleři.</i>
Barba : <i>nu-čínuma.</i>	Sol : <i>kámoi.</i>
Braço : <i>nu-nāpa.</i>	Lua : <i>kěři.</i>
Mão : <i>nu-kāpi.</i>	Estrella : <i>hiwíri.</i>
Coxa : <i>nu-kúči.</i>	Terra : <i>hípai.</i>
Canella : <i>nú-kawa.</i>	Pedra : <i>hipáda.</i>
Pé : <i>nú-įpa.</i>	Casa : <i>pānti.</i>
Peito : <i>nu-kúda.</i>	Roça : <i>kiníkĭ.</i>
Pelle : <i>nú-ya.</i>	Bauco : <i>ědäi.</i>

(1) Levantado com o indio Marcolino Multú de Cururú-Poço no Rio Ayari, em Cururú-Poço, Abril de 1927.

Rede : <i>piéta.</i>	Tabaco : <i>dzēma.</i>
Panella : <i>aképa.</i>	Algodão : <i>táwaki.</i>
Machado : <i>dzŷ'ka.</i>	Mandioca : <i>káini.</i>
Faca : <i>malía.</i>	Batata : <i>kalíri.</i>
Canoa : <i>itá.</i>	Banana : <i>palána.</i>
Remo : <i>tŷwe.</i>	um : <i>páda.</i>
Arco : <i>zaičavóti.</i>	dois : <i>dzamáda.</i>
Flecha : <i>tídua.</i>	tres : <i>madalida.</i>
Flecha : <i>kapawi.</i>	eu : <i>nháa.</i>
Carauatána : <i>mawípi.</i>	tu : <i>pháü.</i>
Anzol : <i>ítsa.</i>	elle : <i>hlínaha.</i>
Gente : <i>náwíki.</i>	ella : <i>šúanaha.</i>
Homem : <i>ačialí.</i>	isto : <i>hlíhě.</i>
Mulher : <i>inařu.</i>	nos : <i>hwā.</i>
o marido della : <i>řú-iniři.</i>	vos dois : <i>hía dzamáda.</i>
a mulher delle : <i>r-inu.</i>	minha mão : <i>nu-kápi.</i>
Pae : <i>pániři.</i>	tua mão : <i>pi-kápi.</i>
Mãe : <i>núdua.</i>	a mão delle : <i>ěri-kápi.</i>
o filho delle : <i>ri-enípe.</i>	a mão della : <i>ru-kápi.</i>
Macaco : <i>púe.</i>	nossas mãos : <i>wa-kápi.</i>
Onça : <i>dzáwi.</i>	vossas mãos : <i>i-kápi.</i>
Veado : <i>něři.</i>	as mãos delles e dellas : <i>na-kápi.</i>
Anta : <i>hěma.</i>	grande : <i>hanipáde.</i>
Cachorro : <i>čínu.</i>	pequeno : <i>tsútsa.</i>
Passaro : <i>číka.</i>	frio : <i>hapáde.</i>
Mutum : <i>kúiči.</i>	quente : <i>hamúde.</i>
Arára : <i>ádaru.</i>	elle é bonito : <i>mačiádali.</i>
Urubú : <i>wádzylí.</i>	ella é bonita : <i>mačiádaru.</i>
Jacaré : <i>káčiři.</i>	isto é bonito : <i>mačiádali.</i>
Jabuty : <i>ičída.</i>	feio : <i>mačídali.</i>
Cobra : <i>ápi.</i>	branco : <i>halídali.</i>
Sapo : <i>hípařu.</i>	preto : <i>itádali.</i>
Peixe : <i>kúphě.</i>	vermelho : <i>iráidali.</i>
Abelha : <i>mápa.</i>	azul : <i>hipyrídali.</i>
Piolho : <i>túidü.</i>	amarello : <i>ěwádali.</i>
Pulga : <i>kawánheru.</i>	encima : <i>riekwéte.</i>
Arvore : <i>háiku.</i>	embaixo : <i>riapíte.</i>
Folha : <i>panáphe.</i>	dentro : <i>ritáda.</i>
Flor : <i>říwi.</i>	traz! : <i>pi-děni.</i>
Frueta : <i>rináka.</i>	coma! : <i>pi-he.</i>
Matta : <i>awakáda.</i>	me dê! : <i>pi-anúhli-uni.</i>
Campo : <i>harapúkuli.</i>	dê-lhel : <i>pi-alíši-uni.</i>
Milho : <i>kána.</i>	dê a ella! : <i>pi-arúhli-uni.</i>

não lhe dê! : *matsa-líši-uni*.  
mata elle! : *pí-nuän*.  
elle está dormindo : *ri-māka*.  
elle não está dormindo : *nyama-ri-māka*.  
estás dormindo? : *pi-mākéna*.  
eu vou dormir : *nu-kaníma*.  
elle está bebendo : *lí-řaka*.  
queres beber? : *pi-nhën-pí-řaka*.  
Siucí-Tapuya : *Walipéri-dákenäi*.  
Cáua-Tapuya : *Máuliën*.  
Hóho : *Hohódēn*.  
Sucuriyú-Tapuya : *Molwēn*.

Kadaupurítana : *Kadāpulitana*.  
Íra-Tapuya : *Māpanai*.  
Tatú-Tapuya : *Adzánēn*.  
Ipéca-Tapuya : *Kumada-mnánäi*.  
Warekéna : *Wadzúpenäi*.  
Yibóya-Tapuya : *Dzulēmēn*.  
Rio Negro : *Makápawani*.  
Rio Içána : *Íniali*.  
Rio Ayarí : *Ayali*.  
Rio Guainía : *Iniřídza*.  
Uapuí-Caxoeira : *Hí-pana*.  
Yuruparí-Caxoeira : *Inhëi-pana*.  
Cururú-Poço : *Tuřádawá*.

### Hohódene (1)

#### *Hóho, Baniwa do Içána*

Lingua 1 : *pe-něne*.  
2 : *nu-enene*.  
Bocca 1 : *pa-núma*.  
2 : *nu-núma*.  
Labio 1 : *ri-numápi*.  
2 : *ri-numáya*.  
Dente 1 : *nu-etsá*.  
2 : *nu-ětsa*.  
Nariz 1 : *hi-taku*.  
2 : *n-táky*.  
Olho 1 : *nu-thi*.  
2 : *nú-thi*.  
Orelha 1 : *hú-eni*.  
2 : *nhú-eni*.  
Testa 1 : *nú-ekwa*.  
Cabeça 1 : *hi-wída*.  
2 : *ni-wída*.  
Cabello 1 : *nu-čikore*.  
2 : *nu-čikule*.  
Barba 1 : *nu-tšínuma*.  
2 : *nu-čínuma*.

Braço 1, 2 : *nu-nāpa*.  
Mão 1, 2 : *nu-kápi*.  
Nadegas 1 : *nu-phína*.  
Coxa 2 : *nu-kúci*.  
Canella 1 : *nu-káwa*.  
2 : *nú-kawa*.  
Joelho 1 : *hō-oi*.  
Pé 1, 2 : *nú-ípa*.  
Pescoço 1 : *nu-núru*.  
Peito 1, 2 : *nu-kuda*.  
Pelle 1, 2 : *nú-ya*.  
Osso 1 : *nú-ápi*.  
2 : *nu-ápi*.  
Água 1 : *ūni*.  
2 : *ūni*.  
Fogo 1 : *tídze*.  
2 : *tídze*.  
Cinza 1, 2 : *paliáda*.  
Carvão 1 : *tídžémhěni*.  
2 : *tídžémheni*.  
Lenha 1 : *tídze*.

(1) Levantado com a mulher do indio Sabino do Alto Rio Cubate e com o indio Serafim de Uapuí-Caxoeira, em São Felipe e Uapuí-Caxoeira respectivamente, Março e Maio de 1927.

	2 : <i>tídze.</i>		2 : <i>newíki.</i>
Céu 1 :	<i>ēny.</i>	Homem 1 :	<i>atšári.</i>
	2 : <i>ēnu.</i>		2 : <i>ačiali.</i>
Chuva 1, 2 :	<i>ídza.</i>	Mulher 1 :	<i>ínazu.</i>
Vento 1 :	<i>káwareri.</i>		2 : <i>ínaru.</i>
	2 : <i>kawáleri.</i>	meu marido 1 :	<i>nú-inizi.</i>
Sol 1 :	<i>kámyi.</i>	o marido della 2 :	<i>rú-iniri.</i>
	2 : <i>kamoi.</i>	minha mulher 2 :	<i>nú-inu.</i>
Lua 1 :	<i>kēzi.</i>	a mulher delle 2 :	<i>e-inu.</i>
	2 : <i>keři.</i>	Pae 1 :	<i>hýnizi.</i>
Estrella 1 :	<i>hiwibi.</i>	meu pae 2 :	<i>nú-wiri.</i>
	2 : <i>hiwiri.</i>	Mãe 1 :	<i>nána.</i>
Terra 1, 2 :	<i>hípai.</i>	minha mãe 2 :	<i>nú-ndua.</i>
Pedra 1, 2 :	<i>hipáda.</i>	Criança 1 :	<i>nizi.</i>
Casa 1 :	<i>pānti.</i>	meu filho 2 :	<i>nu-enipe.</i>
	2 : <i>pāntę.</i>	Macaco 1, 2 :	<i>púe.</i>
Roça :	<i>kiniki.</i>	Guariba 1 :	<i>itši.</i>
	2 : <i>kiniki.</i>	Morcego 1 :	<i>pítiri.</i>
Caminho 1 :	<i>hinípu.</i>	Onça 1 :	<i>dzāwi.</i>
Banco 1 :	<i>édai.</i>		2 : <i>dzāwi.</i>
	2 : <i>ēdūi.</i>	Veado 1 :	<i>nēzi.</i>
Rede 1 :	<i>piétata.</i>		2 : <i>nēři.</i>
	2 : <i>piéta.</i>	Loutra 1 :	<i>yēvi.</i>
Panella 1 :	<i>akhépa</i>	Anta 1 :	<i>héma.</i>
	2 : <i>aképa.</i>		2 : <i>héma.</i>
Pilão 1 :	<i>anáda.</i>	Capivara 1 :	<i>kétu.</i>
Machado 1 :	<i>dzōka.</i>	Cutia 1 :	<i>phitši.</i>
	2 : <i>dzūka.</i>	Tatú 1 :	<i>halídali.</i>
Faca 1 :	<i>malie.</i>	Porco tayaçu 1 :	<i>āpidza.</i>
	2 : <i>malía.</i>	Porco taitetú 1 :	<i>dzamolito.</i>
Canoa 1, 2 :	<i>íta.</i>	Cachorro 1 :	<i>tšiny.</i>
Remo 1 :	<i>tíwe.</i>		2 : <i>čínu.</i>
	2 : <i>tíwe.</i>	Passaro 1 :	<i>kepizene.</i>
Arco 1 :	<i>dzawikhéapō.</i>		2 : <i>kepeřeni.</i>
	2 : <i>Dzeičápoti.</i>	Arára 1 :	<i>ādažu.</i>
Flecha 1 :	<i>tídoa, likawána.</i>		2 : <i>ādařu.</i>
	2 : <i>tídua.</i>	Mutum 1 :	<i>kuitši.</i>
Carauatána 1 :	<i>māwípi.</i>		2 : <i>kúiči.</i>
	2 : <i>mawípi.</i>	Jacú 1 :	<i>maze.</i>
Aljava 1 :	<i>weipúne.</i>	Tucano 1 :	<i>dzáte.</i>
Anzol 1, 2 :	<i>ítsa.</i>	Gallinha 1 :	<i>karáka.</i>
Espingarda 1 :	<i>mukáwa.</i>	Pato 1 :	<i>kumáda.</i>
Gente 1 :	<i>ináwiki.</i>	Garça branca 1 :	<i>máli.</i>

Urubú 1, 2 : <i>wādzoli.</i>	2 : <i>nhúa.</i>
Jacaré 1 : <i>kátširi.</i>	tu 1 : <i>phia.</i>
2 : <i>káciri.</i>	2 : <i>phia.</i>
Jabuty 1 : <i>itšidá.</i>	elle 1 : <i>thi nahā.</i>
2 : <i>ičída.</i>	2 : <i>hía.</i>
Cobra 1, 2 : <i>āpi.</i>	ella 2 : <i>šhía.</i>
Sapo 1 : <i>hīpažu.</i>	isto 2 : <i>hliéhe.</i>
2 : <i>hīpařu.</i>	nos 1 : <i>nhwā.</i>
Peixe 1 : <i>kuphe.</i>	2 : <i>hwā.</i>
2 : <i>kuphē.</i>	minha mão 2 : <i>nu-kāpi.</i>
Piranha 1 : <i>umai.</i>	tua mão 2 : <i>pi-kāpi.</i>
Pirarára 1 : <i>maphara.</i>	a mão delle 2 : <i>eri-kāpi.</i>
Tucunaré 1 : <i>dzāpa.</i>	a mão della 2 : <i>ru-kāpi.</i>
Abelha 1, 2 : <i>māpa.</i>	nossas mãos 2 : <i>wa-kāpi.</i>
Piolho 1 : <i>tóida.</i>	vossas mãos 2 : <i>i-kāpi.</i>
2 : <i>túida.</i>	as mãos delles 2 : <i>na-kāpi.</i>
Pulga 1 : <i>kawázezu.</i>	grande 1 : <i>makádali.</i>
2 : <i>kawánheřu.</i>	2 : <i>hanípa.</i>
Arvore 1, 2 : <i>háiku.</i>	pequeno 1 : <i>tsúdali.</i>
Folha 1 : <i>panáphe.</i>	2 : <i>tsúdali.</i>
2 : <i>pánape.</i>	frio 1, 2 : <i>hape.</i>
Flor 1 : <i>lwi.</i>	quente 1 : <i>hāmu.</i>
2 : <i>ríwi.</i>	2 : <i>hāmu.</i>
Fructa 2 : <i>rináka.</i>	bom 1 : <i>matsiáde.</i>
Matto 2 : <i>awakáda.</i>	2 : <i>mácia.</i>
Campo 2 : <i>harapúkuli.</i>	mau 1 : <i>matsíte.</i>
Milho 1, 2 : <i>kāna.</i>	2 : <i>mačidem.</i>
Algodão 1 : <i>pižimítši.</i>	preto 1 : <i>itáne.</i>
2 : <i>tāwali.</i>	2 : <i>itápai.</i>
Tabaco 1 : <i>dzēma.</i>	branco 1 : <i>pharéne.</i>
2 : <i>dzēma.</i>	2 : <i>halépai.</i>
Mandioca 1 : <i>káini.</i>	vermelho 1 : <i>izáine.</i>
2 : <i>káini.</i>	2 : <i>irápai.</i>
Batata 1 : <i>āši.</i>	azul 2 : <i>hipulépai.</i>
2 : <i>kalíři.</i>	amarello 2 : <i>ēwápai.</i>
Banana 1, 2 : <i>palána.</i>	encima 2 : <i>ríka.</i>
um 1 : <i>apáite.</i>	embaixo 2 : <i>riáпита.</i>
2 : <i>apáda.</i>	dentro 2 : <i>ritáda.</i>
dois 1 : <i>dzamhépa.</i>	traz! 2 : <i>pí-den.</i>
2 : <i>dzamhē.</i>	coma! 1 : <i>pi-nupiha.</i>
tres 1 : <i>mandalhípa.</i>	2 : <i>pí-ha.</i>
2 : <i>madalída.</i>	me dê! 2 : <i>pi-nu-píha.</i>
eu 1 : <i>nuá.</i>	dê-lhe! 2 : <i>pia-náhle-uni.</i>

dê a ella! 2 : <i>pia-rúhli-uni.</i>	Tatú-Tapuya 1 : <i>Adzánene.</i>
não lhe dê! 2 : <i>matsa-líhli-uni.</i>	2 : <i>Adzánen.</i>
mata elle! 1 : <i>pi-noani.</i>	Warekéna 1 : <i>Wadzúpine.</i>
2 : <i>pi-nyan.</i>	2 : <i>Wadzúpinüi.</i>
elle está dormindo 1 : <i>li-máka.</i>	Cáua-Tapuya 2 : <i>Aini-dákenai ;</i>
2 : <i>rí-maka.</i>	<i>Máuliene.</i>
elle não está dormindo 2 : <i>me-ma-</i>	Sucuriyú-Tapuya 2 : <i>Moliwene.</i>
<i>ká-tua.</i>	Íra-Tapuya 2 : <i>Mapa-dákenüi.</i>
estás dormindo? 2 : <i>pi-máka.</i>	Ipéca-Tapuya 2 : <i>Kumada-mnánei.</i>
vou dormir 2 : <i>nua-tuaníma.</i>	Pacú-Tapuya 2 : <i>Padzyaliene.</i>
elle está bebendo 2 : <i>lí-řaka.</i>	Yibóya-Tapuya 2 : <i>Dzulémene.</i>
queres beber? 2 : <i>pi-nhēm-pí-řaka.</i>	Kobéwa 2 : <i>Póaweri.</i>
vá! 1 : <i>wahā.</i>	Rio Negro 1 : <i>Makápaweni.</i>
não va! 1 : <i>kazu-metsi-pi-awā.</i>	2 : <i>Makápawan.</i>
Branco 1 : <i>yalánawi.</i>	Rio Uaupés 1 : <i>Ukáyari.</i>
Negro 1 : <i>itádari.</i>	2 : <i>Ukayali.</i>
Hôho 1 : <i>Hyhýdeně.</i>	Rio Içána 1 : <i>Iniari.</i>
2 : <i>Hqhódeně.</i>	2 : <i>Íniali.</i>
Siucí-Tapuya 1 : <i>Walipére-dákene.</i>	Rio Cubate 1 : <i>Hídze.</i>
2 : <i>Walipěři-dákenüi.</i>	Rio Guainía 2 : <i>Padawída.</i>
Yauareté-Tapuya 1 : <i>dzawi-dákene.</i>	Rio Ayarí 2 : <i>Ayáli.</i>
Kadaupurítana 1 : <i>Kadapolítana.</i>	Rio Inírida 2 : <i>Iniřída.</i>
2 : <i>Kadāpolítana.</i>	

### Mapanai (1)

#### *Baniwa do Içána, Ira-Tapuya*

Lingua : <i>nu-enéne.</i>	Coxa : <i>nu-kúči.</i>
Bocca : <i>nu-núma.</i>	Canella : <i>nu-kawá.</i>
Labio : <i>nu-numáya.</i>	Pé : <i>nu-ipá.</i>
Dente : <i>nu-étsa.</i>	Peito : <i>nu-kúda.</i>
Nariz : <i>n-táku.</i>	Pelle : <i>nú-ya.</i>
Olho : <i>nu-tí.</i>	Ossó : <i>nu-api.</i>
Orelha : <i>nu-ěni.</i>	Agua : <i>ũ'ni.</i>
Cabeça : <i>ni-wída.</i>	Fogo : <i>tíidzě.</i>
Cabello : <i>nu-čikyrě.</i>	Cinza : <i>páli.</i>
Barba : <i>nu-čínuma.</i>	Carvão : <i>tíidzěmhen.</i>
Braço : <i>nu-nápa.</i>	Lenha : <i>tíidzě.</i>
Mão : <i>nu-kápi.</i>	Céu : <i>ěnu.</i>

(1) Levantado com o indio Luciano de Yandú-Caxoeira no Rio Içána, em Yandú-Caxoeira, Abril de 1927.

Chuva : *ída*.  
Vento : *kawāle*.  
Sol : *kamói*.  
Lua : *kēri*.  
Estrela : *hiwirši*.  
Terra : *hīpai*.  
Pedra : *hīpada*.  
Casa : *pānt(θ)i*.  
Roça : *keníki*.  
Banco : *édawi*.  
Rede : *piēta*.  
Panella : *akhēpa*.  
Machado : *dzūka*.  
Faca : *malía*.  
Canoa : *íta*.  
Remo : *tšíwa*.  
Arco : *dzawicāpoti*.  
Flecha : *kāpawi*.  
Carauatana : *māwipi*.  
Anzol : *ítθa*.  
Gente : *néwiki*.  
Homem : *ačičáli*.  
Mulher : *ínaru*.  
o marido della : *ru-íniri*.  
a mulher delle : *r-ínu*.  
Pae : *pādzu*.  
Mãe : *nādzu*.  
Criança : *hemindáli*.  
Macaco : *púe*.  
Onça : *dzāwi*.  
Veado : *nēri*.  
Anta : *hēma*.  
Cachorro : *čínu*.  
Passaro : *čika*.  
Mutum : *kúiči*.  
Arára : *ádaru*.  
Urubú : *wādzoli*.  
Jacaré : *kačiri*.  
Jabuty : *ičída*.  
Cobra : *ápi*.  
Sapo : *hīparu*.  
Peixe : *kypé*.  
Abelha : *māpa*.

Piolho : *tšída*.  
Pulga : *kawánheru*.  
Arvore : *hāiku*.  
Folha : *panápě*.  
Flor : *haikúwi*.  
Fructa : *rináka*.  
Matto : *awakáda*.  
Campo : *arapukulí*.  
Milho : *kāna*.  
Tabaco : *dzěma*.  
Algodão : *tāwali*.  
Mandioca : *kāini*.  
Batata : *kaliri*.  
Banana : *palana*.  
um : *páda*.  
dois : *dzamáda*.  
tres : *madalída*.  
eu : *nuá*.  
tu : *phiá*.  
elle : *hliéhe*.  
ella : *hšluána*.  
isto : *hliéhe*.  
nos : *phwā*.  
minha mão : *nu-kāpi*.  
tua mão : *pi-kāpi*.  
a mão delle : *li-kāpi*.  
a mão della : *ru-kāpi*.  
nossas mãos : *wa-kāpi*.  
vossas mãos : *i-kāpi*.  
as mão delles : *na-kāpi*.  
grande : *hanípa*.  
pequeno : *tšútsa*.  
frio : *haperi*.  
quente : *hāmuli*.  
elle é bonito : *mačičádali*.  
ella é bonita : *mačičádaru*.  
isto é bonito : *mačia*.  
feio : *māči*.  
branco : *hārě*.  
preto : *ítθa*.  
vermelho : *irai*.  
azul : *hīpürě*.  
amarello : *ěwa*.

encima : <i>tětthi.</i>	Hôho : <i>Hohyden.</i>
embaixo : <i>riapítthe.</i>	Ipéca-Tapuya : <i>Kumada-mnánai.</i>
dentro : <i>rikánam.</i>	Pacú-Tapuya : <i>Padzualien.</i>
traz! : <i>pi-dén.</i>	Siucí-Tapuya : <i>Waliperi-dakénai.</i>
me dê! : <i>pi-anúhli-un.</i>	Tatú-Tapuya : <i>Adzánen.</i>
dê-lhe! : <i>pi-alíši-un.</i>	Warekéna : <i>Wadzúpine.</i>
dê a ella! : <i>pi-deruhli-un.</i>	Kadaupurítana : <i>Kadawapúliři.</i>
não lhe dê! : <i>madettha-ríši-un.</i>	Cáua-Tapuya : <i>Máulien.</i>
coma! : <i>pí-ha.</i>	Cutia-Tapuya : <i>Awádzurunai.</i>
mata elle! : <i>pi-nuan.</i>	Sucuriyú-Tapuya : <i>Moríwen.</i>
elle está dormindo : <i>ri-maka.</i>	Coatí-Tapuya : <i>Kapitthi-mnánai.</i>
elle não está dormindo : <i>me-maká-ttha.</i>	Tapiíra-Tapuya : <i>Hěma-dakénai.</i>
estás dormindo? : <i>pi-māka-tthera.</i>	Rio Negro : <i>Makápawan.</i>
eu vou dormir : <i>nua-toníma.</i>	Rio Guainía : <i>Padzawidza.</i>
elle está bebendo : <i>lí-raka.</i>	Rio Içána : <i>Íniali.</i>
queres beber? : <i>pi-na-pí-řaka.</i>	Rio Inirida : <i>Iniridza.</i>
Íra-Tapuya : <i>Māpanai.</i>	Yandú-Caxoeira : <i>Enhí-pana.</i>

### Máulieni (1)

#### Baníwa, Cáua-Tapuya

Lingua : <i>nu-enéne.</i>	Ossó : <i>nú-api.</i>
Bocca : <i>nu-núma.</i>	Agua : <i>ũni.</i>
Labio : <i>nu-numáya.</i>	Fogo : <i>tídze.</i>
Dente : <i>nu-ětsa.</i>	Cinza : <i>paliáda.</i>
Nariz : <i>ni-táku.</i>	Carvão : <i>tidzěmhen.</i>
Olho : <i>nú-thi.</i>	Lenha : <i>tidzěke.</i>
Orelha : <i>nhú-ěni.</i>	Céu : <i>ěnu.</i>
Cabeça : <i>nhe-wída.</i>	Chuva : <i>ídza.</i>
Cabello : <i>nu-tsíkule.</i>	Vento : <i>káli.</i>
Barba : <i>nu-ěnuma.</i>	Sol : <i>kámoi.</i>
Braço : <i>nu-nápa.</i>	Lua : <i>kěři.</i>
Mão : <i>nu-kápi.</i>	Estrella : <i>hiwirři.</i>
Coxa : <i>nu-kúči.</i>	Estrella grande : <i>walíwa.</i>
Canella : <i>nú-kawa.</i>	Terra : <i>hipai.</i>
Pé : <i>nhú-ipa.</i>	Pedra : <i>hipáda.</i>
Peito : <i>nu-kúda.</i>	Casa : <i>panít(z)i.</i>
Pelle : <i>nú-ya.</i>	Roça : <i>kiníki.</i>

(1) Levantado com o indio Joaquim Hipaperida de Popúliaru no Uirá-uaçú-Igarapé (Rio Ayari), em Popúliaru, Abril de 1927.

Banco : *édai*.  
Rede : *piéta*.  
Panella : *akhepída*.  
Machado : *dzūka*.  
Faca : *malie*.  
Canoa : *íta*.  
Remo : *t(z)úwe*.  
Arco : *dzawičapóti*.  
Flecha : *tidyua*.  
Flecha : *kāpawi*.  
Carauatána : *mawipi*.  
Anzol : *ítsa*.  
Gente : *newiki*.  
Homem : *ačiali*.  
Mulher : *inařu*.  
o marido della : *řu-íniri*.  
a mulher delle : *r-řnu*.  
Pae : *pādzu*.  
Mãe : *nādzu*.  
Mãe : *nāna*.  
Criença : *nuenipe*.  
Macaco : *púě*.  
Onça : *dzāwi*.  
Veado : *něři*.  
Anta : *hěma*.  
Cachorro : *činu*.  
Passaro : *čika*.  
Mutum : *kúiči*.  
Arára : *ādařu*.  
Urubú : *wādzoli*.  
Jacaré : *káčiri*.  
Jabuty : *ičída*.  
Cobra : *āpi*.  
Sapo : *hípařu*.  
Peixe : *kuphě*.  
Abelha : *māpa*.  
Piolho : *týida*.  
Pulga : *kawánhěřu*.  
Arvore : *háiku*.  
Folha : *panápe*.  
Flor : *řívi*.  
Fructa : *rináka*.  
Matto : *awakáda*.

Campo : *harěpúkuli*.  
Milho : *kāna*.  
Tabaco : *dzěma*.  
Algodão : *tāwali*.  
Mandioca : *káini*.  
Batata : *kalíři*.  
Banana : *palána*.  
um : *apaděhě*.  
dois : *dzamáde*.  
tres : *madalide*.  
eu : *nhúa*.  
tu : *phia*.  
elle : *hliú*.  
ella : *řua naha*.  
isto : *hliá*.  
nos : *hwā*.  
vos dois : *hia dzamáda*.  
minha mão : *nu-kāpi*.  
tua mão : *pi-kāpi*.  
a mão delle : *eri-kāpi*.  
a mão della : *ru-kāpi*.  
nossas mãos : *wa-kāpi*.  
vossas mãos : *i-kāpi*.  
as mãos delles : *na-kāpi*.  
grande : *hanipáde*.  
pequeno : *tsúdali*.  
frio : *hapéde*.  
quente : *hamúde*.  
elle é bonito : *mačiáde*.  
ella é bonita : *mačiúdaru*.  
isto é bonito : *mačiúdali*.  
feio : *mačidem*.  
branco : *haredali*.  
preto : *itúdali*.  
vermelho : *řřáidali*.  
azul : *hipurédali*.  
amarello : *ěwádali*.  
encima : *kět(z)íde*.  
embaixo : *riápíte*.  
dentro : *říka*.  
traz ! : *pi-de*.  
coma ! : *pi-ha*.  
me dê ! : *pi-anúhli-uni*.

dê-lhe! : *pi-alíši-uni*.  
 dê a ella : *pi-arúhli-uni*.  
 não lhe dê! : *matsa-liši-un*.  
 mata elle! : *pí-nuani*.  
 elle está dormindo : *ri-maka*.  
 elle não está dormindo.  
 estás dormindo? : *pi-makéřa*.  
 eu vou dormir : *ni-makenehe*.  
 elle está bebendo : *lí-raka*.  
 queres beber? : *pi-nhendza-pi-raka*.  
 Cáua-Tapuya : *Máuliene*.  
 Hôho : *Hohódeni*.  
 Siucí-Tapuya : *Waliperi-dákeni*.

Íra-Tapuya : *Kutěřueni*.  
 Sucuriyú-Tapuya : *Molíweni*.  
 Kadaupurítana : *Kadaupulítani*.  
 Kadaupurítana : *Liedáwien*.  
 Yibóya-Tapuya : *Dzuréměn*.  
 Tatú-Tapuya : *Adzáneni*.  
 Makú : *Máku*.  
 Pacú-Tapuya : *Padzoaliene*.  
 Rio Negro : *Iniřídza*.  
 Rio Içána : *Íniáli*.  
 Rio Ayari : *Ayali*.  
 Uirá-uacú-Igarapé : *Pěřeali*.

### Payualiene (1)

*Baniwā do Içána, Pacú-Tapuya, Coripáca*

Lingua : <i>nú-ěněne</i> .	Lenha : <i>tíyěpě</i> .
Bocca : <i>nú-numa</i> .	Chuva : <i>íya</i> .
Labio : <i>nu-numáya</i> .	Vento : <i>kaulí</i> .
Dente : <i>nu-ěča</i> .	Sol : <i>hězi</i> .
Nariz : <i>nu-taku</i> .	Lua : <i>kěri</i> .
Olho : <i>nu-thí</i> .	Estrella : <i>híwisída</i> .
Orelha : <i>nhy-ěni</i> .	Terra : <i>hipái</i> .
Cabeça : <i>nu-wida</i> .	Pedra : <i>hipada</i> .
Cabello : <i>nu-widěčipa</i> .	Casa : <i>pánti</i> .
Barba : <i>nu-čínuma</i> .	Roça : <i>kíniki</i> .
Braço : <i>nu-nápí</i> .	Banco : <i>ědawí</i> .
Mão : <i>nu-kápi</i> .	Rede : <i>apieta</i> .
Coxa : <i>nu-kučipa</i> .	Panella : <i>čipáda</i> .
Canella : <i>nu-kawáda</i> .	Machado : <i>čípale</i> .
Pé : <i>nhú-ípa</i> .	Faca : <i>malie</i> .
Peito : <i>nu-kúda</i> .	Canoa : <i>íttá</i> .
Pelle : <i>n-íya</i> .	Remo : <i>těíwe</i> .
Ossó : <i>núapi</i> .	Arco : <i>yawičapóti</i> .
Agua : <i>úni</i> .	Flecha : <i>itěidoa</i> .
Fogo : <i>tíyě</i> .	Flecha : <i>kapáwi</i> .
Cinza : <i>páli</i> .	Carauatána : <i>máwipi</i> .
Carvão : <i>tíyěmhěn</i> .	Anzol : <i>íča</i> .

(1) Levantado com o índio José da Bóio-Caxoeira no Rio Içána, então morador no Acutí-Igarapé (Rio Ayari), Taracná, Abril de 1927.

Gente : *nawiki*.  
Homem : *ácia*.  
Mulher : *inaru*.  
o marido della : *ru-iniri*.  
a mulher delle : *r-inú*.  
meu pae : *nu-niri*.  
minha mãe : *nhu-dua*.  
Criança : *yenipeti*.  
Macaco : *púê*.  
Onça : *yáwi*.  
Veado : *néri*.  
Anta : *héma*.  
Cachorro : *čmu*.  
Passaro : *wíphiaru*.  
Mutum : *kuiči*.  
Arára : *ádaru*.  
Urubú : *wáyuli*.  
Jacaré : *káčiri*.  
Jabutý : *ičída*.  
Cobra : *ápi*.  
Sapo : *hípařu*.  
Peixe : *kuphê*.  
Abelha : *mápa*.  
Pulga : *kawanhéri*.  
Piolho : *hidyapiyên*.  
Arvore : *háiky*.  
Folha : *panáphê*.  
Flor : *haiku-iví*.  
Fructa : *rínaka*.  
Matto : *awakada*.  
Campo : *walapukuli*.  
Milho : *kána*.  
Tabaco : *yéma*.  
Algodão : *táwali*.  
Mandioca : *káini*.  
Batata : *káliři*.  
Banana : *děřina*.  
um : *apádača*.  
dois : *yamáda*.  
tres : *madalída*.  
eu : *nhúa*.  
tu : *phía*.  
elle : *hlía*.

ella : *shúa*.  
isto : *hlía*.  
nos : *huá*.  
minha mão : *nu-kápi*.  
tua mão : *pi-kápi*.  
a mão delle : *ri-kápi*.  
a mão della : *ru-kápi*.  
nossas mãos : *wa-kápi*.  
vossas mãos : *i-kápi*.  
as maos delles : *na-kápi*.  
grande : *épa*.  
pequeno : *čuliča*.  
frio : *hápěkale*.  
quente : *hamu-kale*.  
elle é bonito : *mačiádali*.  
ella é bonita : *mačiádalú*.  
isto é bonito : *mačiáli*.  
feio : *mačiriča*.  
branco : *hāriři*.  
preto : *itsáli*.  
vermelho : *iřáiri*.  
azul : *hipurédali*.  
amarello : *ěwaphái*.  
encima : *ridánhethe*.  
embaixo : *rikawápa*.  
dentro : *riπέyale*.  
traz ! : *pi-nu*.  
coma ! : *př-ha*.  
me dê ! : *pi-ánuřuni*.  
dê-lhe : *pialirun*.  
dê a ella : *pialuřun*.  
não lhe dê ! : *māča-liřúni*.  
mata elle ! : *pi-nun*.  
elle está dormindo : *ri-māka*.  
elle não está dormindo : *mēmátua*.  
estás dormindo ? : *pi-makena*.  
eu vou dormir : *nua-kénanima*.  
elle está bebendo : *ri-řáka*.  
queres beber ? : *wořapřa*.  
eu sou Pacú-Tapuya : *nhúa Pai-yyalíene*.  
ella é Pacú-Tapuya : *shúa Payya-lieninu*.

Kadaupurítana : *Kadawapuliři.*  
 Sucuriyú-Tapuya : *Moriwën.*  
 Hôho : *Huhúden.*  
 Sinci-Tapuya : *Walipéře-dakëñë.*  
 Cáuá-Tapuya : *Ainínai.*  
 Ipéca-Tapuya : *Kumáda-mnanái.*

Tapiíra-Tapuya : *Hëma-dákëñë.*  
 Coatí-Tapuya : *Kapité-mnanái.*  
 Rio Negro : *Makápawan-ÿni.*  
 Rio Guainía : *Payawía.*  
 Rio Uaupés : *Ukayalíca.*  
 Rio Içána : *Iniáli.*

### Adyánene (Adyána) (1)

*Tatú-Tapuya, Coripáca*

Lingua : *nu-éneņ.*  
 Bocca : *nu-numáriky.*  
 Labio : *nu-numáya.*  
 Dente : *nu-étsa.*  
 Nariz : *nu-táky.*  
 Olho : *nu-thi.*  
 Orelha : *nhú-eni.*  
 Cabeça : *nu-wída.*  
 Cabello : *nu-widëtsipa.*  
 Barba : *nu-numëtsi.*  
 Braço : *nu-nápa.*  
 Mão : *nu-kápi.*  
 Coxa : *nu-pūita.*  
 Canella : *nu-tawana.*  
 Pé : *nu-ípa.*  
 Peito : *nu-kúda.*  
 Pelle : *nu-idia.*  
 Osso : *nu-ápi.*  
 Craneo *nu-widëdza.*  
 Agua : *ÿni.*  
 Fogo : *tïÿé.*  
 Cinza : *nëñkthi.*  
 Carvão : *tïÿëmhene.*  
 Lenha : *tïÿëña.*  
 Céu : *ënu.*  
 Chuva : *íyawa.*  
 Vento : *káwuli.*  
 Sol : *hëzi.*  
 Lua : *kezi.*

Estrella : *hiwisé.*  
 Terra : *hípai.*  
 Pedra : *hípada.*  
 Casa : *pānte.*  
 Roça : *kínki.*  
 Banco : *báküďä.*  
 Rede : *ámaku.*  
 Panella : *tsipáda.*  
 Machado : *idyÿka.*  
 Faca : *malíye.*  
 Canoa : *íta.*  
 Remo : *t(r)íwe.*  
 Arco : *yawiteápoti.*  
 Flecha : *kapáwi.*  
 Carauatána : *máwipi.*  
 Anzol : *ëpui.*  
 Gente : *nawíki.*  
 Homem : *átseä.*  
 Mulher : *ínä.*  
 Mulher : *inaithepe.*  
 meu marido : *nú-iniri.*  
 minha mulher : *nú-inu.*  
 meu pae : *nu-niri.*  
 minha mãe : *n-ánau.*  
 Criança : *yëmpetipe.*  
 Macaco : *púë.*  
 Onça : *yáwi.*  
 Veado : *nëři.*  
 Anta : *hëma.*

(1) Levantado com a india Maria de Santa Rosa no Rio Guainía, em São Joaquim mirí no Rio Içána, Abril de 1927.

Cachorro : <i>tsínu.</i>	tua mão : <i>pi-kāpi.</i>
Passaro : <i>wíphiaru.</i>	a mão delle : <i>ri-kāpi.</i>
Mutum : <i>kyítsi.</i>	a mão della : <i>ru-kāpi.</i>
Arára : <i>ádařo.</i>	nossas mãos : <i>wa-kāpi.</i>
Urubú : <i>wáyoli.</i>	vossas mãos : <i>i-kāpi.</i>
Jacaré : <i>káčřř.</i>	as mãos delles : <i>na-kāpi.</i>
Jabuty : <i>ítsida.</i>	grande : <i>halipa.</i>
Cobra : <i>ápi.</i>	pequeno : <i>mědádali.</i>
Peixe : <i>kúphě.</i>	frio : <i>hape-kan.</i>
Sapo : <i>tyřyřy.</i>	quente : <i>hámu-kan.</i>
Abelha : <i>māpa.</i>	bom : <i>matsiádali.</i>
Pulga : <i>unikáčřřě.</i>	mau : <i>matídali.</i>
Piolho : <i>nuidápiyune.</i>	branco : <i>harě-dali.</i>
Arvore : <i>háiku.</i>	preto : <i>itá-dali-mi.</i>
Folha : <i>panaphě.</i>	vermelho : <i>irái-dali.</i>
Flor : <i>haiku-ívi.</i>	azul : <i>hiporě-dali.</i>
Matto : <i>awakáda.</i>	amarello : <i>ěwá-dali.</i>
Campo : <i>harapúkuri.</i>	encima : <i>lí-kan.</i>
Fructa : <i>haiku-thě.</i>	embaixo : <i>lí-apídze.</i>
Pau : <i>háiku.</i>	dentro : <i>ri-wawólikö.</i>
Milho : <i>kána.</i>	traz! : <i>pi-děni.</i>
Tabaco : <i>iyěma.</i>	coma! : <i>pi-nhěa.</i>
Algodão : <i>dzawalikhědă.</i>	não coma! : <i>kuřitsanuinhaka.</i>
Canna : <i>tidyuapa.</i>	me dê! : <i>pi-ányšuni.</i>
Batata : <i>kāriři.</i>	dê-lhe! : <i>pi-arišuni.</i>
Mandioca : <i>káini.</i>	dê a ella! : <i>pi-arušuni.</i>
Banana : <i>děři.</i>	mata elle! : <i>pi-nuhiárăhă.</i>
um : <i>apáda.</i>	elle está dormindo : <i>ěrimāka.</i>
dois : <i>yamáda.</i>	ella está dormindo : <i>ěru-māka.</i>
tres : <i>madaridě.</i>	estás dormindo? : <i>pi-mākena.</i>
quatro : <i>ěrikwádakam.</i>	Tatú-Tapuya : <i>Adyána.</i>
cinco : <i>pemašupa-kāpi.</i>	Kadaupurítana : <i>Kadaupílři.</i>
eu : <i>nua.</i>	Baniwa do Guainía : <i>Hiři-dákenai</i>
tu : <i>phía.</i>	(« Ratos »).
elle : <i>hriáhı.</i>	Warekéna : <i>Toke-dákenai</i> (« Vaga-
ella : <i>šwátehe.</i>	lumes »).
isto : <i>šhíhahı.</i>	Siucí-Tapuya : <i>Walipere-dákenai.</i>
nos : <i>hwā.</i>	Rio Guainía : <i>Pařátana.</i>
minha mão : <i>nu-kāpi.</i>	Rio Içana : <i>Iniári.</i>

Kumadá-Mnanai (1)

Baniwa do Içána Ipéca-Tapuya, Coripáca

Lingua : <i>ny-énene.</i>	Faca : <i>maría.</i>
Bocca : <i>ny-numá.</i>	Canoa : <i>íta.</i>
Labio : <i>ny-numáya.</i>	Remo : <i>tháwe.</i>
Dente : <i>ny-étsa.</i>	Arco : <i>yawičápoti.</i>
Nariz : <i>ny-táku.</i>	Flecha : <i>thídoa.</i>
Olho : <i>ny-tí.</i>	Flecha : <i>kapáwi.</i>
Orelha : <i>ny-ëni.</i>	Carauatána : <i>máwipi.</i>
Cabeça : <i>ni-wída.</i>	Anzol : <i>ítsa.</i>
Cabello : <i>ni-widé-tsipa.</i>	Gente : <i>nawíki.</i>
Braço : <i>ny-nápa.</i>	Homem : <i>ácia.</i>
Mão : <i>ny-kápi.</i>	Mulher : <i>ináru.</i>
Coxa : <i>ny-kutsípa.</i>	o marido della : <i>ru-níri.</i>
Canella : <i>ny-kawápa.</i>	a mulher delle : <i>r-ínu.</i>
Pé : <i>ny-ípa.</i>	Pae : <i>pëníri.</i>
Peito : <i>ny-kýda.</i>	Mãe : <i>thédua.</i>
Pelle : <i>niya.</i>	meu filho : <i>ny-ënipe.</i>
Osso : <i>ny-api.</i>	Macaco : <i>pýe.</i>
Agua : <i>ñni.</i>	Onça : <i>yáwi.</i>
Fogo : <i>thiyë.</i>	Veado : <i>nëri.</i>
Cinza : <i>palípukwa.</i>	Anta : <i>hëma.</i>
Carvão : <i>thiyémhen.</i>	Cachorro : <i>tsíny.</i>
Lenha : <i>thiyépe.</i>	Passaro : <i>wipiařu.</i>
Céu : <i>ény.</i>	Mutum : <i>kúitsi.</i>
Chuva : <i>iyawa.</i>	Arára : <i>ádaru.</i>
Vento : <i>kauri.</i>	Urubú : <i>wáyyli.</i>
Sol : <i>hëri.</i>	Jacaré : <i>kačiri.</i>
Lua : <i>këri.</i>	Jabutý : <i>ičída.</i>
Estrella : <i>hiwiřída.</i>	Cobra : <i>ápi.</i>
Terra : <i>hípai.</i>	Sapo : <i>hípařu.</i>
Pedra : <i>hípada.</i>	Peixe : <i>kyphtë.</i>
Casa : <i>pántti.</i>	Abelha : <i>mápa.</i>
Roça : <i>keníki.</i>	Pulga : <i>kawanhëri.</i>
Banco : <i>édai.</i>	Piolho : <i>týida.</i>
Rede : <i>apiéta.</i>	Arvore : <i>háiku.</i>
Panella : <i>čipáda.</i>	Folha : <i>ri-phë.</i>
Machado : <i>čipara.</i>	Flor : <i>haikú-ewi.</i>

(1) Levantado com a india Idalina do São Pedro no Rio Içána, no Acutí-Igarapé (Rio Ayari), Abril de 1927.

Fructa : <i>ri-naka.</i>	branco : <i>hārē.</i>
Matto : <i>awakāda.</i>	preto : <i>ítθa.</i>
Campo : <i>arapukuli.</i>	vermelho : <i>ĩrai.</i>
Milho : <i>kīna.</i>	azul : <i>pathēpi.</i>
Tabaco : <i>yēma.</i>	amarelo : <i>ēwa.</i>
Algodão : <i>tawáli.</i>	encima : <i>pikadáne.</i>
Mandioca : <i>káini.</i>	embaixo : <i>pitan.</i>
Batata : <i>káiri.</i>	dentro : <i>pipékū.</i>
Banana : <i>dērina.</i>	traz! : <i>pi-dēn.</i>
um : <i>apáda.</i>	coma! : <i>pī-han.</i>
dois : <i>yamáda.</i>	me dê! : <i>pi-ánurūn.</i>
tres : <i>madárida.</i>	dê-lhe! : <i>pi-alirūn.</i>
eu : <i>núa.</i>	dê a ella! : <i>pi-arurūn.</i>
tu : <i>pía.</i>	não lhe dê! : <i>māča-liřu.</i>
elle : <i>hría.</i>	mata elle! : <i>pī-nyn.</i>
ella : <i>šlúa.</i>	elle está dormindo : <i>ri-māka.</i>
isto : <i>hría.</i>	elle não está dormindo : <i>mēmātua.</i>
nos : <i>hwā.</i>	estás dormindo? : <i>pi-mākēna.</i>
minha mão : <i>ny-kāpi.</i>	eu vou dormir : <i>nua-kēnanimá.</i>
tua mão : <i>pi-kāpi.</i>	elle está bebendo : <i>pi-řan.</i>
a mão delle : <i>ri-kāpi.</i>	queres beber? : <i>wořa-pī-řan.</i>
a mão della : <i>ru-kāpi.</i>	eu sou Ipéca-Tapuya : <i>núa Kuma-</i>
nossas mãos : <i>wa-kāpi.</i>	<i>dá-mnanai.</i>
vossas mãos : <i>i-kāpi.</i>	Pacú-Tapuya : <i>Payoaríen.</i>
as mãos delles : <i>na-kāpi.</i>	Coatí-Tapuya : <i>Kapité-mnanai.</i>
grande : <i>épa.</i>	Şiucí-Tapuya : <i>Walepere-dakenai.</i>
pequeno : <i>kayyħī.</i>	Tatú-Tapuya : <i>Ayanén.</i>
frio : <i>hápe.</i>	Cáua-Tapuya : <i>Máurien.</i>
quente : <i>hámu.</i>	Tribu no Querarí : <i>Poáweři.</i>
elle é bonito : <i>matsiádali.</i>	Rio Negro : <i>Payawiya.</i>
ella é bonita : <i>matsiádaru.</i>	Rio Guainía : <i>Eneřia.</i>
isto é bonito (chapeu) : <i>matsiámě.</i>	Rio Içana : <i>Íniari.</i>
feito : <i>mačíděm.</i>	

### Kapité-Mnanei (1)

*Baniwa do Içána, Coatí-Tapuya, Coripáca*

Lingua : <i>nu-enéne.</i>	Labio : <i>nu-numáya.</i>
Bocca : <i>nu-núma.</i>	Dente : <i>nu-etšá.</i>

(1) Levantado com a india Magdalena de Camuti-Poço no Rio Içána, em São Felipe, Março de 1927.

Nariz : <i>nu-táku.</i>	meu marido : <i>nu-iníri.</i>
Olho : <i>nú-ti.</i>	minha mulher : <i>nu-inú.</i>
Orelha : <i>nu-ěéni.</i>	meu pae : <i>nu-niíri.</i>
Cabeça : <i>ni-wirěčipa.</i>	minha mãe : <i>nu-undúá.</i>
Cabello : <i>nu-čítkori.</i>	Criança : <i>yěnpetì.</i>
Barba : <i>nu-učínuma.</i>	Macaco : <i>pue.</i>
Braço : <i>nu-nápa.</i>	Onça : <i>yáwi.</i>
Mão : <i>nu-kápi.</i>	Véado : <i>něri.</i>
Coxa : <i>nu-kučipa.</i>	Anta : <i>hěma.</i>
Canella : <i>nu-áápi.</i>	Cachorro : <i>čínú.</i>
Pé : <i>nú-ípa.</i>	Passaro : <i>mahuiké.</i>
Peito : <i>nu-kúda.</i>	Mutum : <i>kúiči.</i>
Pelle : <i>n-íya.</i>	Arára : <i>āādáru.</i>
Ossó : <i>nu-ápi.</i>	Urubú : <i>waíuli.</i>
Água : <i>úúni.</i>	Jacaré : <i>kāčiri.</i>
Fogo : <i>tíye.</i>	Jabutý : <i>ičída.</i>
Cinza : <i>páli.</i>	Cobra : <i>áápi.</i>
Carvão : <i>tíyěmhen.</i>	Peixe : <i>kypé.</i>
Lenha : <i>tíyěna.</i>	Sapo : <i>híparu.</i>
Čeu : <i>ěny.</i>	Abelha : <i>mápa.</i>
Chuva : <i>íya.</i>	Piolho : <i>týida.</i>
Vento : <i>kaulí.</i>	Árvore : <i>háiku.</i>
Sol : <i>hěri.</i>	Folha : <i>panaápe.</i>
Lua : <i>kéli.</i>	Flor : <i>líwi.</i>
Estrella : <i>hiwišída.</i>	Fructa : <i>paneatę.</i>
Terra : <i>hípai.</i>	Matto : <i>awakada.</i>
Pedra : <i>hípada.</i>	Pau : <i>háiku.</i>
Casa : <i>pánti.</i>	Milho : <i>kána.</i>
Roça : <i>kiníki.</i>	Tabaco : <i>yěma.</i>
Banco : <i>ěédai.</i>	Algodão : <i>tāwali.</i>
Rede : <i>apieta.</i>	Batata : <i>karvíri.</i>
Panela : <i>aképa.</i>	Mandioca : <i>káini.</i>
Machado : <i>yúka.</i>	Banana : <i>palána.</i>
Faca : <i>malié.</i>	um : <i>aphépai.</i>
Canoa : <i>íta.</i>	dois : <i>yamhépa.</i>
Remo : <i>těiwe.</i>	tres : <i>mandelípa.</i>
Arco : <i>yaitéapotí.</i>	eu : <i>nuá.</i>
Flecha : <i>itěiruá.</i>	tu : <i>piá.</i>
Carauatána : <i>mawípi.</i>	elle : <i>riahi.</i>
Anzol : <i>iča.</i>	ella : <i>rurhuáihí.</i>
Gente : <i>ináiki.</i>	nos : <i>hwa.</i>
Homem : <i>áatya.</i>	grande : <i>makádali.</i>
Mulher : <i>ínaru.</i>	pequeno : <i>čúdali.</i>

frio : *hapenuru.*  
quente : *hāmu.*  
bom : *mačídari.*  
mau : *mačia.*  
branco : *halédali.*  
preto : *itadali.*  
vermelho : *iraimáke.*  
azul : *hipuremáke.*  
amarelo : *ěwóđali.*  
encima : *ríkau.*  
embaixo : *riaphíte.*  
dentro : *ketádali.*  
traz ! : *př-déne.*  
coma ! : *př-ha.*  
me dê ! : *pi-anuüs(h)úni.*  
dê-lhe ! : *pi-ariüs(h)únu.*  
não lhe dê ! : *maáčariüs(h)únu.*

não coma ! : *maihéca.*  
mata elle ! : *pi-núni.*  
elle está dormindo : *ri-māka.*  
Coatí-Tapuya : *Kapité-mnanei.*  
Baniwa de Tunuí : *Riedaweně.*  
Siucí-Tapuya : *Walipére-dākene.*  
Cáua-Tapuya : *Mauléne.*  
Ipéca-Tapuya : *Kumadá-mnanei.*  
Tapiíra-Tapuya : *Hěma-dakene.*  
Pacú-Tapuya : *Paiyoarie.*  
Tatú-Tapuya : *Ayaenéne.*  
Tribu do Querarí : *Puiyaž.*  
Rio Negro : *Makapeki-úni.*  
Rio Guainía : *Payawía.*  
Rio Içána : *Iinyarí.*  
Rio Inírida : *Iniríya.*  
Rio Papunáua : *Papuňdáwa.*

(Continuará.)

Passaro minidoga	ella sikoro
Mutum wa/népa	isto sou
Arara mahá	nos sa
Urubú dyuxká	vos dois mixsa piána
Jacaré' so	elles a/lina
Jabutý kēli	minha mãe dyi-wamómáxkã
Oebra ninénc	tua mãe mi-wamómáxkã
Sapo taárobaxki	a mãe delle alida-wamómáxkã
Peixe waí	a mãe della sikoro-wamómáxkã
Abelha mĩ	nessas mães sa-wamómáxkana
Picinho kiáiro	vossas mães mixsa-wamómáxkana
Pulga ne/képaire	as mães dolles alina-wamómáxkana
Arvore yuxkiki	grande piã
Folha tã	pequeno maãnc
Flor kēóli	frio nixsénika
Fructa dixóá	quente sínika
Matto maxkárka	elle é bonito aliri néanina
Campo dihárc	ella é bonita sikoro néanina
Milho dyocé	isto é bonito no neanina
Tabaco mi/né	faio sou nyánina
Algodão su/tiro	branco tsc/-ncãniessera
Mandicão dixki	preto tsec-ninina
Batata nyaxpé	vermelho tsc-ánina
Banana he	azul dyixtá
um kília	amarello õwĩ
dois pília	encima boí
tres piália	embaixo doxká
ou dyiĩ	dentro puãasa
	traz! nataĩ
	coma! ãiga
TU maĩ	me dê! yiĩ-levaga
elle sírc	dê-lhe! tsíru-luvaga

# Capítulo 3

## Apontamentos Linguísticos - 2ª Parte

Originalmente publicado em Journal de la Société des Américanistes.  
Tomo 44, 1955. pp. 149-178, Paris.

POR CURT NIMUENDAJÚ<sup>1</sup>.

### INDICE.

1. — Širiána	Fam. ling. Aruak.	150		
2. — Dyurémawa	} Kobéwa	} Família	151	
3. — Hēbēnawa			153	
4. — Babukiwa			155	
5. — Čirāngo			Linguística	157
6. — Kōtedia			159	
7. — Waikino	} Tukána	161		
8. — Daxšša		163		
9. — Winá		165		
10. — Ępin-od	} Família	166		
11. — Hūbde		Linguística	168	
12. — Yēbu'b-dē	} Makú	170		
13. — Dōu		171		
14. — Deukwāna	} Família Ling. Karibe	173		
15. — Wīrafēra		175		
16. — Itogapig	Família Ling. Tupi	177		

1. La première partie de ces vocabulaires linguistiques a paru dans la *Revista del Instituto de etnologia de Tucumán*, t. II, 1932, p. 590-618. On trouvera la partie ethnographique de ce rapport destiné au Serviço de Proteção aos Índios dans le *Journal de la Société des Américanistes*, t. XXXIX, 1950, p. 125-182.

SIGNAES DIACRÍTICOS :

'	accento tónico	ç	ch castelhano
-	vogal longa	ρ	entre r palatal e d
˘	vogal breve	ł	entre l e r palatal
~	nasal	ñ	n(g)
ˆ	guttural	Ɔ	entre p e f, aspirado
q	entre a e o	ř	entre r palatal e s
ã	muito aberto, tendendo para ë	š	ch portuguez
ē	como em « ella »	ž	th inglez em « thank »
ē	como em « elle »	w	w inglez
ē	entre e e i	x	ch allemão em « ach »
o	ô portuguez	ε	ch allemão em « ich »
y	entre u e o	y	y inglez em « yes »
bm	entre b e m, aspirado	()	letras apenas audiveis

*Wiraféra* : y inicial tende para dy ou ds.

*Obs.* : Os *Čirídna* (Čirángo) habitam nas cabeceiras do Páca-Igarapé, affluente da margem direita do Alto Uaupés, mas não são identicos com os Yurutí-Tapuya (Uaiana). Em Julho de 1926 mataram elles dois Colombianos que penetraram numa das suas maloca para « sacar indios » á força para os serviços de um balateiro que ellés com razão detestavam. O corrector colombiano organizou então uma expedição de 15 homens para castigar aquella maloca que foi destruido, tendo os indios se refugiado para a Rio Tiquié em territorio brasileiro.

1. — *Širídna*.

Informações dadas pelo snr Domingos Campos que conviveu durante annos com os índios *Siriána* do Rio Demeni, Manáus, Julho de 1927.

língua	<i>nu-náine</i>	agua	<i>úni</i>
bocca	<i>nu-yála</i>	fogo	<i>pái</i>
dente	<i>nu-éi</i>	lenha	<i>tsátsi</i>
nariz	<i>nu-yi</i>	céu	<i>iwéka</i>
olho	<i>nu-ái</i>	está chovendo	<i>úni šáta</i>
orelha	<i>nu-bi</i>	sol	<i>áyer</i>
cabeça	<i>nu-kiwida</i>	lua	<i>yési</i>
cabello	<i>nu-kiwiti</i>	estrella	<i>nábu</i>
braço	<i>nu-kaqlo</i>	pedra	<i>yála</i>
mão	<i>nu-nái</i>	casa	<i>páinti</i>
pé	<i>nu-pi</i>	roça	<i>rawiyátsi</i>
peito	<i>nu-kúda</i>	canoa	<i>ítia</i>

remo	<i>kunubili</i>	isto	<i>nái</i>
rede	<i>amakila</i>	nos	<i>wái</i>
panella	<i>tsúnoya</i>	vos	<i>pi</i>
machado	<i>rabáí</i>	elles	<i>i</i>
faca	<i>malia</i>	minha mão	<i>nu-kaída</i>
flecha	<i>paráta</i>	tua mão	<i>pi-kaída</i>
minha flecha	<i>nu-partáni</i>	a mão delle	<i>ni-kaída</i>
gente	<i>waiçáli</i>	nossas mãos	<i>wi-kaída</i>
homem	<i>waiçáli</i>	vossas mãos	<i>pi-kaída</i>
mulher	<i>ákidyi</i>	as mãos delles	<i>i-kaída</i>
moça	<i>kidiyi</i>	grande	<i>niri</i>
o marido della	<i>né-šimiši</i>	pequeno	<i>čubi</i>
o mulher delle	<i>né-tsinau</i>	frio	<i>tsáiri</i>
pae	<i>apá</i>	quente	<i>ayatáli</i>
mãe	<i>ina</i>	elle é bonito	<i>dyanda-ni-tláli</i>
criança	<i>kuliánau</i>	mulher bonita	<i>dyánda akidi</i>
onça	<i>akurdna</i>	isto é bonito	<i>dyánda</i>
anta	<i>kéma</i>	feio	<i>atsiré</i>
cachorro	<i>awátsi</i>	branco	<i>yála</i>
passaro	<i>núira</i>	traz!	<i>pi-ta</i>
mutum	<i>ibíty</i>	me dê!	<i>pi-ta-nu-úra</i>
arára	<i>anarúli</i>	dê-lhê!	<i>pi-ta-ne-úra</i>
jabuty	<i>eúli</i>	coma!	<i>pi-nta</i>
piolho	<i>pinia</i>	não lhe dê!	<i>amáia pi-ta-ne-úra</i>
arvore	<i>ána</i>	mata elle!	<i>pi-simíta</i>
matto	<i>atatúli</i>	elle está bebendo	<i>ne-kúleta</i>
milho	<i>makanáú</i>	queres beber?	<i>pi-kuléta-batyá</i>
tabaco	<i>čibéru</i>	eu sou Siriána	<i>nói čiliána</i>
banana	<i>kulatána</i>	Bahuána	<i>bapuána</i>
eu	<i>nói</i>	Uariua	<i>walíwa</i>
tu	<i>pi</i>	Aicá brabos	<i>bahára</i>
elle	<i>ne</i>	Rio Demeni	<i>dimíni</i>

2. — *Dyurémawa.*

Kobéwa, Yibóya-Tapuya.

Levantado com o índio Joaquim de Muçú-Itapéua no Rio Ayari, no caminho de Yutica, Maio de 1927.

língua	<i>bēmendo</i>	labio	<i>hibékamu-ekári</i>
bocca	<i>hibékamu</i>	dente	<i>koptyo</i>

nariz	<i>uēka</i>	o marido della	<i>hímanapakĩ</i>
olho	<i>dyakólĩ</i>	a mulher delle	<i>hímanapakó</i>
orelha	<i>kamuká</i>	pae	<i>hipákĩ</i>
cabeça	<i>hipóbĩ</i>	mãe	<i>hipákõ</i>
cabello	<i>podá</i>	criança	<i>mamáki</i>
barba	<i>hēwĩ</i>	macaco	<i>takē</i>
braço	<i>amúe</i>	onça	<i>dyavi</i>
mão	<i>pĩlĩ</i>	veado	<i>nyamáhuako</i>
coxa	<i>kĩbówĩ</i>	anta	<i>vēkĩ</i>
canella	<i>anádo</i>	cachorro	<i>yawími</i>
pé	<i>kĩbobá</i>	passaro	<i>mihina</i>
peito	<i>nyarēmba</i>	mutum	<i>anókuübõ</i>
pelle	<i>kabē</i>	arára	<i>ma</i>
osso	<i>kuádó</i>	urubú	<i>kawá</i>
agua	<i>okó</i>	jacaré	<i>hiábĩ</i>
fogo	<i>toábõ</i>	jabuty	<i>makakuĩbõ</i>
cinza	<i>ũámbõ</i>	cobra	<i>áiki</i>
carvão	<i>wátĩça</i>	sapo	<i>bĩbikõ</i>
lenha	<i>pēká</i>	peixe	<i>móaki</i>
céu	<i>kawáru</i>	abelha	<i>momíwa</i>
chuva	<i>okóbo</i>	piolho	<i>kĩ'wa</i>
vento	<i>umē'bõ</i>	pulga	<i>kubúhua</i>
sol	<i>aviá</i>	arvore	<i>hokĩkĩ</i>
lua	<i>aviá</i>	folha	<i>dyoká</i>
estrella	<i>abiakolĩ</i>	flor	<i>kówĩa</i>
terra	<i>hobõnõ</i>	fructa	<i>hē'ye</i>
pedra	<i>kĩrámbo</i>	matto	<i>makáro</i>
casa	<i>kĩráme</i>	campo	<i>hokĩhambo</i>
roça	<i>hióba</i>	milho	<i>vedá</i>
banco	<i>nyáka</i>	tabaco	<i>butĩ</i>
rede	<i>pāokĩ</i>	algodão	<i>kwiótē</i>
panella	<i>kodíya</i>	mandioca	<i>kĩika</i>
machado	<i>hoēkĩ</i>	batata	<i>dyapika</i>
faca	<i>tauhize</i>	banana	<i>ōrē</i>
arco	<i>tēmotarabĩ</i>	um	<i>kuináro</i>
flecha	<i>wēdo</i>	uma caixa	<i>kuina toko</i>
caruatána	<i>piõnyē</i>	dois	<i>pikáro</i>
anzol	<i>habóio</i>	duas caixas	<i>pika tokoa</i>
gente	<i>poē'kĩ</i>	tres	<i>dyobekĩro</i>
homem	<i>amá</i>	cu	<i>dyĩ</i>
mulher	<i>nomió</i>	tu	<i>má</i>

elle	<i>nyãê</i>	dentro	<i>hiwi</i>
ella	<i>ařó</i>	traz !	<i>dawá-haki</i>
isto	<i>dyo</i>	coma !	<i>a-haki</i>
nos	<i>mahá</i>	me dê !	<i>hi haki-dyi-rê</i>
vos	<i>iná</i>	dê-lhe !	<i>hi-haki-ã-rê</i>
elles	<i>anina</i>	dê a ella !	<i>hi-haki-anó-rê</i>
minha mão	<i>hi-piri</i>	não lhe dê !	<i>hi-be-heki-ã-rê</i>
tua mão	<i>mi-piri</i>	mata elle !	<i>bo-haki-ã-rê</i>
a mão delle	<i>nyái-piri</i>	elle está dormin-	
a mão della	<i>anói-piri</i>	do	<i>kanyi'-mê</i>
nossas mãos	<i>mahê-pilã</i>	elle não está dor-	
vossas mãos	<i>iná-pilã</i>	mindo	<i>ka-mê-mi</i>
as mãos dellas	<i>anini-pilã</i>	estás dormindo ?	<i>kanyi'-mumĩ</i>
grande	<i>iráno</i>	elle está bebendo	<i>ukúni-mê</i>
pequeno	<i>kibino</i>	queres beber ?	<i>ukúikãã</i>
frio	<i>hihiwi</i>	Yibóya-Tapuya	<i>dyurémawa</i>
quente	<i>botwi</i>	Hehénawa	<i>hehénawa</i>
elle é bonito	<i>mêami</i>	Kobéwa	<i>ãamiwa</i>
ella é bonita	<i>mêamiko</i>	Wawána	<i>okódyiwa</i>
isto é bonito	<i>mêawa</i>	Baniwa do Içána	<i>makápuêwa</i>
elles são bonitos	<i>anina-mêamá</i>	Hôho	<i>bohódeniwa</i>
feio	<i>amêmi</i>	Cáua-Tapuya	<i>učiwa</i>
branco	<i>bobí</i>	Siuci-Tapuya	<i>abiakowa</i>
preto	<i>nyê-mi</i>	Makú	<i>borówa</i>
vermelho	<i>húami</i>	Deçána	<i>wekuiwi</i>
azul	<i>hãmêmi</i>	Rio Negro	<i>ãakorora</i>
amarelo	<i>kilãhamê</i>	Rio Uaupés	<i>ihíya</i>
encima	<i>piënoi</i>	Rrio Içána	<i>utíya</i>
embaixo	<i>kaçinoi</i>	Rio Ayari	<i>háiya</i>

3. — *Héhénawa.*  
Kobéwa.

Levantado com o índio Chuchu de Curuharia no Rio Cuduyari, em Taracuá (Rio Uaupés), Junho de 1927.

língua	<i>hemêdo</i>	olho	<i>yakóli</i>
bocca	<i>hibékamu</i>	orelha	<i>kamúka</i>
labio	<i>hibékamu-tilíwa</i>	cabeça	<i>hipóbi</i>
dente	<i>kopíyo</i>	cabello	<i>podá</i>
nariz	<i>uêka</i>	barba	<i>hewi</i>

braço	<i>amúē</i>	macaco	<i>takē</i>
mão	<i>pilí</i>	onça	<i>yawí</i>
coxa	<i>kíhóuĩ</i>	veado	<i>nyamáhuako</i>
canella	<i>ānādo</i>	anta	<i>vēkĩ</i>
pé	<i>kíbobá</i>	cachorro	<i>yawími</i>
peito	<i>nyarēmba</i>	passaro	<i>mihina</i>
pelle	<i>kahé</i>	mutum	<i>anúkuibo</i>
osso	<i>kuádo</i>	arára	<i>ma</i>
agua	<i>okó</i>	urubú	<i>kawá</i>
fogo	<i>toábo</i>	jacaré	<i>hiábĩ</i>
cinza	<i>wámbō</i>	jabuty	<i>makákwiṃbo</i>
carvão	<i>totēci</i>	cobra	<i>đíkĩ</i>
lenha	<i>pēká</i>	sapo	<i>bibĩko</i>
céu	<i>kawārũ</i>	peixe	<i>modki (sing.)</i>
chuva	<i>okóbo</i>		<i>mod (pl.)</i>
vento	<i>umē'bo</i>	abelha	<i>momíwa</i>
sol	<i>awiá</i>	piolho	<i>kĩ'wa</i>
lua	<i>awiá</i>	pulga	<i>tubáwa</i>
estrella	<i>abiakoli</i>	arvore	<i>hokikĩ</i>
terra	<i>hobóno</i>	folha	<i>dyoká</i>
pedra	<i>kĩrámbō</i>	flor	<i>kówiya</i>
casa	<i>kĩráme</i>	fructa	<i>hēye</i>
roça	<i>hióba</i>	matto	<i>makaŕo</i>
banco	<i>nyáka</i>	campo limpo	<i>da</i>
rede	<i>pāokĩ</i>	campo cerrado	<i>hokĩhambō</i>
panella	<i>kuāiya</i>	milho	<i>vedá</i>
machado	<i>hoékĩ</i>	tabaco	<i>butĩ</i>
faca	<i>tāuhiwe</i>	algodão	<i>kwiťótē</i>
arco	<i>témotara</i>	mandioca	<i>kĩ'ika</i>
flecha	<i>wáēdo</i>	batata	<i>yapika</i>
carauatána	<i>piónye</i>	banana	<i>ō'nēwē</i>
anzol	<i>hahóio</i>	um	<i>kwināŕo</i>
gente	<i>pōēwa (pl.)</i>	dois	<i>pikáŕo</i>
	<i>pōékĩ (sing.)</i>	tres	<i>yobekĩŕo</i>
homem	<i>emēwa (pl.)</i>	eu	<i>dyĩ</i>
mulher	<i>nomíwa (pl.)</i>	tu	<i>mĩ</i>
o marido della	<i>hímanipakĩ</i>	elle	<i>nyái</i>
a mulher delle	<i>hímanipako</i>	ella	<i>aŕó</i>
pae	<i>hipákĩ</i>	isto	<i>dyo</i>
mae	<i>hipáko</i>	nos	<i>maha</i>
criança	<i>mamáki</i>	vos	<i>iná</i>

elles	<i>antna</i>	me dê!	<i>hi-bakî-dyî-lê</i>
minha mão	<i>hi-pîlî</i>	dê-lhe!	<i>hi-bakî-ře</i>
tua mão	<i>mi-pîlî</i>	dê a ella!	<i>aninan-hi-bakî</i>
a mão delle	<i>nyâi-pîlî</i>	não lhe dé!	<i>hi-be-bakî-ře</i>
a mão della	<i>anôî-pîlî</i>	mata elle!	<i>bo-hákî-îře-</i>
nossas mãos	<i>mabê-pîlîa</i>	elle está dormin-	
vossas mãos	<i>inâi-pîlîa</i>	do	<i>nyaiká-ime</i>
as mãos delles	<i>antnai-pîlîa</i>	elle não está dor-	
grande	<i>îráno</i>	mindó	<i>nyaika-mê-mi</i>
pequeno	<i>kîhino</i>	estás dormindo?	<i>me-kanyî-ře</i>
frio	<i>hîhîno</i>	elle está bebendo	<i>nyâi ukúnyi-me</i>
quente	<i>boino</i>	queres beber?	<i>me-ukúnyi-rîřê</i>
elle é bonito	<i>meâmi</i>	Yibóya-Tapuya	<i>dyurêmaawa</i>
ella é bonita	<i>meâmik</i>	Hehénawa	<i>behénawa</i>
isto é bonito	<i>meáno</i>	Kobéwa	<i>pamîwa</i>
feio	<i>mêâmêno</i>	Wanána	<i>okódyiwa</i>
branco	<i>bóro</i>	Baniwa do Içána	<i>makápuaiwa</i>
preto	<i>nyêmîro</i>	Hôho	<i>kabôîřawa</i>
vermelho	<i>huâro</i>	Cáua-Tapuya	<i>uêtwaiwa</i>
azul	<i>hîmêro</i>	Siuci-Tapuya	<i>abiakopoêwa</i>
amarello	<i>kîlâbîme</i>	Makú	<i>borówa</i>
encima	<i>pîêno</i>	Deçána	<i>wékuiwî</i>
embaixo	<i>kacino</i>	Rio Negro	<i>pákorora</i>
dentro	<i>hîwî</i>	Rio Uaupés	<i>ihîya</i>
traz!	<i>dawá-bakî</i>	Rio Içána	<i>utiya</i>
coma!	<i>a-hákî</i>	Rio Ayari	<i>háya</i>

4. — *Bahúkiwa.*

Kobéwa, Bahúna.

Levantado com a índia Maria de Yacitára no Rio Cuduyarí, em Yauareté, no Rio Uaupés, Maio de 1927.

língua	<i>hêmêndô</i>	cabello	<i>pođá</i>
bocca	<i>hibêkamû</i>	barba	<i>hêwî</i>
labio	<i>hibêkamu-kabê</i>	braço	<i>amúê</i>
dente	<i>kopi</i>	mão	<i>pîlî</i>
nariz	<i>uêka</i>	coxa	<i>kîlowî</i>
olho	<i>dyakôlî</i>	canella	<i>arâđo</i>
orelha	<i>kamuká</i>	pé	<i>kîbobá</i>
cabeça	<i>hîpôbî</i>	peito	<i>nyalêmba</i>

pelle	<i>kahé</i>	mutum	<i>ařokwibo</i>
osso	<i>kuāđo</i>	arára	<i>ma</i>
agua	<i>okó</i>	urubú	<i>kavá</i>
fogo	<i>tóábö</i>	jacaré	<i>hiábí</i>
cinza	<i>uámbö</i>	jabuty	<i>makákwiṁbo</i>
carvão	<i>wátiča</i>	cobra	<i>áiki</i>
lenha	<i>péka</i>	sapo	<i>biḃiko</i>
céu	<i>kawářu</i>	peixe	<i>moákí</i>
chuva	<i>okóbo</i>	abelha	<i>momíwa</i>
vento	<i>uméṁbo</i>	piolho	<i>kí'wa</i>
sol	<i>aviá</i>	pulga	<i>kubúhwa</i>
lua	<i>aviá</i>	arvore	<i>hokiki</i>
estrella	<i>abiákolí</i>	folha	<i>dyoká</i>
terra	<i>hobóno</i>	flor	<i>kowia</i>
pedra	<i>kířámbö</i>	fructa	<i>hē'ye</i>
casa	<i>kířámę</i>	matto	<i>makářo</i>
roça	<i>hióba</i>	campo	<i>hokíhuambo</i>
banco	<i>nyáka</i>	milho	<i>veá</i>
rede	<i>páuki</i>	tabaco	<i>bui</i>
panella	<i>kwáinye</i>	algodão	<i>kwitótē</i>
machado	<i>hoēkí</i>	mandioca	<i>kíika</i>
facá	<i>lāuwé</i>	batata	<i>dyapíka</i>
arco	<i>témotarabí</i>	banana	<i>ō'řē</i>
flecha	<i>waēđo</i>	um	<i>kuinářoá</i>
carauatána	<i>piónye</i>	dois	<i>pikářoá</i>
anzol	<i>hahóe</i>	tres	<i>dyóbēkířoá</i>
gente	<i>poēki</i> (sing.)	eu	<i>dyii</i>
	<i>poēwa</i> (pl.)	tu	<i>ma</i>
homem	<i>amá</i>	elle	<i>nyāē</i>
mulher	<i>nomió</i>	ella	<i>ikó</i>
o marido della	<i>hímanapakí</i>	sto	<i>nihářa</i>
a mulher delle	<i>hímanápako</i>	nos	<i>iná</i>
pae	<i>hipákí</i>	vos	<i>nihá</i>
mãe	<i>hipáko</i>	elles	<i>anína</i>
criança	<i>mamáki</i>	minha mão	<i>hi-píli</i>
macaco	<i>také</i>	tua mão	<i>mi-píli</i>
onça	<i>dyavi</i>	a mão delle	<i>ani-píli</i>
veado	<i>nyamáhuako</i>	a mão della	<i>anu-píli</i>
anta	<i>wēkí</i>	nossas mãos	<i>mahé-pílija</i>
cachorro	<i>dyawími</i>	vossas mãos	<i>mubē-pílija</i>
passaro	<i>hibina</i>	as mãos delles	<i>anína-pílija</i>

grande	<i>iláki</i>	elle não está dor-	
pequeno	<i>kihino</i>	mindo	<i>kamétēbi</i>
frio	<i>híhíwi</i>	estás dormindo?	<i>míhákíre</i>
quente	<i>botwi</i>	elle está bebendo	<i>ukúmi</i>
elle é bonito	<i>mēáki</i>	queres beber?	<i>mukumētekinā</i>
ella é bonita	<i>mēáko</i>	Bahúna	<i>bahúkíwa</i>
isto é bonito	<i>mēaŕo</i>	Kobéwa	<i>paméwa</i>
feio	<i>améki</i>	Wanána	<i>okódyíwa</i>
branco	<i>bokí</i>	Baníwa do Ayari	<i>makápuēwa</i>
preto	<i>nyēmiki</i>	tribu do Papu-	
vermelho	<i>huákí</i>	náua	<i>mdūwa</i>
azul	<i>hímēno</i>	Hóho	<i>hubúdēne</i>
amarelo	<i>kíláhamē</i>	Cáua-Tapuya	<i>uítwaíwa</i>
encima	<i>piēno</i>	Siuci-Tapuya	<i>abidkowa</i>
embaixo	<i>kačino</i>	Makú	<i>borówa</i>
dentro	<i>hiwi</i>	Ciriána	<i>putmiwa</i>
traz!	<i>dawá-haŕa</i>	Deçána	<i>wékuiwi</i>
coma!	<i>a-hára</i>	Rio Negro	<i>pákolora</i>
me dê!	<i>hi-há</i>	Rio Uaupés	<i>ihídya</i>
dê-lhe	<i>hi-ha-í-lē</i>	Rio Cuduyari	<i>kuluhaliá</i>
dê a ella!	<i>dorē-hi-há</i>	Rio Querari	<i>kíláhalia</i>
não lhe dê!	<i>hi-bē-ha</i>	Rio Içána	<i>utíya</i>
mata elle!	<i>boa-há</i>	Rio Ayari	<i>háidya</i>
elle está dormindo	<i>kami</i>		

5. — *Čirángo*.  
Ciriána.

Levantado com a índia Thereza das cabeceiras do Páca-Igarapé, affluente do Alto Uaupés, em Yutica no Rio Uaupés, Maio de 1927.

língua	<i>nadtro</i>	mão	<i>muhá</i>
bocca	<i>dištítro</i>	coxa	<i>dorápēro</i>
labio	<i>dišigatiro</i>	canella	<i>niná</i>
dente	<i>wiká</i>	pé	<i>gybí</i>
nariz	<i>engenú</i>	peito	<i>yehépyuma</i>
olho	<i>kydíru</i>	pelle	<i>gasíro</i>
orelha	<i>namípua</i>	osso	<i>nō-á</i>
cabeça	<i>dixpúlu</i>	agua	<i>deeko</i>
cabello	<i>poá</i>	fogo	<i>pidmēē</i>
barba	<i>desisipodá</i>	cinza	<i>noxhá</i>
braço	<i>dixhá</i>	carvão	<i>nixtí</i>

lenha	<i>peá</i>	peixe	<i>wai</i>
céu	<i>umungasi</i>	abelha	<i>momé</i>
chuva	<i>deeko</i>	piolho	<i>pumúna</i>
vento	<i>minú</i>	pulga	<i>mumusú'</i>
sol	<i>abé</i>	arvore	<i>yuxkigi'</i>
lua	<i>abé</i>	folha	<i>pō</i>
estrela	<i>naiukamo</i>	flor	<i>goó</i>
terra	<i>niekú'</i>	fructa	<i>yuxkigi'-dixká</i>
pedra	<i>ixtángie</i>	matto	<i>çigapūpino</i>
casa	<i>wi</i>	campo	<i>taraboáguru</i>
roça	<i>poé</i>	milho	<i>húdeka</i>
banco	<i>doaripē+no</i>	tabaco	<i>mynū'</i>
rede	<i>pū'a</i>	algodão	<i>dikí</i>
panella	<i>čulo'</i>	mandioca	<i>kii'</i>
machado	<i>kumé</i>	batata	<i>nyapi</i>
faca	<i>wirimábi</i>	banana	<i>uhúkū</i>
arco	<i>kuméčaka</i>	um	<i>uhúpūnū</i>
flecha	<i>nanĩ'nĩ'</i>	dois	<i>pērú</i>
carauatána	<i>buhúlu</i>	tres	<i>ilēru</i>
anzol	<i>wehéri</i>	eu	<i>yii</i>
gente	<i>maxsá</i>	tu	<i>maqá</i>
homem	<i>imĩñō</i>	elle	<i>čii</i>
mulher	<i>nomēo</i>	ella	<i>çigo</i>
o marido della	<i>manápi</i>	nos	<i>giá</i>
a mulher delle	<i>manapo</i>	vos	<i>pēná</i>
pae	<i>ał</i>	elles	<i>gabina</i>
mãe	<i>mēy</i>	minha mão	<i>yamúha</i>
criança	<i>ye mána</i>	tua mão	<i>yamúháto</i>
macaco	<i>waibigi'</i>	grande	<i>biamá</i>
onça	<i>diēdyē</i>	pequeno	<i>kami</i>
veado	<i>yamá</i>	frio	<i>dičakwa</i>
anta	<i>weeki'</i>	quente	<i>biłoačikwa</i>
cachorro	<i>diáyē</i>	elle é bonito	<i>ũańá</i>
passaro	<i>mini</i>	ella é bonita	<i>ũańó</i>
mutum	<i>nypi</i>	isto é bonito	<i>hōō</i>
arára	<i>mabá</i>	feio	<i>nyēngorá</i>
urubú	<i>bupu</i>	branco	<i>bolé</i>
jacaré	<i>biakéá</i>	preto	<i>nił'ngorá</i>
jabuty	<i>peyú</i>	vermelho	<i>diá</i>
cobra	<i>pinú'</i>	azul	<i>dyurá</i>
sapo	<i>koló</i>	amarello	<i>bolé</i>

6. — *Kôtedia.*

Wanána.

Levantado com o tuxáua Felício de Yutica no Rio Uaupés, em Yutica, Maio de 1927.

língua	<i>nya/máno</i>	rede	<i>pēnó</i>
bocca	<i>dixséro</i>	panella	<i>biató</i>
labio	<i>dixséro-de/dika</i>	pote	<i>sxtó'</i>
dente	<i>pēri</i>	machado	<i>kômá</i>
nariz	<i>kēno</i>	faca	<i>yi/sólipe</i>
olho	<i>kxpádi</i>	arco	<i>buénahta</i>
orelha	<i>ka/móno</i>	flecha	<i>kaniķi</i>
cabeça	<i>daxpó'ē</i>	carauatána	<i>pu-ka</i>
cabello	<i>podá</i>	anzol	<i>dyo/gá</i>
barba	<i>dixsē-poari</i>	gente	<i>maxsá</i>
braço	<i>wamómáxkã</i>	homem	<i>mēno</i>
mão	<i>wamómáxka</i>	mulher	<i>nomēno</i>
coxa	<i>dixsó</i>	o marido della	<i>manino</i>
canella	<i>nixcike</i>	a mulher delle	<i>namóno</i>
pé	<i>da/póro</i>	pae	<i>mái</i>
peito	<i>kxtiro</i>	mãe	<i>iyókoro</i>
pelle	<i>ka/sáro</i>	criança	<i>dyi-maxkē</i>
osso	<i>kōa</i>	macaco	<i>kã</i>
agua	<i>ko</i>	onça	<i>dyáido</i>
fogo	<i>pečaká</i>	veado	<i>nyamá</i>
cinza	<i>nobáno</i>	anta	<i>waxcē</i>
carvão	<i>pečá-neete</i>	cachorro	<i>diéro</i>
lenha	<i>pečá</i>	passaro	<i>miničega</i>
céu	<i>mē sē</i>	mutum	<i>wa/nópe</i>
chuvia	<i>koró</i>	arára	<i>mahá</i>
vento	<i>wi/nóno</i>	urubú	<i>dyuxká</i>
sol	<i>sī</i>	jacaré	<i>so</i>
lua	<i>sī</i>	jabuty	<i>kq-li</i>
estrella	<i>nya/pičó</i>	cobra	<i>pinóno</i>
terra	<i>di/tē</i>	sapo	<i>taároboxki</i>
pedra	<i>tūkã</i>	peixe	<i>wai</i>
casa	<i>uii</i>	abelha	<i>mi</i>
roça	<i>wexsē</i>	piolho	<i>kiđiro</i>
banco	<i>komóno</i>	pulga	<i>ne/kópairo</i>

arvore	<i>yuxkiki</i>	isto é bonito	<i>ho nóanina</i>
folha	<i>tā</i>	feio sou	<i>nyánina</i>
flor	<i>koóli</i>	branco	<i>tso/-noániesera</i>
fructa	<i>dixcā</i>	preto	<i>tsoo-nínina</i>
matto	<i>maxkárka</i>	vermelho	<i>tso-ánina</i>
campo	<i>dĩbíro</i>	azul	<i>dyixtá</i>
milho	<i>dyoó</i>	amarelo	<i>ēwĩ</i>
tabaco	<i>mĩ/nó</i>	encima	<i>boĩ</i>
algodão	<i>sy/tĩro</i>	embaixo	<i>doxká</i>
mandioca	<i>dĩxkĩ</i>	dentro	<i>puĩcasa</i>
batata	<i>nyaxpé</i>	traz !	<i>nataĩ</i>
banana	<i>ho</i>	coma !	<i>čĩga</i>
um	<i>kĩlia</i>	me dê !	<i>yĩĩ-levaga</i>
dois	<i>pĩlia</i>	dê-lhe !	<i>tsĩru-luvaga</i>
tres	<i>tiália</i>	dê a ella !	<i>tsiko-lovaga</i>
eu	<i>dyĩĩ</i>	não lhe dê !	<i>waĩketiatérula</i>
tu	<i>maĩ</i>	mata elle !	<i>nāna</i>
elle	<i>stĩro</i>	elle está dormin-	
ella	<i>sĩkoro</i>	do	<i>kantnĩsa</i>
isto	<i>soũ</i>	elle não está dor-	
nos	<i>sā</i>	mindo	<i>kanĩntia</i>
vos dois	<i>mĩxsa piána</i>	estás dormindo ?	<i>mĩ-kania</i>
elles	<i>a/lina</i>	elle está bebendo	<i>tse/nĩnga</i>
minha mão	<i>dyĩ-wamómaxkā</i>	queres beber ?	<i>tse/nĩnduakari</i>
tua mão	<i>mi-wamómaxkā</i>	Wanána	<i>kōtedia</i>
a mão delle	<i>alida-wamómaxkā</i>	Yibóya-Tapuya	<i>maxkápina/pona</i>
a mão della	<i>sĩkoro-wamómaxkā</i>	Kobéwa	<i>ānā</i>
nossas mãos	<i>sa-wamómaxkane</i>	Baníwa do Içána	<i>baxcā</i>
vossas mãos	<i>mĩxsa-wamómax-</i>	Hóho	<i>bolékadoa</i>
	<i>kane</i>	Cáua-Tapuya	<i>tidoapalena</i>
as mãos delles	<i>alĩna-wamómax-</i>	Siucí-Tapuya	<i>nixptataropána</i>
	<i>kane</i>	Makú	<i>pxsa</i>
grande	<i>pidō</i>	Deçána	<i>kĩnd</i>
pequeno	<i>madno</i>	Ciriána	<i>šĩlla</i>
frio	<i>nixsénika</i>	Rio Negro	<i>pxptadia</i>
quente	<i>stĩnika</i>	Rio Uaupés	<i>diapxsá</i>
elle é bonito	<i>aliri nóanina</i>	Rio Içána	<i>bixsóa</i>
ella é bonita	<i>sĩkoro nóanina</i>	Rio Ayari	<i>wamō'a</i>

7. — *Waikino*.  
Pirá-Tapuya

Levantado com um índio da aldeia Yacaré-rapecúma no Rio Uaupés, em Yacaré-rapecúma, Junho de 1927.

língua	<i>dyii-nyemēno</i>	rede	<i>piño</i>
bocca	<i>dyii-xsēro</i>	panella	<i>biató</i>
labio	<i>dyii-sxē-beto</i>	machado	<i>kumé</i>
dente	<i>dyii-uxpírea</i>	faca	<i>deṭpi</i>
nariz	<i>dyii-kēá</i>	arco	<i>bēritē</i>
olho	<i>dyii-kxpé</i>	flecha	<i>kanī'e</i>
orelha	<i>dyii-kamáno</i>	carauatána	<i>uxpúge</i>
cabeça	<i>dyii-daxpuá</i>	anzol	<i>yuérea</i>
cabello	<i>dyii-poá</i>	gente	<i>maxséno</i>
barba	<i>dyii-sé-poare</i>	homem	<i>emēno</i>
braço	<i>dyii-amúka</i>	mulher	<i>nomíno</i>
mão	<i>dyii-amúpama</i>	o marido della	<i>maníno</i>
coxa	<i>dyii-xsó</i>	a mulher delle	<i>namóno</i>
canella	<i>dyii-yké'</i>	pae	<i>dyii-paxke</i>
pé	<i>dyii-púpama</i>	mae	<i>dyii-paxko</i>
peito	<i>dyii-kxtíro</i>	criança	<i>dyii-maxkē</i>
pelle	<i>dyii-katsēro</i>	macaco	<i>axkényi</i>
osso	<i>dyii-kodá</i>	onça	<i>dyaéro</i>
agua	<i>oxkó</i>	veado	<i>nyamá</i>
fogo	<i>pexka</i>	anta	<i>wexkí</i>
cinza	<i>nohá</i>	cachorro	<i>diéro</i>
carvão	<i>nixti</i>	passaro	<i>minikí</i>
lenha	<i>pexká</i>	mutum	<i>wanópi</i>
céu	<i>mišé</i>	arára	<i>mahá</i>
chuva	<i>oxkóro</i>	urubú	<i>dyuxká</i>
vento	<i>wi/nóno</i>	jacaré	<i>ixsó</i>
sol	<i>axsē'</i>	jabuty	<i>kuli</i>
lua	<i>axsē'</i>	cobra	<i>pinóno</i>
estrella	<i>nyapíkoa</i>	sapo	<i>tárokí</i>
terra	<i>ditá</i>	peixe	<i>wai'a</i>
pedra	<i>ētá</i>	biene	<i>umé</i>
casa	<i>welé</i>	piolho	<i>kíā'ē</i>
roça	<i>wexsé</i>	pulga	<i>dapóso</i>
banco	<i>kumóno</i>	arvore	<i>dyuxkigi</i>

*Société des Américanistes*, 1955.

11

folha	<i>púri</i>	branco	<i>deéséro</i>
fructa	<i>dixká</i>	preto	<i>nyino</i>
matto	<i>maxkánuxka</i>	vermelho	<i>soáno</i>
campo	<i>tábuxtiro</i>	azul	<i>dyasáro</i>
milho	<i>dyoó</i>	amarelo	<i>ewiro</i>
tabaco	<i>menó</i>	encima	<i>bui</i>
algodão	<i>dixkigi</i>	embaixo	<i>tódoxka</i>
mandioca	<i>kíga</i>	dentro	<i>dexkó</i>
batata	<i>nyaxpi</i>	traz!	<i>nétayē</i>
banana	<i>ohó</i>	coma!	<i>dyáya</i>
um	<i>káno</i>	me dê!	<i>ó-ya</i>
dois	<i>piaro</i>	dê-lhe	<i>ó-ya-ti-rurē</i>
tres	<i>itaro</i>	dê a ella!	<i>o-ya-ti-koro</i>
eu	<i>dyií</i>	não lhe dê!	<i>o-ékaia</i>
tu	<i>meē</i>	mata elle!	<i>wuhē'-ya</i>
elle	<i>aríro</i>	elle está dormin-	
ella	<i>arikoro</i>	do	<i>kan-inundē</i>
isto	<i>ari</i>	elle não está dor-	
nos	<i>māni</i>	mindo	<i>kan-ékaie</i>
vos	<i>míxsá</i>	estás dormindo?	<i>mai-kan-étaneare</i>
elles	<i>alíkina</i>	elle está bebendo	<i>čini-nunde</i>
meu braço	<i>dyií-amúka</i>	queres beber?	<i>mae-čini-nduare</i>
teu braço	<i>míi-amúka</i>	Pirá-Tapuya	<i>waiikino</i>
o braço delle	<i>čiro-yamúka</i>	Tucána-Tapuya	<i>daxsétro</i>
o braço della	<i>diko-yamúka</i>	Deçána	<i>kineño</i>
nossos braços	<i>māni-émukane</i>	Tariána	<i>páwero</i>
vossos braços	<i>míxse-émukane</i>	Bañwa do Içána	<i>bexkáiro</i>
os braços delles	<i>arikina-émukane</i>	Wanána	<i>kótirido</i>
grande	<i>wamēno</i>	Makú	<i>pxséro</i>
pequeno	<i>nehtno</i>	Coewána	<i>petana</i>
frio	<i>dyi-xséaye</i>	Tuyúca-Tapuya	<i>deikino</i>
quente	<i>axstneaga</i>	Kobéwa	<i>potérikino</i>
elle é bonito	<i>kednó-are</i>	Rio Negro	<i>apékendea</i>
ella é bonita	<i>kednó-nikoro</i>	Rio Uaupés	<i>pékondea</i>
isto é bonito	<i>kednó-arē</i>	Rio Tiquié	<i>kíxsá</i>
feio	<i>neáwinde</i>	Rio Papurí	<i>kóyine</i>

8. — *Daxsêa*.  
Tucána-Tapuya.

Levantado com o índio Mandú de Parí-Caxoeira no Rio Tiquié, em Yacaré-rapecúma no Rio Uaupés, Junho de 1927.

língua	<i>nieméro</i>	rede	<i>púñe</i>
bocca	<i>ixséro</i>	panella	<i>kibúte</i>
labio	<i>ixsê-bêto</i>	machado	<i>kómê</i>
dente	<i>uxpíre</i>	faca	<i>déphi'</i>
nariz	<i>aikêa</i>	arco	<i>biêthê</i>
olho	<i>kaxpêa</i>	flecha	<i>arî'î</i>
orelha	<i>homêpero</i>	carauatána	<i>buxpúî</i>
cabeça	<i>dixpóa</i>	anzol	<i>wuhêsê</i>
cabello	<i>póali</i>	gente	<i>maxsá</i>
barba	<i>ixsê-kapoli</i>	homem	<i>amê'</i>
braço	<i>wámuka</i>	mulher	<i>nomea</i>
mão	<i>wamupana</i>	o marido della	<i>polakî</i>
coxa	<i>ixsó</i>	a mulher delle	<i>nîmó</i>
canella	<i>dipókã</i>	pae	<i>paxkî</i>
pé	<i>dipópama</i>	mãe	<i>maû</i>
peito	<i>kxtíro</i>	criança	<i>dyémaxkî</i>
pelle	<i>kaxséro</i>	macaco	<i>axkê</i>
osso	<i>odri</i>	onça	<i>dyai</i>
agua	<i>axkó</i>	veado	<i>niâma</i>
fogo	<i>pexkâmê</i>	anta	<i>wexkî</i>
cinza	<i>nobod</i>	cachorro	<i>didie</i>
carvão	<i>nixtî</i>	passaro	<i>minikî'</i>
lenha	<i>pexká</i>	mutum	<i>walópê</i>
céu	<i>imîkko</i>	arára	<i>mahá</i>
chuva	<i>axkóro</i>	urubú	<i>dyuxká</i>
vento	<i>wiřóro</i>	jacaré	<i>ixsó</i>
sol	<i>mybêpu</i>	jabuty	<i>ûlê</i>
lua	<i>niamíkhe</i>	cobra	<i>pino</i>
estrellã	<i>niaxkod</i>	sapo	<i>tarókî</i>
terra	<i>ditá</i>	peixe	<i>wai</i>
pedra	<i>êxtá</i>	abelha	<i>mumi</i>
casa	<i>wîl</i>	piolho	<i>iá</i>
roça	<i>wexsê</i>	pulga	<i>dipósôa</i>
banco	<i>kumuño</i>	arvore	<i>dyuxkî</i>

folha	<i>mĩxkĩ</i>	branco	<i>buxti-sē</i>
fructa	<i>dĩxká</i>	preto	<i>nyii-sē</i>
matto	<i>dĩxkimboa</i>	vermelho	<i>soa-sē</i>
campo	<i>tábuxti</i>	azul	<i>iasa-sē</i>
milho	<i>obóka</i>	amarelo	<i>ēwĩ</i>
tabaco	<i>mĩló</i>	encima	<i>bui</i>
algodão	<i>dyuxtábusa</i>	embaixo	<i>doxka</i>
mandioca	<i>ki</i>	dentro	<i>dēxkó</i>
batata	<i>nyaxpi</i>	traz !	<i>mitia</i>
banana	<i>obó</i>	coma !	<i>badia</i>
um	<i>nekĩ</i>	me dê !	<i>duáia</i>
dois	<i>piára</i>	dê-lhe !	<i>óya</i>
tres	<i>itiára</i>	dê a ella !	<i>óya-kĩre</i>
eu	<i>dyii</i>	não lhe dê !	<i>otikaiariĩre</i>
tu	<i>mĩĩ'</i>	mata elle !	<i>wubégaē-kĩre</i>
elle	<i>sii</i>	elle está dormin-	
ella	<i>čko</i>	do	<i>kali</i>
isto	<i>até</i>	elle não está dor-	
nos	<i>mári</i>	mindo	<i>kali-timi</i>
vos	<i>mĩxsa</i>	estás dormindo ?	<i>kalt-te-wetimaa</i>
elles	<i>na</i>	elle está bebendo	<i>čini-wēē</i>
meu braço	<i>y-amúka</i>	queres beber ?	<i>čini-wetimaa</i>
teu braço	<i>mĩ-ámuka</i>	Tucána-Tapuya	<i>daxsēĩ</i>
o braço delle	<i>ali-ámuka</i>	Pirá-Tapuya	<i>waiķē</i>
o braço della	<i>či-ámuka</i>	Deçána	<i>winañē</i>
nossos braços	<i>mali-ámukaĩre</i>	Tariána	<i>páwaē</i>
vossos braços	<i>mĩxsa-émukaĩre</i>	Baniwa do Içána	<i>bexkáē</i>
os braços delles	<i>na-émukaĩre</i>	Wanána	<i>axkotikē</i>
grande	<i>paheigĩ</i>	Makú	<i>puxsé</i>
pequeno	<i>kaiága</i>	Coewána	<i>pētára</i>
frio	<i>yĩxseáse</i>	Tuyúca-Tapuya	<i>dekála</i>
quente	<i>axstnada</i>	Kobéwa	<i>poderikana</i>
elle é bonito	<i>anyu-nĩ</i>	Rio Negro	<i>axpekóndea</i>
ella é bonita	<i>anyu-nó</i>	Rio Uaupés	<i>diáp̄xsa</i>
isto é bonito	<i>anyu-sē</i>	Rio Tiquié	<i>kĩxsa</i>
feio	<i>niaasē</i>	Rio Papuri	<i>axkonyisa</i>

9. — *Windá.*

## Deçána.

Levantado com os índios Julião e Euphrozina de Trovão-rapecúma no Rio Uaupés, em Trovão-rapecúma, Junho de 1927.

língua	<i>nêru</i>	panella	<i>kibosuru</i>
bocca	<i>dixsiro</i>	machado	<i>komê</i>
labio	<i>dixst-beru</i>	faca	<i>matambê</i>
dente	<i>gutkeli</i>	arco	<i>biribero</i>
nariz	<i>enyéro</i>	flecha	<i>ngaréna</i>
olho	<i>kuirú</i>	carauatána	<i>buhuge</i>
orelha	<i>nyámini</i>	anzol	<i>wubert</i>
cabeça	<i>duxpuru</i>	gente	<i>maxsá</i>
cabello	<i>podri</i>	homem	<i>emênê</i>
barba	<i>dixst-poali</i>	mulher	<i>nomêo</i>
braço	<i>dixka</i>	o marido della	<i>manápi</i>
mão	<i>mohópama</i>	a mulher delle	<i>manápo</i>
coxa	<i>duxsi</i>	pae	<i>pagê</i>
canella	<i>yenânga</i>	mãe	<i>iêpago</i>
pé	<i>gúbulo</i>	criança	<i>nihínga</i>
peito	<i>kolétebi</i>	macaco	<i>gaxki</i>
pelle	<i>gaciro</i>	onça	<i>dye</i>
osso	<i>noá</i>	veado	<i>nyamá</i>
agua	<i>dexkó</i>	anta	<i>wexkí</i>
fogo	<i>pêdmê</i>	cachorro	<i>diáí</i>
cinza	<i>noxá</i>	passaro	<i>mirimanê</i>
carvão	<i>pêamê-nexti</i>	mutum	<i>nuxpi</i>
lenha	<i>pêá</i>	arára	<i>mahá</i>
céu	<i>emesi</i>	urubú	<i>gorúponá</i>
chuva	<i>dexkó</i>	jacaré	<i>diáke</i>
vento	<i>merú</i>	jabuty	<i>maxkánínáburu</i>
sol	<i>abê</i>	cobra	<i>penu</i>
lua	<i>abê</i>	sapo	<i>talubigi</i>
estrella	<i>nêka</i>	peixe	<i>wal</i>
terra	<i>nixkú</i>	abelha	<i>momémira</i>
pedra	<i>axiadyé</i>	piolho	<i>dixpúmana</i>
casa	<i>wii</i>	pulga	<i>gubúsu</i>
roça	<i>pué</i>	arvore	<i>yuxkigi</i>
banco	<i>serú</i>	folha	<i>pú</i>
rede	<i>puñá</i>	fructa	<i>yuxkigi-dixká</i>

matto	<i>guxpépu</i>	feio	<i>nyëënaani</i>
campo	<i>tábulê</i>	branco	<i>byré</i>
milho	<i>uhudexká</i>	preto	<i>yeñê</i>
tabaco	<i>munú</i>	vermelho	<i>diage</i>
algodão	<i>yulábuya</i>	azul	<i>yan̄gi</i>
mandioca	<i>kinu</i>	amarelo	<i>diali</i>
batata	<i>nyáxpi</i>	encima	<i>wexká</i>
banana	<i>ohó'</i>	embaixo	<i>doxká</i>
um	<i>yuhúlu</i>	dentro	<i>poékápi</i>
dois	<i>përi</i>	traz !	<i>aérike</i>
tres	<i>ilëru</i>	coma !	<i>báke</i>
eu	<i>yii</i>	me dê !	<i>yi-lëú-kë</i>
tu	<i>mëç</i>	dê-lhe !	<i>in̄i-lëú-kë</i>
elle	<i>igí</i>	dê a ella !	<i>çigu-lëú-kë</i>
ella	<i>sigó</i>	não lhe dê !	<i>o-birikaki-nerë</i>
isto	<i>i</i>	elle está dormin-	
nos	<i>marí</i>	do	<i>kane-kë</i>
vos	<i>miá</i>	elle não está dor-	
elles	<i>iná</i>	mindó	<i>kane-mbirikakë</i>
minha mão	<i>yii-mohópam</i>	Deçána	<i>winá</i>
tua mão	<i>mi-mhopam</i>	Tucána-Tapuya	<i>naxsë'a</i>
a mão delle	<i>in̄i-mhopama</i>	Pirá-Tapuya	<i>wáimähana</i>
a mão della	<i>igó-mhotô</i>	Tariána	<i>pãra</i>
nossas mãos	<i>giá-mhotôre</i>	Baniwa do Içána	<i>bexkána</i>
vossas mãos	<i>pë-mhotô</i>	Wanána	<i>dexkô-sirumhana</i>
as mãos delles	<i>soyá-mhotore</i>	Makú	<i>poyá</i>
grande	<i>wiãró</i>	Coewána	<i>perána</i>
pequeno	<i>amërona</i>	Tuyúka-Tapuya	<i>mátamhana</i>
frio	<i>yixsali</i>	Kobéwa	<i>dixpalimbana</i>
quente	<i>axsinikane</i>	Rio Negro	<i>naxpekondeú</i>
elle é bonito	<i>oami</i>	Rio Uaupés	<i>deá</i>
ella é bonita	<i>oamú</i>	Rio Tiquié	<i>mixsókaia</i>
isto é bonito	<i>od</i>	Rio Papurí	<i>dexko-níria</i>

10. — Êpin-od.

Puináve.

Levantado com o índio José Antonio, de Dante no Rio Inirida, em São Gabriel, Junho de 1927.

língua	<i>a-yerú</i>	labio	<i>a-ye-xi-pig</i>
bocca	<i>a-yé</i>	dente	<i>a-teód</i>

nariz	<i>a-hég</i>	o marido della	<i>ha-mbodn</i>
olho	<i>a-bíg</i>	minha mulher	<i>a-ú</i>
orelha	<i>a-búid</i>	meu pae	<i>a-i</i>
cabeça	<i>a-huyád</i>	minha mãe	<i>a-idn</i>
cabello	<i>a-hy'</i>	meu filho	<i>a-tji</i>
barba	<i>a-ye-xutód</i>	macaco	<i>mbu</i>
braço	<i>a-mboód</i>	onça	<i>yodn-dádn</i>
mão	<i>a-táb</i>	cachorro	<i>yod</i>
coxa	<i>a-sái</i>	veado	<i>šobm</i>
canella	<i>a-péd</i>	anta	<i>iab</i>
pé	<i>a-xibm</i>	passaro	<i>hom</i>
peito	<i>a-pagú</i>	mutum	<i>tj</i>
pelle	<i>a-pig</i>	arára	<i>iú</i>
osso	<i>a-úd</i>	urubú	<i>wéneg</i>
agua	<i>id</i>	jacaré	<i>uóu</i>
fogo	<i>nda</i>	jabuty	<i>mba</i>
cinza	<i>nda-pid</i>	cobra	<i>čeb</i>
carvão	<i>nda-táu</i>	sapo	<i>totó</i>
lenha	<i>ndo</i>	peixe	<i>iéi</i>
céu	<i>háy'</i>	abelha	<i>képa</i>
chuva	<i>uáu</i>	piolho	<i>tj</i>
vento	<i>hém</i>	pulga	<i>ndig</i>
sol	<i>nyámad</i>	arvore, pau	<i>pydn</i>
lua	<i>hébéd</i>	folha	<i>čónion</i>
estrella	<i>ked</i>	flor	<i>čugeú</i>
terra	<i>niti</i>	fructa	<i>púdn-kam</i>
pedra	<i>habá</i>	matto	<i>hugléta</i>
casa	<i>mu</i>	campo	<i>iéú</i>
roça	<i>atém</i>	milho	<i>kan</i>
banco	<i>ategód</i>	tabaco	<i>heb</i>
rede	<i>kan</i>	algodão	<i>šawán</i>
panella	<i>huám</i>	mandioca	<i>tem'</i>
machado	<i>hij</i>	batata	<i>yám</i>
faca	<i>wiwyu</i>	banana	<i>té</i>
arco	<i>hég</i>	uma casa	<i>hatám mu</i>
flecha	<i>mbob</i>	duas casas	<i>kakáu mu-od</i>
caruatána	<i>hudn</i>	tres	<i>kapái</i>
anzol	<i>mábyu</i>	eu	<i>am</i>
gente, índio	<i>épin-od</i>	tu	<i>mam</i>
homem	<i>mbodn</i>	elle	<i>háq</i>
mulher	<i>ndédn</i>	ella	<i>háq</i>

isto	<i>náa</i>	traz !	<i>hamaéyug</i>
nos	<i>bidnam</i>	coma !	<i>mayekwái</i>
vos	<i>iám</i>	me dê !	<i>apena boimambig</i>
elles	<i>háa</i>	dê-lhe !	<i>boimambig háad</i>
minha mão	<i>a-táb</i>	nao lhe dê !	<i>bóima kupaibirhên</i>
tua mão	<i>ma-táb</i>	mata elle !	<i>hamaupakaiyeg</i>
a mão delle	<i>ha-táb</i>	elle está dormin-	
nossas mãos	<i>bi-tab-od</i>	do	<i>ha-óu</i>
vossas mãos	<i>ia-tab-od</i>	elle não está dor-	
as mãos delles	<i>háa-tab-od</i>	mindando	<i>boiean-óu</i>
grande	<i>hai-pég</i>	estás dormindo ?	<i>ma-óu-i</i>
pequeno	<i>hai-šém</i>	elle está bebendo	<i>ha-uóg</i>
frio	<i>arikahíg</i>	queres beber ?	<i>ma-uóg-ééwi</i>
quente	<i>ha-kái</i>	nos somos Pui-	
elle é bonito	<i>ha-bai-húg</i>	náves	<i>bir-épin-od</i>
ella é bonita	<i>ha-bai-húg</i>	eu sou Puináve	<i>am-épin</i>
isto é bonito	<i>ha-bug</i>	Yavitero	<i>idpiko-od</i>
feito	<i>ha-éberi</i>	Curipáca	<i>tum-ód</i>
branco	<i>ha-beg</i>	Piapóko	<i>wan</i>
preto	<i>ha-pég</i>	Baniwa do Içána	<i>pémái-kow-od</i>
vermelho	<i>ha-kéd</i>	Rio Guainia	<i>kanpú</i>
azul	<i>ha-ág</i>	Rio Içána	<i>pémái</i>
amarello	<i>ha-hy-d</i>	Rio Orinoco	<i>ičé</i>
encima	<i>ha-kóg</i>	Rio Guaviáre	<i>iri</i>
embaixo	<i>ha-númad</i>	Rio Inirida	<i>máu</i>
dentro	<i>ha-tehá</i>		

II. — *Húbde.*  
Makú de Yauareté

Levantado com o índio Joaquim Hadnánahadne do Iuacáua-Igarapé, affluente do Yapú-Igarapé, no Iuacáua-Igarapé, Junho de 1927.

língua	<i>nokэдn</i>	mão	<i>momói</i>
bocca	<i>nokúdn</i>	coxa	<i>tog</i>
dente	<i>tagn</i>	canella	<i>či</i>
nariz	<i>tóidn</i>	pé	<i>či(e)bm</i>
olho	<i>kawárü</i>	peito	<i>čab</i>
orelha	<i>botóg</i>	pelle	<i>bog</i>
cabeça	<i>ny</i>	osso	<i>ka(e)gn</i>
braço	<i>momói</i>	agua	<i>ndē</i>

fogo	<i>tegn</i>	sapo	<i>hohó</i>
cinza	<i>tegn-ói</i>	peixe	<i>bob</i>
carvão	<i>tegn-çá</i>	abelha	<i>nēgn</i>
lenha	<i>tegn</i>	piolha	<i>hopót</i>
céu	<i>po</i>	arvore, pau	<i>tēgē</i>
chuva	<i>mbēē</i>	folho	<i>čugád</i>
vento	<i>bohód</i>	flor	<i>čo</i>
sol	<i>werho</i>	fructa	<i>čóóagn</i>
lua	<i>werhóni</i>	milho	<i>peđnyúm</i>
estrella	<i>weromētón(o)</i>	tabaco	<i>bud</i>
terra	<i>č(i)a</i>	algodão	<i>yudnēug</i>
pedra	<i>pái</i>	mandioca	<i>kayág</i>
casa	<i>mói</i>	batata	<i>pe</i>
banco	<i>kádn</i>	um	<i>aihy' b</i>
canoa	<i>hoxtégn</i>	dois	<i>kognab</i>
remo	<i>bohēmba</i>	tres	<i>moraáb</i>
panella	<i>kobóg</i>	tu	<i>a</i>
rede	<i>yagn</i>	eu	<i>am</i>
machado	<i>mobm</i>	elle	<i>yúpai</i>
faca	<i>wantē</i>	ella	<i>yubčaba</i>
arco	<i>yog</i>	nos	<i>udn</i>
flecha	<i>páu</i>	vos	<i>wign</i>
carauatána	<i>tsabág</i>	grande	<i>katēgn-py'gn</i>
anzol	<i>hokēgnpóggn</i>	pequeno	<i>katēgn-tē</i>
gente	<i>hyb</i>	frio	<i>túto</i>
homem	<i>dytra</i>	quente	<i>kíy</i>
mulher	<i>amdáidn</i>	elle é bonito	<i>náu-ne</i>
pae	<i>a-xíb</i>	ella é bonita	<i>náu-yu</i>
mãe	<i>ei</i>	isto é bonito	<i>ted-nau</i>
criança	<i>dórē</i>	branco	<i>tēdobó</i>
macaco	<i>yawē</i>	preto	<i>tēčá</i>
onça	<i>nyaám</i>	vermelho	<i>tēdndó</i>
cachorro	<i>nyaam-bó</i>	azul	<i>okág</i>
veado	<i>mohoi-ndó</i>	amarello	<i>tēdndó</i>
passaro	<i>hytē</i>	traz !	<i>donēdn</i>
mutum	<i>čibm</i>	coma !	<i>wadnayí</i>
arára	<i>dyag</i>	me dê !	<i>andodnédn</i>
urubú	<i>wa</i>	dê-lhe !	<i>dohóm dabáne</i>
jacaré	<i>had</i>	não lhe dê !	<i>tognó-a</i>
jabuty	<i>mē</i>	mata elle !	<i>mē-ne</i>
cobra	<i>tahái</i>		<i>mē-yupád-ne</i>

elle está dormindo	<i>amēohednī'gn</i>	Pirá-Tapuya	<i>hob-dē</i>
elle não está dormindo	<i>nuraōxtīaaha</i>	Deçana	<i>minárē</i>
queres beber?	<i>agntuyaábm</i>	Tucána-Tapuya	<i>çogwēde</i>
Makú	<i>hy'bde</i>	Rio Negro	<i>mēnda</i>
Tariána	<i>tsēēhēndē</i>	Rio Uaupés	<i>ndē</i>
		Rio Tiquié	<i>huábm</i>
		Rio Papurí	<i>dēmitsá</i>

12. — *Yēhy'b-dē*.

Makú do Tiquié:

Levantado com o índio Mandú de Yuruparí-Caxoeira no Rio Tiquié, em Yacaré-rapecúma no Rio Uaupés, Junho de 1927.

língua	<i>nokédn</i>	lua	<i>werhó</i>
bocca	<i>nošidn</i>	estrella	<i>werho-mē</i>
labio	<i>te-bég</i>	terra	<i>ç/a</i>
dente	<i>tagn</i>	pedra	<i>pái</i>
nariz	<i>tóidn</i>	casa	<i>mōi</i>
olho	<i>tabágn</i>	roça	<i>boód</i>
orelha	<i>witóg</i>	banco	<i>kēdn</i>
cabeça	<i>nū</i>	rede	<i>yagn</i>
cabello	<i>pad</i>	panella	<i>boóg</i>
barba	<i>nošidn-pad</i>	machado	<i>mom</i>
braço	<i>mbakē</i>	faca	<i>wantiē</i>
mão	<i>mbakē</i>	arco	<i>çügmbaá</i>
coxa	<i>tog</i>	flecha	<i>moxtē</i>
canella	<i>kēupy'</i>	carauatána	<i>mbaág</i>
pé	<i>çiibm</i>	anzol	<i>ndái</i>
peito	<i>hōtēgn</i>	gente	<i>yēhy'b</i>
pelle	<i>boóg</i>	homem	<i>teyi</i>
osso	<i>kē</i>	mulher	<i>aīyab</i>
agua	<i>ndē</i>	marido	<i>hūdntaib</i>
fogo	<i>tegn</i>	pae	<i>a-xib</i>
cinza	<i>tegn-ói</i>	mãe	<i>nyá</i>
carvão	<i>tux</i>	criança	<i>tē</i>
lenha	<i>tegn-má</i>	macaco	<i>uwé</i>
céu	<i>po</i>	onça	<i>nyaam</i>
chuva	<i>ndē</i>	cachorro	<i>nyabm/ē</i>
vento	<i>wohód</i>	veado	<i>mohói</i>
sol	<i>werhó</i>	anta	<i>ta</i>

passaro	<i>hüétene</i>	elle	<i>niiyab</i>
mutum	<i>siïbm</i>	ella	<i>ayab</i>
arára	<i>yag</i>	isto	<i>nái</i>
urubú	<i>wa</i>	nos	<i>en</i>
jacaré	<i>had</i>	vos	<i>mberé</i>
jabuty	<i>me</i>	grande	<i>pogn</i>
cobra	<i>mëë</i>	pequeno	<i>tehëb</i>
sapo	<i>hohó</i>	frio	<i>tu'da</i>
peixe	<i>bob</i>	quente	<i>kïïe</i>
abelha	<i>nái</i>	elle é bonito	<i>tuhübë</i>
piolho	<i>nëm</i>	feio	<i>tahëhëb</i>
arvore, pau	<i>tegn-u'</i>	branco	<i>tïbágn</i>
folha	<i>tsuéd</i>	preto	<i>tuičad</i>
flor	<i>tsoó</i>	vermelho	<i>hegn</i>
fructa	<i>teëgn</i>	amarello	<i>pohou</i>
matto	<i>hái</i>	traz !	<i>ponën</i>
campo	<i>iyi</i>	coma !	<i>wëdn</i>
mílho	<i>hëëgn</i>	me dê !	<i>tolëdn</i>
tabaco,	<i>hod</i>	elle está dormin-	
algodão	<i>yüdn</i>	do	<i>öhe</i>
mandioca	<i>yagtó</i>	Makú	<i>yëhy'b-dë</i>
banana	<i>wuhïd</i>	Pirá-Tapuya	<i>bób-ïd-ë</i>
um	<i>čaiyápa</i>	Tucána-Tapuya	<i>tsokïrwï</i>
dois	<i>mberé</i>	Rio Negro	<i>pudnëdë</i>
tres	<i>morégnab</i>	Rio Uaupés	<i>dexpógn</i>
eu	<i>a</i>	Rio Tiquié	<i>dextë</i>
tu	<i>am</i>		

13. — *Döu*.  
Makú de São Gabriel.

Levantado com o índio Joanico de Muçú-Iuitéra no Ducupixi-Igarapé em Umiri-capuáma no Rio Negro, Junho de 1927.

língua	<i>nokä+d</i>	cabeça	<i>deü-nü</i>
bocca	<i>deü-nö</i>	cabello	<i>deü-nu-mpád</i>
labio	<i>deü-nö-big</i>	barba	<i>deü-no-súgn</i>
gente	<i>deü-tógn</i>	braço	<i>deü-minö</i>
nariz	<i>deü-tö(e)d</i>	mão	<i>deü-sóub</i>
olho	<i>deü-tubm</i>	coxa	<i>deü-wé</i>
orelha	<i>deü-kumãe</i>	canella	<i>deü-čubm</i>

pé	<i>deü-setó</i>	passaro	<i>towéd</i>
peito	<i>deü-e/tógn</i>	mutum	<i>šubm</i>
pelle	<i>deü-big</i>	arára	<i>kaála</i>
osso	<i>deü-kä+g</i>	urubú	<i>wa</i>
agua	<i>nō</i>	jacaré	<i>xēd</i>
fogo	<i>behō+</i>	jabuty	<i>mi</i>
cinza	<i>čah</i>	cobra	<i>hē</i>
carvão	<i>čah</i>	sapo	<i>elódn</i>
lenha	<i>bēdú</i>	peixe	<i>hāb</i>
céu	<i>pāš</i>	abelha	<i>nēg</i>
chuva	<i>nōx</i>	piolho	<i>ęunē+m</i>
vento	<i>hod</i>	arvore, pau	<i>bā</i>
sol	<i>xotúbm</i>	folha	<i>bā-kād</i>
lua	<i>xotúbm</i>	fructa	<i>bā-āgn</i>
estrella	<i>mē</i>	matto	<i>doxáid</i>
terra	<i>čax</i>	campo	<i>xáma</i>
pedra	<i>pašs</i>	milho	<i>bēēg</i>
casa	<i>toš</i>	tabaco	<i>hūúd</i>
roça	<i>káu</i>	algodão	<i>čęwú</i>
banco	<i>mañ</i>	mandioca	<i>yagdē</i>
rede	<i>yēg</i>	batata	<i>ió</i>
panella	<i>bo</i>	banana	<i>nāra</i>
machado	<i>mām</i>	um	<i>mēē</i>
faca	<i>wanpiš</i>	dois	<i>tubm</i>
arco	<i>bičōg</i>	tres	<i>motuáb</i>
flecha	<i>bitōg</i>	eu	<i>āhē</i>
carauatána	<i>bag</i>	tu	<i>āmē</i>
anzol	<i>laipiš</i>	elle	<i>mēē</i>
gente	<i>dōu</i>	grande	<i>aā-pig-wai</i>
homem	<i>hūdē</i>	pequeno	<i>piš-wai</i>
mulher	<i>āia</i>	frio	<i>aā-bad</i>
marido	<i>itúgn</i>	quente	<i>aā-yúb-wai</i>
esposa	<i>inōx</i>	elle é bonito	<i>aā-yém-wai</i>
pae	<i>tibōdn</i>	ella é bonita	<i>yem-wai-āiyē</i>
mãe	<i>āi</i>	feio	<i>aā-doukāsē</i>
criança	<i>tutē</i>	branco	<i>aā-duča-wai</i>
macaco	<i>waš</i>	preto	<i>aā-čáwa-wai</i>
onça	<i>yām-pi</i>	vermelho	<i>aā-nō-wai</i>
cachorro	<i>yām</i>	azul	<i>čawa-wai</i>
veado	<i>čou</i>	amarello	<i>aā-nō-wai</i>
anta	<i>tax</i>	encima	<i>bātuwá</i>

embaixo	<i>tubudhid</i>	elle não está dor-	
dentro	<i>tikedká</i>	mindó	<i>ažhagob</i>
traz!	<i>baianéd</i>	estás dormindo?	<i>ámã</i>
coma!	<i>maduwēdnē</i>	Makú	<i>dōu</i>
me dê!	<i>māanéd</i>	Makú do Curicu-	
dê-lhe!	<i>tadnodé</i>	riari	<i>bóuã</i>
não-lhe-dê!	<i>noē' xne</i>	Pirá-Tapuya	<i>wóhle</i>
mata elle!	<i>biumiédn</i>	Deçána	<i>išána</i>
elle está dor-		Tucána-Tapuya	<i>šokwētē</i>
mindó	<i>āagob</i>	Rio-Negro	<i>doxpuedn</i>

14. — *Deukwána.*  
Makiritáre.

Levantado com o índio Sinforiano Orozco do Rio Cunucunúma, affluente do Alto Orinoco, em São Gabriel, Junho de 1927.

língua	<i>unúru</i>	chuva	<i>konóho</i>
bocca	<i>untape</i>	vento	<i>hehéce</i>
labio	<i>yehipē</i>	sol	<i>či</i>
dente	<i>upepe</i>	lua	<i>núnē</i>
nariz	<i>yeúnape</i>	estrella	<i>čirike</i>
olho	<i>yenúru</i>	terra	<i>nóno</i>
orelha	<i>panápe</i>	pedra	<i>tēhu</i>
cabeça	<i>upúhe</i>	casa	<i>éute</i>
cabello	<i>uhuhápe</i>	roça	<i>aupáhe</i>
barba	<i>yetámu-hotē</i>	banco	<i>átoi</i>
braço	<i>yahéře</i>	canoa	<i>kuriára</i>
mão	<i>yamyřú</i>	remo	<i>hēna</i>
coxa	<i>upéte</i>	rede	<i>ėwáte</i>
canella	<i>upóridē</i>	panella	<i>ėpínye</i>
pé	<i>uhúru</i>	machado	<i>wéwe</i>
peito	<i>irohipē</i>	faca	<i>kutíu</i>
pelle	<i>uhibe</i>	arco	<i>čimārehúru</i>
osso	<i>upihe</i>	flecha	<i>hakúri</i>
agua	<i>túna</i>	carauatána	<i>kuráta</i>
fogo	<i>wáto</i>	cacete	<i>súwi</i>
cinza	<i>werénate</i>	anzol	<i>anēte</i>
carvão	<i>tebúruha</i>	gente	<i>enēke</i>
lenha	<i>wáto</i>	homem	<i>sóto</i>
céu	<i>kabō</i>	mulher	<i>wépe</i>

o marido della	<i>inyo</i>	elle	<i>mēki</i>
a mulher delle	<i>ahinya</i>	ella	<i>nyēre</i>
pae	<i>aháku</i>	isto	<i>mēnye</i>
mãe	<i>éme</i>	nos	<i>kĩnúáno</i>
criança	<i>unepi</i>	vos	<i>enúáno</i>
macaco	<i>awámi</i>	elles	<i>nyáno</i>
onça	<i>mápo</i>	grande	<i>araihe</i>
veado	<i>kawári</i>	pequeno	<i>nikereke</i>
anta	<i>wáčari</i>	frio	<i>kéme</i>
cachorro	<i>tsina</i>	quente	<i>táne</i>
passaro	<i>tonoro</i>	elle é bonito	<i>nyēre asikáne</i>
mutum	<i>háwi</i>	isto é bonito	<i>áčika</i>
arára	<i>kariúwē</i>	feio	<i>ušípe</i>
urubú	<i>kurúmu</i>	branco	<i>tahéripē</i>
jacaré	<i>yartwi</i>	preto	<i>hurúme</i>
jabuty	<i>wayámu</i>	vermelho	<i>sowóike</i>
cobra	<i>ékēru</i>	azul	<i>séne</i>
sapo	<i>turúru</i>	amarelo	<i>taktri</i>
peixe	<i>káno</i>	encima	<i>yéwa</i>
abelha	<i>wánē</i>	embaixo	<i>dónye</i>
piolho	<i>dáme</i>	dentro !	<i>dáka</i>
pulga	<i>šíke</i>	traz !	<i>éneke</i>
arvore	<i>nde</i>	me dê !	<i>enekéwa</i>
folha	<i>čuwape</i>	dê-lhe !	<i>utúkwe-séwa</i>
fructa	<i>seherēpe</i>	não lhe dhê !	<i>náho-méntui</i>
flor	<i>sēhipē</i>	coma !	<i>erén-tanáke</i>
matto	<i>sy'me</i>	mata-o !	<i>emáke</i>
campo	<i>wói</i>	elle está dor-	
milho	<i>ánya</i>	mindo	<i>nyerē-ninkáne</i>
tabaco	<i>kawádi</i>	elle não está dor-	
algodão	<i>watdēku</i>	mindo	<i>ĩnkirána</i>
mandioca	<i>čēpe</i>	estás dormindo ?	<i>anińkánka</i>
batata	<i>sáku</i>	elle está bebendo	<i>nenánto</i>
banana	<i>harúru</i>	queres beber ?	<i>enuseráman</i>
sororóca (helico-		eu sou Maquiri-	
nia)	<i>yawtyu</i>	táre	<i>čwē peukwána</i>
um	<i>tóni</i>	Guaharibo	<i>kirišana</i>
dois	<i>áke</i>	Waika	<i>wáika</i>
tres	<i>harudwē</i>	Máko	<i>máku</i>
eu	<i>čwē</i>	Yauarána	<i>wękidri</i>
tu	<i>emēre</i>	Ihuruana	<i>uhuruána</i>

Kaliána	<i>čáhě</i>	Rio Orinoco	<i>urínoko</i>
Auake	<i>eñwáke</i>	Rio Ventuari	<i>entęđri</i>
Makuchi	<i>ęuti</i>	Rio Caura	<i>káura</i>
Wapichána	<i>mapiána</i>	Rio Branco	<i>harime</i>
Guinaú	<i>teřomirámo</i>		

15. — *Wįrafęra*.  
Tupí do Machado.

Levantado com o índio Makuná oriundo do « Paraná-sína » na margem direita do Machado, abaixo de Pimenta Bueno, em Manáus, Julho de 1927.

língua	<i>ae-kū</i>	estrella	<i>yai-tata-t</i>
bocca	<i>a-yurú</i>	terra	<i>hįbį</i>
labio	<i>ae-remé</i>	pedra	<i>itá</i>
dente	<i>ae-rái</i>	casa	<i>óka</i>
nariz	<i>ae-siř</i>	roça	<i>ko</i>
olho	<i>ae-reakwát</i>	banco	<i>apįkáb</i>
orelha	<i>ae-nami</i>	canoa	<i>įgát</i>
cabeça	<i>ae-akán</i>	remo	<i>įga-pįwáb</i>
cabello	<i>ae-ab</i>	rede	<i>iniáb</i>
barba	<i>ae-afuáb</i>	panella	<i>nyaé</i>
	<i>ae-rendįwáb</i>	machado	<i>yį</i>
braço	<i>ae-yįbá</i>	faca	<i>įsįket</i>
mão	<i>ae-pš</i>	arco	<i>įwįrapát</i>
coxa	<i>ae-ub</i>	flecha	<i>uįb</i>
canella	<i>ae-reįmá</i>	cacete	<i>įrapemáb</i>
pé	<i>ae-pį</i>	anzol	<i>yįsikutai</i>
peito	<i>ae-posiá</i>	gente	<i>tapįį</i>
pelle	<i>ae-pit</i>	homem	<i>akoimaé</i>
osso	<i>ae-kan</i>	mulher	<i>kunyá</i>
agua	<i>įį</i>	o marido della	<i>i-ména</i>
fogo	<i>tatá</i>	a mulher delle	<i>emirikó</i>
cinza	<i>tanimúk</i>	pae	<i>ae-rub</i>
carvão	<i>tata-pį'i</i>	mãe	<i>ae-nyaį</i>
lenha	<i>tatá</i>	criança	<i>pil</i>
céu	<i>ibák</i>	macaco	<i>kat</i>
chuva	<i>amán</i>	onça	<i>yawát</i>
vento	<i>įbįtú</i>	veado	<i>įú</i>
sol	<i>kwarai</i>	anta	<i>tapilł</i>
lua	<i>yai</i>	cachorro	<i>yawa-sin</i>

passaro	<i>wirá</i>	vossas mãos	<i>pe-pó</i>
mutum	<i>mitú</i>	as mãos delles	<i>i-pó</i>
arára	<i>kariné</i>	grande	<i>aenatu-ú</i>
urubú	<i>urubú</i>	pequeno	<i>taĩrii-ete-ú</i>
jacaré	<i>yakaré</i>	frio	<i>ye-roĩ-ete-ú</i>
jabuty	<i>yaboti</i>	quente	<i>ae-rakúb</i>
cobra	<i>mói</i>	elle é bonito	<i>i-katu-ú</i>
sapo	<i>kururú</i>	feio	<i>i-sara-ete-ú</i>
peixe	<i>ipirá</i>	preto	<i>yupibú</i>
abelha	<i>eit</i>	branco	<i>yapasinú</i>
piolho	<i>kib</i>	vermelho	<i>ipirán</i>
pulga	<i>tuñ</i>	azul	<i>hobúú</i>
arvore	<i>ibirá</i>	encima	<i>i-árimo</i>
folha	<i>ka-ób</i>	embaixo	<i>iwiripe</i>
flor	<i>ipotit</i>	dentro	<i>i-pipe</i>
fructa	<i>ia</i>	traz!	<i>e-rúd</i>
matto	<i>yawatb</i>	me dê!	<i>e-meén</i>
campo	<i>suabeim</i>	dê-lhe!	<i>e-mono i-supe</i>
milho	<i>abasi</i>	não dê-lhe!	<i>t-ere-monó-mine-</i>
tabaco	- - -		<i>supé-ne</i>
algodão	<i>amoneyú</i>	coma!	<i>e-ú</i>
mandioca	<i>manióg</i>	mata elle!	<i>e-yuká</i>
batata	<i>yetik</i>	elle está dor-	
banana	<i>pokobá</i>	mindo	<i>o-ki-upa</i>
um	<i>oyipé</i>	elle não está dor-	
dois	<i>imokói</i>	mindo	<i>n-o-kiri-be</i>
tres	<i>mokói-irú-mae</i>	estás dormindo?	<i>ere-kire-yupa</i>
eu	<i>yeyé</i>	elle está bebendo	<i>o-úú</i>
tu	<i>ené</i>	queres beber?	<i>ne-re-úú-i</i>
elle	<i>ga</i>	Kepkiriwat	<i>pikiriwat</i>
nos (incl.)	<i>sané</i>	Nambiquára	<i>namikwára</i>
(excl.)	<i>oré</i>	Urupá	<i>kիրerui</i>
minha mão	<i>yi-pó</i>	Jarú	<i>pašifwa-pew-i</i>
tua mão	<i>ene-pó</i>	Tupí do Ma-	
a mão delle	<i>i-pó</i>	chado	<i>kawahib</i>
nossas mãos		Rio Machado	<i>parand</i>
(incl.)	<i>sané-pó</i>	Rio Aripuanã	<i>iwiřamaib</i>
(excl.)	<i>oré-po</i>		

Levantado com um índio desta tribo da região das cabeceiras do Rio Tarumã, affluente da margem direita do Rio Machado, em Manaus, Julho de 1927.

língua	<i>nukāb<sup>me</sup></i>	machado	<i>iya</i>
bocca	<i>nakā</i>	faca	<i>bišā</i>
labio	<i>iwipé</i>	arco	<i>tágub</i>
dente	<i>inyāi</i>	flecha	<i>čūābē</i>
nariz	<i>naiča(g) ty</i>	homem	<i>qid</i>
olho	<i>čakaa</i>	mulher	<i>mapai</i>
orelha	<i>nakirib<sup>me</sup></i>	pae	<i>nyūme</i>
cabeça	<i>načōd</i>	mãe	<i>ayuāngá</i>
cabello	<i>načāb</i>	criança	<i>menimēniub</i>
barba	<i>nyokonyūm</i>	macaco	<i>nay'i</i>
braço	<i>pāb<sup>m</sup>i</i>	onça	<i>āmēkú</i>
mão	<i>pabē</i>	veado	<i>itī</i>
coxa	<i>nyumāka</i>	anta	<i>nató</i>
canella	<i>čāpi</i>	cachorro	<i>wawāu</i>
pé	<i>pib<sup>m</sup>e</i>	passaro	<i>īyā</i>
peito	<i>inyāt<sup>y</sup></i>	mutum	<i>ināu</i>
pelle	<i>pēōdn</i>	arára	<i>kāru</i>
osso	<i>čīgā</i>	urubú	<i>tipekūna</i>
agua	<i>ičī</i>	jacaré	<i>toto</i>
fogo	<i>čāna</i>	jabuty	<i>mbóa</i>
carvão	<i>čayugū'yē</i>	cobra	<i>myigāna</i>
lenha	<i>čād</i>	sapo	<i>waiwái</i>
céu	<i>nrawēnbē</i>	peixe	<i>ib</i>
chuva	<i>amān</i>	abelha	<i>pēwid</i>
vento	<i>ganañgód</i>	piolho	<i>naḅ</i>
sol	<i>čarwāb</i>	pulga	<i>mučā</i>
lua	<i>wēna</i>	arvore	<i>waḅ</i>
estrella	<i>čigamōga</i>	folha	<i>wačī</i>
terra	<i>īgaṇa</i>	matto	<i>načō</i>
pedra	<i>iyā</i>	milho	<i>nayad</i>
casa	<i>kaā</i>	tabaco	- - -
roça	<i>nayapē</i>	algodão	<i>mbóg</i>
panella	<i>maēka</i>	mandioca	<i>manīna</i>
rede	<i>manikāb</i>	batata	<i>bēitika</i>

banana	<i>iwá</i>	preto	<i>hja</i>
um	<i>muttrem</i>	vermelho	<i>imanéne-kana</i>
dois	<i>yagarêko'm</i>	azul	<i>imapje-kana</i>
tres	<i>pairótem</i>	Itogapig	<i>itoga-pig</i>
eu	<i>yn</i>	Urupá	<i>tárawái</i>
tu	<i>en</i>	Jarú	<i>yaró</i>
elle	<i>ítab</i>	Tupí do Machado	<i>karará</i>
frio	<i>iwitákana</i>	tribu hostil do	
quente	<i>yakúmbtem</i>	Madeirinha	<i>çurui</i>
branco	<i>icápóro-kana</i>		

# Capítulo 4

## As Fotografias de Curt Nimuendajú dos Índios do Rio Negro

Renato Athias

*Este decrépito velho foi o único verdadeiro chefe que encontrei entre os índios daquela região. Ele estava inteiramente de acordo que eu devia fotografá-lo fazendo-se carregar nas costas de sua mulher para fora da maloca onde o sentara num banquinho apoiado na sua lança.<sup>1</sup>*

Nimuendajú

As fotografias publicadas nesse livro fazem parte do acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira (CECEO) do Museu do Estado de Pernambuco (MEPE). Diferentemente de outros acervos imagéticos de índios dos séculos XIX e XX, este conjunto de fotos está longe de documentar o exótico, tal como comenta Stephen Nugent (2007), ou mesmo Fernando de Tacca (2011), ou ainda na perspectiva de Marc Piatl (2002), que estudou o acervo fotográfico da Comissão Rondon. Este conjunto de imagens, nos parece, foi organizado pessoalmente por Carlos Estevão com fotografias oferecidas pelo próprio Nimuendajú. Existe um outro conjunto de fotografias no Acervo da CECEO do MEPE, também de Curt Nimuendajú, sobre os Kaiapó/Gorotire e os Ramkokamekrá, que mostram, por exemplo, uma espécie de passo-a-passo sobre o uso de acangataras, etapas de uma festa (como a do Kokrit) e outros objetos de uso geral. Algumas dessas fotos não foram ainda publicadas (Amorim 2013), tal como essas fotografias sobre os índios do Rio Negro, desse importante acervo, onde o cotidiano dos índios é registrado com um interesse etnográfico de mostrar aspectos culturais da vida desses índios.

Essas fotografias retratam pessoas e objetos em primeiro plano, com um olhar bem interessado, aquele de mostrar o específico. Entre esse conjunto existem duas fotografias de objetos domésticos em primeiro plano, dentro de uma cozinha no fundo de uma maloca. A outra fotografia mostra um grupo de mulheres cortando mandiocas na frente de uma casa comunal (maloca). As outras mostram grupos de pessoas em diversas situações, seja dançando ou em famílias na frente da maloca.

Essas imagens nos parecem que eram utilizadas junto aos acervos etnográficos para responder às perguntas práticas sobre como esses objetos eram usados pelos índios. Portanto, longe de mostrar o exótico, essas imagens retratam a realidade em que estavam vivendo. Nesse aspecto, percebe-se nessas fotografias de Nimuendajú, um grande interesse em registrar as situações do cotidiano desses índios. Assim nos informam Gertrudes Gomes Lins, Icléia Braga Mascarenhas e Mariza Varella, técnicas do MEPE, que conviveram com Lígia Estevão de Oliveira, filha de Carlos Estevão, curadora da coleção por muitos anos. As foto-

1. Trecho da página 12 do Relatório que faz parte do Acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão, Museu do Estado de Pernambuco.

grafias foram sempre utilizadas nas exposições, organizadas sobre objetos da coleção, e serviam para mostrar as possibilidades de usos desses objetos.

Durante os anos de 1920 a 1946, em que Carlos Estevão foi diretor do Museu Paraense Emílio Goëldi (PA), ele teve a oportunidade de encontrar-se com diversos pesquisadores e etnólogos que por ali passaram. Neste período, ele manteve uma relação (Hartmann, 2000) privilegiada com Curt Nimuendajú, com o qual teve oportunidade de escutar e ler os seus principais relatos etnográficos e o incentivou a elaborar um mapa etno-linguístico dos povos indígenas do Brasil, cujo original, confeccionado em papel canson, tintas nanquim e aquarela, encontra-se entre os objetos da Coleção Etnográfica do MEPE. Este mapa tem como base o famoso mapa etnolinguístico de Carl Friedrich Philipp von Martius, de 1867. Hoje, este mapa etnolinguístico é referência para todos os que estudam os povos indígenas do Brasil (IBGE, 1981).

Carlos Estevão, certamente participou durante muitos anos da “irrequietude”, como muito bem descreve Michael Kraus em seu ensaio biográfico sobre Curt Nimuendajú, publicado na revista Humboldt, do Instituto Goethe (Kraus 2009). Interessante notar que John Hemming percebeu a pessoa de Curt Nimuendajú como sendo bastante sensível e, por isso, ele pode notar através de seus escritos uma certa “raiva” pela difícil situação em que viviam os povos indígenas. Eu, pessoalmente, concordo com John Hemming quando leio, por exemplo, o texto de Nimuendajú sobre a sua viagem no trecho do Rio Uaupés em 1927 (Hemming 2003:174), quando ele se revoltou na última festa de Jurupari realizada pelos Tariano de Urubuquara e que Darcy Ribeiro reproduziu integralmente no seu livro: “Os Índios e a Civilização”.

Em 2003, tomei contato com essas fotografias, espalhadas em diferentes álbuns no acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão, sem fazer as conexões que faço hoje. E, em 2006, durante o processo de orientação da dissertação de Karla Melanias (2006), tive oportunidade de observá-las novamente. A partir daí, comecei a fazer as primeiras associações com a viagem de Curt Nimuendajú de 1927 nas áreas indígenas do Rio Negro e, sobretudo, colocá-las para formar um conjunto mais geograficamente possível, uma vez que eu mesmo tinha realizado uma viagem, em 1996, com o mesmo itinerário efetuado por Nimuendajú em 1927 (Nimuendajú, 1950). Para mim, que conheço muito bem toda região do Alto Rio Negro, não foi muito difícil colocar todas essas fotografias em um mesmo álbum, tal como elas estão dispostas hoje, pois possuem uma indicação do lugar retratado e informações sobre as pessoas da foto em uma legenda escrita (em algumas a lápis) no verso das fotografias. A caligrafia usadas nessas legendas indica que não foi Curt Nimuendajú quem as escreveu. Eu imagino que tenha sido, talvez, ditado por ele à Ligia Estevão, que foi sua aluna no seu Curso de Etnologia no Museu Goëldi, e que dedicou praticamente toda a sua vida cuidando desse acervo em memória de seu pai.

Ao colocar essas fotografias todas juntas e verificar os lugares que essas fotografias retratam, podemos afirmar que as fotografias foram realizadas por Curt Nimuendajú, e efetuadas na sua famosa viagem de 1927, muito bem relatada em seu texto o “Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés”. Este acervo fotográfico, como assinalamos em outras ocasiões (Athias, 2003), não possui os negativos e seu estado de conservação no Museu do Estado de Pernambuco não era bom. As fotografias publicadas aqui passaram por um processo de res-

tauração digital, devido ao péssimo estado de conservação. As fotos retratam situações, pessoas, lugares e monumentos importantes na mitologia indígena dos índios do Rio Negro.

Como muito bem disse João M. Braga de Mendonça (2009), Nimuendajú utilizava as fotografias como uma alavanca para a sua própria memória quando ia escrever seus trabalhos. É exatamente por isso que tenho a convicção que essas fotografias pertencem ao olhar de Nimuendajú, pois ao ler “Reconhecimento dos Rios Içana, Ayari e Uaupés” podemos encontrar os detalhes dessas fotografias, como se fossem uma grande legenda. Tal como ele próprio relata como fez a fotografia do Tuxaua Mandu. Nesse mesmo texto encontramos os motivos pelos quais Nimuendajú fez essas fotografias e outras que ainda não sabemos onde estão.

Ainda sobre informações fotográficas dos índios do Rio Negro, nessa mesma época, encontra-se presente no relatório do Inspetor Bento de Lemos, de 1931, da 1a. Inspetoria do SPI em Manaus, que contém outras tantas fotografias que eu mesmo havia tido contato quando, ainda era o Diretor-Responsável do Jornal Porantim, em Manaus, em 1979. Algumas dessas fotos, publicadas nesse relatório, eu não tenho certeza se podem ser atribuídas a Nimuendajú, mas Bento de Lemos deve ter recebido do próprio Nimuendajú, quando ele esteve hospedado em sua casa, em Manaus, durante a sua ida para São Gabriel, e quando voltou. Acredito que essas imagens do Relatório de Bento de Lemos não são de Curt Nimuendajú. Creio que algumas delas tenham sido entregues pelo fotógrafo Philip Von Luetzelburg, pois no relatório contém fotografias realizadas no Rio Papuri e Tiquié, lugares estes, que não foram visitados por Nimuendajú. Na dissertação de mestrado de Joaquim Melo (2007), sobre a atuação do SPI nesse período, teve a gentileza de me enviar uma cópia do relatório de Bento de Lemos. Como o texto desse relatório é uma fotocópia de um arquivo microfilmado, e as fotografias não estão identificadas no relatório, torna-se muito difícil identificar o fotógrafo dessas imagens.

Michael Kraus (2009) dá ênfase à profunda amizade entre os dois quando cita um trecho de uma carta de Koch-Grünberg para Nimuendajú: “Aquilo de que os dois gostavam um no outro já tinha sido formulado por Koch-Grünberg no encerramento de uma carta de 1915: ‘Passe bem e volte a me escrever logo. Suas interessantes cartas são para mim sempre motivo de grande alegria, sobretudo porque há um forte laço que nos une, a afeição por essa pobre humanidade morena!’. Entre 2011 e 2012 estabeleci várias conversas e troca de e-mails com pesquisadores sobre esse conjunto de fotografias buscando uma identidade para o fotógrafo desse rico material imagético e etnográfico que essas imagens se expressam através da Coleção Etnográfica Carlos Estevão. Denise Portugal Lasmar (2000) foi importante pesquisadora do Museu do Índio e exímia conhecedora do acervo fotográfico da Comissão Rondon. Ela sugeriu que eu comparasse as fotografias encontradas no acervo do Museu do Estado de Pernambuco com as do álbum fotográfico do Acervo do Museu do Índio, contendo retratos desse mesmo período do fotógrafo Philip Von Luetzelburg. Foi extremamente interessante realizar essa comparação. Na realidade, as fotos desse álbum são de 1928, um ano depois da viagem do Curt Nimuendajú. E, realmente, Luetzelburg faz o mesmo trajeto de viagem no Rio Negro que Koch-Grünberg e Curt Nimuendajú e, talvez, utilizou-se do mesmo apoio logístico de Germano Garrido de São Filipe,

tal como fez Koch-Grünberg e o próprio Curt Nimuendajú. Ele deve ter providenciado as canoas e os remadores indígenas para a viagem aos rios Içana e Ayari. Entre as fotografias de Luetzelburg existem duas fotografias da Maloca de Pari-Cachoeira e imagens do Papuri, locais que Nimuendajú não menciona em seu relatório, o que acho muito estranho, por causa do trajeto. Isso significaria que Luetzelburg deve ter ficado muito mais tempo na região que Nimuendajú para ter viajado pelos Rios Papuri e Tiquié.

Durante o 54º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Viena, encontrei-me com o Prof. Ernst Halbmayer da Universidade de Marburg e, em nossa conversa sobre essas fotografias, ele me sugeriu seguir a fontes de Berlim. Logo em seguida, entrei em contato com o Prof. Michael Kraus, do Museu Etnológico de Berlim. Em nossa troca de informações ele me informou que existe um artigo, publicado por Luetzelburg em 1941, intitulado “Amazonien als organischer Lebensraum”, que menciona detalhes de sua viagem no Rio Negro em 1928. No anexo existem seis fotografias realizadas por ele, uma delas mostra a Maloca Tukano de Pari-Cachoeira, no Rio Tiquié. Fotografias gentilmente enviadas pelo Prof. Kraus. Ele não tinha conhecimento das fotografias encontradas por mim no acervo do MEPE. Ao ter conhecimento dessas fotografias, ele concordou com minhas observações. E, de acordo com o seu conhecimento de outras fotos, ele também acredita que as fotografias da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira (CECEO) podem ser atribuídas a Curt Nimuendajú. E nesse aspecto tenho quase certeza, pois, como disse antes, os lugares mencionados no relatório de Curt Nimuendajú de 1927 são todos mencionados nas legendas em lápis nas fotografias da CECEO, como assinalamos anteriormente. Na investigação, e por indicações de Denise Portugal, eu encontrei um grupo de 45 fotografias de Luetzelburg no Acervo do Museu do Índio, no Rio de Janeiro, em um álbum de fotografias intitulado: Im Stromgebiet des Rio Negro. Em uma primeira observação realizada recentemente, posso dizer que não existe correspondência entre as fotografias, e sim em alguns lugares mencionados, que são os mesmos visitados por Nimuendajú em 1927, com exceção de Pari-Cachoeira, e as fotografias do Rio Papuri, como falei anteriormente. Neste grupo de fotos, existe uma fotografia do Tuxaua Mandu que parece ser a mesma pessoa que está no acervo da CECEO do Museu do Estado de Pernambuco, cuja legenda diz: Tuxaua Mandú, Waliperi-Dakenay, Maloca Cururu, no Ayari, legenda diferente daquela que está no álbum de Von Luetzelbug. Tenho certeza de que se trata da mesma pessoa fotografada, mas aparentemente não é o mesmo fotógrafo. São seis fotografias, tais como estão guardadas na Museu do Estado de Pernambuco. As fotografias das páginas 198/199 mostram como estão documentadas na Coleção Etnográfica Carlos Estevão e dão uma idéia do estado de conservação das mesmas. Todas essas fotografias publicadas aqui passaram por um tratamento de conservação preservação e foram tratadas digitalmente.

Uma fotografia do Tuxaua Mandu, apenas ele sentado em seu banco segurando a sua lança, pode também ser encontrada no acervo fotográfico dos Franciscanos da Província de Santo Antônio em Recife (Athias 2015). Muitas dessas fotografias desse acervo foram realizadas pelo Frei Thomás Kockmeyer que era um fotógrafo alemão. Tem-se notícias que Frei Thomás Kockmeyer era colega de Protasio Fricker e o mais longe que ele esteve na Amazonia foi até as terras indígenas dos Tiryó, no ano de 1958. Não existe nenhum registro de como

essa fotografia do velho Mandu veio parar nesse acervo dos franciscanos. Na fotografia do Tuxaua Mandu realizada por Nimuendajú se percebe, ao olharmos atentamente a porta da maloca, que esta parte da imagem está desfocada. Esse defeito parece existir em quase todas as fotografias realizadas por Nimuendajú durante essa viagem, sempre no mesmo lugar. Parece indicar que a lente de sua câmera estava com um problema de foco. Essa mesma fotografia do tuxaua Mandu aparece, em 2010, juntamente com outras cinco fotografias desse acervo em um CD intitulado *Índios do Brasil e o olhar de Curt Nimuendajú*, organizado por Marília Facó Soares e Tania Clemente de Souza, com acervo fotográfico do Centro de Documentação de Línguas Indígenas (CELIN) do Museu Nacional, UFRJ.

A fotografia dos dançadores Uanana da página 158/159 foi publicada em um texto escrito por Nimuendajú, em 1929, intitulado *Streifzüge in Amazonien. Ethnologischer Anzeiger*, com a legenda: “Wanana de Yutica dançando com os tubos de ritmos, na frente os chefes com suas lanças”. A foto publicada em 1929 encontra-se invertida ao se comparar as duas fotografias, a publicada e que está no acervo do MEPE. Esse relato das viagens de Nimuendajú foi traduzido do alemão por Thekla Hartmann com o título *Excursões pela Amazonia* e publicado em 2001 na Revista de Antropologia (v. 44, n. 1, p. 189-200). Esse mesmo texto foi comentado por Peter Schröder, em 30/09/2012 no <http://blog.etnolinguistica.org> com o título de *Streifzüge in Amazonien*, um texto pouco conhecido de Nimuendajú.

Curt Nimuendajú, em uma de suas cartas a Carlos Estevão, muito bem selecionadas no livro organizado por Thekla Hartmann, no volume Cartas do Sertão, informa-nos claramente que viajara em 1927, em seu reconhecimento dos rios Içana, Ayari e Uaupés, com uma câmera fotográfica. Portanto, acredito que estas fotografias encontradas no acervo da Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira jamais publicadas são, de fato, de Curt Nimuendajú, pois nessa carta ele escreve que gastou os últimos negativos em uma festa de Jurupari entre os Tariana de Urubuquara. Ele se refere a esse momento desta forma:

*Gastei os meus últimos filmes com esta gente divinamente bela na sua robusta nudez, no seu esplendor dos seus enfeites selvagens. Eram mais de 120 índios, e não me fartei de observá-los durante a noite toda nas suas danças ao clarão da fogueira em redor dos possantes esteios da enorme maloca e quase chorei de indignação e de raiva impotente quando me lembrava que esta festa de fato poderia ser a última. Porque eu ia embora e João Padre ficava (Nimuendajú 2000:112).*

Onde estão estas fotografias da festa de Urubuquara? É uma grande pergunta. Ou será que Curt Nimuendajú foi extremamente respeitoso de não revelar essas fotos pelo fato das mesmas mostrarem as flautas de jurupari, proibidas aos olhares das mulheres? Não se sabe, mas a pergunta continua. Onde estão esses negativos dessas fotografias?



Os Kubewa  
do rio Uaupés







Preparação do  
beijú, maloca  
Yutica, rio Uaupés



Dançantes Uanano,  
rio Uaupés







*Cachoeira Tapiira-  
yirau, rio Uaupés*

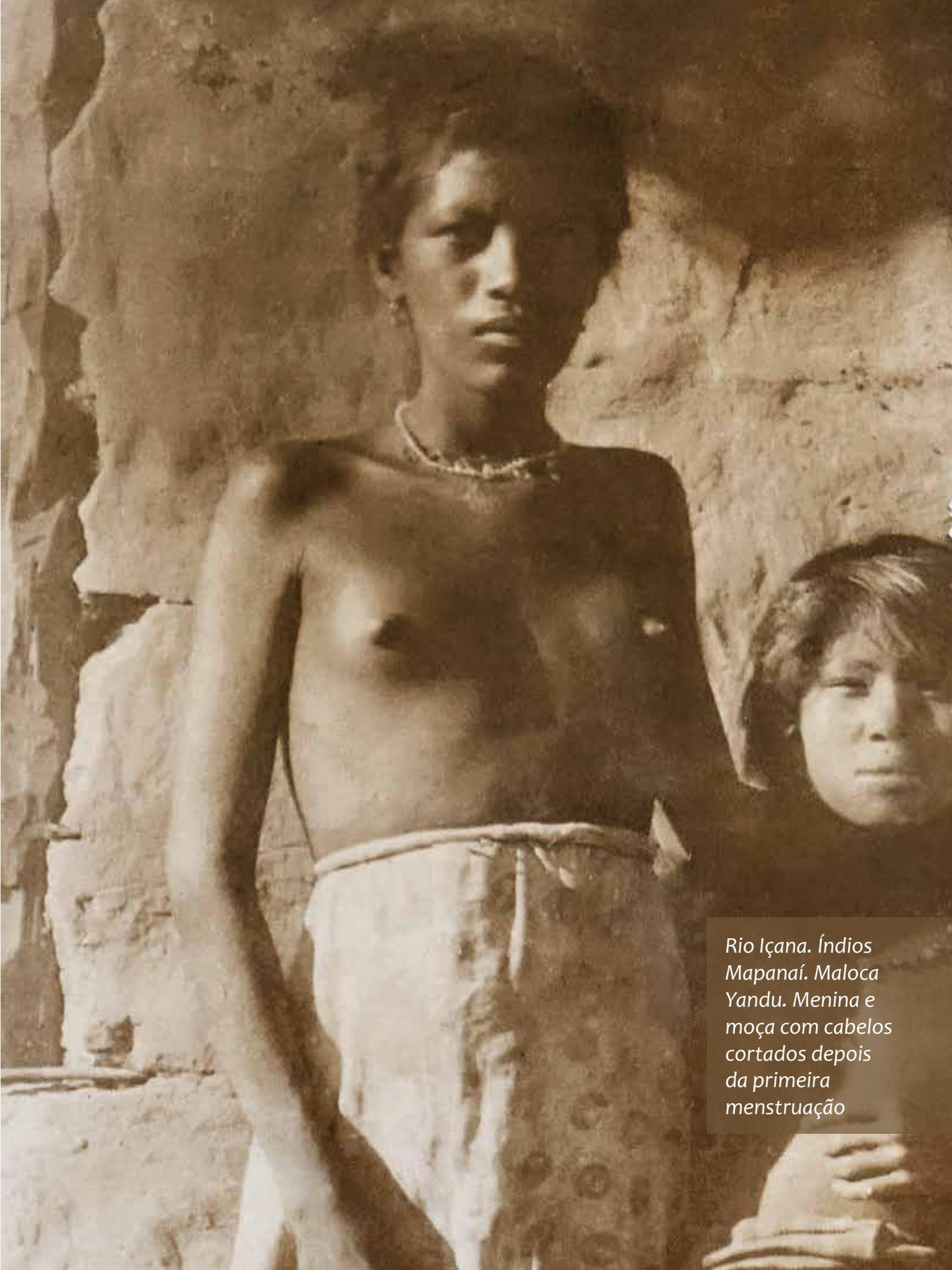


Preparações para  
um festival  
de dança, maloca  
Yutica (Uanano)





*Dya-wano, filha  
de Juxan, índia  
Uanano, rio Uaupés*



Rio Içana. Índios  
Mapanaí. Maloca  
Yandu. Menina e  
moça com cabelos  
cortados depois  
da primeira  
menstruação





Cocho para caxiri  
(bebida fermentada à base de mandioca), maloca Yutica, rio Uaupés



Índios Tariana,  
Tuxaua Leopoldino  
e família, Maloca  
Yauareté,  
Rio Uaupés







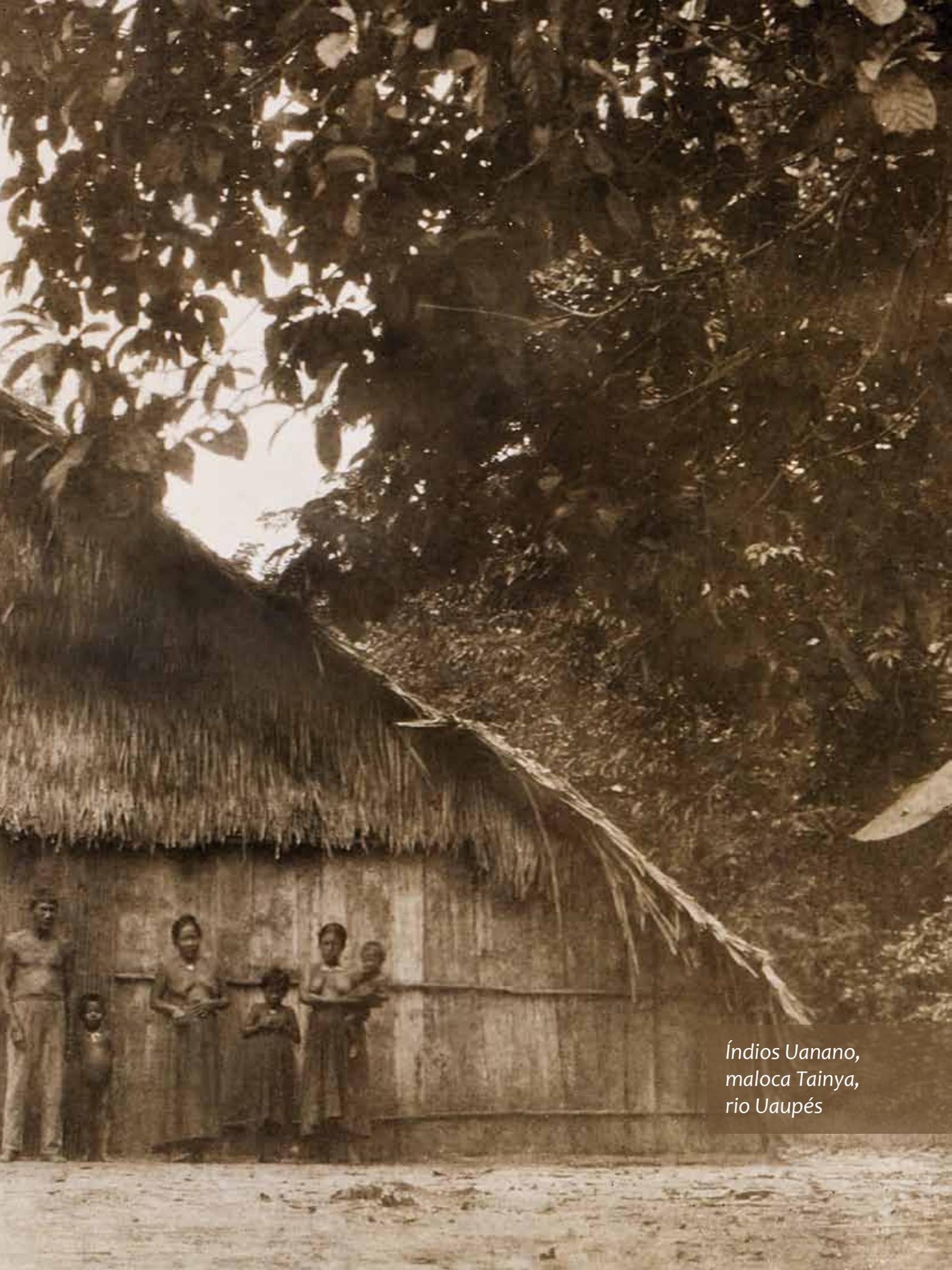
Índios Maku em  
frente à maloca  
lauacaua, rio  
Uaupés



Índios Uanano,  
maloca Tainya,  
rio Uaupés







Índios Uanano,  
maloca Tainya,  
rio Uaupés



Índios Dyuremawa-  
Kubewa, maloca  
Cipé-Po, rio Ayari







*Canoa sendo  
arrastada, cachoeira  
Uapui, rio Ayari*



Rio Ayari, cachoeira  
Yurupari, pedras  
com pinturas  
rupestres





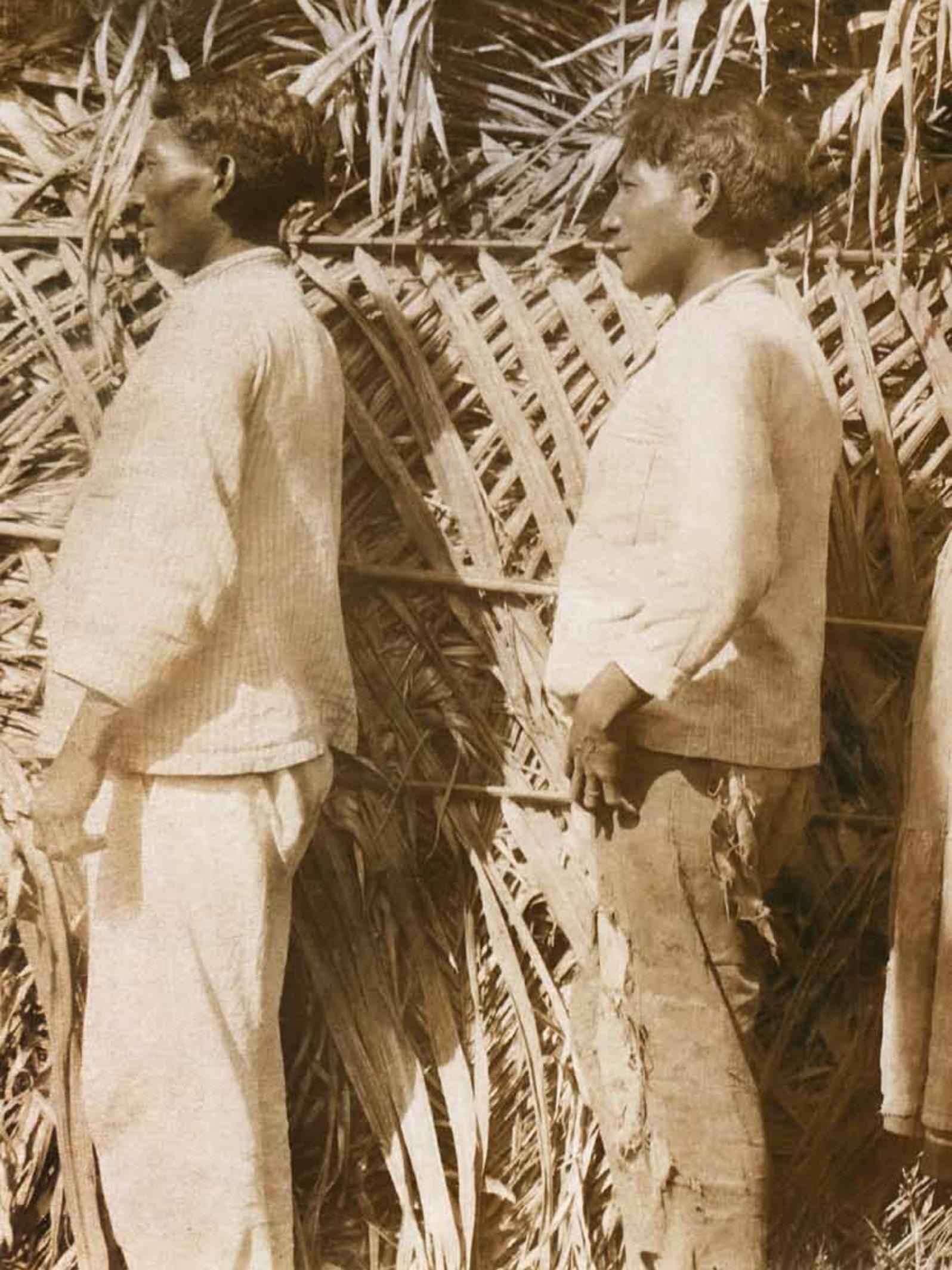


Índios Walipere-  
dakenai, o velho  
Tuxaua Mandu.



Rio Içana, índios  
Waliperi. Maloca  
Tapiíra-Capuáma

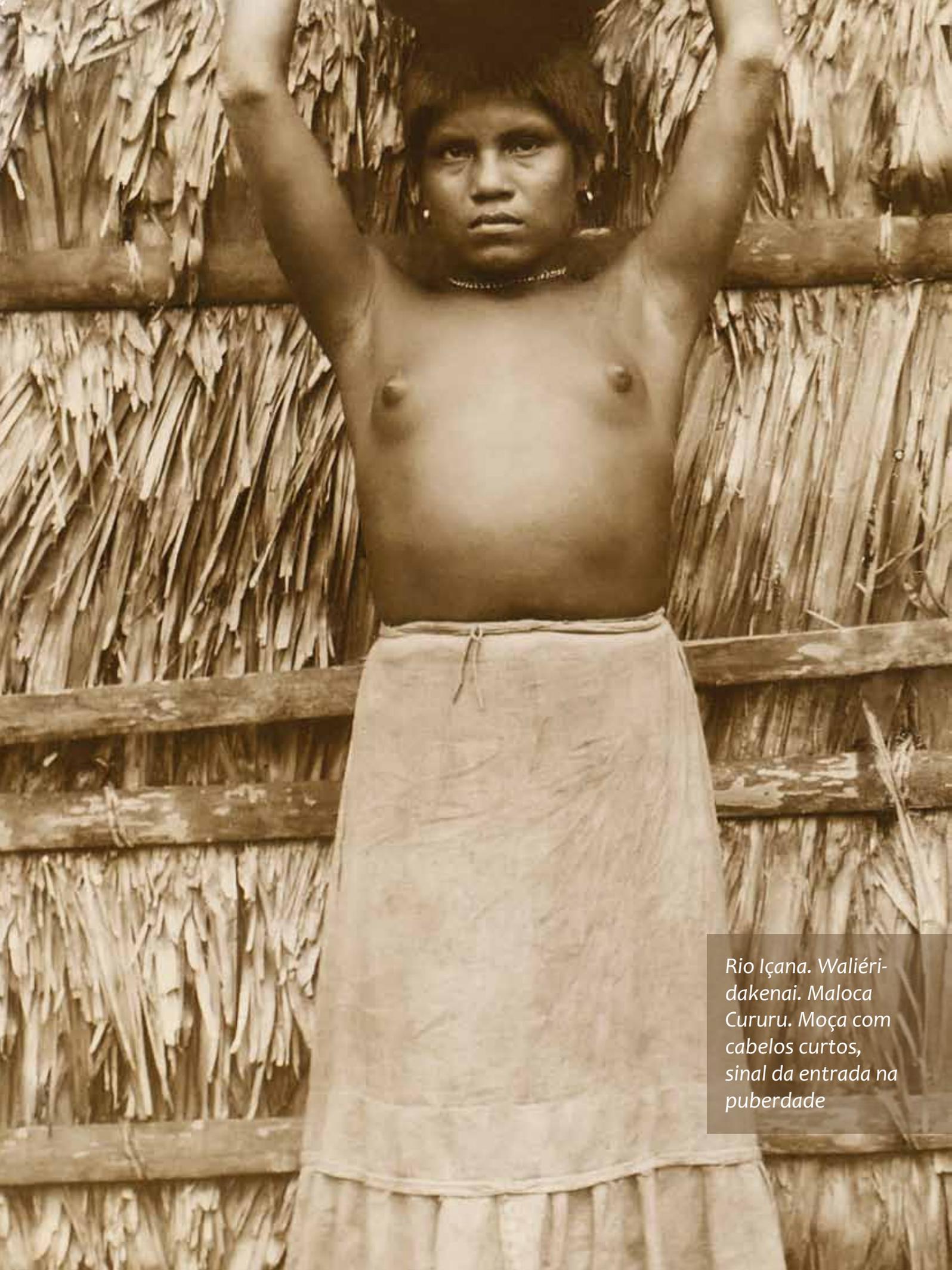








Rio Ayari. Índio  
Aliperi-dakenai com  
carautána e aljava.  
Maloca Cururu



Rio Içana. Waliéri-  
dakenai. Maloca  
Cururu. Moça com  
cabelos curtos,  
sinal da entrada na  
puberdade



Rio Içana.  
Índios Karutana.  
Sant'Anna. Casa  
comprida com com-  
partimentos para  
diversas famílias







Rio Içana. Índios  
Mariwene Tunuí.  
Cacurí na cachoeira



Índios Hohodene,  
dirigindo-se para a  
maloca Tucandira  
dos Awadzurunai  
passam a Yandu -  
Cachoeira







Rio Ayari.  
Passagem da canoa  
pela Yuruparí-  
Cachoeira



Fotografias de  
Curt Nimuendajú  
em estado  
original. A letra  
no verso é muito  
provavelmente de  
Ligia Estevão

INDIOS  
UANANA

(Cant. Mirimendajui)

INDIOS

UANANA

(Cant. Mirimendajui)

INDIOS UANANA

(Cant. Mirimendajui)

Os últimos Matandajui

João Lourenço (m. meo)

Rogemundo

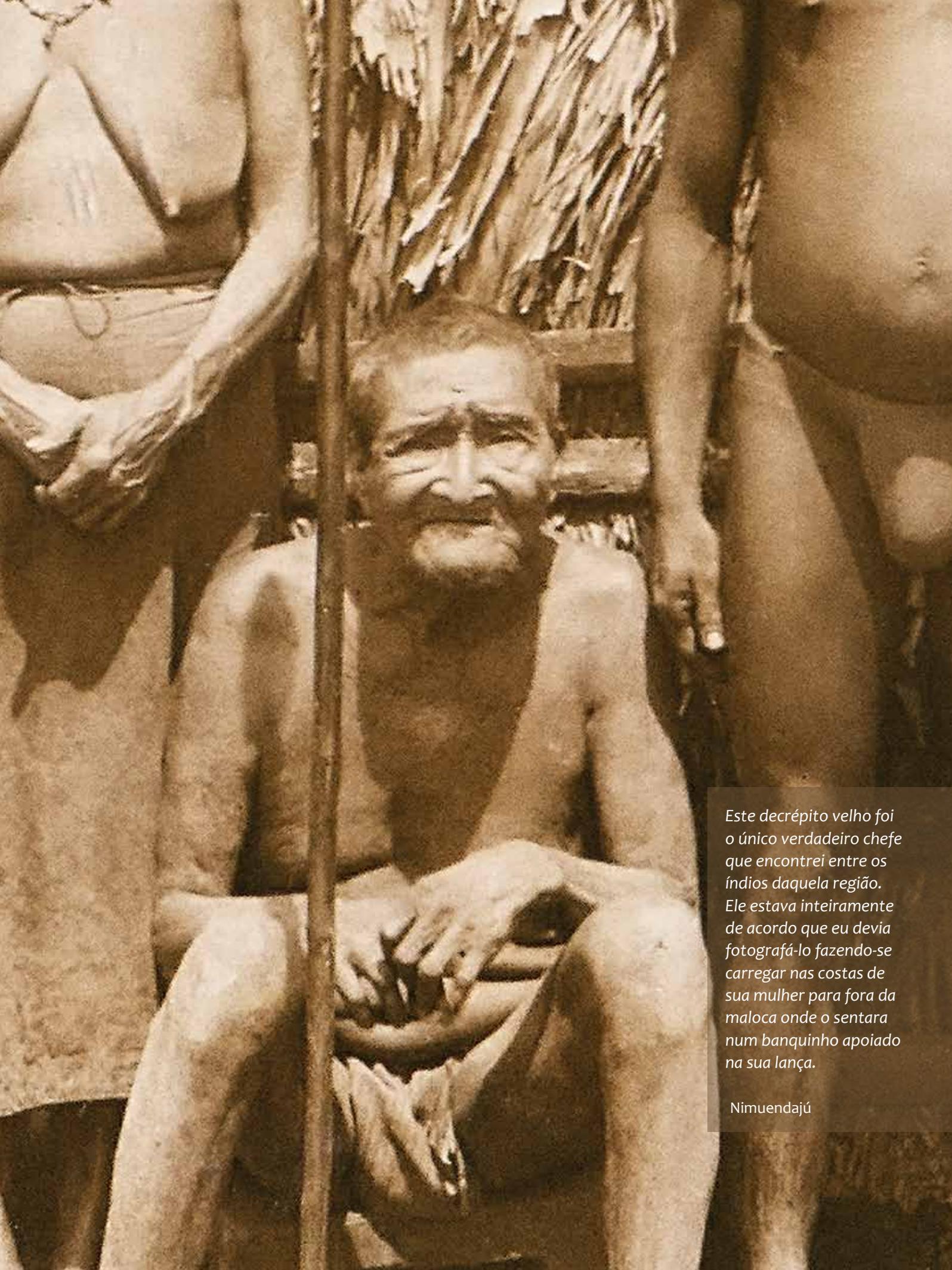
Leclia

MATANAWI: povo da língua  
irãida.

Banks, Karamellor, 1922.



Rio Ayari. Índios  
Waliperi-dakenai.  
Maloca Caruru



Este decrépito velho foi o único verdadeiro chefe que encontrei entre os índios daquela região. Ele estava inteiramente de acordo que eu devia fotografá-lo fazendo-se carregar nas costas de sua mulher para fora da maloca onde o sentara num banquinho apoiado na sua lança.

Nimuendajú



# Referências Bibliográficas

AMORIM, 1928.

AMOROSO, Marta Rosa. Nimuendajú às voltas com a história. *Revista de Antropologia*, São Paulo, 2001, v. 44, n. 2

ARNAUD, Expedito. Curt Nimuendajú, Aspectos de sua Vida e de sua Obra. *Revista do Museu Paulista* vol. XXIX, 83/84 pp.55-72, 1984

ATHIAS, R. Carlos Estevão, a Gruta do Padre e os Pankararu de Itaparica, PE. In: <http://blog.etnolinguistica.org/2011/11/carlos-estevao-gruta-do-padre-e-os.html> 2011.

ATHIAS, R. A Diversidade Cultural dos Índios no Olhar de Carlos Estevão. In: Betânia Correia, ARAUJO, (Org.). *O Museu do Estado de Pernambuco*. 1a.ed. São Paulo: Banco Safra, p.284-317, 2003.

CAMARA Jr., J. Mattos. A obra linguística de Curt Nimuendajú. *Publicações Avulsas*, no. 29. Rio de Janeiro: Museu Nacional/Universidade do Brasil, 1959.

CHAUDON, Gilberto Emilio. Curt Nimuendajú, vulto da etnologia brasileira. *Notícia Bibliográfica e Histórica*, Campinas. 1991, n.143, p.216-221.

CLIFFORD, James. Poder e diálogo na etnografia: a iniciação de Marcel Griaule. In: *A Experiência Etnográfica: antropologia e literatura no século XX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002. pp.179-226.

COSTA, Selda Vale da. *Eldorado das Ilusões - Cinema e Sociedade em Manaus (1897- 1935)*, Dissertação de Mestrado, PPGAS/USP, São Paulo. 1987.

COUDREAU, H. *La France Equinoxiale. Voyage à travers les Guyannes et l'Amazone*. Paris, Vol.II, 1887.

DAMATTA, R. “Mito e Antimito entre os Timbira”, in *Mito e linguagem social*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970

FARIA, Castro. Curt Nimuendajú. In: *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: IBGE, 1981.

FAULHABER, Priscila. Conexões internacionais na produção da etnografia de Nimuendajú. *Revista de Antropologia*, USP, 2013, v. 56, n. 1.

FAULHABER, Priscila, *Etnografia na Amazônia e Tradução Cultural: comparando Constant Tastevin e Curt Nimuendajú*. *Boletim do Museu. Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 3, n. 1, p. 15-29, jan.-abr. 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro. 2013.

GRUPIONI, Luís Donisete. *Coleções e Expedições Vigeadas. Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Anpocs, 1998.

- IBGE. Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro: IBGE. 1981.
- HEMMING, John. A Fresh Look at Amazon Indians: Karl von den Steinen and Curt Nimuendajú, *Giants of Brazilian Anthropology*. Tipití, 2003, 1(2):163-178.
- KOCH-GRUNBERG, Theodor. Zwei Jahre Unter Den Indianern. Reisen in Nord West Brasilien, 1903-1905. Ernst Wasmuth, Berlin, 1909 und 1910 (“Dois anos entre os índios, viagens no Noroeste do Brasil”, EDUA, Manaus, 2006)
- KRAUS, Michael. Amizades assimétricas: Curt Unckel Nimuendajú (1883-1945) e o estabelecimento de contato com indígenas brasileiros. *Revista Humboldt* (Instituto Goëthe), maio, 2009.
- LARAIA, Roque de B. A morte e as mortes de Curt Nimuendajú. *Série Antropologia*, Departamento de Antropologia/Instituto de Ciências Humanas/UnB, Brasília, 2003.
- LASMAR, Denise Portugal. O Acervo Imagético da Comissão Rondon no Museu do Índio 1890-1938. Rio de Janeiro: Publicações Avulsas do Museu do Índio, 2000.
- MELATTI, J. C. Curt Nimuendajú e os Jê. *Série Antropologia*, Departamento de Antropologia, UNB, Brasília, 1985.
- MELANIAS, Karla. “Espelho” de Memória - A Fotografia na Coleção Etnográfica Carlos Estevão de Oliveira do Museu do Estado de Pernambuco. Orientador: Renato Athias, Dissertação de Mestrado, PPGA-UFPE, Recife, 2006.
- MÉTRAUX, Alfred. Curt Nimuendajú (1883-1946). *Journal de la Société des Américanistes*, Vol. 39, (1), pp. 250-251, 1950.
- MELO, Joaquim Rodrigues de. A política indigenista no Amazonas e o Serviço de Proteção aos Índios: 1910-1932. Dissertação de Mestrado PPGSCA, ICHL, UFAM, Manaus, 2007.
- MENDONÇA, J. M. O fotógrafo Curt Nimuendajú: Apontamentos de antropologia visual no Brasil. *Revista Antropológicas*, ano 13, vol. 20(1+2) 121-152, 2009.
- MPEG. Museu Paraense Emílio Goeldi/CNPq. Catálogo Informativo. Belém: Diretoria de Divisão Científica, Serviço de Comunicação Social, 1981.
- NAMER, G. Halbwachs et la Memoire Sociale. L’Harmattan Paris, 1999.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Cartas do Sertão de Curt Nimuendajú a Carlos Estevão de Oliveira. Organizadas por Thekla Hartmann, Museu Nacional de Etnologia, Assírio & Alvim, Lisboa, 2000.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Apontamentos Linguísticos. *Journal de la Société des Américanistes*. Tomo 44, pp.149-178, 1955.
- NIMUENDAJÚ, Curt. O “Reconhecimento dos rios Içana, Ayari, e Uaupés”. *Journal de la Société des Américanistes*, Tomo 39, pp. 125-182, 1950.
- NIMUENDAJÚ, Curt e LOWIE, Robert H. The Dual Organizations of the Ramko’kamekra (Canella) of Northern Brazil. *American Anthropologist*, NS Berkeley. 1937, Vol. 39 N.4 (1) pp.568-570.
- NIMUENDAJÚ, Curt. Apontamentos linguísticos. *Revista de Etnografia da Universidade de Tucumán (Argentina)*, no Tomo II, pp.590-618, 1932

NIMUENDAJÚ, Curt. Streifzuge in Amazonien. *Ethnologischer Anzeiger*, Stuttgart, vol. 2(2), p. 90-97, 1929.

NUGENT, Stephen. *Scoping the Amazon: Image, Icon, Ethnography*, Berg, Londres. 2007.

PAES, Francisco Simões. Rastros do espírito: fragmentos para a leitura de algumas fotografias dos Ramkokamekrá por Curt Nimuendajú. *Revista de Antropologia*, 2004, 47(1):267-307.

PEREIRA, Nunes. *Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e de uma obra*. Belém, Pará, Brasil. 1946.

PIAULT, Marc-Henri. O corpo nu dos índios e o soldado redentor: da indianidade e da brasilidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, UERJ, Rio de Janeiro, 12: 87 – 11 2002.

RIBEIRO B. B.; VAN VELTHEM, L. H. Coleções etnográficas. Documentos materiais para a história indígena e da etnologia. In: CARNEIRO DA CUNHA, M. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Fapesp/Cia. das Letras/SMC, 1992.

SCHADEN, Egon. Notas sobre a vida e a obra de Curt Nimuendajú. *Revista de Antropologia*, volumes 15 e 16, p. 77-89, 1967.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “Dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. *Revista Horizontes Antropológicos*, 2:19-48, 1995.

SAMAIN, Etienne. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 6(1):141-158, 1998.

SCHRÖDER, P. Curt Nimuendajú e os Museus Etnológicos na Alemanha. *Revista Antropológicas*, vol. 22(1):144-160, 2011

TACCA, Fernando de. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio História. *Ciências, Saúde Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan-mar. 2011, p.191-223,

VON MARTIUS, Carl Friedrich Philipp. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachkunde Amerikas zumal Brasiliens*, 1867.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. O mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. *Anais da 61a Reunião Anual da SBPC*, Manaus. Julho, 2009.

WELPER, Elena Monteiro. *Curt Unckel Nimuendajú: um capítulo alemão na tradição etnográfica brasileira*, Dissertação de Mestrado, Orientador: Carlos Fausto, Museu Nacional, Rio de Janeiro, 2002

WRIGHT, R. *History an religion of the Baniwa Peoples of the Upper Rio Negro Valley*. PhD Dissertation, Stanford University, 1981.





